

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

**COLONOS, AGRICULTORES FAMILIARES E PLURIATIVIDADE:
um estudo de caso no município de David Canabarro e na
microrregião do Alto Taquari/RS.**

DORLEI MARCOS COLE

Porto Alegre, janeiro de 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

**COLONOS, AGRICULTORES FAMILIARES E PLURIATIVIDADE:
um estudo de caso no município de David Canabarro e na
microrregião do Alto Taquari/RS.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

DORLEI MARCOS COLE

Orientador: Prof. Dr. SERGIO SCHNEIDER

Porto Alegre, janeiro de 2003.

Há quem passa pelo bosque e
só percebe lenha para a
fogueira.

Leon Tolstói

Dedico esta dissertação à minha
família. Eles são grandes
responsáveis por este
acontecimento.

AGRADECIMENTOS

A reflexão a cerca da diversidade e a heterogeneidade das formações sociais agrárias, é uma perspectiva de estudo que requer uma perspectiva multidisciplinar de análise. Essa forma de abordagem requer também uma aproximação entre muitas áreas do conhecimento e, desse, modo o desenvolvimento de uma base teórica de grande amplitude. Ter o acesso a esse ferramental analítico junto ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural é, sem dúvida, um grande privilégio. Poder compartilhar esse ambiente acadêmico com os professores e colegas dos programa, é merecedor de especial reconhecimento. Nesse espaço pude agregar uma perspectiva que me fez avançar muito no entendimento sobre o mundo rural, especialmente, sobre a agricultura familiar, tema sob o qual busquei desenvolver esse trabalho.

O primeiro contato com os pesquisadores do PGDR e com autores e perspectivas abordados no programa, contudo, ocorreu junto ao Departamento de Ciências Sociais Agrárias do curso de Agronomia da UFPel. Por isso, é importante reconhecer a relevância das discussões e dos trabalhos desenvolvidos junto aos colegas e aos professores, na busca per uma melhor compreensão sobre os processos produtivos e as relações sociais desenvolvidas no espaço rural. Agradeço a essas pessoas, por terem contribuído de forma especial na minha reflexão sobre a formação profissional do Engenheiro Agrônomo, enquanto sujeito de fundamental importância para a construção de um desenvolvimento rural mais sustentável.

O trabalho de apoio e veiculação de informações pelo corpo técnico-administrativo do PGDR tem sido de fundamental importância no desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço aos membros da secretaria do programa pela qualidade do serviços. Agradeço pelo suporte de inúmeras questões pertinentes, relacionadas não

somente ao desenvolvimento rural, mas ao desenvolvimento de nossa sociedade como um todo.

Agradeço à UFRGS, pelo ensino gratuito e de qualidade. Não restam dúvidas de que sem a participação da Universidade Pública esse trabalho não teria sido possível. Agradeço à Universidade por manter o benefício de Casa do Estudante (CEU), uma grande oportunidade para as pessoas menos privilegiadas terem acesso ao ensino superior. Apesar de suas limitações físicas, se comparado à grande demanda da sociedade que a cerca, a moradia estudantil é um benefício verdadeiramente democrático, pois trata de dar melhores condições de acesso ao ensino justamente para aqueles que menos privilegiados sócio-economicamente. Nesse espaço pude conhecer e interagir com muitos estudantes e pessoal que compõe o corpo técnico da UFRGS, o que me possibilitou um aprendizado diferenciado, sobretudo por se fruto da convivência em um espaço coletivo. Agradeço a todas essas pessoas que conviveram comigo, em especial aos colegas da AMCEU (Associação de Moradores da Casa do Estudante), que de forma mais presente permitiram momentos de reflexão sobre a Universidade Pública e o seu papel na sociedade brasileira.

Agradeço à CAPES, que através de um convênio com a UFRGS, me concedeu importante ajuda financeira através da concessão de Bolsa de Estudos. Certamente esse fato foi fundamental para a minha permanência no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural.

A EMATER é uma instituição de grande importância para o desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul. Em diversas situações tive a oportunidade de manter um contato mais direto com seu trabalho, no entanto, foi junto à EMATER do município de David Canabarro onde pude contar com grande apoio. Primeiro, em 1998, durante realização de estágio extra-curricular, e principalmente agora, durante a realização da pesquisa de campo, na realização de entrevistas e coleta de outros dados, muito embora estivessem atarefados com inúmeras atividades, sempre estiveram dispostos a contribuir no que fosse possível para o melhor andamento de meu trabalhos. Essas pessoas, além de meus agradecimentos especiais contam com o meu respeito e admiração.

Durante parte de minha infância e juventude eu residi na comunidade de São José do Capingüi, no município de David Canabarro. A possibilidade da realização de um “estudo de caso” no local é muito gratificante, pois pude contar com a participação e colaboração de muitas pessoas conhecidas. Muitos dos meus amigos de infância por opção ou falta de opção, permaneceram residindo no local. Devo reconhecer, sobretudo, a coragem daqueles que continuaram no meio rural e daqueles que deixaram o campo para realizar um ofício diferente num espaço diferente que é a cidade. Agradeço às pessoas de minha comunidade pelo exemplo de persistência e coragem de continuar, e por terem estado sempre de portas abertas para me acolher durante o meu retorno.

Agradeço, especialmente, à minha família. Aos meus pais pela educação que me concederam, pelo apoio e, sobretudo, pelo exemplo. Pelo incentivo moral, pela solidariedade nos momentos mais difíceis e pela partilha dos momentos alegres. Agradeço aos meus irmãos por sempre terem me apoiado e, sobretudo, por terem compreensão e pela solidariedade.

Muitas pessoas participaram de forma direta ou indireta no desenvolvimento desse estudo de caso. Dificilmente vou poder enumerar todos. Por isso, agradeço a todas as pessoas que ao seu modo participaram deste trabalho, especialmente as pessoas que participaram mais diretamente durante o trabalho de campo, na realização das entrevistas.

Agradeço, de forma especial, à Karine, uma personalidade admirável com quem convivi grande parte dos últimos dois anos. Sempre o maior apoio moral e sempre a primeira mão que se estendeu.

Finalmente, agradeço, principalmente, ao Orientador deste trabalho, o Professor Doutor Sergio Schneider. Durante o período em que as dúvidas estão muito a frente das certezas, onde o objeto de pesquisa ainda é algo nebuloso e onde mais necessitamos de um norte para prosseguirmos os trabalhos, ele esteve disposto a me orientar neste estudo. Agradeço por ter confiado no desenvolvimento deste trabalho, pela compreensão das dificuldades no processo de aprendizado e pela aceitação à individualidade que é inerente a cada um. Além de um ótimo professor e orientador, tem sido um grande companheiro nessa caminhada que chamamos de Vida.

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	ix
LISTA DE TABELAS	xi
LISTA DE FIGURAS	xii
LISTA DE QUADROS	xiii
LISTA DE ANEXOS	xiv
LISTA DE SIGLAS	xv
RESUMO	xvi
ABSTRACT	xvii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	17
1. Elementos Teóricos ao Estudo da Agricultura Familiar	17
1.1. Em busca de um referencial analítico para estudar a agricultura familiar do Alto Taquari	18
1.2. Estratégias de reprodução e diferenciação da agricultura familiar	27
1.2.1. A mercantilização da forma de produção familiar	29
1.2.2. A família e as características familiares da reprodução social.....	33
1.2.3. A agricultura familiar e o ambiente social e econômico	36
1.3. A microrregião do Alto Taquari como território de diferenciação da agricultura familiar	41
1.3.1. O espaço regional, as dinâmicas territoriais e as estratégias de reprodução	41
1.4. A pluriatividade no Alto Taquari	44
CAPÍTULO 2	49
2. Os colonos e o sistema produtivo colonial no Alto Taquari	49
2.1. Imigração no Brasil	50
2.2. Breve reconstituição da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul	53
2.3. O sistema produtivo colonial e o modo de vida dos italianos	58

2.3.1. A ocupação da encosta superior do nordeste do Rio Grande do Sul – 1900 a 1940	61
2.3.1.1. O acesso à terra e o ordenamento do território	62
2.3.1.2. Família, trabalho e sociabilidade	65
2.3.1.3. A agricultura e o sistema produtivo colonial.....	69
2.3.2. Segunda fase: expansão e desenvolvimento da região – 1940 a 1965	72
2.3.2.1. As crescentes dificuldades de reprodução do sistema produtivo colonial.....	74

CAPÍTULO 3

3. A modernização agrícola e as transformações da agricultura familiar no Alto Taquari: 1965 a 1985	79
3.1 Crise e desarticulação do sistema produtivo colonial.....	81
3.2. Os impactos da modernização sobre a agricultura familiar do Alto Taquari	84
3.2.1. A substituição da suinocultura e da triticultura pelo “fenômeno soja”	86
3.2.2. Os impactos do progresso técnico sobre a agricultura no Alto Taquari ...	93
3.3. A (re)organização da agricultura familiar frente a modernização da agricultura	101
3.3.1. As mudanças na estrutura fundiária	102
3.3.2. As alterações demográficas no Alto Taquari	106
3.3.3. As transformações nos processos produtivos	115

CAPÍTULO 4

4. Agricultura Familiar e Mercantilização do Espaço Agrário: integração agroindustrial e pluriatividade no Alto Taquari	122
4.1. A crise da agricultura convencional a diversificação da economia rural	123
4.2. As novas estratégias de reprodução da agricultura familiar	128
4.3. Mercantilização econômica e integração agroindustrial no alto Taquari	132
4.4. A Agroindústria Artesanal Familiar e o Desenvolvimento Local	148
4.5. A extração de basalto: uma particularidade geológica que estimula a pluriatividade da agricultura familiar	154
4.6. O Crescimento da Pluriatividade Decorrente da Inserção dos Agricultores Familiares no setor Coureiro-calçadista	167

CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	185
ANEXOS	191

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. Percentual de domicílios que possuem energia elétrica e outros bens de consumo no Alto Taquari.	83
GRÁFICO 2. Evolução dos estabelecimentos dedicados à produção de soja e trigo em David Canabarro e no Alto Taquari (% de estabelecimentos)	91
GRÁFICO 3. Evolução da utilização de fertilizantes químicos e orgânicos, defensivos e corretivos no município de David Canabarro – 1970 a 1995 (% de Estabelecimentos)	94
GRÁFICO 4. Evolução da utilização de fertilizantes químicos e orgânicos, defensivos e corretivos na Região do Alto Taquari – 1970 a 1995 (% de Estabelecimentos)	95
GRÁFICO 5. Percentual de estabelecimentos que utilizam arados de tração animal e de tração mecânica, máquinas para plantio e para colheita e tratores no município de David Canabarro – 1970 a 1995	97
GRÁFICO 6. Percentual de estabelecimentos que utilizam arados de tração animal e de tração mecânica, máquinas para plantio e para colheita e tratores no Alto Taquari – 1970 a 1995	98
GRÁFICO 7. Utilização de fertilizantes químicos nos municípios de David Canabarro e Fontoura Xavier e a microrregião do Alto Taquari – 1970 a 1995	99
GRÁFICO 8. Percentual de estabelecimentos de acordo com grupos de área na microrregião do Alto Taquari – 1970 a 1975	105
GRÁFICO 9. Área média dos estabelecimentos no município de David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari – 1970 a 1995 ..	106

GRÁFICO 10. Percentual de estabelecimentos de acordo com condição do produtor no município de David Canabarro – 1970 a 1995	107
GRÁFICO 11. Percentual de estabelecimentos de acordo com condição do produtor no município de David Canabarro – 1970 a 1995	108
GRÁFICO 12. Evolução da população total, urbana e rural da microrregião do Alto Taquari – 1970-2000	112
GRÁFICO 13. Evolução da população rural do município de David Canabarro - 1970 a 2000	115
GRÁFICO 14. Evolução da produção de suínos para a venda no Alto Taquari (número de cabeças)	142
GRÁFICO 15. Evolução da produção de suínos para a venda em David Canabarro (número de cabeças)	143
GRÁFICO 16. Evolução da quantidade de leite vendido no Alto Taquari (em mil litros)	145
GRÁFICO 17. Gráfico 17. Evolução da população total e rural dos municípios de David Canabarro e Parai, de 1970 a 2000	165

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Imigração: valor em réis por braça quadrada de lote na colônia de Caxias nos anos de 1875 a 1886	63
TABELA 2. Evolução da produção de soja em David Canabarro de acordo com número de produtores, produção e área cultivada	88
TABELA 3. Evolução da produção de soja no Alto Taquari de acordo com número de produtores, produção e área cultivada	90
TABELA 4. Evolução dos de estabelecimentos por com grupo de área e área média em hectares no município de David Canabarro – 1970 a 1995 (em %)	103
TABELA 5. Evolução do número de estabelecimentos por com grupos de área na microrregião do Alto Taquari – 1970 a 1995 (em %)	104
TABELA 6. Evolução da população rural nos municípios da microrregião do Alto Taquari – 1970-2000	109
TABELA 7. Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) a preços básicos, por setores de atividade econômica, dos municípios da microrregião do Alto Taquari – 1985 a 1999 (em %)	112
TABELA 8. Evolução da produção de fumo no município de David Canabarro, de acordo com estabelecimentos, quantidade produzida, área plantada e rendimento por área	138
TABELA 9. Evolução da produção de fumo no Alto Taquari, de acordo com estabelecimentos, quantidade produzida, área plantada e rendimento por área	140
TABELA 10. Evolução da produção de leite em David Canabarro em número de estabelecimentos, vacas ordenhadas e quantidade produzida ...	144

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Ilustração da localização geográfica da microrregião do Alto Taquari e do município de David Canabarro no estado do Rio Grande do Sul.	10
Figura 2. Imigração: regiões mais representadas na emigração para a região nordeste do rio Grande do Sul, em escala decedente	54
Figura 3. Imigração: mapa dos municípios de colonização italiana na serra gaúcha	55
Figura 4. Imigração: mapa demonstrativo da divisão de terras em linhas e btes coloniais. Corte de mapa da colônia Guaporé	64
Figura 5. Imigração: mapa ilustrativo das colônias italianas na serra gaúcha de acordo com cronologia de ocupação	76

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Comparativo entre os modelos patronal e familiar de agricultura.	21
QUADRO 2. Relação de municípios constituintes da região de colonização italiana na serra gaúcha – 1975	56
QUADRO 3. Imigração: relação das colônias originadas com o processo das migrações internas na região de colonização italiana	57

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1. Lista de Entrevistados	191
ANEXO 2. Roteiros de Entrevistas	193
ANEXO 3. Aspectos Referentes às Principais Estratégias Agrícolas de Reprodução dos Agricultores Familiares de David Canabarro e do Alto Taquari	199
ANEXO 4. Aspecto Referente às Principais Estratégias Não-Agrícolas de Reprodução dos Agricultores Familiares de David Canabarro e do Alto Taquari	202
ANEXO 5. Vista Aérea da Área Urbana do Município de David Canabarro	205

LISTA DE SIGLAS

AFUBRA: Associação dos Fumicultores do Brasil.

CONSEMA: Conselho Estadual de Meio ambiente.

COOPASSO: Cooperativa de Passo Fundo.

EMATER: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa em Agropecuária.

FAO: Food Agriculture Organization.

FEE: Fundação de Economia e Estatística.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INCRA: Instituto de Colonização e Reforma Agrária.

PGDR: Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural.

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

PRONAF: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

VAB: Valor Adicionado Bruto.

RESUMO

Este trabalho aborda as estratégias de reprodução da agricultura familiar do município de David Canabarro e da microrregião do Alto Taquari. O princípio metodológico que o norteia está assentado na técnica do “estudo de caso”. O estudo de caso é recurso metodológico pelo qual procura-se estudar uma determinada realidade exaustivamente a fim de se obter o máximo de informações possíveis. Trata-se de um estudo empírico que investiga um fenômeno mediante a utilização de várias fontes de evidências, tanto qualitativas quanto quantitativas. A partir dessas técnicas procura-se verificar a origem da agricultura familiar no Alto Taquari. Os colonos italianos assentados na região Nordeste do Rio Grande do Sul estabeleceram um sistema produtivo e um modo de vida colonial, com um sistema produtivo semi-autônomo e uma forma de sociabilidade caracterizada pela existência de relações de reciprocidade e solidariedade em nível de comunidade. Durante meio século, a reprodução desse sistema esteve relacionada às migrações dos filhos dos colonos para as zonas de fronteira agrícola, primeiro no norte do estado e, posteriormente, para o Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná. Na medida em que a fronteira de expansão foi se restringindo, o sistema produtivo colonial entrou em crise. Esta crise implica no aumento da pressão demográfica, intensificação do uso do solo e redirecionamento das migrações para os centros urbanos. Paralelamente, a partir de meados da década de 1960, os agricultores vão se inserindo em sistemas agrícolas cada vez mais intensivos na utilização de insumos industriais. Nesse período, a relativa autonomia dos agricultores vai perdendo espaço para sistemas produtivos crescentemente mercantilizados. Todavia, a partir de meados da década de 1980, o cultivo da soja entra em crise, tendo como principal causa a emergência de um cenário desfavorável à sua produção, devido à baixa valorização do produto e ao crescente aumento nos custos. A partir de então, muitos agricultores passam a se dedicar a diferentes atividades, tanto na agricultura como fora dela. A produção de frangos, fumo, suínos e leite, são as principais estratégias de reprodução ligadas à agricultura. A extração de basalto, a costura de bolas de futebol no próprio domicílio e o trabalho em fábricas de calçados são as principais estratégias não-agrícolas. O desenvolvimento das novas atividades leva os agricultores a uma diferenciação social, todavia, a mercantilização não implicou na proletarianização dos agricultores, mas no aparecimento de novas estratégias sociais de reprodução. Nesse sentido, acredita-se que a principal contribuição desta dissertação ao estudo da agricultura familiar e da pluriatividade consista na revelação de novas atividades, como a extração do basalto e a confecção de bolas de futebol a domicílio, bem como do local em que estes processos estão se desenvolvendo.

ABSTRACT

This work is about the reproduction strategies of the familiar agriculture from the municipal district of David Canabarro and the micro-area of Alto Taquari. The methodological principle that rules this work is the "study case" technique. The "study case" is a methodological resource where a established reality is exhaustively studied, in order to obtain as much information as possible. It is about an empirical study that investigates a phenomenon making use of qualitative and quantitative sources of evidences. From those techniques, the origin of the familiar agriculture in the Alto Taquari is verified. The Italian settlers who lived in the northwestern fields of Rio Grande do Sul established a productive system and a rustic way of life, with a semi-autonomous system and a strong social life based on personal and communitarian relationships. For about half century, the reproduction of this system was related with the young settlers migration to the agricultural frontiers areas, first in the north of the state, and after in the west of Santa Catarina and southwest of Paraná. In so far as the frontier expansion were reducing, the settlements productive system collapse. This crisis implied in a demographic pressure increase over the soil utilization, extending its intensive use, and reducing the settlements size due to the processes of allotment for inheritance. In the same period, from 1960 on, the farmers were introduced in agricultural systems characterized by the intensive utilization of manufactured raw materials. At this time, the farmers presumed autonomy was traded for manufactured productive systems. However, from 1980 and on, the soybean culture passed by a crisis due to a low valorization and high costs, making its production harder. Because of that, some farmers look for some other activities, in and outside the agriculture area. Some of those activities were: chicken and swine breeding, tobacco and milk production as agricultural strategies, and basalt extraction, homemade soccer balls and footwear industries as non-agricultural strategies. The farmers passed through a social differentiation due to the development of those activities. Still, the marketing practices did not result in a proletariat for the farmers, but in the emergency of new reproduction social strategies. Based on that, the mainly contribution of this dissertation to the familiar agriculture studies is the explanation and development of new activities, such as basalt extraction and homemade soccer balls.

INTRODUÇÃO

O grupo social hoje conhecido como agricultura familiar tem demonstrado ser uma forma de organização econômica e social capaz de reproduzir-se no tempo e de sobreviver às grandes transformações da sociedade. Durante as últimas décadas as transformações ocorridas em nossa sociedade modificaram profundamente o cenário de reprodução social da agricultura familiar. As diferentes respostas formuladas por esse grupo social demonstram a sua capacidade de manter-se em um ambiente crescentemente mercantilizado, constituído por mercados cada vez mais competitivos e globalizados, e experimentando grandes transformações na sua base técnico-produtiva.

No Rio Grande do Sul, a agricultura familiar representa a maior parte dos postos de trabalho existentes no meio rural. A origem dessas famílias de agricultores está estreitamente relacionada com o processo de colonização, especialmente, de imigrantes europeus, iniciado a partir do início do século XIX. Após a vinda de famílias de açorianos, foram os alemães, a partir de 1824, e os italianos, a partir de 1875, além de outras etnias, que em maior número colonizaram o território gaúcho. O destino dos imigrantes eram pequenos lotes de terra, localizados em áreas de planalto que ainda não haviam sido ocupadas pelo sistema sesmrial até então vigente. As primeiras colônias formadas ficaram conhecidas como “Colônias Antigas” ou “Colônias Velhas”, independentemente de serem ocupadas por alemães ou italianos.

As Colônias Antigas, por muito tempo, foram locais de origem de migrantes, tanto para outras regiões do Rio Grande do Sul, quanto para outros estados. Através das migrações internas, descendentes e imigrantes, deslocaram-se para outras regiões até por volta da década de 1970. A primeira fronteira de expansão da região colonial italiana ocorreu no sentido noroeste, onde está localizada a microrregião do Alto Taquari, local onde será desenvolvido o presente trabalho. Posteriormente, na medida em que essa fronteira localizada na periferia das colônias velhas vai se estreitando, devido à presença de áreas já ocupadas por grandes proprietários, especialmente nas regiões do Planalto Médio e dos Campos de Cima da Serra, ocorre um salto no para as regiões das Missões e do Alto Uruguai.

A reprodução social e econômica dos chamados colonos dava-se, inicialmente, mediante o desenvolvimento de um sistema produtivo de caráter semi-autônomo, baseado no trabalho da família e na produção principalmente para o auto-consumo. As práticas produtivas visavam especialmente à subsistência da família e esse cenário perdura até meados da década de 1960. Na medida em que foram sendo desenvolvidos canais de comercialização, transporte e comunicação, a interação dos colonos com a sociedade é ampliada. A transformação da própria sociedade leva a uma modificação nos processos produtivos e no modo de vida dos colonos. A forma em que os agricultores formulavam suas estratégias de reprodução passou a depender, crescentemente de sua interação com o ambiente social e econômico externo. O princípio da autonomia foi sendo suplantado pela lógica de mercado.

Um dos processos mais relevantes na transformação da agricultura familiar foi o desenvolvimento de uma agricultura tecnologicamente modernizada, onde os agricultores tornaram-se dependentes da aquisição de insumos e produtos de origem industrial no mercado. A atividade agrícola passa a interagir e a integrar-se com os demais setores da economia. Contudo, esta integração não significa que a agricultura perdeu suas especificidades ou tenha passado a operar como um apêndice da própria indústria. Muito embora seja importante se reconhecer que ocorre um processo de subordinação e perda da autonomia dos agricultores

familiares, isto não deve levar à subscrição da tese da industrialização plena da atividade agrícola.

O presente estudo insere-se num esforço de pesquisas que buscam compreender a forma social da organização do trabalho e da produção denominada de agricultura familiar e o seu desenvolvimento frente a um processo de crescente mercantilização social e econômica. Pretende-se contribuir com as reflexões e análises sobre a multiplicidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Rio Grande do Sul, desenvolvidos pelo professor e orientador deste estudo Dr. Sergio Schneider. O que busca-se aqui, desse modo, é dar uma contribuição às pesquisas sobre este tema a partir do estudo das estratégias de reprodução da agricultura familiar no Alto Taquari, concentrando a análise para o município de David Canabarro. Nesse sentido, a problemática do presente trabalho é definida como uma análise sobre a reprodução social e econômica da agricultura familiar de uma região do Rio Grande do Sul. Neste sentido, a interrogação fundamental que orienta o presente estudo está em saber de que modo ocorreram as transformações sociais e econômicas da agricultura familiar e que se aceleraram nas décadas recentes.

Para analisar estas transformações, parte-se da idéia de que a reprodução das unidades familiares ocorre mediante a formulação de um conjunto de iniciativas e ações que se constituem em suas estratégias de reprodução social e econômica. Considera-se que cada família possui determinados recursos naturais e humanos para viabilizar suas ações. A sua concretização, contudo, dependerá das interações que cada família mantiver com o ambiente externo, especialmente em relação à organização com os demais agricultores, às inovações tecnológicas e à forma de comercialização de sua produção. Cada família dispõe de recursos diferenciados no interior do estabelecimento, como terra e trabalho e distinta localização em relação aos mercados. Porém, existem aspectos que estão fora do campo de decisão da unidade produtiva, pois são dinâmicas que se desenvolvem no ambiente externo ao estabelecimento, como as políticas ligadas ao setor e o progresso técnico. Desse modo, ocorre um processo de diferenciação social da agricultura familiar, ampliando-se na mesma medida em da heterogeneidade das estratégias de reprodução de cada família.

Esse modo de entender a agricultura familiar está assentado na percepção de que ela constitui-se em uma forma social de organização do trabalho e da produção que tem sido capaz não apenas de persistir e manter-se no interior do capitalismo, mas também, de desenvolver novas estratégias para garantir sua reprodução social e inserção econômica. Sob o aspecto produtivo, as unidades familiares vêm sendo capazes de incorporar os principais avanços tecnológicos ligados à agricultura. No que tange ao mercado de trabalho, tem demonstrado grande flexibilidade na mobilização de mão-de-obra para atividades não-agrícolas sem, contudo, apresentar qualquer indício de que a pluriatividade implique no seu desaparecimento. Além disso, no interior do estabelecimento, ainda é praticada uma diversidade muito grande de atividades cujo fim não é o mercado, mas o auto consumo. Nesse sentido, o presente trabalho pretende dar uma contribuição ao debate mais geral que ocorre no Brasil desde o início da década de 1990, sobre as características e a natureza da agricultura familiar. Este debate ganhou projeção a partir da publicação de trabalhos como os de Abramovay (1992), Lamarche (1993) e outros. Considera-se que novos estudos empíricos são fundamentais para evidenciar as dinâmicas ocorridas em diferentes territórios, mediante a existência de atores sociais e de recursos naturais diferenciados e relacionados às diferentes condições de informação e de comunicação. Inicialmente pretende-se resgatar elementos do debate acerca do desenvolvimento da agricultura familiar nos aspectos ligados a sua reprodução e diferenciação e as principais linhas teóricas sobre o tema.

A partir desta orientação analítica pretende-se estudar o processo de transformação da agricultura familiar da região do Alto Taquari. Para tanto, acredita-se que seja pertinente uma análise que contemple não apenas as mudanças estruturais mais recentes, especialmente desde a década de 1970, mas que seja feito um resgate que aborde os elementos que constituíram as bases da agricultura familiar do período atual. Considerou-se relevante apresentar uma reflexão histórica sobre a constituição da forma familiar na região estudada.

É necessário reconhecer que o processo social que fez emergir a agricultura familiar, tal como a definimos, foi aquele que tomou forma na microrregião do Alto Taquari (e no resto do Rio Grande do Sul) a partir de meados da década de 1960. A chamada “modernização agrícola” provocou alterações estruturais nos processos

produtivos e no modo de vida que as famílias de colonos praticavam até então. Sendo assim, é importante verificar o modo como ocorre essa transformação e a amplitude que esse processo ganha na região estudada.

A partir desta análise, tenciona-se mostrar que o processo social de modernização da agricultura no Alto Taquari conduziu a agricultura familiar local à um crescente processo de mercantilização da produção. Isso ocorre devido à monetarização das atividades produtivas, levando ao aumento na dependência de outros setores da sociedade, especialmente aqueles ligados ao desenvolvimento tecnológico, ficando o agricultor dependente da mobilização de recursos para a implementação da produção, bem como da capacidade do mercado em absorver a produção e força-de-trabalho. A forte dependência do mercado, tanto para a compra de insumos, quanto para a venda de produtos e, por vezes, da própria força de trabalho, leva as famílias a desenvolverem diferentes estratégias para a obtenção das condições de reprodução social e econômica. Esse processo conduz a agricultura familiar do Alto Taquari a uma diferenciação social, onde a sua reprodução passa a ocorrer mediante uma heterogeneidade de estratégias que são analisadas em detalhes nas seções finais desta dissertação.

Assim definida e situada historicamente em uma determinada área de estudo, a problemática desta dissertação orientou-se, desde o princípio, por uma hipótese central que indicava que a agricultura familiar do Alto Taquari, acompanhando as mudanças na sociedade, vem desenvolvendo, ao longo do tempo, distintas estratégias de reprodução, que resultaram em uma diferenciação social entre as próprias unidades familiares e um desenvolvimento desigual entre os municípios da microrregião. A outra hipótese, não inteiramente explorada neste estudo, dadas as limitações de diversas ordens, é de que a região estudada havia permanecido relativamente estagnada em relação à microrregião de Caxias do Sul, devido ao seu atraso no processo de industrialização. Neste sentido, verificou-se que, mesmo o Alto Taquari sendo menos industrializado que a Serra, ele cumpre um papel importante no fornecimento de mão-de-obra e na realização de determinadas etapas dos processos

produtivos industriais, como é o caso das costura de bolas de futebol¹ realizada pelos agricultores familiares de municípios do Alto Taquari.

Uma outra hipótese ainda é que as características geológicas da região favoreceram o desenvolvimento desigual no aspecto da exploração do basalto. Essa atividade se desenvolve em locais onde ocorrem falhas na rocha, de modo que, ao invés de um bloco maciço, a rocha aparece estruturada em camadas. Esse aspecto, aliado ao fato da rocha matriz se encontrar muito próxima à superfície, constituem-se em particularidades geológicas que possibilitaram o favorecimento do desenvolvimento da atividade de extração do basalto pelos próprios agricultores. Todavia, a presença dessas particularidades não implica, necessariamente, que a atividade seja desenvolvida na mesma medida. A ausência de condições adequadas de transporte em determinados locais não impediu o seu desenvolvimento, mas situou esses locais numa condição marginalizada em relação a locais em que verificou-se um estágio de desenvolvimento que alcançou modernos processos de industrialização e beneficiamento das pedras de basalto.

O princípio metodológico que norteou a presente pesquisa está assentado na metodologia de “estudo de caso”. O estudo de caso é uma proposta analítica pela qual procura-se estudar uma determinada realidade exaustivamente, de modo a obter o máximo de informações possíveis. Nesse sentido, procurou-se realizar a coleta de dados em fontes diversas, apoiando-se, simultaneamente, de técnicas quantitativas e qualitativas. Os dados quantitativos foram organizados através da coleta em fontes censitárias. Os instrumentos utilizados foram o Censo Agropecuário dos anos de 1970 a 1995, o Censo Demográfico dos anos de 1970 a 1990, além dos dados preliminares do Censo de 2000.

Após ter sido feito o agrupamento das informações, procurou-se avaliar a evolução de algumas variáveis num período histórico, a fim de poder evidenciar melhor os processos ocorridos, buscando poder relacioná-las com informações qualitativas, obtidas mediante a realização de entrevistas. Desse modo, a avaliação do comportamento histórico das variáveis e não somente de seu grau de ocorrência,

¹ A matéria-prima para a realização dessa atividade pelos agricultores provém de fábricas localizadas no município de Veranópolis, pertencente à microrregião de Caxias do Sul.

permite uma melhor evidência sobre as estratégias utilizadas, visto que procura-se entender o modo que os agricultores formulam suas estratégias de reprodução.

As principais variáveis utilizadas com base nos dados obtidos junto aos Censo Agropecuário² foram o número total de estabelecimentos, o número de estabelecimentos por grupos de área, o volume da produção e da produtividade da terra para os principais produtos agrícolas (como soja, milho, trigo e fumo), o acesso ao progresso técnico (pela aquisição de máquinas, instrumentos agrícolas, fertilizantes e corretivos), o desenvolvimento da pecuária (aves, suínos e leite). Em consulta ao Censo Demográfico, avaliou-se a dinâmica demográfica da população dos municípios, além da evolução na aquisição de alguns bens de consumo.

As informações contidas nos Censos do IBGE proporcionaram o agrupamento de um considerável volume de informações. Todavia, mesmo dispondo de importante material de base, utilizou-se também informações em dados estatísticos disponibilizados pela FEE em seu *site* mantido na Web. Do mesmo modo, procurou-se por dados quantitativos agrupados nos escritórios municipais da EMATER e nas Prefeituras municipais, visto que, a não realização do Censo Agropecuário no ano de 2000, dificultou a análise das transformações ocorridas nos últimos cinco anos das variáveis dele utilizadas. Tentou-se construir um banco de dados quantitativos capaz de demonstrar acontecimentos gerais em relação a aspectos envolvendo população, produção, acesso à terra, etc. e permitir uma maior abrangência para a pesquisa.

Mesmo tendo sido realizada uma pesquisa quantitativa com base bastante ampla, considerou-se que a explicação da realidade somente através desse tipo de dados tornaria a análise muito superficial. A utilização de técnicas qualitativas de coleta de dados teve por objetivo enriquecer o trabalho com mais detalhes, o que somente com técnicas quantitativas torna-se mais difícil. O método de pesquisa de estudo de caso permite atingir questões com maior detalhamento sem perder de vista o movimento mais geral dos processos sociais e econômicos. É um tipo de pesquisa que apresenta um alto grau de complexidade, porque além da descrição realidade, envolve a necessidade do desenvolvimento de uma análise de acordo com

² Os dados foram agrupados em nível de município e em nível de microrregião de modo a ser possível estabelecer relações das variáveis estudadas entre os municípios e destes para com a microrregião.

determinado referencial teórico. Nesse sentido, é uma forma de apreciar a validade ou não de uma teoria para aquele contexto.

Na obtenção dos dados qualitativos o instrumento de coleta utilizado foi a entrevista semi-estruturada. A sua operacionalização ocorreu mediante o estabelecimento de um roteiro prévio para nortear o desenvolvimento da pesquisa com os principais questionamentos a serem feitos. A estrutura do roteiro foi formulada de acordo com cada ator social a ser entrevistado, podendo ser acrescentadas novas perguntas durante a entrevista. A escolha dos entrevistados foi feita de forma a cumprir com representatividade a explicação da realidade. Na medida em que as questões levantadas tornaram-se mais complexas e abrangentes, procurou-se dialogar também com outros atores sociais da região.

Os principais atores sociais entrevistados foram agricultores (2), filhos de agricultores (jovens rurais) (3), idosos (2), agricultores pluriativos ligados ao basalto (2), agricultores pluriativos dedicados à costura de bolas (2), profissionais da EMATER (2), técnico de agroindústria fumageira (1), lideranças do município de David Canabarro (2), liderança do município de Paraí (1), atores ligados ao setor industrial do basalto (3) e ator ligado ao setor calçadista (1). A pesquisa de campo foi enriquecida em conversas informais com diversos agricultores e atores sociais da região, todavia não foram contabilizados no grupo de entrevistados.

A pesquisa de campo foi realizada em três municípios, sendo eles: David Canabarro, São Domingos do Sul e Paraí. De início, pensava-se em fazê-la somente em David Canabarro, no entanto, na medida em que os processos sociais e econômicos desenvolvidos no local estavam correlacionados com situações que envolviam atores localizados em outros municípios, especialmente no referente ao basalto, optou-se por realizar entrevistas também em São Domingos do Sul e Paraí. A realização das entrevistas no município de David Canabarro, concentrou-se especialmente na comunidade de São José do Capingüi, distante 11 Km da sede municipal. A presença de trabalho fora do setor agrícola foi um dos fatores que requereu maior pluralidade de técnicas de pesquisas, visto que são informações ainda não agrupadas nos Censos do IBGE.

A realização da pesquisa de campo ocorreu em dois momentos. Primeiro, em meados de 2001, enquanto trabalhava-se com os dados quantitativos, teve o objetivo

de estabelecer um contato inicial e mapear os entrevistados. A segunda, em início de 2002, teve o objetivo de coletar mais informações para o desenvolvimento do trabalho. A obtenção das informações junto aos entrevistados esteve privilegiada pela relativa facilidade de deslocamento e estadia no local, tendo em vista a coincidência entre local de origem do autor e local de realização da pesquisa. Criou-se uma situação privilegiada no referente à coleta de dados junto aos agricultores, lideranças locais e profissionais ligados ao desenvolvimento rural. No entanto, o fato de já conhecer muitas das pessoas entrevistadas, necessitou de um maior cuidado na realização das entrevistas, a fim de manter o distanciamento necessário entre pesquisador e objeto de pesquisa, bem como de evitar que estudo adquirisse uma conotação de trajetória pessoal. Da mesma forma, procurou-se evitar uma pesquisa empiricista, onde as informações são agrupadas de modo a provar uma determinada teoria, em detrimento da verificação do verdadeiro retrato da realidade.

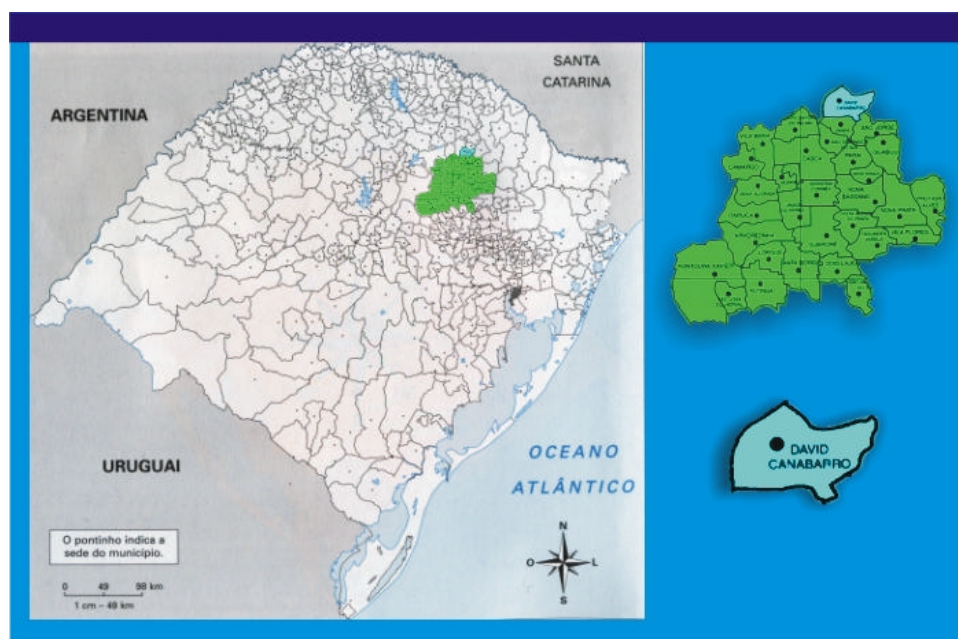
De modo a localizar o leitor em relação ao território onde é desenvolvido o estudo, faz-se necessário uma descrição da microrregião. Tendo em vista isto, pretende-se apresentar uma percepção, ainda que superficial, dos aspectos gerais da economia dos municípios e das principais características da agricultura familiar local.

A microrregião do Alto Taquari atualmente é constituída por um número de 27 municípios. A exemplo da realidade da maioria das unidades administrativas localizadas na metade norte do estado, as áreas dos municípios são pequenas e, na maioria dos casos, a maior parte da população reside no meio rural. A título de exemplo, a área média dos municípios fica na faixa de 173,6 Km², enquanto que, para o estado, a área média fica em 604 Km², muito menor que alguns municípios localizados na metade sul, como Bagé, com 5.674,1 Km², ou Alegrete, com 7.808,8 Km². Em 1970, de acordo com a divisão apresentada pelo Censo Agropecuário, os municípios que faziam parte da microrregião do Alto Taquari³ eram em número de 13, sendo eles: Anta Gorda, Arvorezinha, Casca, David Canabarro, Fontoura Xavier, Guaporé, Ilópolis, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Prata, Paraí, Putinga e Serafina Corrêa. Devido à sucessivas emancipações ocorridas o número de municípios

³ Essa denominação está relacionada ao fato do local ser cabeceira do Rio Taquari. Em 1970 o Censo Agropecuário do IBGE denomina esse território de microrregião do Alto Taquari, todavia, a partir do Censo Agropecuário de 1975 há um novo agrupamento dos municípios, conformando novas microrregiões. A fim de poder verificar a evolução das variáveis utilizadas em nível de território microrregional num sentido histórico, neste estudo, será mantida a divisão realizada em 1970.

aumentou para 27. A seguir é possível observar uma ilustração da delimitação do território do Alto Taquari no Rio Grande do Sul, bem como a localização do município de David Canabarro.

Figura 1. Ilustração da localização geográfica da microrregião do Alto Taquari e do município de David Canabarro no estado do Rio Grande do Sul.



A divisão político-administrativa do território do Alto Taquari tem origem na forma como foi implementada a colonização, visto que, nesse momento, foram demarcados os núcleos das colônias de onde são originados muitos municípios. Outra situação é verificada para aqueles municípios, especialmente os que se emanciparam recentemente, que tiveram origem em pequenas comunidades rurais que desenvolvem-se suficientemente a ponto de seus representantes no cenário político conseguirem obter o título de emancipação junto a Assembléia Legislativa do governo do estado.

Até meados do século XX, a exemplo de grande parte da região colonial, muitas pessoas deixavam a microrregião do Alto Taquari e migravam no sentido norte-noroeste em busca de novas terras. A principal causa desse fenômeno está relacionado ao tamanho limitado e reduzido dos lotes (ficava em torno de 25 hectares), que não permitiam muitas partilhas entre os descendentes. Além disso, não

é percebido nenhum desenvolvimento urbano mais significativo, de modo a absorver nesse local a população migrante. Devido a isso, a maior parte dos municípios somente pôde obter sua emancipação em período recentemente⁴.

A emancipação dessas comunidades é um tema de grande complexidade, o que envolve uma reflexão maior sobre o processo de desenvolvimento local. De um modo geral, houve uma maior dinamização da economia local, de modo a permitir novas ocupações e atividades nesses ambientes onde alguns setores, como a prestação de serviços e até mesmo do setor industrial, proporcionaram a possibilidade de pessoas residentes no meio rural migrarem em busca de ocupação na sede dos municípios recentemente emancipados. Muito embora ainda hajam limitações estruturais, como relativo à pavimentação das estradas e acesso a meios de comunicação, muitos desses novos municípios experimentam um recente desenvolvimento de setores da indústria, a qual tem absorvido no próprio ambiente local parte da mão-de-obra que procurava por alternativas de ocupação à agricultura. Como exemplo, pode-se citar o município de São Domingos do Sul, onde desenvolve-se a indústria ligada ao basalto, e os municípios de Vanini, São Jorge, Guabiju, entre outros, que assistem a emergência de indústrias ligadas ao setor calçadista. Afora essas situações, muitos outros municípios recentemente emancipados continuam com base econômica essencialmente agrícola.

No referente à indústria local, é importante apresentar este setor como diretamente relacionado à agricultura familiar. O desenvolvimento de novos processos de beneficiamento de pedras de basalto, ocorrido especialmente na última década, bem como a emergência e implantação de fábricas ligadas ao setor calçadista, geram postos de trabalho para a população urbana e para famílias residentes no meio rural. No primeiro caso, a extração do basalto, por ser uma atividade dispersa no meio rural e por ter sido iniciada pelos próprios agricultores, tem uma significativa participação do trabalho de pessoas residentes no meio rural, o que acaba resultando numa oportunidade de trabalho fora da agricultura, resultando num processo de desenvolvimento de atividades não-agrícolas nesse território. Com

⁴ O território do Alto Taquari tem 14 dos seus 27 municípios emancipados entre 1987 e 1992. Os municípios criados a partir desse período são: Vanini, São Domingos do Sul, Dois Lajeados, Guabiju, São Jorge, Nova Alvorada, São José do Herval, Protásio Alves, Vista Alegre do Prata, Montauri, Itapuca, Santo Antônio do Palma, São Valentim do Sul, União da Serra.

base nos dados coletados a campo, essa atividade aparece, especialmente, nos municípios de Nova Prata, intitulada a Capital Nacional do Basalto, Paraí, São Domingos do Sul, David Canabarro, Serafina Corrêa e Casca.

No segundo caso, o setor coureiro-calçadista emerge pela presença de fábricas nos municípios do Alto Taquari e pela terceirização de determinadas tarefas para fábricas localizadas no município de Veranópolis, pertencente à microrregião vitivinicultora de Caxias do Sul. Este crescimento das atividades não-agrícolas da população com domicílio em áreas rurais vem ganhando destaque na literatura. No Rio Grande do Sul, estudos de Schneider (1994; 1999; 1999b) enfatizam a pluriatividade como uma estratégia de reprodução para os agricultores familiares. Todavia, no Alto Taquari, ainda não há estudos sobre o fenômeno sob a ótica da pluriatividade abordada pelo referido autor.

Muito embora seja verificada a emergência de postos de trabalho não-agrícolas, a agricultura continua tendo importante papel na economia dos municípios e na geração de emprego para a população local, Segundo levantamento realizado através da Contagem Populacional de 1996 pelo IBGE, os 27 municípios da microrregião de Alto Taquari tinham uma população total de 145.107 habitantes. Comparando-se aos dados do Censo Agropecuário de 1996, onde os indivíduos ocupados na agricultura eram em número de 56.060 habitantes, percebe-se a grande importância desse setor na geração de postos de trabalho para mais de 1/3 da população da região. As principais atividades desenvolvidas na agricultura são a produção de fumo e grãos (milho e soja). Na pecuária, destaca-se a produção de frangos, leite e suínos.

A estrutura fundiária caracteriza-se pela presença predominantemente de pequenas propriedades rurais. De acordo com dados do Censo Agropecuário de 1996, dos 17.706 estabelecimentos existentes no Alto Taquari, 94% possuem área menor de 50 hectares, 98% são administrados pelo proprietário e em 85% dos casos a sua residência é no próprio estabelecimento, revelando uma forte presença da agricultura de base familiar. Em 93% dos estabelecimentos o pessoal ocupado é o responsável e seus familiares, correspondendo a 88% do total de pessoas ocupadas com a agropecuária.

De acordo com dados da FEE (2002), o município de David Canabarro é o segundo município do Alto Taquari onde a agropecuária tem maior importância na formação do VAB. Após somente de União da Serra com 64%, David Canabarro possui 63% da formação de seu VAB oriundo da agropecuária. O setor industrial participa com 3% e o restante, 34%, é oriundo do setor de serviços. De acordo com dados preliminares do Censo Demográfico de 2000, 70% das 4.740 pessoas residentes no município, localizam-se no meio rural. O desenvolvimento de atividades não-agrícolas no município, ligadas à extração do basalto, ao trabalho em fábrica de calçados e a atividades terceirizadas de costura de bolas, puderam ser verificadas *in loco*, isto devido à não disponibilização de informações quantitativas agrupadas sobre essas atividades.

A escolha do município de David Canabarro para a realização do estudo de caso decorre do fato do local ser um espaço privilegiado para a investigação do conjunto de relações sociais estabelecidas nesse ambiente. As estratégias de reprodução formuladas pela agricultura famílias atinge uma diversidade e uma complexidade muito grande, tanto na agricultura quanto fora dela. dos agricultores do local desenvolverem diversas estratégias de reprodução.

A justificativa deste trabalho adquire, portanto, uma dupla conotação. A importância de estudos sobre a agricultura familiar justifica-se dada à sua importância social e econômica no Rio Grande do Sul e no Brasil, na produção de alimentos, na produção para a exportação e como base para a economia de muitos municípios de nosso estado. Contudo, as pesquisas sobre as múltiplas formas de inserção da agricultura familiar no processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura desafiam os estudiosos a superarem as abordagens teóricas reducionistas, que associam esta forma social à idéia de pequena produção de subsistência, com baixo grau de absorção tecnológica ou de noção de produtores de baixa renda e pobreza rural. A partir do momento em que este grupo social adquire legitimidade social e política, sendo reconhecido pelo Estado através de uma política pública específica (o PRONAF), cabe aos cientistas sociais avançar explicações acerca de seu funcionamento em contextos regionais e dissecar as estratégias hegemônicas, que garantem sua reprodução e inserção na sociedade.

Desse modo, o eixo deste estudo assenta-se na análise das estratégias sociais e econômicas que caracterizam o processo de evolução da agricultura familiar na região do Alto Taquari. Esta análise será realizada a partir da descrição das diferentes etapas do desenvolvimento desse grupo social, dos processos produtivos implementados e das dinâmicas sociais e econômicas estabelecidas com o ambiente externo à família e ao estabelecimento, nos diferentes períodos, especialmente, após a modernização da agricultura, que se desenvolve na região a partir da década de 1960.

Como já brevemente mencionado anteriormente, a apresentação da dissertação está dividida em quatro capítulos, os quais seguem uma orientação que separa este processo em três grandes momentos históricos que pretendem focar, primeiro, a formação do sistema produtivo colonial, segundo, o processo de transformação do modelo da agricultura colonial através da modernização da base tecnológica e, em terceiro, a constituição de uma agricultura familiar fortemente inserida na dinâmica mercantil que se desenvolveu a partir de meados da década de 1980.

No primeiro capítulo, apresentam-se os referenciais teóricos e conceituais com os quais pretende-se analisar o desenvolvimento da agricultura familiar em David Canabarro e na microrregião Alto Taquari. Tendo em vista as transformações sociais e econômicas proporcionadas pela emergência de uma agricultura modernizada e devido às transformações na forma de organização da produção e do trabalho, a agricultura familiar não pode ser explicada somente pela noção de sistema produtivo e modo de vida colonial. Nesse sentido, faz-se necessário apresentar uma discussão sobre a agricultura familiar, de modo que seja possível abarcar as novas dinâmicas sociais e econômicas desenvolvidas, particularmente, por esse grupo social.

No segundo capítulo, descreve-se o processo pelo qual a agricultura familiar teve origem no Alto Taquari, bem como a forma em que a produção e o trabalho são organizados no local. Para operacionalizar essa idéia, é pertinente fazer um resgate sobre a forma como ocorre a ocupação do local, a fim de ter presente sob que moldes se dá a sua gênese, as implicações sobre a utilização dos recursos existentes no estabelecimento e a implementação das atividades produtivas. Todavia, não se trata

de um capítulo destinado ao estudo da imigração em si, mas de um resgate da forma como se estruturam as estratégias de reprodução nesse período, dos processos produtivos e do modo de vida desenvolvidos pelos colonos. A forma como foi implementada a colonização da região foi decisiva para o desenvolvimento do sistema produtivo colonial, na forma de organização da produção e do trabalho.

No terceiro capítulo, discute-se como a agricultura familiar desenvolve-se frente à crise do sistema produtivo colonial e à emergência da modernização da agricultura. O objetivo é verificar como essa transformação implica na organização da produção e do trabalho da agricultura familiar. A partir de meados da década de 1960, a produção de caráter semi-autônomo praticada pelos colonos cede espaço para uma produção voltada ao mercado. A partir desse momento há um aumento e complexificação das relações do tipo mercantil vividas pelos agricultores, visto que no mercado, além de produtos destinados ao consumo da família, é o local onde são crescentemente compradas as novas tecnologias destinadas à implementação dos processos produtivos. Ou seja, neste capítulo pretende-se verificar como as estratégias de reprodução da agricultura familiar passam a depender de um conjunto de aspectos muito mais amplos, relativos ao ambiente externo, do que os que vinham sendo praticados no interior das famílias. Esse tema será desenvolvido mediante a análise de aspectos relacionados ao progresso técnico, especialmente no que diz respeito à utilização de insumos externos ao estabelecimento, à introdução de novos sistemas agrícolas, como é o caso da cultura da soja, à variação da produção por área, entre outros.

No quarto capítulo, pretende-se verificar como a agricultura familiar do Alto Taquari reformula suas estratégias de reprodução no período mais recente, a partir de meados da década de 1980. Essa fase de evolução e transformação da agricultura familiar tem início quando os agricultores passam a reformular suas estratégias de reprodução em decorrência da inviabilização econômica do cultivo da soja. A partir dessa realidade, diferentes estratégias de reprodução são formuladas pela agricultura familiar, tanto na agricultura quanto em outros setores, levando a ocorrência de um processo de diferenciação social. Dentre as principais atividades desenvolvidas a partir desse período estão as atividades integradas às agroindústrias e as atividades não-agrícolas. Além disso, pretende-se discutir a participação de atores sociais locais

no fomento às agroindústrias artesanais familiares, enquanto estratégia de reprodução utilizada pela maioria dos agricultores familiares do local.

A heterogeneidade de estratégias utilizadas pela agricultura familiar decorre da forma como ela se organiza. Com efeito, a existência de aspectos próprios de cada família, como a terra e a organização da mão-de-obra, remetem a diferentes formas de tomar as decisões e de organizar a produção e o trabalho. No entanto, a interferência do ambiente externo, como acesso ao progresso técnico e assistência técnica, no tipo de vínculo mercantil estabelecido, na possibilidade de acesso ao crédito e outras políticas públicas, na forma e capacidade de organização social, entre outros, também são aspectos relevantes e que influenciam no momento do agricultor efetua as ações na busca pela reprodução social e econômica de seu grupo familiar.

CAPÍTULO 1

Elementos Teóricos ao Estudo da Agricultura Familiar

Conforme adiantado brevemente na introdução desta dissertação, o presente estudo tem por objetivo verificar como a agricultura familiar de David Canabarro e do Alto Taquari vem conseguindo reproduzir-se socialmente ao longo do período iniciado com a colonização do local até a atualidade. Busca-se com isso, entender que fatores estão relacionados à formulação de suas estratégias de reprodução frente ao crescente processo de mercantilização. Nesse sentido, considera-se apropriado apresentar o referencial analítico que deverá nortear a análise que segue nos capítulos subseqüentes a este. O objetivo da apresentação deste referencial analítico é o de permitir um diálogo entre a realidade descrita no decorrer do trabalho com o referencial teórico-conceitual deste capítulo. Através do estudo do surgimento, da transformação da agricultura familiar do Alto Taquari e através da sua interpretação analítica, deve-se entender como são desenvolvidas as estratégias de reprodução dos agricultores familiares no ambiente local. A apresentação desse arcabouço, com o qual pretende-se analisar o processo de formação, evolução e transformação da agricultura familiar no Alto Taquari, será dividida em três seções.

Na primeira seção, pretende-se apresentar algumas noções que demonstrem o significado de agricultura familiar, a fim de levantar alguns pontos acerca do debate existente sobre sua definição e sobre suas características.

Na segunda seção, procura-se demonstrar que a agricultura familiar está inserida num contexto, onde existem diversos fatores interferindo no modo como os agricultores procedem à reprodução social. Esse processo está sujeito, por um lado,

interação com situações que se desenvolvem na sociedade como um todo, externas ao estabelecimento. No entanto, por outro lado, ela também se organiza sob uma estrutura social que lhe permite determinar quando, onde e como será utilizado o trabalho da família. No primeiro caso, a modernização da agricultura e os impactos que esta causou na condução dos processos produtivos é um exemplo da transformação que os aspectos relacionados ao ambiente externo exercem sobre a organização da agricultura familiar. As respostas da agricultura familiar frente às modificações do seu cenário externo aparecem, especialmente, através de mudanças na organização da mão-de-obra existentes no estabelecimento. Juntamente com esse fator, a quantidade e qualidade do solo são variáveis para cada família, bem como a sua localização em relação aos mercados, levando a conformação de situações e condições diferenciadas em nível de grupos familiares.

A terceira seção procura apresentar elementos que abordem as implicações que o entorno regional e as condições físico-geográficas exercem no desenvolvimento da agricultura familiar local. A forma como se apresentam os elementos naturais no Alto Taquari traz implicações em nível de território, tanto na organização do trabalho, como no desenvolvimento de determinados processos produtivos. Nesse sentido, a forma como se apresenta a rocha basáltica na região, possibilita que muitas famílias de agricultores dediquem-se a atividade de extração. Essa perspectiva está baseada na idéia de que um determinado espaço físico é constituído por um conjunto de elementos historicamente diferenciados. Desse modo, busca-se apresentar uma discussão referente aos elementos do território e sobre o desenvolvimento de atividades não-agrícolas no meio rural.

1.1. Em busca de um referencial analítico para estudar a agricultura familiar do Alto Taquari

A categoria social denominada agricultores familiares vem recebendo diferentes denominações segundo autor, local ou momento histórico. Na região Sul do Brasil é comum falar-se em *colonos* quando se pretende denominar os agricultores da região colonial. Quando se fala em campesinato, comumente, este é

associado ao seu papel político na sociedade, ou relacionado a uma agricultura tradicional. Usam-se também denominações como minifundiários, pequenos produtores e agricultura de subsistência, entre outros,.

A terminologia *colono* será usada, neste trabalho, para designar os agricultores familiares do Alto Taquari durante o período em que se desenvolve o sistema produtivo colonial. A sua utilização está relacionada à existência de um contexto peculiar na região e no período estudado. Não é uma denominação possível de ser aplicada a qualquer contexto, pois reflete uma realidade específica da região colonial, estruturada durante o período de ocupação das zonas pioneiras. O processo social que aqui está se referindo condiz com a existência de uma forma de sociabilidade e uma forma de produzir, que Schneider (1994; 1999; 1999b) chama de o modo de vida colonial e sistema produtivo colonial. Todavia, em meados da década de 1960 essa forma de agricultura existente entra em crise dando espaço para uma agricultura familiar moderna. Essa afirmativa nos leva a ponderar que a transformação na qual ocorre a desarticulação desses processos, requer que se pense também na sua implicação sobre a definição de o que é agricultura familiar.

Entende-se a agricultura familiar como sendo um grupo social que apresenta uma forma de organização da produção e do trabalho baseada na família. A família é o menor núcleo de agrupamento dos indivíduos e as estratégias organizadas a partir da produção, do trabalho e do consumo visam a reprodução do grupo. A família rural, de acordo com Schneider (2000), é entendida como sendo

“um grupo social que compartilha o mesmo espaço (não necessariamente uma habitação comum) e possui em comum a propriedade de um pedaço de terra. Este coletivo está ligado por laços de parentesco e consangüinidade (filiação) entre si, podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consangüíneos (adoção). É no âmbito da família que se discute e se organiza a inserção produtiva, laboral e moral dos seus diferentes membros integrantes e é em função deste referencial que se estabelecem as estratégias individuais e coletivas” (p. 8).

A diversidade de denominações em torno desse grupo social, na maioria das vezes, existe pelo fato desta categoria, no Brasil, estar associada às lutas políticas em diversos períodos da nossa história. Após o golpe militar, por exemplo, são criadas somente duas categorias de enquadramento sindical no campo, sendo uma constituída pelos sindicatos de trabalhadores rurais, englobando “assalariados”, “parceiros”, “arrendatários”, “pequenos proprietários”, etc, e outra composta pelos sindicatos rurais, voltados para o setor patronal. Não cabe aqui realizar uma revisão das diversas denominações utilizadas, visto que esta discussão já existe na bibliografia sobre o tema, o que interessa é delimitar um referencial teórico que seja útil ao objeto aqui proposto.

Segundo alguns autores, o termo agricultura familiar passa a ser correntemente utilizado, tanto no cenário acadêmico, quanto político, somente a partir da década de 1990⁵. Deve ser levado em conta, também, as pesquisas realizadas pelo convênio INCRA/FAO, a partir do qual ocorre um amplo mapeamento da agricultura familiar no Brasil, revelando uma realidade diferente do que grande parte do pensamento político e acadêmico achava existir. Através da delimitação do universo familiar e do seu perfil, da caracterização dos agricultores em tipologias distintas e da avaliação da sua participação na composição do Valor Bruto da Produção (VBP), desenvolveu-se um trabalho *sui generis* sobre o tema. Além de aspectos ligados à mudança de paradigma cultural no que diz respeito ao desenvolvimento rural, esse trabalho traz uma proposta de delimitação do universo familiar. De acordo com INCRA/FAO (1999), o universo familiar é caracterizado pelos estabelecimentos que atendam, simultaneamente, às seguintes condições: a) a direção dos trabalhos do estabelecimento é exercida pela família; b) o trabalho familiar deve ser superior ao contratado.

A possibilidade de delimitação de uma forma de produção com base na família leva-nos a pensar que existe um modelo não familiar. De fato, essa forma de organização do trabalho, também chamada de patronal, geralmente organiza-o sob a forma assalariada. De acordo com FAO/INCRA (1997) pode-se fazer uma tipologia dos agricultores a partir das condições básicas do processo de produção, a fim de

⁵ De acordo com Medeiros (1997), houve uma progressiva mudança de postura no sindicalismo, que passou a valorizar a prática de fazer proposições e não apenas protestar e demandar aos poderes públicos mudanças nas políticas agrícolas.

explicar as suas reações e respostas ao conjunto de variáveis externas assim como as forma de apropriação da natureza. Desse modo, a tipologia resultaria em:

“a) Agricultores familiares: Conceitualmente são considerados familiares os produtores, proprietários ou não da terra, que detém o controle do processo de trabalho (gerência) e utilizam mão de obra familiar.

b) Agricultores patronais. Os agricultores patronais são aqueles que comandam diretamente o processo de trabalho baseado na mão de obra assalariada;

c) Agricultores capitalistas. Os agricultores ou empresas capitalistas são unidades de produção baseadas na aplicação de capital e no trabalho assalariado, e onde a gestão do processo produtivo é realizada por gerentes e administradores” (p. 6).

No quadro a seguir, extraído do relatório final do convênio FAO/PNUD (1992), demonstra-se as características essenciais das duas principais formas de produção na agropecuária.

Quadro 1. Comparativo entre os modelos patronal e familiar de agricultura.

Modelo Patronal	Modelo Familiar
Completa separação entre gestão e trabalho	Trabalho e gestão intimamente relacionados
Organização centralizada	Direção do processo produtivo assegurada diretamente pelos proprietários
Ênfase na especialização	Ênfase na diversificação
Ênfase em práticas agrícolas padronizáveis	Ênfase na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida
Trabalho assalariado predominante	Trabalho assalariado complementar
Tecnologias dirigidas à eliminação das decisões "de terreno" e "de momento"	Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo.

Fonte: FAO/PNUD, 1992.

De acordo com essa delimitação do universo familiar realizada por INCRA/FAO (1999), a maior parte dos agricultores de David Canabarro e do Alto

Taquari pode ser considerada como familiares. De acordo com o Censo Agropecuário de 1995, em David Canabarro, 99% dos estabelecimentos têm a direção dos trabalhos exercida pelo produtor. Para o Alto Taquari esse percentual é de 98%, onde o município que apresenta o menor número é Fontoura Xavier, com 91%. No aspecto referente a proporção entre trabalho familiar e contratado, em David Canabarro 95% do pessoal ocupado é o responsável e familiares, sendo que, para a microrregião do Alto Taquari, essa proporção diminui para 88%, onde o município com menor proporção é São Jorge, com 68%. Através desses dados, percebe-se uma forte presença da agricultura familiar em toda a microrregião, especialmente em David Canabarro.

Muito embora deva-se reconhecer a importância do estudo da FAO para o entendimento da importância que a agricultura familiar possui na produção de alimentos no Brasil, esta referência é muito normativa e não é adequado ao tipo de estudo e enfoque que está sendo proposto neste trabalho. No limite, acaba polarizando as formas de produção na agricultura em duas categorias, familiares e capitalistas. Pretende-se demonstrar que a agricultura familiar se reproduz mediante a interação de diversos fatores, internos e externos à família, e que as estratégias de reprodução daí resultantes são diversas e, em alguns casos, sua formulação implica na venda da própria mão-de-obra. O resultado dessa heterogeneidade de situações que envolvem esse grupo é uma diferenciação social dos agricultores familiares a partir do tipo de estratégia utilizada.

De acordo com outros autores, como Wanderley (1999), a agricultura familiar é uma categoria mais geral que abrange diversas formas específicas, como resquícios do sistema produtivo colonial (conhecidos também como agricultura tradicional), e diversas formas modernas de agricultura familiar. Segundo Wanderley (1999),

“o conceito de agricultura familiar, entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. É importante insistir que esse caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo, ou seja, o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem conseqüências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente. No entanto, assim

definida, essa categoria é necessariamente genérica, pois a combinação entre propriedade e trabalho assume, no tempo e no espaço, uma grande diversidade de formas sociais” (p. 23).

Nesta mesma direção, encontra-se a definição fornecida por Lamarche (1993), onde

“a agricultura familiar é concebida, enquanto conceito de análise, como uma unidade de produção onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados com a família. À partir de sua racionalidade, o termo Agricultura Familiar recobre situações extremamente variadas e diferentes, estando associado aos meios de produção utilizados, emprego de tecnologia, variando na capacidade de adaptação e reprodução” (p. 6).

De um modo geral, a forma como a agricultura familiar se organiza atualmente no Alto Taquari, denota uma realidade, onde a maior parte dos agricultores são proprietários de pequenos estabelecimentos, na sua maioria, residindo na propriedade e utilizando-se do trabalho da própria família. O que entende-se existir nesse local é uma forma de produção baseada no trabalho familiar e fortemente integrada a mercados. Esse grupo não condiz mais com a realidade econômica e social vivida pelos colonos, a sua reprodução já não depende tanto de fatores internos, mas é fortemente influenciada por fatores externos. Essa transformação se aproxima da idéia de Abramovay (1992), quando afirma que

“As sociedades camponesas são incompatíveis com o ambiente econômico onde imperam relações claramente mercantis. Tão logo os mecanismos de preços adquiram a função de arbitrar as decisões referentes à produção, de funcionar como princípio alocativo do trabalho social, a reciprocidade e a personalização dos laços sociais perderão inteiramente o lugar, levando consigo o próprio caráter camponês da organização social” (p. 117).

Uma periodização para indicar a passagem de colonos para uma agricultura familiar deve levar em conta as características de cada um. De acordo com Schneider

(1999), a agricultura colonial era caracterizada por uma forma de produção semi-autônoma denominada de sistema produtivo colonial e, uma forma de sociabilidade, chamada de modo de vida colonial. O sistema produtivo colonial é utilizado para denominar o modo pelo qual a forma familiar de produção na agricultura daquele período, *os colonos*, conduziam os processos produtivos. O modo de vida⁶ é derivado do estabelecimento de um sistema produtivo, desenvolvido através da produção voltada para o autoconsumo, e de uma forma de sociabilidade, baseada em relações de parentesco, solidariedade e reciprocidade.

O sistema produtivo colonial é o modo em que as famílias organizam o processo produtivo. De acordo com Schneider (2002), sistema produtivo colonial é *uma determinada forma de produzir mediante a qual as famílias organizam se processo de trabalho e de produção visando assegurar a sua subsistência e reprodução social e economia sobre um pedaço de terra* (p. 14). De um modo geral, corresponde à uma parte do modo de vida, ou seja, o estabelecimento de um conjunto de relações produtivas sob uma dinâmica familiar e comunitária própria.

No Alto Taquari, essa forma social de produção na agricultura persistiu até meados da década de 1960, quando passam a ser implementados novos processos produtivos e sociais, coordenados pela dinâmica de mercado, de onde emerge a agricultura familiar existente na atualidade. Os processos sociais envolvendo a forma familiar de produção na agricultura desenvolvidos na microrregião do Alto Taquari pressupõem uma separação entre a noção de agricultura familiar e campesinato, aproximando-se da idéia desenvolvida por Abramovay (1992):

“(...) é possível e útil uma definição conceitual rigorosa e útil de camponês. Para isso, deve-se examinar com atenção a maneira pela qual se dá a inserção das famílias no quadro da divisão social do trabalho. Tanto a venda das safras, como a compra de insumos passam por uma integração parcial a mercados incompletos. (...) Por aí se estabelece uma diferença de natureza social entre o campesinato e a produção familiar característica dos países centrais. (...) O ambiente no qual se desenvolve a agricultura familiar contemporânea é exatamente

⁶ Essa noção é desenvolvida por Antônio Cândido, na obra *Os parceiros do Rio Bonito*, onde estuda a forma de organização e ocupação de espaço rural por povoados caipiras do interior de São Paulo.

aquele que vai asfixiar o camponês, obrigá-lo a se despojar de suas características constitutivas, minar as bases objetivas e simbólicas de sua reprodução social.

Aí reside então a utilidade de uma definição precisa e específica de camponês. Sem ela é impossível entender o paradoxo de um sistema econômico que ao mesmo tempo em que aniquila irremediavelmente a produção camponesa, ergue a agricultura familiar como sua principal base social de desenvolvimento.” (p. 130).

A concepção de agricultura familiar deve estar voltada para o entendimento dos fatores que estão relacionados com a sua reprodução social. Desse modo, as definições apresentadas por Wanderley (1999) e Lamarche (1993) ficam muito reduzidas à descrição das características, acabando por juntar sob a mesma categoria geral, formas modernas de agricultura familiar até o campesinato tradicional. Entende-se que a agricultura familiar desenvolve mecanismos de resistência e consegue reproduzir-se socialmente mesmo em ambientes adversos. Essa afirmativa vai além da idéia apresentada por Abramovay (1992), onde afirma que a reprodução da agricultura familiar, especialmente no que tem se observado nos países capitalistas avançados, ocorre mediante situações favoráveis de apoio e incentivo do Estado.

A agricultura familiar deve ser concebida como o resultado de um conjunto de estratégias de reprodução formuladas e desenvolvidas em um determinado espaço e contexto histórico. Nesse sentido, concorda-se com os elementos desenvolvidos por Schneider (1999b) no esforço de construir uma definição da agricultura familiar, ou da forma familiar de organização do trabalho e da produção na agricultura, quais sejam:

“O primeiro elemento para se definir a agricultura familiar está relacionado com a forma de uso do trabalho. Unidades familiares funcionam, predominantemente, com base na utilização da força de trabalho da família e de seus membros, podendo contratar, em caráter eventual ou temporário, outros trabalhadores. (...) O segundo fator constitutivo que auxilia a entender a agricultura familiar e a explicar sua persistência no capitalismo refere-se aos obstáculos oferecidos pela

*natureza, que impedem que a atividade agrícola torne-se essencialmente correspondente à atividade produtiva industrial. (...) O terceiro aspecto a destacar, que pode-se extrair do legado da contribuição marxista, indica que a compreensão sobre “os destinos” da agricultura familiar passa pelo entendimento do papel do ambiente social e econômico em que estiver inserida. Esse ambiente compõe-se de um espaço social e econômico e de um conjunto de instituições, que tendem a fornecer estímulos e determinar limites e possibilidades e, assim, exercer uma influência decisiva sobre as unidades familiares. (...) Mas o elemento central, que patrocina a relativa estabilidade e exerce um papel regulador entre esses diferentes elementos apresentados, é a própria **natureza familiar** dessas unidades. É no interior da própria família e do grupo doméstico, através das relações que se estabelecem entre seus membros participantes, que se localizam as razões principais que explicam a persistência e a reprodução de um certo conjunto de unidades e a desagregação e o desaparecimento de outras. É em razão das decisões que são tomadas pela família e pelo grupo doméstico, face às condições materiais e ao ambiente social e econômico em que estiver inserida, que ocorrerá ou não sua reprodução social, econômica e até mesmo cultural e moral (p. 116-7).*

A caracterização da transformação da agricultura familiar da microrregião do Alto Taquari será desenvolvida com maior clareza no decorrer do trabalho. Todavia, de um modo geral, pode-se afirmar que trata-se de um grupo social com elevado grau de integração com mercados, especialmente nas situações onde há o estabelecimento de contratos de compra e venda de produtos com agroindústrias, conhecidos como contratos de integração. Grande parte das atividades que possuem como objetivo o mercado são realizadas sob a forma de integração com empresas do setor.

Outro elemento importante na caracterização da agricultura familiar local é a grande relação entre produtor e a propriedade da terra, onde, segundo informações coletadas no Censo Agropecuário de 1995, 90% dos agricultores são proprietários de suas terras. Além disso há uma relação direta entre a condição de proprietário com a mão-de-obra empregada, sendo que em 93% dos estabelecimentos do Alto Taquari o pessoal ocupado são o responsável e seus familiares, correspondendo a 88% do total

de pessoas ocupadas com a agropecuária. Todavia, existem casos onde a renda familiar não provém somente da agricultura. Isso se deve ao fato de muitas famílias terem alguns de seus integrantes dedicando-se a alguma atividade não-agrícola.

De acordo com os elementos desenvolvidos por Schneider (1999b) e apresentados anteriormente, a agricultura familiar, a partir de sua “natureza familiar”, a forma de uso do trabalho, os obstáculos da natureza para o desenvolvimento da agricultura e o papel do ambiente social e econômico em que ela está inserida, organiza-se de modo a reproduzir-se socialmente mesmo em condições adversas, como escassez de crédito, insumos e mão-de-obra. A justificativa para tal evento deve-se fato dela estruturar-se através da força de trabalho da família, permitindo maior agilidade na tomada de decisões, ao passo que, para um agricultor amplamente inserido numa lógica capitalista, dependente de mão-de-obra assalariada, esse processo teria maiores dificuldades para se concretizar. Em muitos casos a forma de trabalho familiar permite uma maior flexibilização da mão-de-obra, intensificando o seu emprego em momentos de maior necessidade e deslocando-a para outras atividades em períodos de ociosidade. Todavia, isso não deve ser encarado como regra geral, pois é mais uma idéia comparativa entre duas situações apontando para a especificidade da forma familiar de produção na agricultura, que tem grande diversidade de mecanismos para se reproduzir mesmo em condições adversas. Nesse sentido é importante apresentar mais elementos acerca da reprodução da agricultura familiar.

1.2. Estratégias de reprodução e diferenciação da agricultura familiar

Na sub-seção anterior, foi sugerida uma periodização para a transformação da forma familiar de produção conhecida por *colonos* no Alto Taquari. Desse modo, entende-se que essa forma social persiste até meados da década de 1960, momento a partir do qual há uma transformação na forma em que estes passam a articular a sua reprodução social, em especial, devido à sua crescente integração com mercados. A produção, até então destinada especialmente para o consumo próprio da família, passa crescentemente a ter o objetivo de comercialização. As atividades agrícolas

desenvolvidas durante o sistema produtivo colonial e os fatores responsáveis pela passagem para um novo sistema, serão retomados no capítulo seguinte. Todavia, as mudanças se verificam especialmente no conjunto de elementos ou fatores que passam a interagir com os agricultores, modificando o seu cenário de tomada de decisões.

As estratégias de reprodução são consideradas como sendo o conjunto de medidas sociais e econômicas tomadas pelos agricultores para garantir a sua reprodução social. De acordo com Schneider (1999b),

“A reprodução social, econômica, cultural e simbólica das unidades familiares dependerá de um intrincado e complexo jogo pelo qual as unidades familiares se relacionam com a natureza e o ambiente em que estão inseridas. Nele os indivíduos e a família levam em conta o bem-estar e o progresso de sua unidade de trabalho e moradia e as possibilidades materiais de alcançar determinados objetivos. Desse modo, a reprodução não é apenas o resultado de um ato da vontade individual ou da coletividade familiar, e tampouco uma decorrência das pressões econômicas externas do sistema social” (p. 117).

A reprodução social da forma familiar de produção na agricultura tem sido objeto de discussões teóricas há um longo período. Um exemplo clássico ocorre nos trabalhos de Kautsky, em *A questão Agrária* (1899/1986) e de Lênin, em *O desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* (1899/1985). Ambos estudos, faziam parte de programas políticos que tentavam explicar as conseqüências do desenvolvimento do capitalismo sobre os camponeses. Na teoria de Lênin, a tendência frente à penetração do capitalismo na agricultura seria uma diferenciação social, sendo esta colocada no sentido de diferenciação de classe, o que levaria ao desaparecimento dos camponeses. Kautsky (1986), por outro lado, afirmou que a tendência para o campesinato não é o seu desaparecimento, mas uma situação em que, no processo de desenvolvimento agrário, levaria a uma subordinação das pequenas unidades de produção em relação às grades. Isso se daria devido à superioridade das grandes unidades no que se refere às inovações tecnológicas. De fato, a agricultura, especialmente nas últimas quatro décadas do século XX, passa por

uma grande transformação na sua base produtiva. No entanto, o que se percebe no Brasil e na maioria dos países é a sobrevivência, não do campesinato tradicional, mas de uma forma de produção familiar.

O enfoque dos estudos da corrente marxista apresentados mais recentemente demonstram uma preocupação maior em explicar que, diferentemente da indústria a agricultura possui leis próprias, relacionadas ao caráter biológico do ambiente onde são desenvolvidas as atividades agrícolas (Mann e Dickinson, 1987). Da mesma forma, de acordo com autores como Goodman (1990), a indústria busca crescentemente modificar o *ambiente natural* na produção de agrícola. Todavia, antes de um processo produtivo ligado à agricultura ser totalmente substituído por um processo industrial, ele sofre apropriações parciais. Segundo autores como Van der Ploeg (1990; 1992), o desenvolvimento da agricultura ocorre de tal forma que a crescente inserção dos agricultores no circuito mercantil, leva-os a um processo que ele chama de *mercantilização*. A exemplo das situações onde há a venda da mão-de-obra pelo agricultor, ou na complexificação dos sistemas de comercialização verificados na integração agroindustrial – cujo destino da produção de alguns setores é o mercado internacional – acredita-se que o desenvolvimento da agricultura familiar está relacionada e, por vezes, depende de situações que estão aquém da sua capacidade de decisão, especialmente a partir das transformações ocorridas no ambiente externo ao estabelecimento familiar, de relações mercantis crescentemente globalizadas. A mercantilização da forma de produção familiar em David Canabarro e no Alto Taquari é o tema que pretende-se aprofundar no próximo sub-item.

1.2.1. A mercantilização da forma de produção familiar

A possibilidade de produção de alimentos na agricultura é uma situação que tem possibilitado um caráter de semi-autarquia a produção de base familiar no Rio Grande do Sul até meados do século XX. Porém, na medida em que começa a fazer parte de sistemas produtivos cujo fim é a remuneração monetária, a agricultura familiar eleva o seu grau de mercantilização. A sua a sua relação mais direta com o

ambiente social, político e econômico implica numa maior sujeição às conseqüências das transformações ocorridas na sociedade, como, por exemplo, o desenvolvimento científico e a inovação tecnológica, as mudanças nos acordos do comércio internacional derivados do protecionismo de alguns países ou blocos econômicos, o aumento do custo dos insumos derivados da variação cambial, entre outros. Nesse sentido, a agricultura familiar no Alto Taquari é o resultado de elementos estruturados em sua origem, durante o período do sistema produtivo colonial, como a propriedade da terra e a organização do trabalho sob um núcleo familiar. Aliado a isso, é o resultado de uma crescente inserção no circuito mercantil, de uma transformação na base técnico produtiva e de uma complexificação nos mercados de produtos e do trabalho, que lhe confere uma maior inter-relação com o ambiente externo. A forma familiar de organização da produção e do trabalho é um elemento que constantemente estará se confrontando com o ambiente externo, desde o caráter biológico da agricultura até as transformações ocorridas na sociedade.

Autores marxistas mais contemporâneos, como Goodman (1990) e Mann e Dickinson (1987), defendem a idéia de que a agricultura apresenta suas próprias leis, baseadas no processo natural e no caráter biológico das atividades. No entanto, diante da impossibilidade momentânea de substituir totalmente o processo produtivo da agricultura, a indústria acaba se apropriando de determinadas etapas desse processo. Em termos práticos isso é verificado na diminuição da idade de abate de animais e diminuição do período da planta realizar seu ciclo produtivo devido ao melhoramento genético, diminuição da necessidade do emprego de mão-de-obra pelo emprego de máquinas e pesticidas, *fim* da necessidade de pousio pelo emprego de fertilizantes e corretivos, entre outros. Muito embora essas transformações tenham trazido profundas modificações na organização do trabalho e do consumo da família, a indústria não conseguiu suplantar totalmente o caráter natural da produção de alimentos.

Durante o período da agricultura colonial – que será estudado no próximo capítulo – a produção de alimentos se dava sob uma base técnica com poucos insumos externos, chegando ao máximo em nível de ferramentas manuais. A base produtiva era baseada na recuperação natural da fertilidade do solo, mediante a utilização do sistema de rotação de terras, e pela utilização de sementes e raças de

animais chamadas de *crioulas*⁷. Isso lhes conferia um caráter semi-autárquico, pois o objetivo da produção era o auto-consumo da família e a obtenção de recursos monetários com o excedente. No entanto, tendo em vista a implementação pelos agricultores de sistemas agrícolas voltados para o mercado, a geração de inovações no campo da genética, da nutrição animal, nas técnicas de manejo do solo, plantas e animais e pelo emprego de elevado volume de insumos externos, os processos produtivos são modificados, transformando o ambiente onde são formuladas as estratégias de reprodução da agricultura familiar, conduzindo-a a um processo de crescente mercantilização.

Entende-se por mercantilização, quando o mercado passa a mediar dimensões da vida social e econômica, como a produção, o trabalho, formas de lazer, entre outros. As transformações implementadas em elementos relativos ao processo produtivo, portanto, representam somente uma face desse processo mais amplo. De acordo com Van der Ploeg (1990; 1992), o conjunto de atividades produtivas e reprodutivas geradas na agricultura, leva ao desenvolvimento de diferentes graus de mercantilização. Na medida em que os agricultores integram-se no circuito mercantil, especializando-se em determinados processos produtivos ou etapas dele, cuja reprodução depende de insumos produzidos em outro setor e disponíveis no mercado, está-se gerando uma crescente complexificação da divisão social do trabalho. A produção na agricultura e a reprodução dos agricultores dependem cada vez mais de outros setores, a montante e a jusante do estabelecimento, conduzindo-os a um aumento no grau das inter-relações e de interdependência.

A inserção dos agricultores familiares do Alto Taquari na divisão social do trabalho é evidenciada em diversas situações, especialmente nas atividades integradas às agroindústrias, onde o estabelecimento de um contrato de produção implica na utilização de um *pacote* de insumos e implementação de um processo produtivo padrão. Até o produto chegar ao consumidor final outras etapas estão envolvidas e, desse modo, além do agricultor, outras pessoas trabalham na geração

⁷ Em recente trabalho publicado pela revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, da EMATER/RS, profissionais dessa instituição expõem um trabalho de resgate de cultivares de milho crioulo, afirmando que dentro da heterogeneidade de categorias que a agricultura familiar compreende, é possível presumir que os sistemas de cultivo, as formas de organização e as tecnologias de produção podem ser diversas, dentro dos diversos grupos e categorias sociais. Meneguetti, G. Girardi, J. Reginato, J. C. Milho crioulo: tecnologia viável e sustentável. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar. 2002.

desse produto. Na produção de frangos, por exemplo, numa situação onde houvesse a falta de insumos insumo, como a ração, ou o próprio frango, o processo produtivo, sob os moldes como está estruturado, ficaria inviabilizado. No entanto, a interdependência se mostra existente quando se avalia o processo inverso, pois, no momento em que faltam agricultores para conduzir o processo produtivo, outros setores serão afetados, tanto aqueles que produzem os insumos, quanto àqueles responsáveis pelo processamento da produção.

De acordo com Van der Ploeg (1992), os diferentes graus de mercantilização levam a conseqüências importantes, tanto sobre a forma de gestão adotada pelos agricultores, quanto sobre a forma em que se organiza o trabalho agrícola. Desse modo, a mercantilização apresenta-se de forma diferenciada entre os agricultores, de acordo com os fatores terra e trabalho existentes no interior da unidade familiar e do modo que estes são articulados com o ambiente externo. As estratégias de reprodução social e econômica dos agricultores, derivadas desse processo, resultam em distintas formas de relações com o circuito mercantil, tanto em nível de produção, quanto em nível de venda da força de trabalho. A mercantilização, portanto, conduz os agricultores a uma diferenciação social e econômica, sendo que, diferentemente do sentido leninista de diferenciação de classe, é uma diferenciação do modo em que os agricultores articulam suas estratégias de reprodução.

Com o advento da modernização da agricultura, no Alto Taquari, além de uma mudança em nível técnico-produtivo há uma transformação no modo de vida dos agricultores. As formas de sociabilidade existentes eram baseadas em relações de reciprocidade e solidariedade redefinem-se e passam a se desenvolver sob formas marcadas por relações mercantis. Esse fenômeno aproxima-se ao que Abramovay (1992), refere-se como uma transformação da agricultura camponesa para uma agricultura especializada. De acordo com o referido autor,

“aquilo que era antes de tudo um modo e vida, converte-se numa profissão, numa forma de trabalho. O mercado adquire a fisionomia impessoal com que se apresenta aos produtores numa sociedade capitalista. Os laços comunitários perdem seu atributo de condição básica para a reprodução material. Os códigos sociais partilhados não

possuem mais as determinações locais, por onde a conduta dos indivíduos se pautava pelas relações de pessoa a pessoa” (p. 126).

De acordo com afirmativa de Abramovay, a obtenção das condições de reprodução passa a depender cada vez mais da eficiência do processo produtivo, geralmente dependente das inovações tecnológicas ou da intensificação do trabalho e, portanto, dependente da monetarização das atividades.

Após a desagregação do sistema produtivo colonial, não há a superação de todas as características próprias dos colonos, mesmo que a mercantilização tenha levado a maior monetarização das atividades e um aumento da dependência dos agricultores familiares ao ambiente externo, ao cenário econômico e às políticas públicas, muitos elementos foram preservados. A título de exemplo, pode-se citar a propriedade da terra e a força de trabalho familiar. Do mesmo modo, mesmo que de forma redefinida, a agroindústria artesanal familiar e a produção para o auto-consumo continuam sendo próprias da agricultura familiar de David Canabarro e do Alto Taquari. Nesse sentido, verifica-se que a agricultura familiar é o resultado de um processo de transformação social. Embora vários elementos sejam preservados, a diminuição da relativa autonomia do sistema produtivo colonial alterará decisivamente a forma de reprodução das unidades familiares.

1.2.2. A família e as características familiares da reprodução social

Mesmo considerando que a mercantilização possui importante papel na reprodução da agricultura familiar, existem elementos “familiares” a serem considerados e discutidos. Por elementos familiares entende-se as condições e os recursos inerentes à família e que são próprios e diferenciados para cada grupo familiar, tais como a terra e a mão-de-obra existente. Além desses elementos, de acordo com Tedesco (1999), a reprodução social é derivada da racionalidade utilizada pela família, ou seja, “*das condições objetivas de enfrentamento e de adaptação, de que os agricultores dispõem, que intencionam e que, quando podem,*

realizam” (p. 16).

O estudo sobre a forma de organização da unidade familiar de produção na agricultura é amplamente analisada por Chayanov (1974), que afirma ser necessário uma teoria específica para a análise da unidade econômica camponesa, porque difere da unidade de produção capitalista pelo fato da força de trabalho estar associada à família, a única categoria de ingresso de recursos para o camponês. O salário, considerado como parte dos custos variáveis da empresa capitalista e ausente no cálculo da unidade de produção camponesa, não permite o cálculo capitalista de lucro. Entretanto, tomar o modelo do referido autor na sua totalidade, é estar se deslocando para uma forma explicativa desenvolvida para ser aplicada numa situação específica, no caso, o sistema de terras comunais (Mir) da Rússia. Todavia, a *família*, como unidade central de análise, e a *diferenciação demográfica* desse grupo, são idéias-chave muito importantes para o presente estudo.

A tese central de Chayanov refere-se ao *balanço subjetivo entre trabalho e consumo*. Propõe a análise dos processos de reprodução da unidade econômica camponesa e o estabelecimento da natureza da motivação da atividade econômica da família camponesa. Assim, o consumo da família, por um lado, é determinado pelo número de elementos da família. Sendo assim, na medida em que houver aumento da necessidade de consumo, deve haver, paralelamente, um aumento da intensidade de auto-exploração da força de trabalho. Nesse sentido, a motivação desse grupo social é o estabelecimento de um balanço entre a força de trabalho disponível e as demandas de consumo e está diretamente relacionado à diferenciação demográfica.

Esse aspecto pode apresentar-se de forma diferenciada no interior de cada família, visto que a sua quantidade e qualidade de mão-de-obra é variável no tempo. A diferenciação demográfica da família ocorre de acordo com o seu número de integrantes e a sua idade, ou capacidade de desenvolver trabalho. Desse modo, uma família pode diferenciar-se de outras por contar com mais elementos em capacidade máxima de realização de trabalho. A mão-de-obra familiar não é a única fonte, porém, constitui-se, em suas diferentes fases, em um aparato de trabalho disponível para ser utilizado no provimento de suas próprias necessidades. Além disso, as unidades familiares de produção diferenciam-se das demais unidades produtivas capitalistas por possuírem características específicas, como a associação entre a

detenção dos meios de produção e a execução das atividades agrícolas. Por terem origem na família, as decisões estão diretamente relacionadas aos proprietários dos meios de produção, havendo maior agilidade na tomada de decisões, uma certa flexibilidade na auto-exploração da força de trabalho e no estabelecimento de um nível de consumo. Nesse sentido, pode-se contar com mais uma idéia chave de Chayanov, onde a família constitui-se numa unidade econômica, pois é uma unidade central de produção e de consumo.

Essa idéia pode ser útil ao estudo empírico da agricultura familiar no Alto Taquari. Nessa região, muitas atividades no estabelecimento permitem que se utilize o trabalho de crianças ou idosos, outras, porém, necessitam ser realizadas por indivíduos com capacidade plena. Isso pode ser associado ao fato de que a família é constituída por categorias fixas, mas não imutáveis qualitativamente, como é o caso dos seus integrantes. Contudo, também é constituída por categorias variáveis, como a quantidade de trabalho empregado, o fluxo de recursos, o investimento em tecnologia e o nível de consumo. Nesse sentido, Chayanov (1974) afirma ser os fatores de ordem interna à família que determinam a sua possibilidade de reprodução, ou seja,

“por muito valor que atribuamos a influência do mercado, da extensão de terra utilizada ou a disponibilidade de meios de produção e a fertilidade natural, devemos reconhecer que a mão-de-obra é o elemento tecnicamente organizador de qualquer processo de produção. E posto que na unidade econômica familiar que não recorre à força de trabalho contratada, a composição e o tamanho da família determinam integralmente o montante de força de trabalho, sua composição e o grau de atividade, devermos aceitar que o caráter da família é um dos fatores principais na organização da unidade econômica camponesa”
(p. 47).

O autor procura demonstrar a existência de uma certa flexibilidade interna na unidade econômica camponesa. Mediante situações restritivas ou benéficas do ambiente externo, ou mesmo mediante o surgimento de novas situações internas, são formuladas as *estratégias de reprodução*, através do aumento da auto-exploração da força de trabalho e/ou pela redução do consumo. Todavia, sendo o agricultor um

produtor de mercadorias e estando ele inserido num ambiente de mercado, as mudanças e as situações no ambiente externo não transpõem a capacidade de flexibilização e controle. Essa realidade torna-se mais suscetível a ser modificada quanto maior for o grau de mercantilização em que está inserida a unidade familiar de produção. Atualmente, torna-se difícil estabelecer o que faz parte das *necessidades* da agricultura familiar, pois ela não se encontra isolada da sociedade capitalista e excluída da divisão social do trabalho. Suas necessidades são constantemente recriadas e a sua satisfação depende de outros fatores. Neste sentido, pretende-se utilizar as idéias de Chayanov, referentes à família, enquanto unidade central de análise, e à diferenciação demográfica, enquanto forma de organização do trabalho, para o estudo da agricultura familiar no Alto Taquari.

1.2.3. A agricultura familiar e o ambiente social e econômico

A abordagem teórica pertinente à presente pesquisa leva em consideração elementos intra-familiares tais como os apontados por Chayanov (1974), e aspectos relacionados ao ambiente sócio-econômico desenvolvendo-se sob um sistema crescente mercantilizado. A idéia de mercantilização de Van der Ploeg (1990; 1992) discutida anteriormente, é uma das noções explicativas que conseguem demonstrar a orientação das estratégias de reprodução da agricultura familiar moderna. Contudo, de acordo com idéias de Chayanov (1974), esse grupo social possui mecanismos próprios para a obtenção das condições de reprodução. Pode-se, desta maneira, tomar uma forma explicativa onde as estratégias de reprodução são formuladas de acordo com a maneira em que a família organiza o trabalho frente aos recursos existentes, estando constantemente suscetível à influência do cenário político, econômico e social do ambiente externo.

Como elementos internos à família pode-se conceber como sendo aqueles que estão diretamente ligados à sua organização, tanto no que se refere à distribuição das tarefas entre os seus integrantes, quanto no sentido da estruturação física do estabelecimento. No entanto, tais aspectos sofrem constante interação com elementos que atuam de fora para dentro, tais como políticas agrícolas, tipo do vínculo

mercantil estabelecido, acesso a assistência técnica, entre outros. Um aspecto relacionado ao ambiente externo que pode ser tomado como exemplo da importância desses elementos na reprodução da agricultura familiar são as políticas relacionadas à agricultura. Um caso concreto é o papel da política agrícola sobre modernização da agricultura no Rio Grande do Sul. O papel do Estado na mudança do modelo de produção vigente na agricultura gaúcha até a década de 1960, através de mecanismos institucionais e instrumentos de política agrícolas, é sintetizado por Schneider (1999). Segundo o referido autor

“De um modo geral, esses instrumentos materializam a proposta básica do modelo econômico desenvolvimentista para o setor agropecuário brasileiro como um todo. Há pelo menos quatro aspectos que são de fundamental importância para explicar a rápida expansão da sojicultura nos estados no Brasil meridional a partir de 1960. Primeiro, a entrada das grandes empresas multinacionais fabricantes de máquinas e implementos agrícolas; segundo, a disseminação do uso de insumos industriais como os agrotóxicos (herbicidas, pesticidas, fungicidas, etc.) e adubos químicos; terceiro, a demanda internacional pelo produto e as condições favoráveis à exportação e, finalmente, o quarto aspecto, ‘que foi a pedra fundamental’ de todo o processo, a criação do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR)” (p. 85-6).

De acordo com a afirmação anterior, os produtores passam a fazer parte de um novo sistema de organização da produção na agricultura, baseado em utilização de tecnologias modernas. O modo de vida e o sistema produtivo colonial cedem espaço para a agricultura modernizada, operando-se uma transformação no conjunto de fatores envolvidos no seu processo de reprodução. Os aspectos internos mais relevantes à reprodução da agricultura familiar ficam em torno do tamanho e da qualidade da área disponível e da composição demográfica da família. No seu conjunto, esses elementos representam as possibilidades que uma determinada família tem de fazer frente à satisfação de suas necessidades e obter as condições de reprodução social. As variáveis terra e trabalho, são os elementos importantes na diferenciação social da agricultura familiar, pois dão origem a diversas formas de

produção na agricultura. No que à organização do trabalho, além do seu aspecto qualitativo implicar na possibilidade ou não de emprego na agricultura, ela é um fator que eventualmente pode ser deslocado para atividades fora da agricultura, como é o caso dos indivíduos pluriativos.

Muito embora uma das características centrais da agricultura familiar ser a organização do trabalho com base na família, não significa pensar que não hajam formas associativas de organização da produção. Em muitos casos, as famílias buscam nessa forma a possibilidade de obter sua reprodução social, através, por exemplo, de investimentos para uma melhor otimização dos recursos existentes em cada estabelecimento, como é o caso das associações de máquinas, associações de comercialização de produtos, entre outras. Todavia a organização entre as famílias ou das famílias com outros atores sociais locais, como comerciantes e técnicos, não depende da decisão de um único grupo familiar e, por isso, pode ser considerada como própria do ambiente externo. De acordo com Abramovay (1999b), a organização de um grupo de atores sociais em torno de um objetivo comum é conhecido como *Capital Social*.

A noção de capital social permite ver que os indivíduos não agem independentemente, que seus objetivos não são estabelecidos de maneira isolada e nem sempre são estritamente egoístas, ou seja, o seu surgimento aparece como instrumento para a solução dos dilemas da ação coletiva.

(...) O capital social é um conjunto de recursos (boa parte dos quais simbólicos) de cuja apropriação depende em grande parte o destino de certa comunidade. Um conjunto de recursos e de poderes efetivamente utilizáveis, cuja distribuição social é necessariamente desigual e dependente da capacidade de apropriação de diferentes grupos. Corresponde a recursos cujo uso abre caminho para o estabelecimento de novas relações entre habitantes de uma determinada região (...) O território, mais que uma simples base física para as relações entre indivíduos e empresas, possui um tecido social, uma organização complexa feita por laços que vão muito além de seus atributos naturais e dos custos de transportes e de

comunicação. Um território representa uma trama de relações com raízes históricas, configurações políticas e identidades que desempenham um papel ainda pouco conhecido no próprio desenvolvimento econômico (p. 6-8).

A idéia de capital social é importante para entender a reprodução da agricultura familiar no Alto Taquari. Essa idéia é especialmente pertinente para abordar a participação de outros atores sociais nesse processo, como a extensão rural, sindicatos, prefeituras, igreja e outras lideranças locais.

A perspectiva de entender a reprodução da agricultura familiar como o resultado da interação de um conjunto de fatores, é desenvolvida por Munton e Marsden (1991). Segundo os autores,

“Precisamos enfatizar a contínua transformação da agricultura familiar, e não sua resiliência enquanto uma forma de produção. O esforço de investigação precisa se debruçar sobre as oportunidades e limitações com as quais a unidade familiar se vê confrontada, e sobre as concessões que as famílias de agricultores constantemente se vêem forçadas a fazer em resposta às pressões internas e externas de mudança às quais se vêem expostas. As análises podem, então, incorporar as relações internas à unidade produtiva, principalmente no que se refere às questões geracionais e de gênero, bem como as relações que se estabelecem entre a unidade produtiva e os capitais externos. É este conjunto complexo de interações, que se desenvolve em condições locais e históricas específicas, que deve servir de foco para o estudo da natureza e da dinâmica da agricultura familiar.” (Munton e Marsden, 1991, p. 109, apud Schneider, 1999b, p. 109-10).

Os elementos exógenos à reprodução da agricultura familiar são muito diversos e seu grau de participação está relacionado ao ambiente com que ela está inserida, bem como a forma que ocorre a interação com os elementos internos. De acordo com Schneider (1999), dentre outros se destacam, em primeiro lugar, *as políticas agrícolas vigentes e formas de acesso do crédito*, tendo em vista o seu papel importante no processo de modernização da agricultura brasileira e enquanto

incentivo de permanência da população na agricultura. Um exemplo desse aspecto é a existência de uma linha de crédito específica para a agricultura familiar, o PRONAF, onde a escolha dos beneficiados ocorre com base na renda da família.

Em segundo lugar, *a natureza dos vínculos mercantis estabelecidos*, por vezes, determina a forma de condução dos processos produtivos, o aparato tecnológico e conseqüentemente, a interdependência com outros setores. No caso das agroindústrias, o estabelecimento de um contrato formal determina se o agricultor poderá estar integrado ao padrão esquema produtivo da agroindústria.

Em terceiro lugar, *a localização em relação aos mercados*, determina não somente o estabelecimento de vantagens comparativas diante de um ambiente de crescente competitividade, como também o tipo de atividade que poderá ser desenvolvida. Um exemplo que vai de encontro a essa afirmativa, é o fato de, no Alto Taquari, a produção de uva tendo como objetivo a venda ter pouca importância enquanto atividade econômica. De acordo com dados do Censo Agropecuário de 1995, nessa região, menos de 0,5% dos estabelecimentos dedicam-se a essa atividade com o objetivo de vender o produto. Desse pequeno percentual de estabelecimentos, metade localiza-se no município de São Valentim do Sul, localizado próximo da microrregião Vitivinícola de Caxias do Sul. Todavia, isso não quer dizer que a atividade não faça parte da vocação dos produtores do Alto Taquari, ou mesmo que as condições climáticas sejam desfavoráveis; pois, de acordo com o Censo Agropecuário de 1995, 23% dos agricultores produzem vinho no estabelecimento e em alguns municípios, como Dois Lajeados, esse percentual chega a 49%. Um outro exemplo se refere à avaliação que as agroindústrias fazem das condições do produtor em conduzir o processo produtivo, sendo que dentre os diversos critérios, está a sua localização em relação às condições de acesso. Os locais de menor dificuldade de acesso são quistos pelas agroindústrias, especialmente para a agroindústria de frango, que necessita com maior freqüência transportar insumos e a produção.

A partir dos exemplos apresentados anteriormente, pode-se perceber que a agricultura familiar, inserida na divisão social do trabalho, tem sua reprodução estreitamente relacionada a uma série de elementos, muitos dos quais fora do alcance de decisão desse grupo social. Todavia, a organização da produção e do trabalho com

base na família tem lhe conferido uma capacidade de reproduzir-se mesmo em situações adversas.

1.3. A microrregião do Alto Taquari como território de diferenciação da agricultura familiar

Como foi abordado anteriormente, a reprodução da agricultura familiar ocorre mediante a formulação de um conjunto de medidas chamadas de estratégias de reprodução, formuladas tanto a partir dos recursos de cada família, quanto pelas dinâmicas próprias do ambiente social e econômico em que estão inseridas. Entre um território e outro, as condições de reprodução da agricultura familiar tendem a assumir características próprias, tendo em vista as inúmeras especificidades nele existentes. Nesta seção, pretende-se apresentar um referencial para investigar as transformações em que a agricultura familiar está inserida, a fim de tentar uma aproximação com as teorias sobre a agricultura familiar. Busca-se apresentar uma discussão acerca das implicações de elementos do espaço na emergência de processos sociais e econômicos como a pluriatividade, de modo a ser possível analisar o papel do território na formulação das estratégias de reprodução dos agricultores familiares no período recente.

Para compreender a dinâmica local e territorial do Alto Taquari é necessário que seja verificada a importância que o território exerce na emergência de dinâmicas sociais, dos processos produtivos e da organização do trabalho. Desse modo, para abordar os aspectos referentes à dinâmica territorial pretende se utilizar das idéias de Santos (1985; 1986; 1988).

1.3.1. O espaço regional, as dinâmicas territoriais e as estratégias de reprodução

A delimitação de um determinado espaço pode se dar obedecendo a critérios naturais, como ecossistemas locais, critérios políticos, como municípios, estados e

países, critérios sociais, relativos a determinados grupos sociais e culturais, a grupos étnicos, costumes, etc. No presente estudo, essa delimitação já é feita sob o ponto de vista político-administrativo, ao se determinar o universo de municípios submetidos à análise. No entanto, a delimitação sob o ponto de vista dos recursos naturais para a explicação de determinado fenômeno, pode ser feita no interior da própria microrregião. Nesse sentido, pode-se pensar o território da exploração de basalto dentro do espaço da microrregião.

De acordo com Santos (1988), o espaço, sob o ponto de vista político, é sinônimo de território. Uma categoria universal preenchida por relações permanentes entre elementos que atravessam o tempo. De acordo com o referido autor, *“o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”* (p. 26).

A associação entre os elementos naturais e antrópicos é uma das idéias centrais para entender o sentido que o espaço assume neste trabalho. De acordo com Santos (1988), os elementos fixos presentes no espaço, como os recursos naturais e pessoas, são permeadas por fluxos: *“fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas”* (Santos, 1988, p. 77). Sendo assim, pode-se entender como elementos fixos do território, por exemplo, o tipo e a forma de afloração rochosa presente em alguns municípios. Como fluxos, podem ser consideradas as vias de acesso, que possibilitam o seu escoamento.

De acordo com Santos (1988), ao mesmo tempo em que a presença do homem é determinante na conformação do espaço, na alteração da paisagem, na sua reestruturação, o meio natural, por sua vez, também tem as suas prerrogativas, impondo ao homem limites e obstáculos à sua sobrevivência. Nesse sentido, pode-se pensar o espaço como sendo constituído por fatores que historicamente foram se conformando de forma diferente de outros espaços. Esse diferencial é que pode levar ao desenvolvimento desigual. Santos (1986) afirma que o espaço é o resultado de um processo histórico, ou seja,

“o espaço deve ser considerado um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais de passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante de nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares” (p. 122).

A especificidade no desenvolvimento de atividades não-agrícolas ligadas à extração da rocha basáltica por agricultores familiares em alguns municípios do Alto Taquari é derivada de particularidades geológicas existentes nesse ambiente. Todavia, a existência desse recurso natural no local não implicam, necessariamente, em sua exploração em todo o território. Para que isso ocorra, é necessário que se desenvolva um conjunto de relações sociais e econômicas e que hajam estruturas apropriadas às suas necessidades. O desenvolvimento da atividade de extração do basalto no Alto Taquari ocorre, em primeiro lugar, devido à existência da rocha com determinadas características. Do mesmo modo, é necessário também trabalhadores que dominem as técnicas de extração, de estruturas de fomento, como as vias de acesso adequadas às necessidades de escoamento da produção, órgãos e instrumentos de controle do desenvolvimento do processo, nesse caso, as instituições de fiscalização, a legislação ambiental e, finalmente, que haja demanda pelo produto originário dessa atividade.

A extração de pedras de basalto só se tornou possível mediante uma condição pré-existente, ou seja, uma rocha matriz localizada próxima à superfície e estruturada em camadas, o que facilita a sua remoção. Essa forma de estruturação da rocha em camadas sobrepostas foi o principal fator que permitiu que a sua extração fosse iniciada pelos próprios agricultores. O desenvolvimento dessa atividade permitiu uma redefinição da representação do território enquanto elemento presente na conformação do cenário de fatores responsáveis pela formulação das estratégias de reprodução da agricultura familiar. De acordo com Santos (1986),

“o espaço não se desfaz paralelamente aos processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que criam as novas formas para se inserir dentro delas” (p. 138).

O fato de o espaço ser único, não nos impede de distinguir as suas frações (estabelecimentos rurais, estradas, condutos, vias e meios de comunicação) utilizadas para permitir que a produção e os seus fatores nele circulem. A precariedade dessas frações pode levar a uma divisão territorial da distribuição, renunciando a uma determinada área e concentrando as atividades numa porção do território. Isso explica o porquê de certos locais terem presente o recurso e, no entanto, a implementação da atividade permanecer retraída. Essa idéia será útil para explicar a concentração da atividade ligada à extração do basalto em alguns municípios, enquanto outros, mesmo tendo potencial ou recursos naturais, a atividade desenvolve-se de forma pouco significativa.

1.4. A pluriatividade no Alto Taquari

Na microrregião do Alto Taquari, aspectos territoriais têm tido importante presença na conformação de processos sociais. Dentre eles pode-se destacar a exercício de atividades não-agrícolas pelos agricultores na extração de pedras de basalto. Nesse sentido, a partir das idéias de Schneider (1994; 1999; 1999b; 2000), pretende-se discutir a emergência da pluriatividade e o seu papel no processo de desenvolvimento regional.

A pluriatividade é um fenômeno que ocorre em praticamente todo o estado do Rio Grande do Sul, desenvolvendo-se de acordo com as particularidades dos elementos de cada território e resultando em processos produtivos diferenciados. Em estudos sobre a agricultura familiar Schneider (1994; 1999; 1999b) identifica diversas formas de organização do trabalho agrícola e não-agrícolas pelos

agricultores. O que pretende-se demonstrar neste trabalho, processos sociais ocorridos em uma região ainda pouco estudada.

No Alto Taquari, desenvolve-se diversas situações onde agricultores dedicam-se a atividades não-agrícolas. Dentre as diversas atividades existentes, destacam-se a extração de basalto, a costura de bolas de futebol e o trabalho em fábricas de calçado. Na extração de basalto e na costura de bolas de futebol a principal forma de trabalho é por unidade produzida, sendo que a costura de bolas ocorre no próprio domicílio. O trabalho em fábrica de calçados ocorre através da forma de pagamento de salário.

Em razão das fortes transformações operadas sobre a agricultura, especialmente a partir da década de 1960, no Rio Grande do Sul, ocorrem significativas alterações nas formas de ocupação e emprego. De acordo com Schneider e Navarro (1999) a PEA, diretamente ocupada na agricultura entre os anos de 1992/97, apresentou índices de redução, com expressivos $-2,8^{a a}$. Por outro lado, o cenário para as atividades não-agrícolas apresenta tendência inversa. No mesmo período, os principais ramos de atividades não-agrícolas que cresceram no meio rural foram os seguintes: ramo da prestação de serviços, com crescimento de $3^{a a}$; ramo de serviços auxiliares de atividades econômicas, com crescimento de $19.1^{a a}$ e ramo de transporte e comunicação, que aumentou $7,4^{a a}$.

Tendo em vista os elementos apresentados anteriormente, serão levantados alguns aspectos pertinentes ao entendimento da pluriatividade enquanto estratégia de reprodução utilizada por agricultores da microrregião do Alto Taquari. Não será feita uma revisão sobre o tema, haja vista, que esta tarefa está amplamente contemplada na literatura. A pluriatividade é um termo designado para referir-se aos agricultores que combinam a atividade da agricultura com outra atividade, independente se é dentro ou fora da propriedade.

trabalhos extra-agrícolas. Na literatura nacional e internacional, existem diversas denominações para esse processo. Anjos (1996), utiliza a denominação de *agricultura em tempo parcial*, todavia, segundo o autor, entre outras, as formas através das quais os autores definem o exercício de atividades não-agrícolas por agricultores são: “*part time farming*”, *worker-peasant*, *pluriactivity*, *five o'clock*

farmer, *multiple job holding*, *colono-operário*, *trabalhador de dupla jornada* (p. 2).

O processo de desenvolvimento de atividades não-agrícolas é conhecido como pluriatividade. De acordo com a definição apresentada por Schneider (2000), pluriatividade

“é uma estratégia de reprodução social de unidades que se utilizam fundamentalmente do trabalho da família, em contextos onde sua integração à divisão social do trabalho não decorre exclusivamente dos resultados da produção agrícola mas, sobretudo, através do recurso às atividades não-agrícolas e mediante a articulação com o mercado de trabalho (p. 3).

A emergência da pluriatividade, de acordo com Schneider (1999b; 2000), é fruto da emergência de novos processos sociais, onde são criadas situações em que é permitido que o agricultor dedique menos tempo à agricultura e possa, com isso, desenvolver atividades fora dela. No estudo do processo de transformação da agricultura familiar na região colonial alemã, verifica-se que a emergência da pluriatividade ocorre associada ao surgimento de um processo de desenvolvimento da indústria coureiro-calçadista. Nas microrregiões do Vale dos Sinos, Encosta da Serra, Vale do Caí e Vale do Taquari, a partir da década de 1970, ocorrem situações específicas de desenvolvimento local, onde há o surgimento de uma articulação social e econômica entre as indústrias de calçados e a agricultura familiar da região, da qual surgem novas formas de trabalho e produção.

De acordo com Schneider (1999b), dentre os fatores que contribuíram para a emergência da pluriatividade no meio rural destacam-se os seguintes: primeiro, em determinados locais, como no interior de São Paulo, a pluriatividade emerge em decorrência de processos de “urbanização do campo”, ou seja, a expansão de novas atividades para o meio rural que pouco ou nada têm a ver com a produção agropecuária *stricto sensu*; segundo, decorre da crise da agricultura, especialmente, a partir da abertura comercial dos anos noventa, onde essa transformação estrutural tem como efeito a que na rentabilidade dos principais produtos da agropecuária brasileira e; terceiro, decorre dos limites do emprego agrícola frente a alta taxa de

ociosidade tecnológica e ao subemprego, vigentes na agropecuária brasileira (Schneider, 1999b, p. 187-9)

Em David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari, como será visto no capítulo quatro, a modernização da agricultura conduz os agricultores familiares a uma forte mudança nas técnicas de manejo e nos sistemas agrícolas implementados. Em decorrência das transformações ligadas ao cenário da agricultura, através da interação entre fatores internos e externos à família, conforme já abordado anteriormente, ocorre um processo de diferenciação da agricultura familiar, resultando em diferentes tipos de agricultores, dentre eles, os pluriativos. Para Van der Ploeg (1990; 1992), a forma em que o processo de mercantilização se desenvolve, está ligada a uma crescente inserção dos agricultores na divisão social do trabalho via integração nos circuitos mercantis. No entanto, essa integração pode se apresentar relacionada ao processo produtivo ou mesmo através da venda da força de trabalho. A integração às agroindústrias constitui-se como uma forma de trabalho, onde a família apresenta um grau muito elevado de mercantilização do processo produtivo, tendo em vista a forte dependência da atividade desenvolvida na agricultura por etapas anteriores e posteriores a esta. Todavia, na pluriatividade, quando o agricultor familiar vende a sua força de trabalho, ocorre o grau mais elevado de mercantilização do trabalho.

De acordo com Schneider (2000), as estratégias são o resultado de um conjunto de escolhas frente a condicionantes externos, onde a tomada de decisão tanto dos indivíduos quanto das famílias,

“possuem um referencial que na prática se materializa através das relações sociais, econômicas e culturais em que vivem. Assim, embora se tratem de estratégias conscientes e racionais, essa consciência é mediatizada por uma racionalidade informada pela realidade que tanto é a expressão das relações materiais presentes como daquelas herdadas de seu passado e transmitidas culturalmente. Desse modo, as estratégias não são causais ou teleológicas, mas resultado da ação humana frente às contingências e situações objetivas” (p. 10).

O estudo do exercício da pluriatividade neste trabalho, portanto, pretende contemplar como esta se desenvolve em David Canabarro e no Alto Taquari, enquanto estratégia de uma forma diferenciada de produção familiar na agricultura. As variáveis a serem identificadas são os diferentes tipos de atividades desenvolvidas e as diferentes formas de trabalho empregadas, bem como, o seu significado no processo de diferenciação da agricultura familiar local.

O referencial teórico, desenvolvido anteriormente, buscou apresentar uma forma de entender a agricultura familiar. Buscou-se demonstrar os principais conceitos e uma abordagem referente às suas estratégias de reprodução. Mediante uma forma própria de organização do trabalho, baseada principalmente na mão-de-obra existente na família, e mediante as constantes transformações existentes na própria sociedade, a agricultura familiar formula suas estratégias de reprodução, um conjunto de ações que visa a manutenção das necessidades da famílias e da reprodução dos recursos existentes no estabelecimento. Na medida em que o ambiente social e econômico em que os agricultores estão inseridos modifica-se e torna-se mais complexo, ocorre uma transformação no modo em que os agricultores buscam reproduzir-se social e economicamente. Como será visto nos capítulos seguintes, os agricultores familiares do município de David Canabarro e no Alto Taquari desenvolvem-se sob um processo de crescente mercantilização, onde o sistema agrícola colonial, especialmente a partir de meados da década de 1960 e início da década de 1970, tem seu caráter semi-autônomo crescentemente transformado para uma agricultura mais mercantilizada. Muitos sistemas agrícolas voltados para o auto-consumo, passam a ser praticados com o objetivo da venda no mercado. A reprodução dos agricultores, desse modo, passa a estar mais relacionada e dependente de fatores que estão além da sua possibilidade de decisão. Esse novo cenário é que vai levar os colonos instalados no Alto Taquari a uma crescente diferenciação social, na medida em que há uma diferenciação nas estratégias de reprodução desenvolvidas por eles.

CAPÍTULO 2

Os colonos e o sistema produtivo colonial no Alto Taquari

O estudo do surgimento e da consolidação do grupo social chamado agricultura familiar na microrregião do Alto Taquari é uma tarefa que encontra, nesse ambiente social, um espaço privilegiado, tanto pela sua relevância sócio-econômica para o desenvolvimento local, quanto pelo nível das transformações ocorridas envolvendo essa categoria, especialmente nas últimas três décadas. Em termos numéricos, com base no Censo Agropecuário de 1996, verificou-se que 93% dos estabelecimentos agrícolas têm como pessoal ocupado o responsável e sua família, correspondendo a 88% do total do pessoal ocupado na agricultura. Todavia, a atual magnitude que esse grupo social representa na região, na forma como a reprodução dos recursos naturais é estabelecida, nos processos produtivos e na exploração econômica implementados, tem uma origem fortemente ligada à imigração italiana no Rio Grande do Sul. Esse processo é um base muito forte na configuração da atual estrutura político-administrativa, fundiária e social da microrregião do Alto Taquari.

Tendo realizado uma discussão acerca do escopo teórico que irá nortear o presente estudo, abordado no capítulo anterior, buscou-se levantar alguns elementos teórico-conceituais que permitissem entender a reprodução social e econômica da agricultura familiar. Neste capítulo, o objetivo é a origem da agricultura familiar, resgatando os processos sociais e econômicos do período da agricultura colonial, de modo que se possa verificar como se deu a conformação dos principais elementos internos que hoje participam no modo como se dá a reprodução desse grupo social. Sendo assim, não pretende-se fazer um histórico da colonização italiana no Alto

Taquari, tendo em vista que essa tarefa já foi realizada por outros autores, tais como Frosi e Mioranza (1975) e De Boni (1987; 1990). A bibliografia referente à colonização, todavia, será um dos referenciais para auxiliar no objetivo deste capítulo, que é entender a forma como se desenvolvia a reprodução social dos colonos durante o período da agricultura colonial. O período referido, vai desde a colonização do Alto Taquari, no início do século XX, até aproximadamente meados da década de 1960.

Implementado pelo Estado brasileiro no final no final do século XIX, o processo social de imigração italiana foi um fator determinante na forma como ocorre a ocupação do espaço no Alto Taquari, a partir de 1875, no Rio Grande do Sul. A origem do grande número pequenos estabelecimentos rurais (que caracterizam a grande parte da metade norte do estado) e a sua forma de dispersão está no modelo de colonização da época. Para se ter uma idéia da realidade recente da estrutura fundiária do Alto Taquari, pode-se tomar como referencial dados disponíveis no Censo Agropecuário de 1995/96, onde se verifica que 94% dos estabelecimentos possuem área de até 50 hectares. Da mesma forma, a gênese político-administrativa do local tem muita relação com a forma como se deu a colonização, haja visto que dos núcleos coloniais, povoados e comunidades, surgiram a maior parte dos municípios constituintes do território do Alto Taquari.

A partir do estudo sobre a forma como se desenvolveu a imigração no estado, o modelo de organização fundiária das colônias e das regiões onde ocorreram as migrações internas, bem como no modo em que se organiza o trabalho na família dos colonos, pode-se ter mais claro sob que base foi implementada a modernização da agricultura no local. A partir disso, pensa-se ser possível verificar o desenvolvimento das estratégias de reprodução mais recentes.

2.1. Imigração no Brasil

Depois da independência do Brasil, o termo “colônia” passa a significar terras despovoadas, para as quais são encaminhados imigrantes estrangeiros, cumprindo funções do tipo produtiva/econômica, valorizações fundiárias e/ou estratégicas. Quando o Brasil era Colônia de Portugal, a imigração de estrangeiros e a concessão de terras para os mesmos não encontraram estímulo por parte do Império Português.

Foram os casais de açorianos os primeiros a receberem terras e subvenções reais para sua vinda e manutenção. Posteriormente, na fase inicial de colonização alemã, até a promulgação da Lei de Terra, os alemães também receberam os lotes coloniais do Estado.

A ocupação do Rio Grande do Sul, uma região limítrofe do Império Brasileiro, ocorre com objetivo de defesa das fronteiras e de exploração econômica. As primeiras atividades econômicas implementadas no estado tem início com a exploração da erva-mate pelos índios, exploração de gado por tropeiros e a produção de trigo⁸. Posteriormente, com a imigração de europeus há uma diversificação das atividades implementadas na agricultura, visto que a produção de uma ampla variedade de produtos era a base da subsistência das famílias de colonos.

Tendo em vista que durante o início da imigração as zonas de campo, localizadas no sul do estado e nos Campos de Cima da Serra, já estavam ocupadas por grandes proprietários, criadores de gado, as áreas onde foram demarcadas as colônias eram cobertas por mata. Em 1824 teve o início da imigração alemã, organizando-se a primeira colônia no estado, hoje município de São Leopoldo.

A imigração de europeus para o Brasil, sob o ponto de vista político, ocorre em dois momentos: um, sob a organização do Estado, que vai de 1824 até 1889 e outro, organizado por empresas particulares, que vai de 1889 até 1914. Sob responsabilidade do Estado, o processo de colonização dividiu-se em dois momentos, sendo que até 1848 ocorria sob a coordenação do império e após esse período, a coordenação foi transferida para as províncias (Roche, 1969, p. 94, v. I).

Um momento muito importante no que se refere ao acesso à terra no Brasil foi a criação da lei 601, de 18 de setembro de 1850, onde, segundo o Art. 1º da Lei de Terras, ficava proibida a aquisição de terras devolutas por outro título, exceto por compra. O acesso à terra antes disso, dava-se via concessão pelo Estado. Até o ano de 1822, a terra era concedida a alguns “fidalgos” e, após a independência do Brasil, passa a ser doada, para pessoas ligadas ao império e para estrangeiros. Segundo Martins (1973), a Lei de Terras elaborada pela Câmara dos Deputados do Império representa, basicamente, a preocupação com a transição do trabalho escravo para o

⁸ Com relação ao trigo, foi no final do século XVIII, com a instalação dos açorianos, que sua produção passa a ter maior expressão.

trabalho livre, ou seja, a preocupação efetiva com a questão da força de trabalho na região cafeeira. Após a promulgação da Lei de Terras, ao tornar-se mercadoria, a terra passou a ter valor de troca. Para aumentar a sua procura e, por isso, o seu preço, seria indispensável aumentar o número de possíveis compradores. Os trabalhadores estrangeiros tinham a possibilidade de ter posse sobre um lote de terra que lhes garantisse o sustento. A partir de então, tanto governo quanto empresas particulares vão se interessar pela vinda de “colonos”. Os seus objetivos eram diferentes, porém a meta era comum, ou seja, o povoamento do país com imigrantes estrangeiros.

Entende-se que a criação da Lei de Terras estava vinculada à disponibilidade de mão-de-obra, num momento em que a Inglaterra exercia fortes pressões para a abolição do tráfico de escravos. De acordo com Martins (1973), o sentido da imigração, a partir de 1870 (período em que se inicia a imigração italiana para o Brasil), foi a substituição do trabalho escravo. Apoiando-se inteiramente neste, a agricultura brasileira de exportação, especialmente o café, através dos seus representantes no cenário político nacional, viu-se compelida a uma reorganização institucional no país, devido bloqueio inglês do tráfico de mão-de-obra escrava. A falta de renovação permanente do “estoque” de mão-de-obra, aliado ao crescimento da procura, aumentou o custo do trabalhador. Assim, em longo prazo, a utilização de escravos pela agricultura de exportação se tornaria um negócio anti-econômico. O escravismo, então, entra em crise e sua abolição definitiva (1888) ganha legitimidade.

A imigração de europeus para o sul do Brasil desenvolve-se no sentido de ocupar uma lacuna deixada pela estrutura produtiva vigente, que se voltava para a criação de gado, no caso do sul, ou para as fazendas de café, no centro do País. A produção de alimentos para abastecer a população era uma necessidade a ser suprida; no entanto, a escassez de mão-de-obra nas fazendas de café era um problema que preocupava a elite brasileira do centro do país. A imigração italiana ocorrida nesse período, portanto, apresenta uma diferença significativa quanto ao seu objetivo: deveria fornecer mão-de-obra para as lavouras de café no centro do país⁹ e, no Rio Grande do Sul, deveriam ser estabelecidos núcleos coloniais para a produção de

⁹ Paralelamente ao trabalho nas lavouras de café, os imigrantes que se deslocaram para áreas localizadas no centro do país também se dedicavam à produção de alimentos, utilizado para o auto-consumo e destinando-se à venda o excedente.

alimentos aos mercados emergentes regionais e do centro do país. De acordo com Waibel (1979, p. 231), os colonos deveriam ser instalados nas zonas de mata, no sul do Brasil, a fim de serem pequenos proprietários, que cultivassem com a ajuda de suas famílias e que não estivessem interessados no trabalho escravo ou na criação de gado.

2.2. Breve reconstituição da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul

A imigração de europeus e as migrações internas ocorreram devido à presença do que Waibel chamou de “zonas pioneiras”. De acordo com Waibel (1955, p. 4), a noção de *zona pioneira* é descrita como sendo “*uma zona, mais ou menos larga, que se intercala entre a mata virgem e a região civilizada*”. Para Waibel (1979), a imigração, tanto alemã quanto italiana, constituiu-se como um ato de pioneirismo, que nega processos anteriores para afirmar os novos, onde a terra passa a ser valorizada (inclusive como mercadoria); particulares passam a adquirir áreas de terras com o objetivo único de revendê-la para os colonos, a mata é derrubada e em seu lugar surgem lavouras, ruas, casas, povoados e cidades são construídas. As zonas pioneiras, no Rio Grande do Sul, eram as áreas de terra, geralmente cobertas por matas, ainda possíveis de serem ocupadas (compradas) pelos imigrantes e descendentes.

A fim de que o processo de imigração italiana para o Rio Grande do Sul pudesse ter início legal, no ano de 1870 o Governo da Província requereu do Governo Central, dois territórios de planalto: as colônias de Conde d’Eu (Garibaldi) e Dona Izabel (Bento Gonçalves) (Lazzarotto, 1978, p. 70). Em 1870 e 1871, são formadas três colônias: Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi, situadas na serra gaúcha, em altitudes ente 600 e 800 metros, nas terras de mata dos afluentes meridionais do curso superior do Rio Taquari (Waibel, 1979, p. 235).

A imigração italiana foi resultado de um conjunto de fatores e interesses que se apresentavam tanto no Brasil quanto na Itália. Do lado do Brasil, havia um forte interesse em continuar recebendo imigrantes, visto que os resultados obtidos nas

colônias alemãs eram satisfatórios e, para o governo da época, as imensas regiões de mata deveriam ser ocupadas. Do lado italiano, dentre os principais motivos que levaram a uma repulsão populacional, pode-se destacar as guerras de unificação e a expansão do capitalismo europeu. Acerca desse processo, segundo Hutter (1987, p. 75), a questão estava relacionada à oferta e demanda por mão-de-obra em nível global.

Figura 2. Imigração: regiões mais representadas na emigração para a região nordeste do Rio Grande do Sul, em escala decrescente.



Fonte: Frosi & Mioranza, 1975, p. 24.

As regiões localizadas ao norte da Itália, local de origem da maior parte dos imigrantes, eram subdesenvolvidas e em condições de feudalismo decadente. Com a unificação italiana, sob ponto de vista sócio-econômico, há a perda do mercado mais poderoso para a colocação de mão-de-obra e produtos, a Áustria. Além disso, no processo de industrialização, a importação de matéria prima, como é o caso da lã oriunda da Austrália, acabou com o pequeno excedente artesanal dos agricultores. Somado a isso, havia problemas com a alta taxa de natalidade que, juntamente com

os demais fatores, conformam o quadro de repulsão. Na figura a seguir, tem-se a representação das regiões de onde há o maior índice emigratório.

No Rio Grande do Sul, a zona na qual os italianos se estabeleceram abrangia uma área de aproximadamente 370 mil hectares (Hutter, 1987, p. 87). O primeiro lugar de chegada de imigrantes foi Nova Milano, atual município de Farroupilha, em 20 de maio de 1875. Em 27 de agosto do mesmo ano colonizaram Conde d'Eu, atual município de Garibaldi, e dali partiram 48 pessoas para Dona Isabel, atual município de Bento Gonçalves (Lazzarotto, 1978, p.71).

O ambiente encontrado pelos imigrantes nesses locais era de grande dificuldade. O elevado grau de declividade tornava as terras pouco aptas à prática da agricultura. Outro fator que dificultava o desenvolvimento das colônias eram as precárias condições de acesso, resultado dos precários recursos técnicos para realizar a construção de estradas no meio da mata, o que dificultava o deslocamento e transporte de mercadorias, tornando a compra e venda de produtos dependente da ação de intermediários. Do interior das colônias a produção era transportada até o porto fluvial de São Sebastião do Caí. Posteriormente, segundo Roche (1969), no ano de 1910 alguns municípios, como Caxias do Sul e Bento Gonçalves, recebem ligação de acesso através de ferrovia. Na figura a seguir, pode-se verificar os municípios que compreende a região de colonização italiana da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul.

Figura 3. Imigração: mapa dos municípios de colonização italiana na serra gaúcha.



Fonte: Frosi e Mioranza, 1975, p. 57.

A disposição dos municípios apresentados na figura 2 obedece a ordenação demonstrada no quadro a seguir. Todavia, deve-se levar em consideração o fato de que muitos destes municípios já foram desmembrados e dando origem outros. A microrregião do Alto Taquari compreende à faixa assinalada.

Quadro 2. Relação de municípios constituintes da região de colonização italiana na serra gaúcha - 1975.

1. Anta Gorda	8. Ciríaco	15. Ilópolis	22. Paraí
2. Antônio Prado	9. David Canabarro	16. Marau	23. Putinga
3. Arvorezinha	10. Encantado	17. Muçum	24. São Marcos
4. Bento Gonçalves	11. Farroupilha	18. Nova Araçá	25. Serafina Corrêa
5. Carlos Barbosa	12. Flores da Cunha	19. Nova Bassano	26. Veranópolis
6. Casca	13. Garibaldi	20. Nova Bréscia	
7. Caxias do Sul	14. Guaporé	21. Nova Prata	

Fonte: Frosi e Mioranza, 1975, p. 57.

A expansão da zona colonial italiana acontece por dois motivos, a chegada de novos imigrantes e o crescimento da população local. A ocorrência das migrações internas ocorre através da demarcação de novas colônias e mediante a ocupação espontânea de áreas em sua periferia e em outras regiões do estado. De um modo geral, a ocupação dessas novas áreas segue o mesmo modelo sob o qual foram estruturadas as “Colônias Antigas”, ou seja, em pequenos lotes.

A migração, paulatinamente, expande-se das colônias velhas para as colônias novas no sentido norte-noroeste. Desse modo, são ocupadas as áreas do entorno das colônias velhas, onde se localiza a microrregião Alto Taquari, o Alto Uruguai, região das missões, oeste catarinense e sudoeste paranaense. Nesse sentido, concorda-se com Tedesco (1999), em que

“a expansão da ocupação do território definido pela colonização deu-se muito rapidamente, começando pela periferia das antigas colônias, seguindo por toda a margem meridional do planalto, alcançando os Aparados da Serra, o vale do rio Uruguai, estendendo-se pelo Oeste catarinense e paranaense. A região que realmente delimitou as trajetórias de migrações internas foi a direção noroeste” (p. 52).

Segundo pesquisas realizadas¹⁰, Frosi & Mioranza (1975, p. 53), o processo de colonização percorreu cinco fases distintas:

- a) imigração da Itália para o Nordeste do Rio Grande do Sul: Nova Milano, Caxias, Dona Isabel, Conde D'Eu (1875 – 1884);
- b) imigração da Itália para o Nordeste do Rio Grande do Sul: Colônias de Antônio Prado e Alfredo Chaves (1884 – 1894);
- c) imigração da Itália para o Nordeste do Rio Grande do Sul e imigração interna para a colônia de Guaporé, criada em 1892 (1892 – 1900);
- d) migrações internas na região de colonização italiana em geral e expansionismo espontâneo (1880 – 1920) e
- e) migrações internas para o Alto Uruguai e para outros Estados, especialmente Santa Catarina e Paraná (1910 em diante).

Segundo Frosi e Mioranza (1975, p. 53), numa perspectiva cronológica, as migrações internas mais recentes da serra gaúcha podem ser divididas da seguinte forma:

Quadro 3. Imigração: relação das colônias originadas com o processo das migrações internas na região de colonização italiana.

Denominação	Colônia	Municípios atuais ¹¹
Antiga colônia I	Barracão (N. Milano) Caxias Dona Isabel Conde d'Eu	Farroupilha Caxias do Sul, Flores da Cunha, São Marcos Bento Gonçalves, Garibaldi; Carlos Barbosa;
Antiga colônia II	Antônio Prado Alfredo Chaves	Antônio Prado; Veranópolis; Nova Prata Nova Bassano;
Nova colônia	Guaporé Encantado	Guaporé, Muçum, Serafina Corrêa, Casca, Vila Maria (distrito de Marau); ¹² Encantado; Nova Bréscea;

¹⁰ As pesquisas de levantamento foram realizadas junto à Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, junto a órgãos públicos (IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Instituto histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Biblioteca pública de Porto Alegre), junto às municipalidades da região de colonização, junto a paróquias e capelas da mesma região e com informantes diversos. (Frosi & Mioranza: 1975, p. 15).

¹¹ Correspondente a 1975. Desde então, houveram diversas emancipações de distritos.

Novíssima colônia	----- (Expansões das diversas colônias anteriores)	Paráí; Nova Araçá, Ciríaco, David Canabarro, Marau, Putinga, Anta Gorda, Ilópolis, Arvorezinha;
-------------------	---	--

Fonte: Frosi e Mioranza, 1975, p. 54.

O quadro anterior refere-se somente às migrações para as colônias que se formaram nos arredores das colônias velhas. Todavia, o fato dos lotes dos colonos serem pequenos, a sua divisão entre os filhos acarretava numa pressão demográfica sobre esse espaço. Desse modo, os filhos de colonos que optavam por comprar um novo lote e migrar para outro local, acabaram por fazê-lo em outros locais, inclusive nos arredores das colônias, onde já havia uma população¹³ de indivíduos de origem luso-brasileira, também conhecidos por *caboclos* (Ghelen e Bica de Melo, 1997).

2.3. O sistema produtivo colonial e o modo de vida dos colonos italianos

Com a chegada do colono no seu lote o maior desafio era derrubar a mata, visando construir a casa e instalações e dar início à prática da agricultura. O sistema de cultivo empregado nas colônias, que previa a derrubada da mata¹⁴ para a realização da atividade agrícola, era chamado de *rotação de terras*. Essa racionalidade produtiva consistia em derrubar a mata, atear fogo, cultivar a clareira aproveitando a sua fertilidade natural e, na medida em que os rendimentos fossem

¹² Hoje, já emancipado.

¹³ De acordo com depoimentos, em alguns locais havia uma separação entre os grupos nos espaços de sociabilidade, onde fatores como a língua falada e costumes diferenciados apresentavam-se como fatores de distanciamento. No entanto, em muitas outras situações ocorre uma integração entre a população que estava chegando e a população que já residia no local. Como exemplos pode-se citar aspectos relacionados à relações de troca, seja de produtos como alimentos e sementes, seja de conhecimentos adquiridos, como por exemplo, técnicas relativas ao processamento de determinados produtos e/ou fabricação de ferramentas, entre outros.

¹⁴ No período da colonização, a exploração da pinha, infrutescência originário do Pinheiro (*Araucária angustifolia*), de presença muito abundante território da microrregião do Alto Taquari, não teve a reconhecimento econômica para as familiar como foi o caso da exploração da madeira do Pinheiro. De acordo com Gliessman (2000) em relação aos processos ecológicos em agricultura sustentável, historicamente, os diversos povos do mundo utilizaram diversificadas e distintas formas de praticar a agricultura, com diferentes graus de impacto ao ambiente. Muitos povos, dentro de suas particularidades técnico-culturais, conseguiram uma cultura milenar de prática agrícola, por estabelecer técnicas sustentáveis, sendo que muitas delas não contemplavam a derrubada da vegetação existente.

reduzindo, esse processo seria repetido em uma nova área, deixando a área anterior recuperar novamente a vegetação a fim de que pudesse recompor sua fertilidade natural.

De acordo com Waibel (1979), uma propriedade de 25 a 30 hectares é excessivamente pequena para a aplicação do sistema de rotação de terras, especialmente em regiões montanhosas como é a serra gaúcha. Nesse sentido, as famílias maiores necessitavam de maior área para cultivar, visto que a agricultura era a principal fonte de recursos para o auto-consumo, desgastando mais rapidamente a fertilidade natural do solo e, desse modo, maior era a necessidade de procurar novos locais para a instalação dos filhos. Nos locais onde houve processo de colonização foi implementado uma forma de produzir, chamada de sistema produtivo colonial, e formas de sociabilidade específicas, chamadas de modo de vida colonial.

O modo de vida dos agricultores da região colonial era definido através de uma racionalidade social e produtiva específica desse grupo social e do ambiente em que se davam as relações. O desenvolvimento de formas de sociabilidade como relações de reciprocidade e de solidariedade entre os colonos necessita é derivado do conjunto de elementos que constituíam os espaços de sociabilidade. Nesse sentido, o modo de vida desenvolvia-se praticamente em nível de comunidade. De acordo com Schneider (2002), a forma de sociabilidade *“permite interpretar não apenas as relações sociais intra-familiares, assentadas em laços de parentesco e consangüinidade, mas também aquelas propriamente sociais tais como a vizinhança e a coletividade local”* (p. 15).

Os métodos agrícolas implementados na região colonial, de acordo com Waibel (1979), juntamente com o tipo de colonização, são os fatores mais significativos no processo de ocupação do território da colonização. O sistema produtivo colonial, portanto, pode ser abordado como sendo um conjunto de fatores associados. Em primeiro, tem-se a forma como o colono conduz a produção no estabelecimento, mediante o estabelecimento da prática de rotação de terras e agricultura de queimadas. Em segundo, tem-se as práticas econômicas e as relações sociais estabelecidas no ambiente local, mediante a ação do intermediário na compra e venda de produtos e as formas de organização do trabalho em nível familiar e

comunitário. Em terceiro, tem-se as práticas de reprodução, como a realização das migrações internas para as zonas pioneiras.

O desenvolvimento do sistema produtivo colonial na região de colonização italiana ocorreu de forma diferenciada. Ele teve origem nas colônias velhas, no entanto, na medida em que ocorriam as migrações internas, era recriado em novos espaços, com as particularidades locais. Nesse sentido, ele difere de produção de subsistência, visto que é uma noção que leva em conta processos sociais, ou seja, a forma de organização do trabalho, as relações entre colonos e os comerciantes locais, o modo de reprodução social das famílias. Todavia, a forma como era conduzido o processo produtivo, responsável pela reprodução social e econômica dos colonos, lhes imprimia um caráter semi-autônomo, onde o principal objetivo da produção na agricultura era manter as necessidades de consumo da família, sendo vendido o excedente. Ou seja, com exceção dos locais onde os colonos produziam uva para as cooperativas e as agroindústrias, não havia uma produção sistemática de determinado produto para ser colocado a venda. No caso do Alto Taquari, por volta da década de 1950, a produção de trigo e suínos começam a assumir esse caráter, no entanto, nesse período já começam a aparecer os limites do sistema produtivo colonial.

Nas colônias de imigração italiana desenvolvem-se processos sociais e sistemas agrícolas diferenciadas. Estabelecendo-se uma relação entre a microrregião do Alto Taquari e a microrregião vitivinicultora de Caxias do Sul, pode-se pensar que houve um processo de desenvolvimento desigual. Isso se deveu principalmente a dois fatores: as vias de acesso e aos sistemas agrícolas. Todavia, esse tema requer um maior esforço de pesquisa não sendo possível contemplá-lo nesse momento.

No caso da região do Alto Taquari, pode-se pensar o estabelecimento do sistema produtivo colonial em dois momentos distintos: o primeiro, de 1900 a 1940, surgido com a ocupação do espaço, através das migrações internas e aquisição dos lotes pelos colonos, quando são imprimidas as primeiras práticas produtivas, havendo o estabelecimento dos primeiros processos sociais. O segundo período vai de 1940 até meados da década de 1960 e início da década de 1970, representando a ocupação praticamente total do espaço, a consolidação de processos sociais e o surgimento de novos processos.

A partir de meados da década de 1960 e início da década de 1970, quando o sistema produtivo colonial entra em crise e tem início novos processos no desenvolvimento e transformação da agricultura familiar, torna-se insuficiente abordar o desenvolvimento da agricultura familiar no Alto Taquari sob a ótica do sistema produtivo colonial. De acordo com o exposto no capítulo 1, as grandes transformações ocorridas na agricultura brasileira, quando houve uma modernização em sua base técnico-produtiva, especialmente a partir da década de 1960, bem como o esgotamento das *zonas pioneiras* e a diminuição da fertilidade natural do solo, devido às práticas primitivas de rotação de terras, levaram à ocorrência de mudanças nas estratégias de reprodução dos colonos e, com isso, à desagregação do sistema produtivo colonial, requerendo uma perspectiva analítica mais ampla. Todavia, na próxima sub-seção, pretende-se verificar como ocorre a fase inicial do sistema produtivo colonial. A desagregação do sistema produtivo colonial e a emergência de novos processos será objeto do capítulo 3.

2.3.1. A ocupação da encosta superior do nordeste do Rio Grande do Sul – 1900 a 1940.

Os estudiosos que abordaram o processo de colonização mostram que, de modo geral, este segue uma periodização. De acordo com Frosi e Mioranza (1975), o marco inicial de ocupação do Alto Taquari pelos imigrantes europeus é a criação da colônia de Guaporé, em 1892. Em 1903 passa para a condição de município, emancipando-se de Lajeado. Segundo Roche (1969), Waibel (1979) e Tedesco (1999), o sentido de orientação das migrações era norte-noroeste, ocorrendo primeiramente na periferia das antigas colônias e, posteriormente, nas colônias novas localizadas em outras regiões do estado do Rio Grande do Sul, como Alto Uruguai e Missões e para o oeste catarinense e sudoeste paranaense. A ocupação das colônias por imigrantes italianos é um processo que exigiu forte organização. Inicialmente, eram demarcados os lotes onde eram instalados os colonos. A partir de então iniciava-se a derrubada da mata e a prática da agricultura. Os colonos eram remunerados pelo governo para trabalharem em obras públicas, como abertura de

estradas, construção de pontes, etc. Essa prática, foi um importante forma de obtenção de renda, em um período em que a grande quantidade de mata dificultava a produção de alimentos.

A origem das famílias de colonos, especialmente em Guaporé (primeira colônia do Alto Taquari), ainda é a Itália. Porém, na medida em que as novas colônias vão sendo demarcadas mais ao norte de Guaporé, como Nova Prata e Nova Bassano e Casca, muitas das famílias que ali se instalam já são descendentes dos imigrantes. Isso se deve à pressão demográfica ocorrida nos estabelecimentos, resultado principalmente do tamanho reduzido dos lotes, que levava muitos dos filhos de colonos a migrarem. Outro fator é a estagnação do processo migratório, visto que, por volta de meados da década de 1910, tem início a Primeira Guerra Mundial. A seguir, pretende-se apresentar os principais pontos referente ao acesso à terra e a ocupação do território do alto Taquari.

2.3.1.1. O acesso à terra e o ordenamento do território

De acordo com a bibliografia disponível sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul, todo o trabalho de divisão e demarcação das terras¹⁵, onde seriam organizadas as colônias, foram realizadas por profissionais contratados pelo Estado. Além do conjunto de lotes, cada colônia tinha uma sede central, onde se estabelecia a direção e administração. A escolha da sede era feita em função da localização geográfica, desta maneira, escolhia-se um lugar, em geral, no centro da colônia, onde as árvores eram derrubadas e a superfície era dividida em algumas quadras de 100 metros de lado. Algumas dessas quadras eram reservadas para praças e outras, divididas em lotes urbanos de 20x50 ou 40x60. Alguns desses lotes eram reservados a igreja, escolas, sendo os demais vendidos aos imigrantes que desejassem se dedicar ao comércio, montar oficinas, pequenas fábricas, artesanato, etc. (De Boni, 1987).

De acordo com Roche (1969), as terras onde eram estabelecidas as colônias dividiam-se em *linhas ou travessões*, também chamados de *picadas* que, por sua vez, eram subdivididas em lotes coloniais numerados que se destinavam aos colonos.

¹⁵ MANFROI, O. Italianos no Rio Grande do Sul. In DE BONI, L. A. (org.) A presença italiana no Brasil. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Angelli, 1987, v. I.

Segundo Waibel (1979), o tipo de povoamento resultado do processo de colonização é disperso, onde o agricultor vive na sua terra, facilitando a administração das atividades, mas vive isolado dos seus vizinhos, dificultando os contatos sociais e culturais. Segundo o referido autor, “*nas zonas serranas de colonização antiga, as linhas coloniais seguem normalmente os fundos de vales fluviais e de cada lado delas estão alinhados os lotes dos colonos, a distância de uma centena de metros*” (p.259).

O processo utilizado na criação dos lotes, porém, não respeitava a presença de acidentes geográficos, cursos d’água e trechos de rios. A divisão, dessa forma, não era equitativa, segundo acesso à água potável, terra de qualidade e outros recursos. Com isso, o valor do lote variava, além do tamanho da área, de acordo com a localização e os recursos nele disponíveis. A título de exemplo, na tabela 1 pode-se verificar a variação no preço pago pelos lotes.

Tabela 1. Imigração: valor em réis por braça quadrada de lote, na colônia de Caxias, nos anos de 1875 a 1886.

Réis	Nº de lotes	%
2	14	1,05
3	659	49,11
4	207	15,44
5	211	15,74
6	101	7,54
7	27	2,02
8	122	9,10
Total	1341	100,00

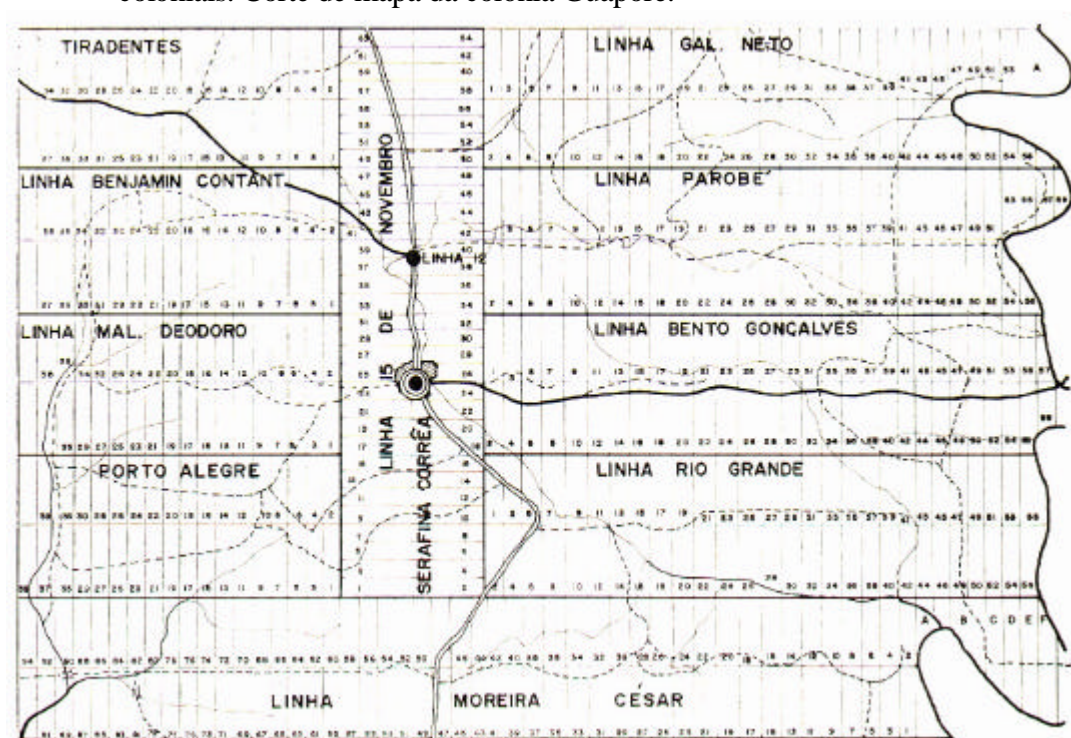
Fonte: Giron, 1987, p. 274.

Analisando-se a tabela anterior, percebe-se que em praticamente em metade dos lotes o valor pago por braça quadrada foi de 3 réis, contudo, em quase 10% dos lotes, o valor quase triplicou, aumentando para 8 réis. A explicação para a diferença de preço pago pelo lote refere-se à sua qualidade em termos de recursos naturais existentes e localização em relação à sede da colônia. A presença de água potável no lote, por exemplo, oriunda de vertentes ou obtida mediante a construção de poços, era um fator que implicava em uma maior valorização do lote. Outros atributos naturais que elevavam o valor estavam relacionados à área de terra agricultável, devido à elevada declividade do terreno, especialmente da na região colonial italiana.

Do mesmo modo, a presença de araucárias era um atributo desejado, pois a exploração da madeira representou uma importante atividade econômica, principalmente no período inicial da colonização.

Um exemplo de divisão de terras na época da implantação das colônias pode ser visualizado na figura a seguir.

Figura 4 Imigração: mapa demonstrativo da divisão de terras em linhas e lotes coloniais. Corte de mapa da colônia Guaporé.



Fonte: Frosi e Mioranza, 1975, p. 41, apud prefeitura municipal de Serafina Corrêa.

Na figura anterior pode-se verificar que a forma dos lotes era retangular, ou seja, não acompanhava as formações naturais, como cursos de rios, morros, etc, podendo ocorrer a existência dos chamados “lotes secos” que, sob a ótica agrônômica, significa uma maior dificuldade na condução das criações, tendo, o colono, que depender da solidariedade dos vizinhos e/ou se deslocar para poder obter de água para o consumo. A construção das benfeitorias era realizada próxima à linha, com o objetivo de facilitar o deslocamento e o escoamento da produção. Desta maneira, baseando-se na figura anterior como exemplo, os fundos dos lotes localizados na Linha Mal. Deodoro faziam divisa com os fundos dos lotes das Linhas Benjamin Constant e Porto Alegre.

A colônia, após ter o local de sua sede escolhida, era dividida em léguas quadradas e estas subdivididas em linhas. A extensão da linha variava de acordo com o tamanho da colônia. Segundo Manfroi (1987), a linha tinha uma extensão de 6 a 7 Km, onde à direita e a esquerda deste corredor dividia-se o terreno em lotes numerados. Segundo o autor, o lote tinha a forma de um retângulo alongado, medindo 200 a 250 metros de frente e 1.000 a 1.250 metros de profundidade. Em princípio, todos os lotes deveriam ter água, e quando isso não fosse possível, eram vendidos mais barato como “lotes secos”.

De acordo com Roche (1969), o tamanho da superfície do lote das colônias de imigrantes diminui progressivamente. Em 1824, os imigrantes alemães, instalados nos arredores de São Leopoldo, receberam lotes de 160.000 braças¹⁶, equivalendo a 77 hectares. Esse número, a partir de 1851 foi reduzido a 100.000 braças, ou 48,4 hectares. A partir de 1889, quando as empresas particulares assumem a coordenação do processo de colonização, a área do “*lote colonial*” passa a 25 hectares.

Essa forma de ocupação da terra e do espaço possibilitou o surgimento de formas de sociabilidade no ambiente local. O assentamento dos colonos de forma dispersa por toda a área, cada qual em seu lote, em contraposto a um modelo de assentamento organizado em núcleos urbanos, possibilitou a emergência de uma forma de sociabilidade específica. O relativo isolamento entre as famílias e as precárias condições de acesso e transporte possibilitou que a sociabilidade local ocorresse especialmente entre os mais próximos, nesse caso, vizinhos e parentes, se estendendo para o nível de comunidade. Esse o tema que se pretende apresentar na sub-seção seguinte, ou seja, após a colônia ter seus lotes demarcados e os colonos terem sido instalados, como a família se organiza em seu interior e como se dá a sua relação com os demais colonos.

2.3.1.2. Família, trabalho e sociabilidade

A propriedade da terra e a organização do trabalho com base na família têm sido os principais referenciais da colonização italiana no Rio Grande do Sul.

¹⁶ Mil braças quadradas seriam equivalente a 0,48 hectare.

Todavia, em relação ao aspecto do trabalho, é comum encontrar, em parte da bibliografia disponível referente à imigração italiana, uma certa apologia ao sucesso dos imigrantes na edificação do *progresso* graças ao tamanho de seu esforço. Não se pretende discutir as dificuldades enfrentadas pelos colonos diante da necessidade de transformar a floresta em lavoura, mediante a precariedade de recursos técnicos e em relativo isolamento. Acredita-se, no entanto, que essas interpretações, não raramente, resvalam para o terreno ideológico, que afirma haver uma evolução normal para o sucesso econômico, a partir do esforço laboral, ou seja, uma explicação linear para a questão do trabalho. Contudo, é inegável que atividades implementadas inicialmente, como a derrubada da mata, eram muito laboriosas e, sobretudo, de elevado risco.

Alguns autores abordam o significado do trabalho a partir da ótica da propriedade da terra. O trabalho era o meio para a obtenção e/ou manutenção de um fim, a propriedade da terra. Nesse sentido, segue a afirmação de Santin (1990):

“o seu trabalho, enquanto proprietário, não era um oposto da propriedade. Ele reunia em si a figura de patrão e de empregado, dono do capital e da força de trabalho. Por isso, propriedade e trabalho, para o imigrante italiano, formavam uma base monolítica, que sob todos os aspectos, constituía-se no ponto de partida indispensável para pensar todo e qualquer projeto de vida e de investimento. Toda possibilidade de sucesso, tanto familiar quanto pessoal, estava vinculada ao alcance da terra, da casa e do trabalho” (p. 454).

O que se entende como relativo ao *trabalho* no modo de vida e na reprodução social dos colonos está relacionado à forma como ele se organiza, tanto no interior da família, como em nível de comunidade. No referente à sua organização no interior da família, pode-se pensar a sua operacionalização obedecendo a uma subdivisão entre as variáveis idade e sexo. O trabalho era organizado com o objetivo de produzir o máximo possível de produtos necessários à subsistência. O restante era adquirido junto aos comerciantes locais e através da venda do excedente da produção. Em nível de comunidade o trabalho se apresenta relacionado a formas de sociabilidade, como relações de solidariedade, reciprocidade e consangüinidade, elementos que

constituíam o modo de vida dos colonos. O trabalho aliado à propriedade da terra eram os principais elementos da reprodução social dos colonos.

Na região colonial do Alto Taquari, de acordo informações obtidas em pesquisa de campo¹⁷, o homem (tanto o pai, quanto os filhos, aptos para o trabalho) dedicava-se especialmente às atividades ligadas à reprodução física do estabelecimento e ao trabalho na agricultura e criações. À mulher, eram destinadas as tarefas relacionadas à casa e a habilidades domésticas, como o artesanato, o cultivo da horta, entre outros. Nesse sentido, há uma divisão sexual do trabalho no interior da família, onde as atividades vinculadas ao processo produtivo da agricultura destinavam-se ao homem e as atividades artesanais e relativas à manutenção e reprodução de elementos ligados à casa, à mulher.

A divisão sexual do trabalho entre os membros da família é uma dimensão típica do sistema produtivo colonial. As principais atividades destinadas ao homem eram a retirada de madeira da mata, inicialmente um recurso abundante por toda a região colonial italiana. A madeira era utilizada de diversas formas na propriedade, no entanto, dentre as principais utilidades destaca-se o provimento de energia, pelo uso do fogo no cozimento dos alimentos, na construção de benfeitorias em geral, como abrigo para animais, galpões para armazenagem dos produtos, a própria moradia e para a produção de artesanato variado (como móveis e utensílios domésticos, ferramentas, brinquedos, etc.). O trabalho realizado na derrubada de uma área de mata, portanto, além de limpar o solo para a realização dos cultivos e poteiros, por exemplo, podia servir também como processo capaz de contemplar outros objetivos, como a obtenção de tábuas, moirões, etc. destinados à construção e à manutenção física e estrutural do estabelecimento, bem como, a madeira retirada poderia ser vendida para as serrarias.

¹⁷ A pesquisa de campo relacionada com o modo de vida e sistema produtivo colonial foi realizada junto a duas pessoas idosas. Madalena Vizzioli, residente na comunidade de São José do Capingüi do município de David Canabarro, com idade de 88 anos. A segunda pessoa entrevistada foi Teresa Zabot Contini, de 80 anos, residente na comunidade de Nossa Senhora da Saúde, município de Vanini. Todavia, pelo fato do autor deste trabalho ter origem no local estudado, além das duas pessoas citadas anteriormente, a investigação sobre o sistema produtivo colonial teve a contribuição de outras conversas em caráter informal, junto a agricultores e outros atores sociais locais, os quais sempre tinham algo novo e interessante para relatar através de suas experiências vividas.

Ao homem também cabia o exercício das atividades relacionadas à agricultura e às criações, que tinham papel muito importante na sua reprodução social, visto que a agricultura era uma das principais fontes de ingresso de produtos e recursos para a família. Nesse processo eram realizadas as tarefas de condução dos cultivos e manejo de animais. Essas atividades requeriam a geração de condições (mesmo que rudimentares) para o processamento e armazenagem dos produtos, construção de instalação e ambientes protegidos para os animais, como de cercas, piquetes e varandas. O excedente da produção obtida na agricultura era comercializada, por isso, ao homem cabia também os negócios, a venda do que era produzido no estabelecimento e a aquisição de produtos externos a este.

A mulher ficava encarregada de desenvolver o trabalho ligado ao bem estar da família. O produto de seu trabalho, por isso, nem sempre era material ou comercializável, no entanto, não menos importante. Sob esse aspecto, podem-se citar as tarefas de criação dos filhos, a alimentação e higiene do lar, a produção de artesanato e utensílios domésticos, cultivo da horta e pomar domésticos. Não raras vezes, além dos encargos que já possuía, a mulher dedicava-se aos ofícios que eram incumbidos ao homem.

Os filhos, na medida em que iam crescendo, sua participação no trabalho diferenciava-se de acordo com a então existente divisão sexual do trabalho. O esperado era que estes pudessem absorver ao máximo o conhecimento passado pelos pais, a fim de que cada um, dentro de sua dimensão do trabalho, pudesse sempre conhecer e aprimorar o conhecimento que futuramente irá ser uma das bases para a geração das condições de reprodução social e econômica. Nesse sentido, ao constituírem uma nova família (seja no próprio estabelecimento paterno, como nas zonas de expansão), o novo casal deveria deter as condições necessárias ao pleno desenvolvimento do trabalho, especialmente no que se refere ao domínio da técnica. Desse modo, a assiduidade ao trabalho era considerada como um fator indispensável à obtenção de sucesso nesse aspecto.

O trabalho, enquanto aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim, não se apresentava como realidade social somente no âmbito familiar. Relações do tipo de solidariedade faziam do trabalho um meio de

sociabilidade. A solidariedade entre os colonos e o trabalho comunitário encontravam, na carência de recursos e no isolamento das famílias, um espaço propício para seu desenvolvimento. O trabalho comunitário ocorre especialmente através de relações vicinais e/ou de parentesco. O fato da linha ou travessão dividir os lotes significava que a via de acesso era o local onde, em ambos os lados, eram construídas as casas, facilitando a comunicação entre os vizinhos. A ajuda entre parentes também era comum, visto que estes procuravam residir em lotes próximos, tendo em vista a precária condição de acesso. Sendo assim, a linha física foi o elemento que estimulou e contribuiu para a sociabilidade do ambiente local. A título de exemplo, no momento em que havia necessidade de um maior volume de mão-de-obra para a realização de tarefas específicas (como derrubada da mata e colheita) são organizados os mutirões entre as pessoas mais próximas.

Um trecho de uma entrevista realizada no trabalho de campo relata melhor esse processo:

“Vamos supor que uma turma fosse trabalhar pro fulano, o cara ia sem o interesse de ganhar dinheiro. Ia pra ajudar, porque ele precisava, pra tomar uma pinga, pela companhia, talvez o churrasco, essas coisas. Pensava que não podia faltar porque ele era meu amigo. A amizade valia mais, principalmente se era vizinho. Alguns iam por consideração, outros porque eram parentes e outros era por não ter o que fazer” (D.C., agricultor, David Canabarro).

O processo de ajuda mútua, organizado na forma dos chamados *puxerões* (que é sinônimo de mutirão), possuía uma dupla conotação, pois refletia um momento de precariedade, mas representava uma forma de sociabilidade, ou seja, uma oportunidade de se encontrar com as pessoas e superar o isolamento.

2.3.1.3. A agricultura e o sistema produtivo colonial

Estudos anteriores indicaram que a forma como os colonos foram assentados, contribuiu para que fossem destinados esforços para a obtenção de dinheiro. Caso o

colono não disponibilizasse de todo o dinheiro necessário ao pagamento do lote, o restante deveria ser obtido posteriormente, geralmente através da venda de produtos excedentes, oriundos da agricultura. Segundo Tavares dos Santos (1992), com a instituição da propriedade privada no Brasil, a inversão em terra, juntamente com o dispêndio em adiantamentos de meios de produção e de subsistência, formaram a “dívida colonial”, que imediatamente inseriu o agricultor familiar no mundo mercantil.

O modo como era organizada a comercialização dos excedentes implicava a ação de um intermediário, o comerciante local. Para Tedesco (2000), o comerciante local era o responsável pelo escoamento da produção da colônia. Através do trabalho dos carreteiros, a produção era transportada até outros locais para ser vendida. De acordo com Tedesco (1999), o comerciante local cumpria diversas funções, tais como comprar os produtos dos colonos e vender para estes gêneros de primeira necessidade, como açúcar, sal, café, bem como o indispensável para se vestirem. Da mesma forma, vender produtos destinados à unidade produtiva, como ferramentas e insumos diversos, e cumprir com o papel de canal de comunicação do colono com o mundo externo. Segundo Schneider (1994), a relação dos agricultores no comércio de produtos estabeleceu-se da seguinte forma: o colono vendia o excedente agrícola e os produtos do artesanato para o comerciante local e este os repassava aos comerciantes dos núcleos urbanos maiores.

O escoamento da produção dos colonos estava vinculado à venda dos produtos aos comerciantes e ao seu transporte pelos carreteiros. Deste modo, foi através do comércio que se produz a primeira diferenciação social importante no sistema produtivo colonial. O comerciante vai se tornar o indivíduo mais rico e mais bem informado da colônia (Roche, 1969; Tedesco 2000). Da relação entre o colono e o comerciante, surgia a possibilidade de venda da grande variedade de produtos agrícolas e artesanais e oriundos do extrativismo da região colonial.

A produção na agricultura, cuja principal função era o auto-consumo da família, era muito variada. De acordo com Giron (1987) e de informações recolhidas a campo juntamente com os agricultores, na região colonial italiana produzia-se vinho, trigo, milho, feijão, centeio, cevada, aveia, linho, favas, lentilha, arroz, batata-doce, amendoim, frutas, cachaça, graspa, banha, carne seca de porco, toucinho,

salame, presuntos, açúcar, cera, mel, seda, cânhamo, queijo, manteiga, verduras, tábuas, madeira para construções e móveis, ovos, aves diversas, conservas, chapéus de palha e de feltro, cestos, erva mate, entre outros. As principais culturas de subsistência, segundo os mais antigos, eram batata-doce, feijão preto, milho e mandioca.

O processo produtivo em que eram realizadas as atividades agrícolas teve uma origem rudimentar. Os sistemas agrícolas, descritos a seguir, seguem a interpretação feita por Waibel (1979), onde a densa mata encontrada na região levou os produtores a adotarem, inicialmente, um sistema de cultivo contraído dos índios locais, que Waibel chamou de *sistema de rotação de terras primitiva*. A implementação desse sistema consiste em derrubar e queimar a mata, cultivar a clareira durante alguns anos e depois deixá-la em descanso para que seja revertida em vegetação secundária e, depois de determinado período, ter o mesmo emprego. De acordo com o autor, no período de realização de seu estudo, 45% das propriedades praticavam esse sistema.

Depois que a maior parte das matas é devastada e são introduzidas certas inovações, como é o caso do emprego do arado, ocorre o segundo estágio, ao qual Waibel denomina de *sistema de rotação de terras melhorada*. Nessa situação, passa-se a utilizar a tração animal para a recomposição da fertilidade do solo, tendo em vista que esta é diminuída em função da derrubada da mata, tendo início a prática de abandono de determinadas áreas, a fim de permitir a recomposição de sua fertilidade natural. Além do arado e da tração animal, o que diferencia esse sistema do anterior é a introdução de *culturas estrangeiras*, como trigo e centeio. A produção agrícola eleva o padrão de vida dos colonos, as estradas são melhoradas, contudo, tendo em vista o tamanho reduzido das propriedades, a fertilidade natural das áreas deixadas em descanso não era refeita de forma suficiente, isso se devia ao fato do espaço de tempo de utilizado ser muito curto, havendo, com isso, sinais de decadência no interior das colônias.

Na medida em que as famílias implementavam novas técnicas sobre a prática da agricultura, surge uma nova forma de organizar o sistema de cultivo: a *rotação de culturas combinada com a criação de gado*. O que difere esse sistema do anterior é o emprego de esterco nas lavouras, por isso a necessidade de ter umas 10 ou 20

cabeças de gado e plantar forrageiras para sua manutenção. Além disso, deviam-se alternar os cultivos com hortaliças e leguminosas, a fim de que a utilização excessiva de uma única cultura¹⁸ não cause a carência de um nutriente específico no solo. Essa situação, contudo, só era encontrada em 5% das propriedades.

Apesar desse estudo de Waibel ter sido realizado em meados do século XX, considera-se a sua perspectiva de análise atual. Sua abordagem relaciona-se à interação do homem com o ambiente natural, muito debatida com a emergência da discussão sobre processos produtivos sustentáveis¹⁹ e a agroecologia. Nesse sentido, o seu esforço concentrou-se em explicar qual a relação entre o ambiente físico natural e a estrutura social da região colonial do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, buscou verificar a relação entre o tamanho da propriedade e do número de elementos da família com utilização dos sistemas produtivos.

Dentre as principais questões apresentadas nessa primeira fase, estão a forma como se constituiu a estrutura fundiária, como se desenvolveu a forma de sociabilidade, dentro das especificidades do modelo de colonização, e a forma de organização do trabalho da família. Verificou-se também que as atividades produtivas e reprodutivas realizadas no lote colonial respeitavam uma divisão sexual do trabalho. Esses elementos são muito importantes para entender como os colonos formulam suas estratégias nos períodos subseqüentes. A seguir procura-se discutir sobre uma nova fase da agricultura colonial, quando ocorre o seu desenvolvimento e a expansão para outros locais.

2.3.2. Segunda fase: expansão e desenvolvimento – 1940 a 1965

Nessa sub-seção, pretende-se entender como certos elementos internos à família, como a estrutura fundiária e a organização do trabalho faziam parte da reprodução social dos colonos da região colonial.

¹⁸ De acordo com a espécie de plantas, o seu desenvolvimento depende mais de um ou outro nutriente. Nesse sentido, ampliar a gama de tipos de cultivos de acordo com espécie, sistema radicular, etc., é possível otimizar a utilização da fertilidade do solo.

¹⁹ A cerca desse tema, ver importante contribuição de Gliessman, S. R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000.

De acordo com Roche (1969), a partir de 1889 o tamanho dos lotes dos colonos foi reduzido para 25 hectares. Tendo em vista o fato dos lotes serem pequenos, a área de terra dos colonos era rapidamente desmatada e sua fertilidade natural decrescia na mesma proporção em que era utilizada com a agricultura. Em razão disso, cresce a pressão produtiva sobre o solo, diminuindo sua fertilidade natural para as gerações subseqüentes. Por outro lado, há uma tendência de diminuição no tamanho dos estabelecimentos devido ao seu partilhamento por herança. Deste modo, a área reduzida dos estabelecimentos, mediante os métodos de cultivo utilizados nesse período, apresentou-se como um fator limitante à reprodução social dos colonos.

Segundo Waibel (1979), essa relação inadequada entre a área de lote e o sistema utilizado impedia que as famílias operassem com a *minimal ackennahrung*, sendo esta, a *mínima quantidade de terra necessária para proporcionar a um agricultor e sua família um padrão econômico e cultural descente*, cuja variação depende, principalmente, das características da terra e do sistema agrícola utilizado Waibel (1979, p. 256). De acordo com o autor, para a condição das terras florestais e montanhosas do Brasil meridional, a implementação de um sistema produtivo que permitisse a utilização do solo e o restabelecimento de sua fertilidade natural no longo prazo, seria de 55 a 65 hectares de terras boas e de 80 a 105 hectares de terras ruins, muito acima do lote de 25 hectares demarcado pelas empresas de colonização que promoveram a demarcação das colônias na região colonial.

Tendo em vista a relação inadequada entre tamanho do lote e a satisfação das necessidades da família, as gerações subseqüentes viam-se compelidas a migrar para as *zonas pioneiras*. Esse processo migratório Roche (1969, p. 319) chamou de *enxamagem dos pioneiros*, pois esse processo é semelhante ao fenômeno de formação de enxames de abelhas, que deixa a colméia por algum tipo de desequilíbrio, como excesso de população, falta de alimento, ambiente inapropriado, etc.

Mediante a escassez de recursos técnicos da época, o fracionamento excessivo significava a inviabilização econômica do estabelecimento. Em razão disso, a alternativa encontrada foi aquisições novas áreas nas zonas de expansão. A migração permanente dos filhos de colonos para as áreas de fronteira agrícola,

situadas ao norte do estado, desempenhou um papel fundamental na reprodução do próprio sistema produtivo colonial. Na família colonial, o principal canal de destino dos recursos gerados na propriedade era de criar novas condições para o estabelecimento dos membros da família através. Respeitando a divisão sexual do trabalho existente no interior da família, geralmente ao filho era destinado um novo lote e à filha um *dote doméstico*, ou seja, um conjunto de elementos que lhe possibilitariam uma boa organização doméstica.

Os recursos oriundos do trabalho familiar eram gerados por todos os integrantes da família. O seu objetivo, além da satisfação das necessidades básicas no curto prazo, era o de obter as condições de reprodução de seus elementos no longo prazo. Isso foi possível até o momento em que houveram áreas para serem ocupadas, as zonas pioneiras.

2.3.2.1. As crescentes dificuldades de reprodução do sistema produtivo colonial

Em entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo junto a agricultores e outros atores sociais de David Canabarro, a década de 1940 foi apontada como período em que ocorre o esgotamento das áreas disponíveis de serem ocupadas no local. É importante apontar para o fato de que o município está localizado na parte mais ao norte do Alto Taquari, em zona limítrofe com o Planalto Médio, ou seja, obedecendo ao sentido norte-noroeste da imigração, esteve entre os últimos a receberem os colonos. Do mesmo modo, a década de 1960 foi apontado como período em que ocorre a migração dos últimos colonos para as zonas de expansão.

O processo de reprodução do sistema produtivo colonial esteve diretamente relacionado à presença das zonas de expansão. Persistindo certas formas de sociabilidade no interior da família e em nível de comunidade, a divisão sexual do trabalho e divisão do patrimônio, relações de reciprocidade, solidariedade e consangüinidade, permitiram a reprodução também do modo de vida colonial.

Segundo Frosi e Mioranza (1975, p. 48), os colonos que se encaminhavam para as novas áreas eram originários de núcleos irradiadores. Os municípios que compreendem a região do Alto Taquari são originados de três desses núcleos:

1. do núcleo de Alfredo Chaves – atual município de Veranópolis – dentre outros, origina-se os atuais municípios de Vista Alegre do Prata, Nova Prata, Nova Bassano, Nova Araçá, Paraí, Protásio Alves, São Jorge e Guabiju;

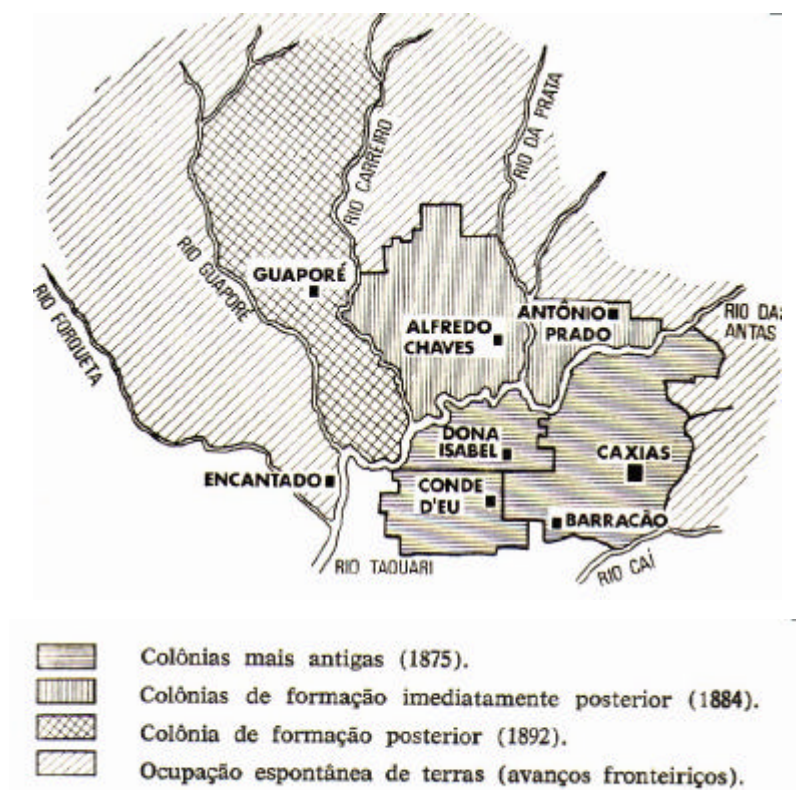
2. do núcleo de Guaporé desenvolveram-se rapidamente – pelo grande movimento de descendentes de Italianos oriundos de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Veranópolis e Antônio Prado – dentre outros, os atuais municípios de Serafina Corrêa, União da Serra, Dois Lajeados, Casca, São Domingos do Sul, Vanini, Santo Antônio do Palma, e David Canabarro e

3. do núcleo central de Encantado, avançou-se paulatinamente formando-se os aglomerados que correspondem aos atuais municípios de Putinga, Anta Gorda, Ilópolis, Arvorezinha, entre outros.

Na figura a seguir pode-se ter uma idéia da ocupação das colônias italianas da região Nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Pode-se verificar que há uma diferença entre a área onde foram formadas as colônias e a região colonial como um todo. Isso esteve relacionado às migrações internas, resultado da pressão demográfica sobre um determinado lote familiar. As zonas de ocupação espontânea localizadas na periferia²⁰ das “Colônias Antigas”, eram áreas que, geralmente, pertenciam a particulares que se adiantaram na corrida da colonização e tinham por objetivo obter lucro mediante a crescente valorização das terras, ou pertenciam à população de *caboclos* residente nesses locais.

²⁰ Na medida em que aproxima-se da região do Planalto Gaúcho, no sentido noroeste, e da região dos Campos de Cima da Serra, no sentido nordeste, regiões ocupadas por grandes proprietários, e dedicados a criação bovina, a colonização passa a se expandir para outras áreas do estado, como Missões e Alto Uruguai, e, posteriormente, oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná.

Figura 5 Imigração: mapa ilustrativo das colônias italianas na serra gaúcha de acordo com cronologia de ocupação.



Fonte: Frosi e Mioranza, 1975, p. 45.

Através da figura anterior, pode-se perceber que o espaço localizado na periferia das “Colônias Antigas”, no sentido norte-noroeste, é a primeira zona de expansão da colonização italiana. As áreas localizadas ao sul já haviam sido ocupadas pelos imigrantes alemães. Todavia, na medida em que há um estreitamento nas *zonas pioneiras*, os colonos de microrregião do Alto Taquari começam a modificar a sua relação com o mercado. Os processos sociais existentes no interior das colônias começam a serem modificadas, muito em decorrência da transformação na estrutura de comunicação e transporte. As picadas tornam-se estradas, o transporte antes feito a por animais ou carretas recebe a inovação do caminhão, ocorrida por volta da década de 1940.

Os novos processos sociais ocorridos no interior das colônias leva ao surgimento de novas formas de produzir, bem como à modificação do grau de integração mercantil dos agricultores. As principais mudanças não residem tanto na organização do processo de trabalho, pois o seu caráter continua sendo familiar,

porém, emergem novos sistemas agrícolas, especialmente a produção de trigo e a criação de suínos. Segundo depoimentos coletados, a partir da década de 1950, a produção de trigo destinava-se ao moinho, onde era moído e transformado em farinha, no entanto, a produção de suínos já começava a se consolidar como atividade destinada ao mercado. A consequência da ênfase sobre uma determinada atividade, como no caso da produção de suínos, é que outras atividades passam a ser desenvolvidas em função desta, como a produção de milho. Nesse período, o colono inicia um processo de especialização produtiva, em detrimento da grande diversidade de cultivos existentes anteriormente.

Quando essas áreas de ocupação, tanto na região periférica das Colônias Velhas quanto em outras regiões, vão se esgotando, inicia-se uma crise no sistema produtivo colonial. Essa crise consiste basicamente na falta de um novo espaço de reprodução desse modelo. A partir de então, as práticas produtivas tradicionalmente desenvolvidas e o conjunto de relações sociais e econômicas não tinha mais um novo espaço para serem reproduzidas. O período em que ocorre o esgotamento das zonas de expansão coincide a emergência da modernização agrícola, ocorrida a partir da década de 1960. A produção, voltada ao autoconsumo e subsistência da família, passa a ser desenvolvida com o objetivo de comercialização.

As mudanças ocorridas na região colonial não se limitam somente ao aspecto produtivo. As consequências das especializações produtivas redefinem processos sociais e o modo de vida dos colonos. Com uma produção voltada para o mercado, formas de sociabilidade são modificadas e/ou (re)criadas. A título de exemplo, relações de reciprocidade e solidariedade perdem espaço para a especialização e a individualização da produção. O colono torna-se gradativamente um agricultor especializado. Com a fertilidade natural dos solos reduzida o agricultor passa a adquirir insumos químicos no mercado para sua recomposição. Com vistas para a obtenção de melhores rendimentos, também são adquiridas novas variedades de sementes. Esse processo caracteriza-se por uma transformação na base técnico-produtiva do colono, tema sob o qual será centrada a discussão no capítulo 3.

De acordo com o que se procurou demonstrar anteriormente nas zonas onde se estabeleceram os colonos gerou-se um sistema produtivo e um modo de vida com

características próprias, obedecendo a determinados processos sociais e econômicos. A partir de um determinado momento histórico, o sistema produtivo colonial começa a encontrar limites, produzindo uma diferenciação social e econômica dos colonos. Com isto, os colono buscam novas formas de garantir a sua reprodução social. Todavia, a crescente transformação no cenário externo à família, como é o caso do esgotamento das *zonas pioneiras* e a modernização da agricultura, levam ao surgimento de novas estratégias de reprodução, cada vez mais mercantilizadas.

CAPÍTULO 3

A modernização agrícola e as transformações da agricultura familiar no Alto Taquari: 1965 a 1985

A partir de meados da década de 1960 ocorre um processo de transformação nos elementos responsáveis pela reprodução social e econômica dos colonos. Surgem limites à reprodução do sistema produtivo colonial levando à sua desagregação. Nesse sentido, a análise sobre a reprodução desse grupo social no Alto Taquari não é mais possível sob a noção de sistema produtivo colonial, devendo-se centrar sob um enfoque teórico que levem em conta a sua forte integração com os mercados, mas que não desconsidere as suas especificidades. Em razão disso, busca-se apresentar a forma como são formuladas as estratégias de reprodução da *agricultura familiar* da microrregião do Alto Taquari diante de um processo de crescente mercantilização.

De acordo com o que foi apresentado no capítulo anterior, os colonos desenvolvem-se sob um sistema produtivo colonial, onde era estabelecida uma forma de produção de caráter semi-autônomo, destinada ao auto-consumo com venda do excedente, havia a utilização de poucos recursos técnicos na implementação dos sistemas agrícolas, o trabalho era baseado na mão-de-obra da família e a migração para as zonas pioneiras era a forma dos colonos reproduzirem esse sistema no tempo e no espaço.

A partir da década de 1960 esse modelo começa a entrar em crise. A limitação física dos lotes não possui mais o fator de compensação das zonas de expansão. Os agricultores tiveram de pensar em novas estratégias de reprodução,

condição que abriu espaço para a emergência de uma nova forma de produzir, em um ambiente crescentemente mercantilizado, onde a reprodução social passa a depender mais obtenção de uma renda monetária. Disso resultam uma forte transformação nos tipos de cultivos implementados, nas técnicas empregadas, no destino da produção e na forma de organização do trabalho familiar. Acompanhando um processo de amplitude maior, os agricultores familiares do Alto Taquari são inseridos na dinâmica do mercado, seja na compra dos insumos necessários à reprodução dos cultivos, seja na venda da produção obtida.

No presente capítulo, pretende-se demonstrar como ocorre a desarticulação do sistema produtivo colonial e emergência da agricultura familiar. Com base na idéia de que a agricultura familiar difere da agricultura tradicional ou camponesa (os colonos), tal como abordado por Abramovay (1992), pretende-se verificar a hipótese, de que a produção tipicamente colonial cede espaço para uma agricultura familiar fortemente integrada aos mercados, onde o colono transforma-se num agricultor familiar moderno. Acredita-se que, nessa fase, acentua-se o que Van der Ploeg (1990; 1992) chama de mercantilização, onde há uma maior inserção dos agricultores na divisão social do trabalho, através da implantação de novos sistemas agrícolas.

Ao contrário do capítulo anterior, a elaboração desta parte da dissertação contará mais com informações obtidas em pesquisa de campo. Através dos dados quantitativos, pretende-se apresentar uma visão mais geral da transformação da agricultura familiar. Desse modo, a partir de dados qualitativos, obtidos mediante a realização de entrevistas, pretende-se apresentar informações que possam acrescentar ao trabalho um maior grau de detalhes, a fim de poder entender melhor o modo como ocorre a transformação da agricultura familiar de David Canabarro e da microrregião do Alto Taquari no período de compreende de meados da década de 1960 até meados da década de 1980.

3.1 Crise e desarticulação do sistema produtivo colonial

O período de 1900 até meados 1960 configura o período em que no Alto Taquari e nas demais regiões colônias é estabelecido um sistema produtivo colonial.. A migração dos colonos para as zonas de expansão permitiu que sua reprodução fosse possível. Esse processo de migrações internas possibilitou que fosse reproduzido em um novo espaço físico, uma forma de produzir e uma forma de sociabilidade. De acordo com Schneider (1999),

“o sistema produtivo adotado pelos colonos continha, na sua própria dinâmica, os limites de sua reprodução. Ou seja, a forma de uso do solo, a falta de tecnologias apropriadas e o sistema de herança por partilha, geravam a necessidade constante e sucessiva de expansão da zona pioneira. E isso só foi possível enquanto haviam terras a serem colonizadas e uma fronteira agrícola a ser ocupada” (p. 87).

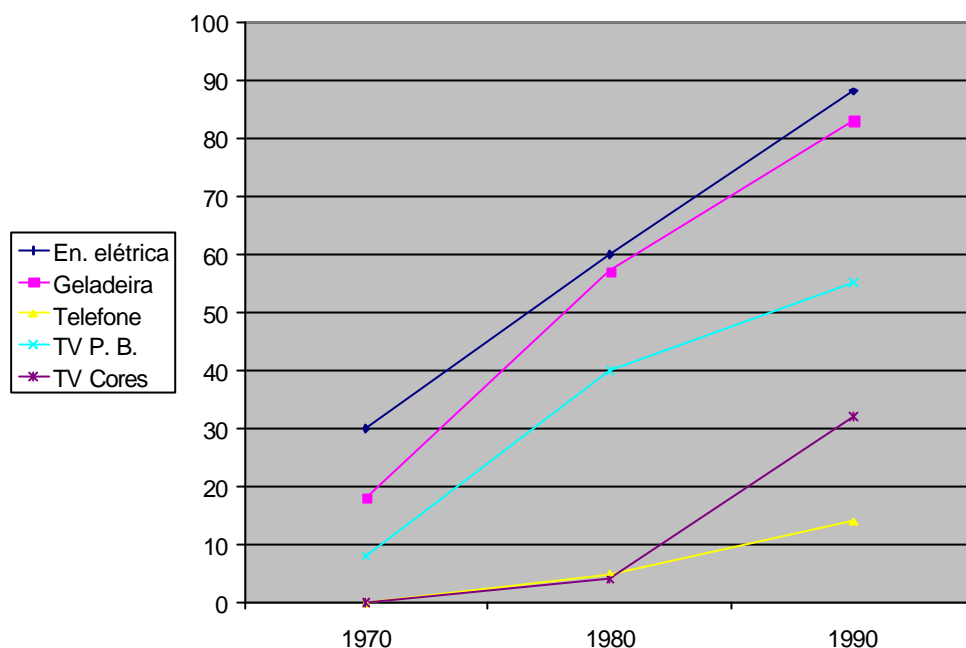
A crise do sistema produtivo colonial decorre dos limites internos e estruturais à sua reprodução, tais como a terra, em razão do tamanho reduzido dos lotes. Além disso, as técnicas rudimentares utilizadas pelos colonos, especialmente o sistema primitivo de rotação de terras, levou a uma significativa diminuição da fertilidade do solo. Para fazer frente a esta situação de limitação produtiva e econômica e compensar os elementos que se apresentavam de forma limitante, os colonos passaram a adotar inovações tecnológicas. A modernização da sua base técnica ocorre através da aquisição no mercado de insumos chamados “modernos”. Inicialmente, a forma como se dá a modernização no Alto Taquari está baseada especialmente na quimificação e na introdução de culturas geneticamente “melhoradas”. Isso se deveu especialmente à necessidade de recomposição da fertilidade do solo e devido ao fato das características do relevo, com alto grau de declividade, dificultar o emprego de inovações ligadas à motomecanização.

A modernização da agricultura leva a um estreitamento cada vez maior entre a produção voltada para o mercado e a reprodução social e econômica da agricultura

familiar. O caráter semi-autônomo da produção vai perdendo espaço para sistemas agrícolas cujo objetivo era a comercialização e a obtenção de renda monetária. A partir desse momento, a condução dos processos produtivos passa a depender mais de elementos externos ao estabelecimento, como a aquisição das tecnologias no mercado, a dependência por linhas de crédito, estabelecimento de vínculo mercantil, entre outros. Os colonos vão perdendo características essenciais, como a semi-autarquia e formas de sociabilidade ocorridas em nível local. A monetarização da reprodução social dos agricultores levou-os a destinarem maior volume de recursos e mão-de-obra às atividades voltadas para o mercado, em detrimento de atividades voltadas para o auto-consumo. Desse modo, aumentava-se a possibilidade de vender um maior volume de produtos para obter a renda necessária à satisfação das necessidades da família.

Nesse período, a expansão da rede elétrica contribui para a transformação sistemas produtivos e dos hábitos de consumo das famílias. Os agricultores passam a depender ainda mais de dinheiro para a aquisição de uma diversidade muito grande de bens de consumo relacionados à energia elétrica. Nesse sentido, com a aquisição da geladeira, por exemplo, hábitos ligados à alimentação vão sendo modificados. De forma semelhante, a presença da energia elétrica modifica uma das formas de sociabilidade existentes, o “filó”, situação em que as famílias se reuniam à noite para conversar e passar um momento de lazer. No gráfico à seguir, pode-se verificar o crescente consumo de energia elétrica, especialmente a partir da década de 1970, e, de forma semelhante, um crescente aquisição de bens de consumo que necessitam desse fator.

Gráfico 1. Percentual de domicílios que possuem energia elétrica e outros bens de consumo no Alto Taquari.



Fonte: Censo Demográfico

Através do gráfico anterior, pode-se verificar que, em 1970, somente 30% dos domicílios possuíam energia elétrica, sendo que, em 1990, esse número praticamente triplica. Nota-se, também, a evolução similar de alguns bens de consumo, como é o caso da geladeira e da televisão. Anteriormente a aquisição de energia elétrica, a banha do porco era utilizada para conservar a carne por um período de aproximadamente 2 meses. Essa era cozida e posteriormente emergida na banha, constituindo-se numa das principais fontes de proteínas da alimentação dos colonos. Todavia, o objetivo deste gráfico é apresentar um exemplo da crescente mercantilização do modo de vida das pessoas, urbanas ou rurais, pelo surgimento de novas necessidades, cuja satisfação passa pelo mercado. Com isso, pretende-se contribuir com mais elementos para afirmar que, além do sistema produtivo colonial, há uma transformação no modo de vida dos colonos. O espaço de sociabilidade vai mais além da comunidade, diferentemente da forma como ocorria durante o sistema produtivo colonial.

Através do maior acesso a alguns veículos de comunicação, como o rádio e, posteriormente, a televisão e telefone, o comerciante local vai perdendo a função de

ser o elo de ligação dos colonos com o ambiente externo. Isso ocorre também quando o agricultor passa a especializar-se em alguma atividade e ter um mercado específico para a venda do seu produto. O comerciante local vai deixando de ser um elemento integrante do sistema produtivo e da reprodução social dos agricultores. O escoamento da produção tem seu mediador redefinido.

Nesse momento, pode ser feita a separação proposta por Abramovay (1992), entre uma agricultura tradicional, ou camponesa, que aqui é definida como colonos, e a agricultura familiar moderna, altamente integrada a mercados e inserida num processo de crescente mercantilização. Nesse sentido, *“uma agricultura familiar, altamente integrada ao mercado, capaz de incorporar os principais avanços tecnológicos e de responder às políticas governamentais não pode ser nem de longe caracterizada como camponesa”* (Abramovay, 1992, p. 117).

A agricultura familiar emerge das novas ações implementadas pelos agricultores, frente a existência de limites e a ocorrência de uma crise e desagregação do sistema produtivo colonial, a fim de garantir a sua reprodução social. Essas mudanças decorrem especialmente da transformação social, econômica e cultural da sociedade capitalista na qual estão inseridos, ou seja, tal como discutido no capítulo 1 nas idéias de Van der Ploeg (1990;1992), decorre de um processo de crescente mercantilização.

3.2. Os impactos da modernização sobre a agricultura familiar do Alto Taquari

A modernização da agricultura é a fase agrícola que se caracteriza pelo uso intensivo de máquinas e insumos modernos, por uma maior racionalização do empreendimento, pela incorporação de inovações técnicas (incorporando o produtor e a produção no mercado) e pela racionalidade da monetarização (Brum, 1988, p. 60). Envolve a geração das inovações tecnológicas destinadas aos processos produtivos e as inovações tecnológicas com fins de transformação da produção agrícola.

No Brasil, especialmente a partir de meados da década de 1960, o Estado teve papel fundamental de incentivo aos produtores à modernização²¹. Em razão disso, organizam-se novas estruturas a montante e a jusante do estabelecimento, com as quais o agricultor passa a manter relações de compra de insumos e venda de produtos. Nas estruturas a montante, destaca-se o setor moto-mecânico, químico e genético. O setor motomecânico organiza-se com fins de fabricação de tratores, colhedoras e implementos, como arados, plantadeiras, pulverizadores e outras ferramentas de utilização manual. O setor químico é responsável pela fabricação de fertilizantes, herbicidas, fungicidas e medicamentos veterinários. O setor ligado à genética, por sua vez, é responsável pela geração de raças de animais e variedades de plantas com características desejáveis, como diminuição do ciclo produtivo, melhoria na conversão alimentar, resposta à adubação e, mais recentemente, com o desenvolvimento das biotecnologias, a adaptação das plantas a certos aspectos desejados, como resistência a herbicidas, moléstias, pragas, entre outros.

Na estrutura organizada a jusante do estabelecimento destacam-se as unidades de comercialização e processamento da produção. No caso da produção de grãos, destacam-se as cooperativas e empresas de armazenamento e comercialização. No caso da produção de leite, suínos, aves e fumo, há um destaque especial para empresas que se dedicam ao processamento do produto *in natura*, cumprindo em mais uma etapa da transformação da matéria prima, um processamento parcial, como é o caso da produção de fumo, onde as empresas compram o fumo dos agricultores, realizam uma etapa na transformação da matéria prima e exportam o produto para ser industrializado em outro local. Há outros casos em que o produto é inteiramente processado ou transformado, ficando pronto para ser encaminhado ao consumidor final. Como exemplo, pode-se citar o caso das agroindústrias de frangos, suínos e leite, que adquirem o produto do agricultor, processam, com maior ou menor grau de segmentação, e comercializam, tanto no mercado interno como para exportação.

²¹ A modernização da agricultura foi idealizada, programada e difundida por programa chamado "Revolução Verde": ideário técnico produtivo, que tinha como objetivo explícito, contribuir para o aumento da produção e da produtividade agrícola no mundo, através do desenvolvimento de experiências no campo da genética vegetal para a criação e multiplicação de sementes adequadas às condições dos diferentes solos e climas e resistentes às doenças e pragas, bem como da descoberta e aplicação de técnicas agrícolas ou tratamentos culturais mais modernos e eficientes (Brum, 1988).

Em face de já haver uma considerável bibliografia acerca do tema da modernização da agricultura, nesta seção, pretende-se apenas fazer uma digressão em alguns aspectos, como a transformação nos sistemas agrícolas e o papel do progresso técnico nesse processo. Desse modo, busca-se reunir mais elementos para entender e explicar as novas estratégias de reprodução da agricultura familiar de David Canabarro e do Alto Taquari.

3.2.1. A substituição da suinocultura e da triticultura pelo “fenômeno soja”

De acordo com depoimentos de agricultores do município de David Canabarro coletados em pesquisa de campo, anteriormente à introdução da cultura da soja, na década de 1950 e até meados da década de 1960, a produção destinada à venda era, basicamente, constituída pela cultura do trigo e pela criação de suínos. No caso do trigo, o produto era levado até os moinhos mais próximos, onde uma parte do produto era transformada em farinha para o autoconsumo e a outra era vendida sob a forma de grãos. A criação de suínos apresentava um duplo propósito: autoconsumo e venda. A venda era programada para quando houvesse uma necessidade maior por dinheiro como, por exemplo, comprar um novo lote de terra, animais para tração, etc. Segundo a afirmação de um agricultor entrevistado,

“plantava o milho pra criar os porcos. Eles eram criados soltos e alguns eram pra vender. No inverno, plantava trigo. Levava o trigo no moinho pra fazer farinha e se desse um bom rendimento, a mais daquilo que precisava pra consumir, vendia o resto para o dono do moinho. Até 1965 a 1970, antes da entrada da soja, se conseguia dinheiro plantando trigo ou criando porcos” (D. C., Agricultor, David Canabarro).

No sistema da *agricultura de queimadas*, o trigo tinha um papel fundamental. Era a primeira cultura implantada na lavoura. O preparo do solo para a cultura

subseqüente ficava facilitado devido à camada de palha que restava sobre o solo, impedindo a germinação de muitas plantas indesejáveis. Devido ao fato da recomposição da fertilidade dos solos ocorrer de forma natural, utilizando-se raras fontes externas de fertilizantes, uma determinada área era utilizada com agricultura por um muito limitado. Em razão disso, havia a necessidade de estar constantemente derrubando novas áreas de mata, o que significava a permanente existência de tocos da lavoura. Como consequência disso, ao invés do uso do arado, o preparo era feito através da capina. Nesse sentido, o trigo possuía outro papel fundamental, o de realizar um processo que os agricultores de David canabarro chamam de “*amansar a terra*”. Ou seja, onde o revolvimento e preparo do solo eram feitos de forma manual (através de capina), quanto menos plantas existissem para serem removidas menor seria o trabalho a ser executado. Nesse sentido, a camada de palha (chamada de *resteva*), que sobrava da cultura do trigo era um impedimento natural para a incidência de plantas. Além disso, com o apodrecimento das raízes, a terra tornava-se fácil de revolver para o preparo da cultura de verão. A cultura de verão normalmente utilizada era o milho, cujo objetivo era consumo humano, através da farinha processada nos moinhos, e a alimentação animal, especialmente os suínos, mas também para o gado de tração, gado leiteiro, cavalos e aves. Além do milho, outras culturas de verão eram produzidas, porém em menor área, como arroz, feijão, pipoca, mandioca, batata-doce, amendoim, entre outros, geralmente destinadas ao auto-consumo.

De acordo com depoimentos de agricultores, a cultura da soja foi introduzida na região a partir de meados da década de 1960, sendo um padre que atuou na região, de nome João Benvegnú²², um dos primeiros a fazerem referência à nova cultura, até então desconhecida das pessoas do local. Segundo depoimento obtido em entrevista,

²² O Padre João Benvegnú, hoje já falecido, trabalhou da paróquia de São Domingos do Sul, então distrito do município de Casca e exercia uma forte influência sobre a comunidade, adotando uma postura, além de religiosa, social e política. Cabe aqui registrar esse fato, tendo em vista que, atualmente, sua história e suas ações são lembradas, no início do mês de janeiro de todo ano, através de Romaria até o local de sua sepultura, localizada na praça da igreja matriz de São Domingos do Sul. Esse evento reúne dezenas de milhares de pessoas, não só do estado do Rio Grande do Sul, mas também, de Santa Catarina.

“(...) o primeiro que falou sobre a soja por aqui foi o Cônego João, da paróquia de São Domingos. Ele dizia que a soja era a planta do futuro. Aos poucos começamos a plantar no meio do milho, onde uma parte era cortada ainda verde e dada para os animais, e outra parte era para vender. Começamos a plantar primeiro junto com o milho, depois sozinha e, daí pra frente, foi aumentando cada vez mais até onde valeu a pena, que foi aí por 1980 a 1985. Daí em diante, ela começou a ter pouco valor e cultivada manualmente ficou inviável de produzir.” (D.C. Agricultor, David Canabarro).

A partir do momento em que os agricultores começaram a produzir soja, o crescimento tanto da área plantada quanto do volume produzido foi muito rápido e significativo. No referente à área plantada, passou a ocupar o espaço de outras culturas produzidas anteriormente e a ser produzida em áreas novas, respeitando os limites de possibilidade de expansão. Associado a isso, ocorrem significativas mudanças nos métodos e técnicas utilizadas, através do emprego de novas tecnologias e novas técnicas de manejo. Como resultado tem-se um grande aumento no volume produzido com o produto. Através da tabela 2, pode-se verificar a evolução da produção da cultura da soja no município de David Canabarro.

Tabela 2. Evolução da produção de soja em David Canabarro de acordo com número de produtores, produção e área cultivada.

Anos	Estabelecimentos	Informantes	Produção (t)	Área (há)	Rendimento Ton/há	Variação Inform.	Variação Prod.	Variação Área
1970	1.076	37%	592	879	0,67	-	-	0
1975	833	95%	5.080	4.889	1,04	97%	758%	456%
1980	813	87%	5.342	3.975	1,34	-11%	5%	-19%
1985	992	74%	5.192	3.532	1,47	3%	-3%	-11%
1995	816	4%	916	581	1,58	-96%	-82%	-84%

Fonte: Censo Agropecuário

De acordo com as informações da tabela anterior, no ano de 1970 37% dos agricultores se dedicavam ao cultivo da soja. Todavia, a área plantada com o produto ainda não era tão significativa, pois a área média cultivada pelo produto por agricultor era de 2,2 hectares. Do mesmo modo, o rendimento obtido, se comparado

aos anos subsequentes, foi muito baixo, com uma produção de 0,67 tonelada por hectare. De acordo com o depoimento apresentado anteriormente, isso se deve ao objetivo visado com a produção e as técnicas de manejo empregadas. Ou seja, parte do produto era cortado ainda verde e a produção era consorciada com milho, o que significava, em termos agronômicos, uma competição interespecífica, ou seja, competição entre espécies diferentes, por elementos como luz, água, nutrientes e espaço. A limitação de alguns desses elementos levaria à diminuição do rendimento.

Através das informações apresentadas na tabela 2²³ é possível verificar que, no ano de 1975 há uma grande aumento no percentual de agricultores que adotam esse cultivo, chegando a 95%. Esse forte crescimento é acompanhado por evoluções ainda maiores na produção obtida, 758% acima da anterior, e na área plantada, com crescimento de 456% em relação à anterior, passando de 2,2 para 6,2 hectares por estabelecimento. Do mesmo modo, ocorre um forte crescimento na produção por área, passando de 0,67 para 1,04 toneladas por hectare. Isso se deve especialmente ao fato de terem ocorrido mudanças no emprego de novas tecnologias e nas técnicas de manejo. De acordo com o depoimento descrito anteriormente, ela deixa de ser plantada *no meio do milho* e passa a ser plantada *sozinha*. Em termos técnicos significa dizer que, sendo a cultura principal, a soja passa a receber prioridade deixando de ser produzida de forma *consorciada* e passando a ser produzida em *cultivo simples*. O objetivo da produção passa a ser, definitivamente, a obtenção do grão, logo, a eficiência produtiva torna-se a causa regente das técnicas adotadas.

²³ É importante mencionar o fato de que o Censo Agropecuário de 1995-96 possui algumas diferenças em relação aos censos agropecuários anteriores, em relação à forma de coleta de informações referentes à distribuição da terra entre estabelecimentos agropecuários, conforme quatro condições do produtor: proprietário, arrendatário, parceiro e ocupante. Uma das novidades do Censo Agropecuário de 1995-96 refere-se à mudança no período de referência, que passou a ser o ano agrícola e não o ano civil. Outra modificação refere-se ao período em que foram coletados os dados, realizada no segundo semestre, a partir de agosto de 1996. O período de coleta correspondeu à época em que aqueles estabelecimentos de existência temporária, como parceiros e arrendatários, que tiveram produção na safra de 1995-1996, não mais existiam. Nesse sentido, os locais onde esses grupos são significativos, os dados do Censo 95-96 podem não contemplar a realidade referente ao número de estabelecimentos (Graziano da Silva e Hoffmann, 1999).

Tabela 3. Evolução da produção de soja no Alto Taquari de acordo com número de produtores, produção e área cultivada.

Período	Estabelecimentos	Totais			Produção por área (t)	
		Informantes	%	Quantidade (t)		Área (há)
1970	18.417	9.566	52	15.431	29.183	0,53
1975	17.080	14.169	83	67.742	78.459	0,86
1980	17.560	11.566	66	73.748	66.582	1,11
1985	19.248	10.360	54	61.543	50.538	1,22
1995	17.706	1.054	6	10.524	6.304	1,67

Fonte: Censo Agropecuário.

Em 1975, na microrregião do Alto Taquari, percebe-se a consolidação de um modelo produtivo que difere significativamente da agricultura colonial. Além da inovação no que se refere à introdução da cultura da soja, a utilização de outros *insumos modernos*²⁴, resultou na adoção de novas técnicas de cultivo e manejo do solo que, no curto prazo, resultaram em significativo aumento no rendimento por área. De 1975 para 1980, o incremento obtido foi de 29%, tendo a produção por área passado de 1,04 para 1,34 toneladas por hectare em David Canabarro. Na microrregião do Alto Taquari o incremento ficou em 10%, passando de 1,11 para 1,22 toneladas por hectare.

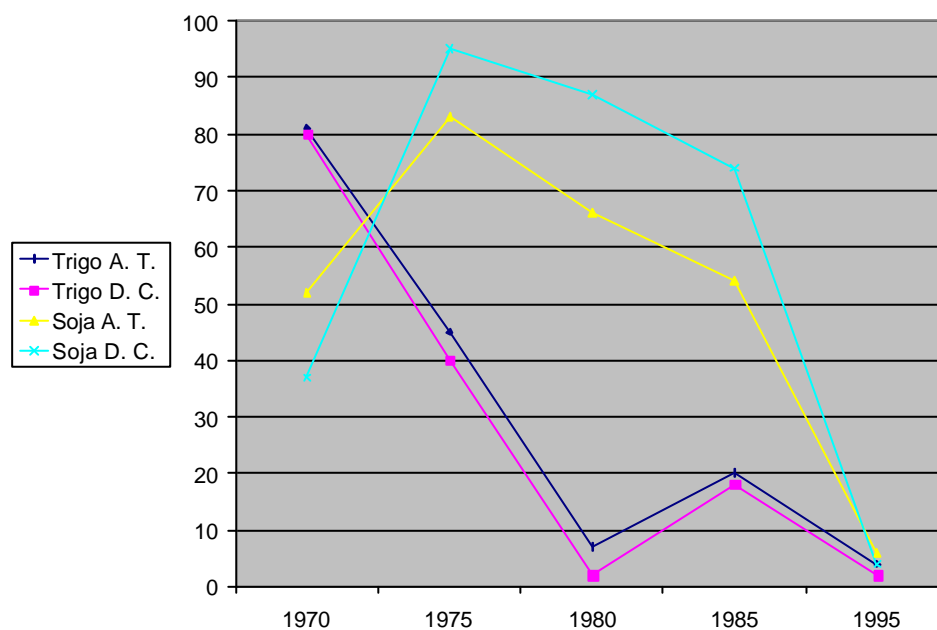
A modificação nas técnicas de manejo e nas tecnologias utilizadas levou a uma redefinição na racionalidade produtiva dos agricultores. A produção semi-autônoma do sistema produtivo colonial perde espaço para a produção voltada ao mercado. Comparando-se as tabelas 2 e 3, pode-se observar que em David Canabarro o percentual de agricultores que se dedicam ao cultivo de soja é maior que no Alto Taquari. No ano de 1975, período em que são registrados os maiores índices para ambas as situações, David Canabarro tem 95% dos agricultores produzindo soja, contra 83% do Alto Taquari. Nesse sentido, verifica-se uma maior intensidade da

²⁴ Na fase pioneira da “Revolução Verde” – de 1943 a 1965 – a Fundação Rockefeller patrocinou projetos piloto que, além dos Estados Unidos, incluía o Brasil. A intervenção no processo produtivo desenvolve-se em duas dimensões: a infra-estrutura da produção, sobretudo em relação ao uso de sementes (certificadas), adubos e equipamentos; o controle da articulação dos produtores, através da assistência técnica e orientação do crédito rural. A modernização da agricultura tradicional por uma agricultura modernizada representava a abertura de importantes canais para a expansão de negócios das grandes corporações econômicas, tanto no fornecimento de máquinas e insumos modernos, como na comercialização mundial e nas indústrias de transformação dos produtos agropecuários, sem esquecer o financiamento aos países que aderissem ao processo de modernização (Brum, 1988).

ocorrência do processo descrito anteriormente no município de David Canabarro do que no universo dos municípios que formam a microrregião.

A evolução do processo de transformação na base técnico-produtiva dos agricultores leva a uma retração na produção de trigo e suínos, elevando o espaço físico e a ocupação da mão-de-obra com a cultura da soja, tornando-se a principal fonte de ingresso de recursos monetários no estabelecimento. No gráfico a seguir, é possível observar que as oscilações do percentual de estabelecimentos dedicados à produção de soja e trigo em David Canabarro e no Alto Taquari seguem as mesmas tendências, o que indica que a produção de um ou de outro produto está inserida em um conjunto de estratégias que responde às transformações ocorridas no ambiente externo e que visam a sua reprodução social e econômica.

Gráfico 2: Evolução dos estabelecimentos dedicados à produção de soja e trigo em David Canabarro e no Alto Taquari (% de estabelecimentos)



Fonte: Censo Agropecuário.

A partir do momento em que a soja ocupa o espaço de outras culturas, ela passa a ser a principal fonte de renda para o provimento das necessidades da família. No entanto, diferentemente dos outros produtos produzidos no estabelecimento e utilizados para o auto-consumo, o resultado final da produção de soja era a obtenção

de dinheiro através da venda no mercado. Tendo em vista o tamanho reduzido dos estabelecimentos (de acordo com o Censo Agropecuário de 1975 a área média era de 25 hectares), a produção é realizada nas mesmas áreas por diversos anos sucessivos. Devido a essa prática, bem como ao processo de erosão do solo, causado pelas sucessivas arações, a sua fertilidade decresce rapidamente. Em razão do problema estrutural e das técnicas de manejo empregadas, o agricultor passou a ter dificuldades de recompor a fertilidade do solo, levando à crescente necessidade de utilização de insumos de outras fontes, no caso, adubos químicos adquiridos no mercado. Nesse momento acentua-se a relevância dos elementos do ambiente externo ao estabelecimento, tal como abordado no capítulo teórico, visto que a dependência dessas inovações tecnológicas levava a uma dependência crescente por recursos monetários no estabelecimento, além das oscilações dos preços dos insumos no mercado.

Nesse período, por iniciativa do Estado, montou-se um sistema²⁵ de instrumentos destinados à promoção da modernização da agricultura. A base sob a qual esse processo seria implementado previa o repasse tecnológico aos agricultores. Este modelo de agricultura visava fornecer ao agricultor um *pacote tecnológico*²⁶, no qual estavam incluídos os fertilizantes, as máquinas agrícolas, os pesticidas e as sementes geneticamente melhoradas. Com a transformação dos sistemas agrícolas utilizados, inicialmente, os agricultores não se preocuparam em procurar no próprio estabelecimento a reprodução do fator fertilidade, optando por fertilizantes químicos existentes no ambiente externo.

Através do emprego de fertilizantes químicos, no curto prazo as áreas mais apropriadas à prática da agricultura não necessitariam mais de um período de *descanso* para a recomposição de sua fertilidade. Isso contribuiu para que fosse

²⁵ Com o avanço da modernização, na década de 70, a fim de criar instrumentos articulados de geração e repasse tecnológico, cria-se a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias – EMBRAPA, Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMBRATER e, nos estados, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER. Pretendia-se criar um modelo de geração e repasse tecnológico. A EMPRAPA, por um lado, deveria cumprir a função de desenvolver pesquisa na produção de novas variedades de culturas e o seu melhoramento. A EMATER, por outro lado, deveria cumprir a função de fazer o repasse tecnológico (Gonçalves Neto 1997).

²⁶ Conjunto de técnicas inovadoras utilizadas no preparo, correção e fertilização do solo, bem como no combate de pragas e doenças e demais etapas do manejo dos sistemas agrícolas.

possível a remoção dos tocos e restos de vegetação arbórea existentes na lavoura, possibilitando o emprego do arado tracionado por bois. A partir desse momento, o preparo do solo deixou de ser feito somente com a enxada. Com o emprego de arado e fertilizantes químicos, forma-se o primeiro sistema agrícola de cultivo da soja, permitindo ao agricultor o preparo de áreas maiores e durante vários anos consecutivos. O resultado disso foi a consolidação da cultura da soja como sistema produtivo hegemônico e o mercado como fonte de dinheiro, de insumos e de bens de consumo. A racionalidade mercantil derivada do cultivo da soja ganha destaque em relação a racionalidade semi-autônoma dos sistemas agrícolas coloniais, ocupando tanto as melhores áreas agricultáveis, quanto a maior quantidade de mão-de-obra da família.

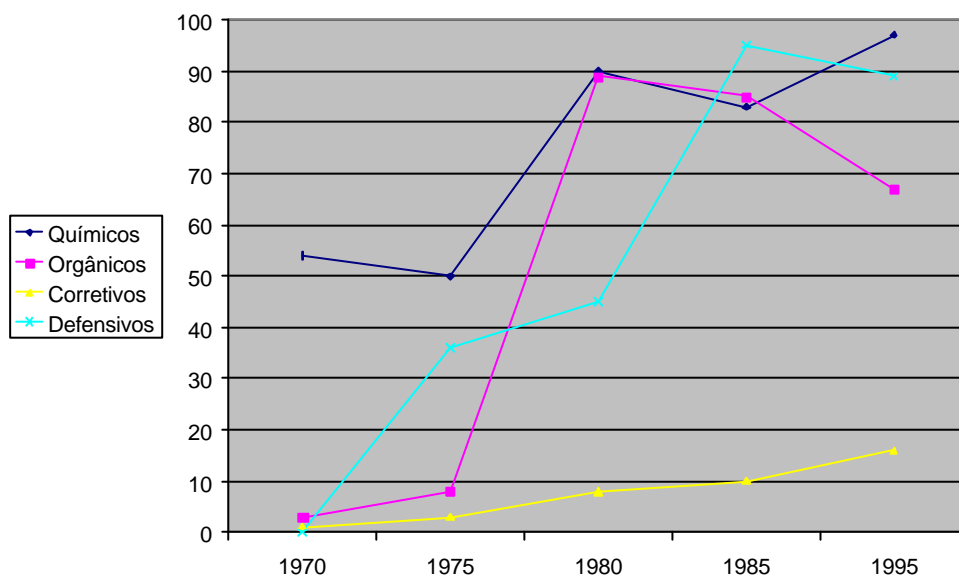
A partir da década de 1970, como foi apresentado anteriormente, houve crescimento da inserção mercantil dos agricultores. A modificação dos sistemas produtivos decorre da introdução da cultura da soja, cujo objetivo da produção era a venda no mercado. Outro aspecto que aprofunda a dependência dos agricultores pela racionalidade do mercado é o forte crescimento do uso de tecnologias, especialmente fertilizantes e sementes melhoradas. Por fim, houve um crescimento na produção e produtividade, em decorrência da mudança nas técnicas de manejo e pela introdução das novas tecnologias.

3.2.2. Os impactos do progresso técnico sobre a agricultura no Alto Taquari

Um dos principais elementos na transformação da agricultura familiar no Alto Taquari está relacionado às inovações tecnológicas. Na modernização da agricultura, o progresso técnico, na forma do *pacote tecnológico*, proporciona significativas modificação nos sistema produtivos e nos processos sociais do local. Em informações extraídas do Censo Agropecuário, verificou-se que, em David Canabarro, a adubação orgânica das lavouras, na década de 1970, não era uma prática pouco comum entre os agricultores. No entanto, nesse período, a adubação química já é utilizada por mais de 50% dos agricultores. Verifica-se que a estratégia

dos agricultores, no que se refere à recomposição da fertilidade do solo, se volta para a aquisição de fertilizantes químicos no mercado. Como pode ser observado no gráfico 3, ocorre um aumento da utilização de todos os insumos referidos, tanto químicos, quanto orgânicos e corretivos. Isso denota o crescimento da intensificação do uso do solo no local. Ou seja, com a reprodução dos cultivos dependente da obtenção de recursos monetários e, por isso, de uma produção voltada para o mercado, associada à limitação de terras, uma das estratégias utilizadas foi a especialização produtiva e a intensificação do uso do solo.

Gráfico 3. Evolução da utilização de fertilizantes químicos e orgânicos, defensivos e corretivos no município de David Canabarro – 1970 a 1995 (% de estabelecimentos).



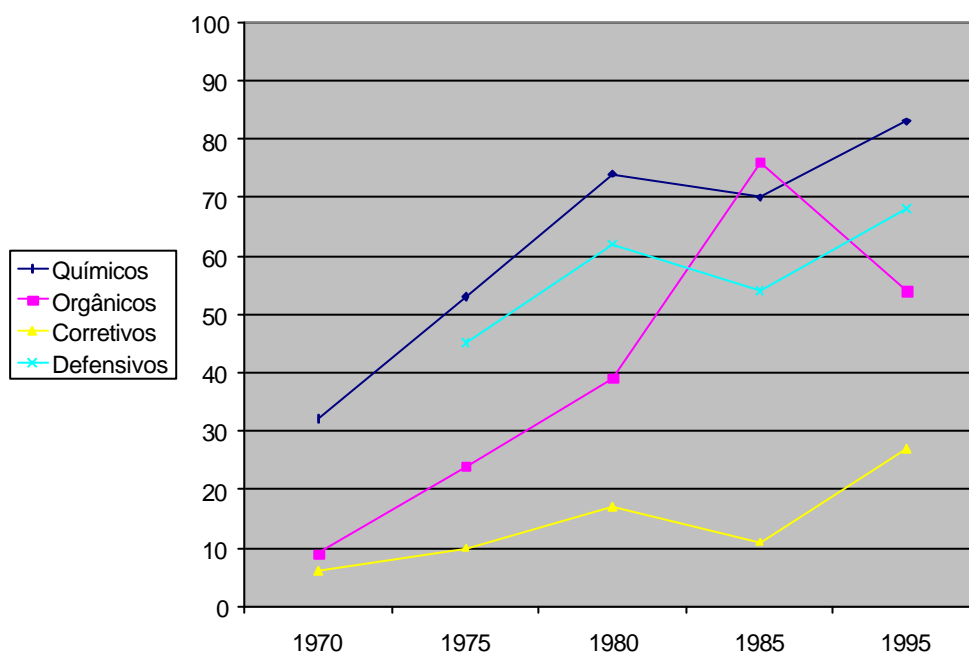
Fonte: Censo Agropecuário

Ao observar os dados referentes ao Alto Taquari, apresentados no gráfico 3, percebe-se um processo de crescente utilização de adubos e defensivos agrícolas, uma tendência semelhante a que ocorre no município de David Canabarro. A explicação está na forma como o processo produtivo é estabelecido. Diferentemente da lógica hegemônica do sistema produtivo colonial, onde a produção visava especialmente o provimento das condições de subsistência, sendo colocado no mercado o excedente, a produção agora tem objetivos monetários, sendo a obtenção do dinheiro um dos principais mecanismos de reprodução dos agricultores. Além da

necessidade de compra de insumos para o estabelecimento dos cultivos, o dinheiro é crescentemente utilizado na aquisição de outras mercadorias. As estratégias de reprodução dos agricultores familiares de David Canabarro e do Alto Taquari, passam a ser formuladas crescentemente com objetivos de inserção mercantil.

Através do gráfico à seguir, pode-se verificar a evolução da utilização de fertilizantes químicos e orgânicos, defensivos e corretivo na microrregião do alto Taquari. É possível perceber um significativo aumento do percentual de agricultores que passam a adotar essas inovações tecnológicas.

Gráfico 4. Evolução da utilização de fertilizantes químicos e orgânicos, defensivos e corretivos na Região do Alto Taquari – 1970 a 1995 (% de estabelecimentos).



Fonte: Censo Agropecuário

Com a modernização da agricultura, a relativa autarquia existente vai perdendo espaço, a execução do processo produtivo fica dependente dos insumos externos e a venda da produção das oscilações dos preços no mercado. Uma frustração de safra podia significar uma maior dificuldade para obter a sua reprodução social. A diminuição da fertilidade dos solos, decorrente dos sucessivos cultivos no mesmo local, especialmente quando é utilizada a mesma cultura, leva a um crescente aumento nos custos de produção. Esse processo é uma das hipóteses

que pode explicar o forte crescimento na utilização de adubação orgânica, como pode ser verificado no gráfico anterior.

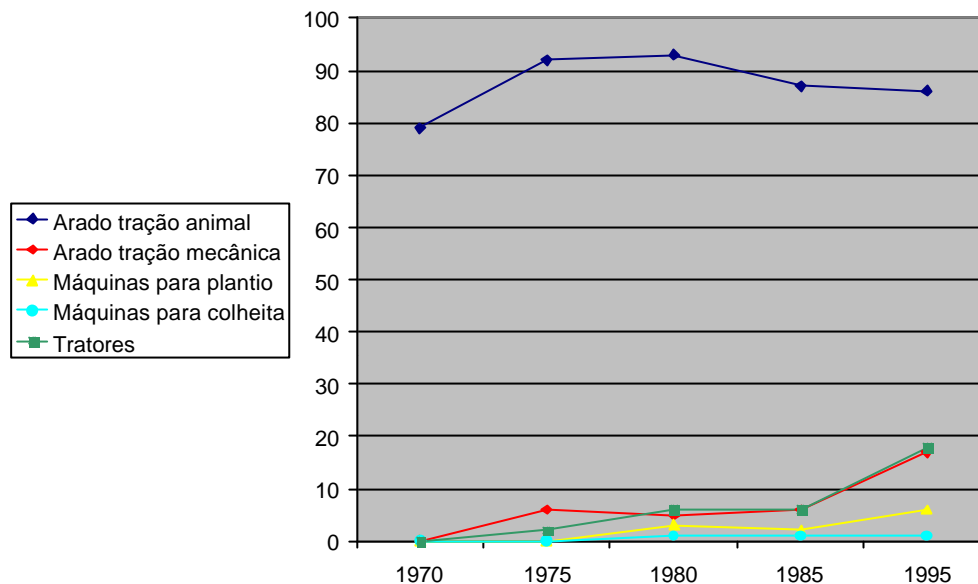
Em entrevista realizada junto a extensionistas do escritório municipal da EMATER de David Canabarro, procurou-se levantar uma visão mais prática dessa mudança técnico-produtiva. Segundo o Engenheiro Agrônomo entrevistado, a agricultura moderna e a dependência do agricultor de setores a montante e a jusante do estabelecimento levam-no a uma situação de instabilidade. Em razão disso,

“caso ocorra uma frustração de safra, o impacto sobre o agricultor é muito maior, porque ele demanda de muito mais recursos, ou seja, ele investe para produzir e geralmente fica devendo isso ao mercado. Dívida que a produção, ou parte dela, tem o objetivo de saldar. O esforço terá de ser dobrado, primeiro, para saldar as dívidas e conseguir implementar um novo ciclo de produção e, segundo, para conseguir manter a família durante todo o novo ciclo, pois a safra é anual e, com isso, o ingresso de recursos também é anual” (J. C. R. Engenheiro Agrônomo, EMATER, David Canabarro).

Como se pode perceber no depoimento apresentado anteriormente, o mecanismo de reprodução do agricultor passou a ser o ingresso anual de dinheiro obtido com a safra. Desse modo, além da imprevisibilidade do caráter biológico, tal como abordado por Mann e Dickinson (1987), a produção fica suscetível à existência de um preço que possa cobrir os custos do capital investido e para reprodução da mão-de-obra.

Na transformação da base técnico-produtiva dos agricultores da microrregião do Alto Taquari, a utilização de máquinas nos processos produtivos ocorre de forma menos intensa. O relevo acidentado e a estrutura fundiária constituída por pequenos estabelecimentos atuaram como fatores de desestímulo ao investimento em maquinário moto-mecanizado. De certa forma essas duas características determinaram um sistema de cultivo fortemente baseado na tração animal. No gráfico 5, apresentado a seguir, pode-se observar a evolução da relação entre os estabelecimentos que utilizam determinados insumos mecânicos.

Gráfico 5. Percentual de estabelecimentos que utilizam arados de tração animal e de tração mecânica, máquinas para plantio e para colheita e tratores no município de David Canabarro – 1970 a 1995.



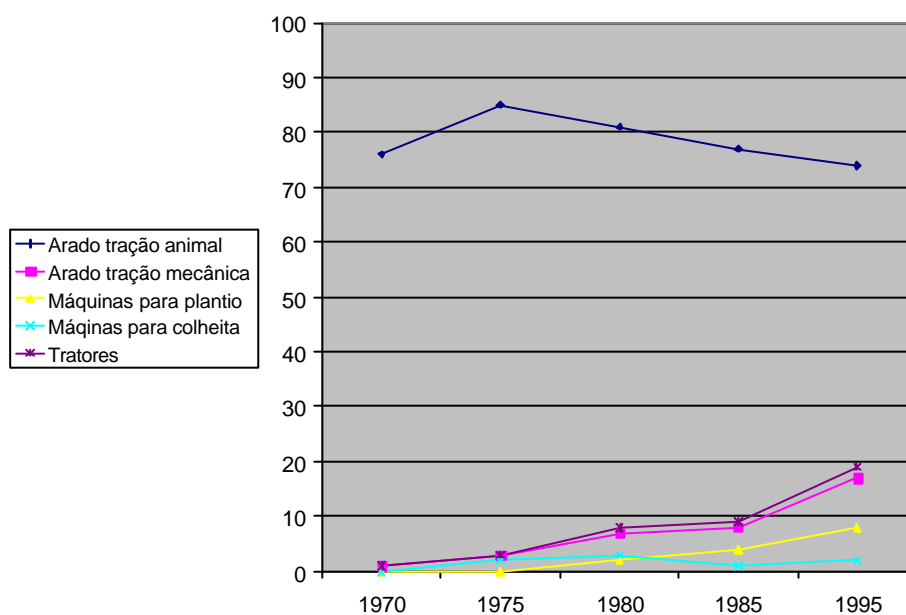
Fonte: Censo Agropecuário

Como se pode perceber no gráfico anterior, o sistema mecânico mais utilizado em David Canabarro é o arado de tração animal. O mais evidente, nesse sentido, é a pouca adoção de tecnologias motomecânicas pelos agricultores. Até 1985, momento em que o cultivo da soja passa ter queda muito significativa, a utilização de máquinas para plantio, colheita, arados de tração mecânica e tratores não chega a 10%. Em 1995, não chega a 20%, tendo ocorrido a maior e mais significativa mudança no período entre 1985 e 1995.

Analisando os dados dos municípios isoladamente, constatou-se que em alguns deles o emprego da moto-mecanização é maior. No município de Nova Prata, por exemplo, localizado mais próximo à região dos Campos de Cima da Serra, onde há mais locais em que o relevo é menos acidentado, em 1985, o percentual de utilização de tratores era de 17% e, em 1995, esse valor subiu para 38%, maior que em David Canabarro. Além disso, de acordo com o Censo Agropecuário dos anos de 1985 e 1995, enquanto a área média das propriedades de David Canabarro era de 18 e 17 hectares, respectivamente, em Nova Prata, esse número era de 28 hectares em ambos os anos. Nesse sentido, é possível pensar que a motomecanização ocorre de forma desigual no Alto Taquari, apresentando-se de forma mais reduzida no

município de David Canabarro, especialmente, devido às condições de relevo e da estrutura fundiária. Esses fatores se apresentaram como delineadores da forma de evolução do progresso técnico. Através do gráfico 6, apresentado a seguir, podemos comparar o emprego de máquinas e implementos agrícolas entre o município de David Canabarro e o conjunto da região do Alto Taquari, cujos dados foram apresentados no gráfico 5.

Gráfico 6. Percentual de estabelecimentos que utilizam arados de tração animal e de tração mecânica, máquinas para plantio e para colheita e tratores no Alto Taquari – 1970 a 1995.



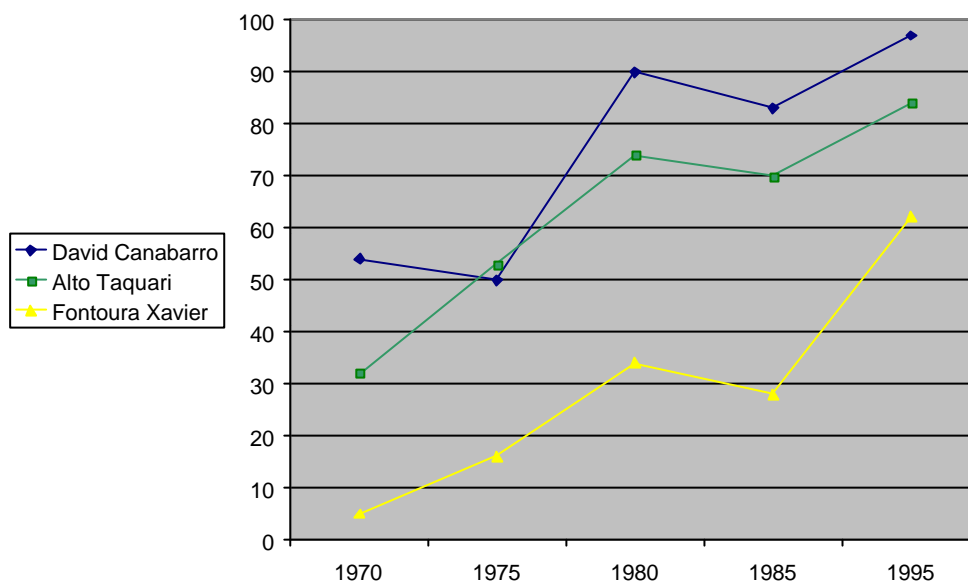
Fonte: Censo Agropecuário.

Analisando-se os gráficos anteriores, pode-se verificar que a utilização desses insumos ocorre de forma semelhante em ambas as situações. A partir de 1975, o emprego de arado de tração animal começa a decair. O contrário ocorre com o emprego de tratores e arados de tração mecânica, que têm aumento mais significativo nesse período, especialmente depois de 1985.

A oscilação no emprego de insumos mecânicos se comporta de forma semelhante entre David Canabarro e no Alto Taquari. Da mesma maneira, esse processo pode ser verificado para a utilização de fertilizantes químicos. Salvo o ano de 1975, as oscilações acompanham as mesmas tendências, demonstrando que a

redefinição do ambiente externo resulta numa implicação de forma similar para o conjunto da microrregião, pois não são elementos que se apresentam em situações isoladas. Esse processo pode ser verificado no gráfico 7.

Gráfico 7. Utilização de fertilizantes químicos nos municípios de David Canabarro e Fontoura Xavier e a microrregião do Alto Taquari – 1970 a 1995.



Fonte: Censo Agropecuário

Como pode ser observado no gráfico anterior, com exceção da variação do ano de 1975, para o município de David Canabarro, a variação nos demais anos ocorre de forma semelhante. Nas situações verificadas no gráfico, com exceção do município de David Canabarro, que em 1970 já possui percentual elevados de agricultores que utilizam esse fator, verifica-se um forte crescimento inicial e uma posterior queda, ocorrida de 1980 a 1985 e, a partir desse período, novamente um crescimento muito significativo. Comparando o gráfico 7 com a situação do gráfico 2 (referente ao percentual de agricultores dedicados à produção de soja e trigo em David Canabarro), pode-se verificar que essa queda na utilização de fertilizantes coincide com uma forte retração na produção de soja em meados da década de 1980. No entanto, em 1995, ao contrário da produção de soja, a utilização de fertilizantes alcança índices mais altos, o que significa que os agricultores modificam suas estratégias, porém a agricultura continua sendo alvo das suas ações e iniciativas.

Com a crise e a desagregação do sistema produtivo colonial e implementação de uma agricultura moderna, os agricultores familiares de David Canabarro e do Alto Taquari reformulam suas estratégias de reprodução mediante a mudança nos mecanismos responsáveis pelo provimento das condições de reprodução social e econômica. Concorda-se com Schneider (1999b), ao afirmar que as estratégias de reprodução são o resultado do processo de intermediação entre as duas esferas, o ambiente externo e as ações dos integrantes da família. Isso se verifica no presente estudo, visto que, a partir de meados da década de 1960, produção volta-se crescentemente para o mercado, havendo um aumento na aquisição de produtos para o estabelecimento familiar, tanto em nível de insumos para a reprodução dos processos produtivos, quanto de bens de consumo para a satisfação das demais *necessidades* da família.

A comercialização da soja inicialmente é feita nas casas de comércio da local. Os comerciantes, geralmente, eram indivíduos que trabalhavam no setor. Muitos deles eram uma espécie de redefinição do comerciante local, que, inicialmente, torna-se um meio de comercialização da soja. Muitos desses saíram das comunidades do interior e foram se estabelecer na sede municipal. Posteriormente, a ação de intermediário do comerciante perde espaço para as cooperativas agrícolas. A principal cooperativa a atuar no município de David Canabarro e na microrregião do alto Taquari foi a COOPASSO (Cooperativa de Passo Fundo).

A forma como se desenvolve a comercialização da produção contribui para um processo de especialização produtiva. A cooperativa significou uma articulação de longo alcance em torno da cultura da soja, pois sendo sócio de um canal de comercialização do produto, o agricultor percebia a atividade como sendo promissora. De acordo com depoimento de agricultor,

“a venda no início era feita para os comerciantes daqui e eles levavam a soja para a COOPASSO. Depois a cooperativa se expandiu e, pra poder vender, quase todo mundo se tornou sócio. A falência da cooperativa é uma história que a gente não tem conhecimento certo. Muitos falam que ela se expandiu demais, colocou filiais em muitos

lugares, não pôde controlar tudo e faliu” (D. C. Agricultor, David Canabarro).

Para os agricultores, a cooperativa era a possibilidade de ter a venda do produto garantida. Além disso, era um dos instrumentos de repasse das novas tecnologias, um local onde se conseguiam as informações acerca de variedades da cultura, fertilizantes, defensivos e técnicas de preparo e manejo do solo, tudo sob o paradigma oficial de modernização.

Através dos dados apresentados anteriormente buscou-se demonstrar como ocorre uma transformação nos processos produtivos implementados no município de David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari. Pôde-se perceber foram redefinidos aspectos relativos aos sistemas agrícolas, como a opção da maioria dos agricultores pelo cultivo da soja, bem como pelo forte crescimento no emprego de insumos químicos. Dentre os impactos provocados pelas mudanças ocorridas nas atividades agrícolas, verificou-se a desagregação do sistema produtivo colonial, passando de uma forma de organização da produção semi-autônoma para uma produção inserida na dinâmica do mercado, levando à emergência de novos atores e processos sociais, como o surgimento dos novos canais de comercialização e de novos processos de repasse tecnológico. A seguir, pretende-se demonstrar quais as implicações dessa transformação nas novas dinâmicas de organização do trabalho e das formas de sociabilidade desse período.

3.3. A (re)organização da agricultura familiar frente à modernização tecnológica

A modificação das atividades agrícolas produtivos é acompanhada por transformações no conjunto de relações envolvendo os agricultores familiares. Isso significa dizer que as transformações no ambiente externo ao estabelecimento familiar implica em redefinições na forma em que estes organizam a produção e a mão-de-obra existente. Os processos sociais formados durante o sistema produtivo

colonial, como produção semi-autônoma e relações de reciprocidade, foram modificando-se e dando lugar a novas relações, como a individualização e especialização produtiva e a produção voltada para o mercado. Agentes sociais até então inexistentes, como cooperativas de comercialização de soja e bancos, passam a se inter-relacionar com os agricultores sob a impessoalidade das relações mercantis. Em relação à propriedade da terra, em David Canabarro e no Alto Taquari, a modernização da agricultura provoca uma espécie de seleção entre os agricultores. Tanto os estabelecimentos com área menor, quanto os de maior área têm seu número diminuído, elevando-se o percentual dos estabelecimentos com área em nível intermediário. A dinâmica em que ocorre esse processo será discutida a seguir.

3.3.1. As mudanças na estrutura fundiária

A importância de apresentar uma discussão sobre as transformações na estrutura fundiária, deve-se à necessidade de entender os fatores que estão envolvidos nesse processo e como eles se apresentam no ambiente externo e internamente à família. Sendo assim, na medida em que ocorre uma transformação nos sistemas produtivos, nos tipos de cultivos e técnicas utilizadas, as condições de uso e manejo do solo, bem como o tamanho da área necessária para o suprimento das necessidades da família, também se modificam. A partir das informações recolhidas no Censo Agropecuário, o período em que se verifica uma maior participação da cultura da soja, no município de David Canabarro e no Alto Taquari, coincide com a queda no percentual de estabelecimentos com área menor de 10 hectares. Essa explicação pode estar no fato de que, por um lado, o agricultor que possui um estabelecimento muito pequeno é impelido a repetir os cultivos nos mesmos locais, elevando o seu custo de produção pela aquisição de insumos, derivado do maior desgaste dos recursos existentes. Por outro lado, a área agricultável para outras atividades acabava sendo reduzida, como por exemplo, a criação de animais. Essa atividade está diretamente relacionada ao cultivo de milho ou de pastagens para o suprimento de sua necessidade alimentar. Nessa mesma linha, as atividades voltadas ao auto-consumo, como a produção de arroz, feijão, batata, mandioca, entre outros,

também são colocadas em plano secundário. Desse modo, a reprodução desses estabelecimentos que, de modo geral, possuem menos recursos, torna-se dificultada. Na tabela 4, pode-se verificar a evolução do número de estabelecimentos por grupos de área.

Tabela 4. Evolução dos de estabelecimentos por com grupo de área e área média em hectares no município de David Canabarro – 1970 a 1995 (em %).

Período	Número de estabelecimentos	0 a 10 (há)	10 a 20 (há)	20 a 50 (há)	Mais de 50 (há)	Área média (há)
1970	1.076	37%	31%	26%	6%	17
1975	833	26%	33%	32%	9%	22
1980	813	25%	38%	31%	6%	21
1985	992	31%	38%	27%	4%	18
1995	816	36%	37%	25%	2%	17

Fonte: Censo Agropecuário

Como se pode observar na tabela anterior, de 1970 a 1995 ocorre uma redução absoluta no número de estabelecimentos em David Canabarro. Pode-se verificar também uma redução no percentual de estabelecimentos de 0 a 10 hectares e os acima de 50 hectares, ao passo que ocorre um aumento do percentual de estabelecimentos com área entre 10 e 20 hectares. A significativa redução no número total de estabelecimentos entre 1970 a 1975 está relacionada à expulsão demográfica da população rural, que houve nesse período. Isso ocorre, porque a produção de soja necessita de escala, e as propriedades com até 10 hectares não se mostram competitivas nesse ambiente. De acordo com a tabela anterior, esse é o único grupo de área que diminui o seu percentual nesse quinquênio. Uma das conseqüências da implementação desse modelo produtivo é a exclusão de agricultores menos favorecidos, concentração fundiária e êxodo rural.

Outra informação relevante que pode ser observada na tabela 4 é de que, a partir de 1985, o grupo de propriedades com até 10 hectares volta a ter maior percentual, juntamente com o grupo de área entre 10 e 20 hectares. A explicação para esse fenômeno é a emergência de novas atividades, como a produção de suínos, leite, frangos e fumo, das quais, algumas possuem a característica de necessitar de pouca área para ser desenvolvida, especialmente a produção de fumo e frangos. Todavia, esse processo será abordado no capítulo 4, onde serão analisadas as transformações

ocorridas com a crise do modelo da soja, a emergência das novas atividades e a ocorrência de uma diferenciação na agricultura familiar em David Canabarro.

Em proporções um pouco diferenciadas do município de David Canabarro, porém, acompanhando a mesma dinâmica, o processo discutido anteriormente desenvolve-se também nos demais municípios do Alto Taquari, como pode ser verificado na tabela a seguir:

Tabela 5. Evolução do número de estabelecimentos por com grupos de área na microrregião do Alto Taquari – 1970 a 1995 (em %).

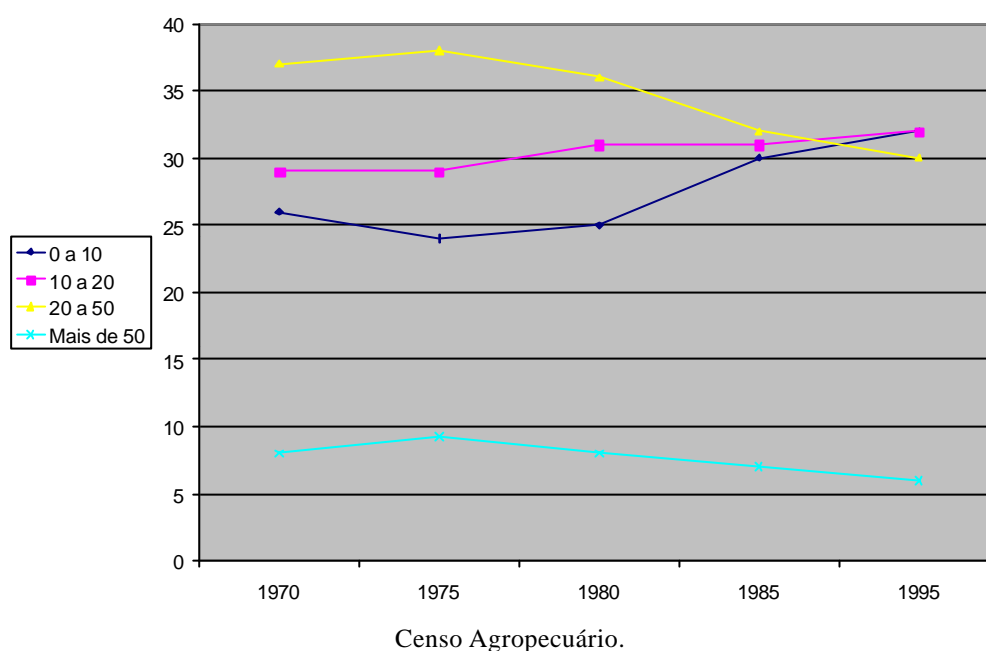
Período	Número de estabelecimentos por área								
	Total	0-10 há	%	10-20 há	%	20-50 há	%	> 50 há	%
1970	18.417	4.809	26%	5.362	29%	6.872	37%	1.374	8%
1975	17.080	4.089	24%	4.937	29%	6.471	38%	1.583	9%
1980	17.560	4.460	25%	5.409	31%	6.315	36%	1.376	8%
1985	19.248	5.754	30%	6.048	31%	6.174	32%	1.272	7%
1995	17.706	5.673	32%	5.671	32%	5.350	30%	1.012	6%

Fonte: Censo Agropecuário – 1970 a 1995/IBGE.

De acordo com a tabela 5, no grupo de área de até 10 hectares, primeiro ocorre uma diminuição no percentual de estabelecimentos e, a partir de 1985, há um significativo aumento. Do mesmo modo, na faixa de 10 a 20 hectares tem-se um leve aumento no percentual. Também diminui o percentual dos grupos de 20 a 50 hectares e acima de 50 hectares. A explicação para esse processo pode ser posta como sendo um reflexo do esgotamento das zonas pioneiras e do modelo agrícola implementado a partir da modernização da agricultura. No primeiro aspecto, a consequência é um processo de divisão das propriedades pelo mecanismo de partilha e herança, levando a um aumento da pressão demográfica sobre o recurso terra. No segundo aspecto, a cultura da soja, principal produto produzido em David Canabarro e no Alto Taquari, necessita de escala, onde a limitação de terra se mostrou um fator seletivo e as propriedades menores foram menos competitivas para esse produto. Todavia, a partir de meados da década de 1980, com a crise do modelo da soja e a emergência de novas atividades, menos exigentes em área, foi possível um processo inverso, ou seja, um aumento no percentual de propriedades no grupo de área com até 10 hectares e de 10 a 20 hectares. Através do gráfico 8, apresentado a seguir, pode-se

observar a ilustração da evolução do percentual de estabelecimentos por grupos de área no Alto Taquari, de 1970 a 1995.

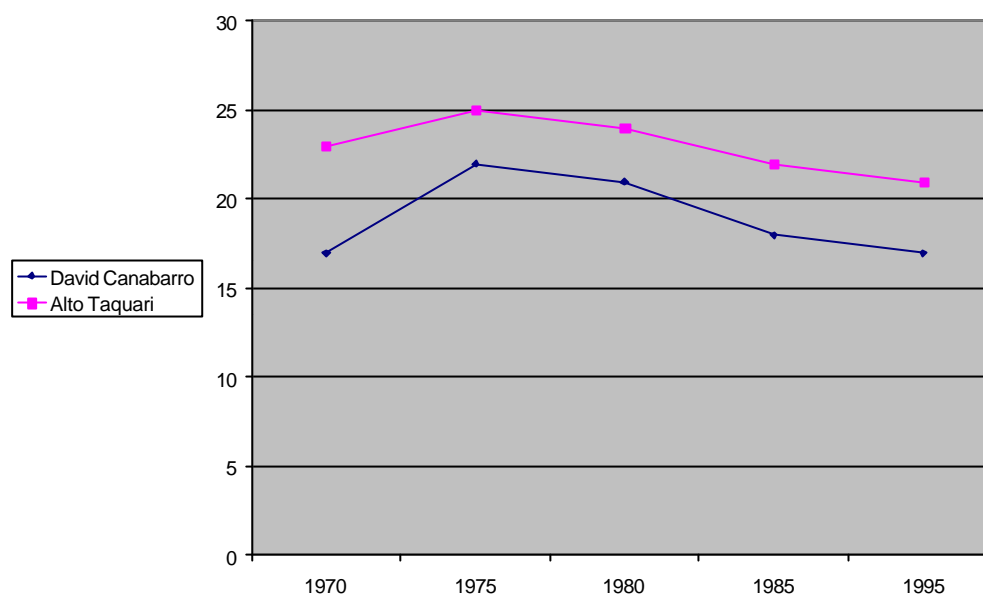
Gráfico 8. Percentual de estabelecimentos de acordo com grupos de área na microrregião do Alto Taquari – 1970 a 1975.



De acordo com o que foi discutido no Capítulo 1, a aquisição de novas terras ocorria através das migrações para as zonas pioneiras. De acordo com pesquisa de campo²⁷, entre o final da década de 1950 e até a década de 1960, houve o esgotamento da fronteira de expansão. Em virtude do processo de partilha e herança, ocorre uma fragmentação das propriedades e, com isso, a inviabilização de muitas delas. Durante o período em que há um maior percentual de agricultores dedicados á cultura da soja, entre 1970 e 1980, ocorre um aumento da concentração da propriedade, resultado da aquisição dos estabelecimentos menores por outros agricultores, elevando a área média dos estabelecimentos. De acordo com informações do Censo Agropecuário, em David Canabarro, de 1970 a 1975, há uma diminuição de 22,5% no número total de estabelecimentos, passando de 1.076 para 833. A relação desse processo entre David Canabarro e o Alto Taquari pode ser observado no gráfico 9.

²⁷ As entrevistas foram realizadas em David Canabarro.

Gráfico 9. Área média dos estabelecimentos no município de David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari – 1970 a 1995.



Fonte: Censo Agropecuário.

As formas de acesso à terra, especialmente no período entre 1970 e 1975, passam a ocorrer através da aquisição dos estabelecimentos menores, devido ao êxodo rural de muitos agricultores. No entanto, muitas propriedades continuam sendo fragmentadas, diminuindo novamente sua área média. Especialmente após 1985, os incrementos tecnológicos e o desenvolvimento de novas atividades possibilitaram que os agricultores formassem novas estratégias de reprodução social e econômica.

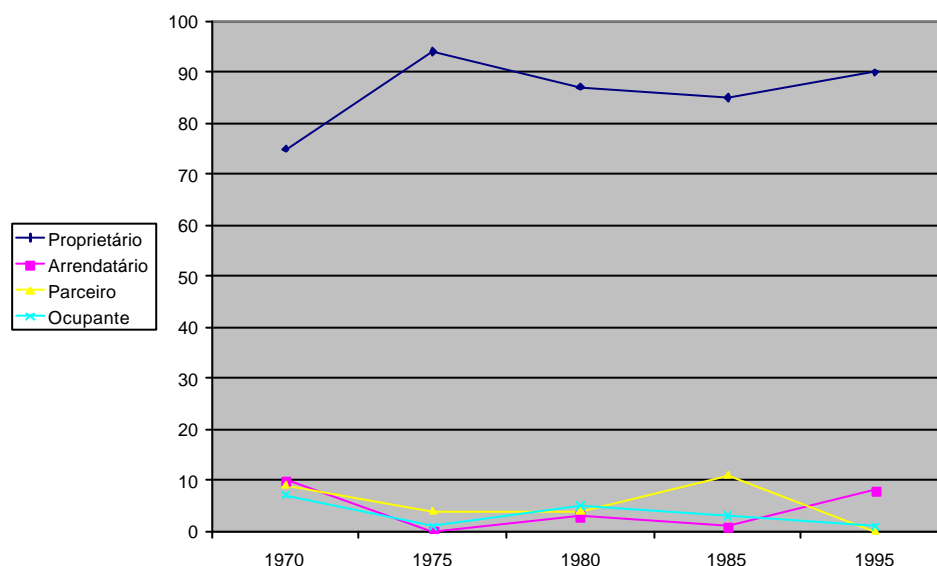
3.3.2. As alterações demográficas no Alto Taquari

A observação acerca da evolução recente da população rural e urbana no Alto Taquari tem por objetivo a tentativa de demonstrar indicadores para o desenvolvimento dos processos sociais locais. Através do estudo da dinâmica demográfica, dos movimentos populacionais rurais e urbanos dos habitantes da região, pode-se compreender processos sociais e econômicos de maior envergadura. Parte-se do pressuposto de que os movimentos demográficos relativos ao meio rural

não são respostas unicamente aos processos produtivos ligados à agropecuária, tendo em vista que o agrícola não compreende toda dimensão do rural.

No gráfico 10, é possível perceber a evolução da condição do produtor no município de David Canabarro. Nesse sentido, pode-se verificar que a maior parte dos agricultores são proprietários de suas terras. Do mesmo modo, as variações ocorridas de 1970 a 1995 não são muito significativas. A maior variação ocorre em 1975, mesmo período em que o número de propriedades é reduzido em 22,5% no município, diminuindo de 1.076 para 833 estabelecimentos.

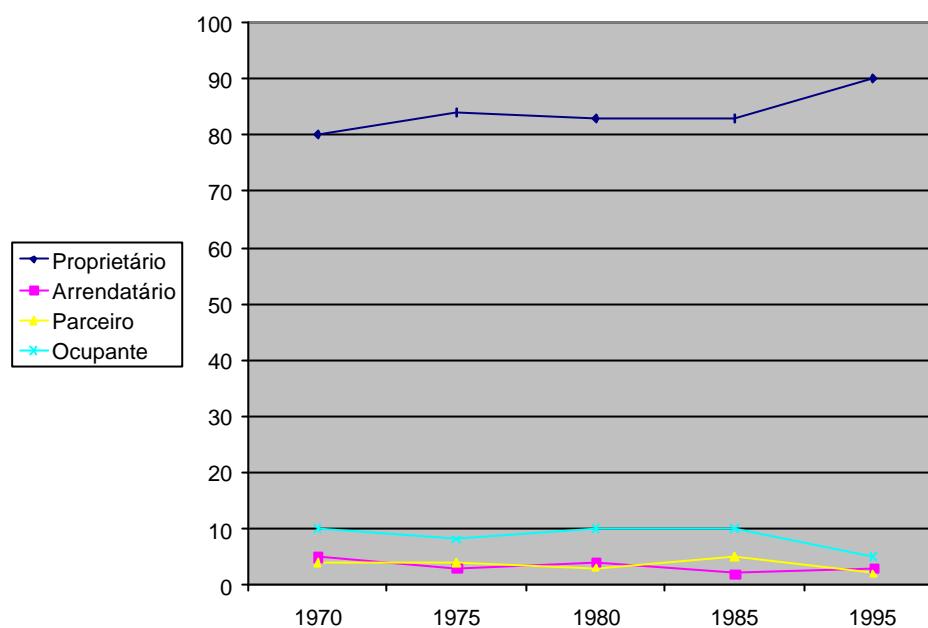
Gráfico 10. Percentual de estabelecimentos de acordo com condição do produtor no município de David Canabarro – 1970 a 1995.



Fonte: Censo Agropecuário.

Como pode-se perceber no gráfico 10, no ano de 1975, as categorias arrendatário, parceiro e ocupante tiveram redução do seu percentual. Desse modo, pode-se pensar que, mediante as transformações técnico-produtivas operadas sobre a agricultura, além de uma concentração da propriedade, redução do número absoluto de estabelecimentos, a modernização da agricultura foi seletiva em relação às formas de organização da produção e do trabalho na agricultura que não possuíam o recurso terra. Através do gráfico 11, apresentado a seguir, pode-se fazer um comparativo entre a realidade de David Canabarro e o Alto Taquari no que se refere à condição do produtor.

Gráfico 11. Percentual de estabelecimentos de acordo com condição do produtor na microrregião do Alto Taquari – 1970 a 1995.



Fonte: Censo Agropecuário

Como pode-se verificar nos gráficos 10 e 11, de um modo geral, a oscilação no percentual de proprietários dos estabelecimentos segue a mesma tendência. Ao analisar a evolução do número total de estabelecimentos rurais, de 1970 a 1975, no Alto Taquari, verificou-se também uma significativa redução no número de estabelecimentos, na ordem de 23,5%, passando de 18.763 para 14.342. A crescente adoção de inovações tecnológicas na agricultura, especialmente no que se refere aos fertilizantes e sementes melhoradas, e da adesão dos agricultores ao sistema de cultivo da soja, tem modificado a forma semi-autônoma do sistema produtivo colonial para uma forma dependente do mercado, tanto de setores a montante quanto a jusante ao estabelecimento, na compra de insumos e na venda da produção. As transformações ocorridas nos aspectos da condição do produtor e do número de estabelecimentos, em David Canabarro e do Alto Taquari, portanto, são frutos de transformação na sua base técnico-produtiva e da emergência de novos processos sociais ocorridos no ambiente social e econômico mais amplo, especificamente, referente ao processo de mercantilização, tal como abordado por Van der Ploeg (1990;1992).

Observando a tabela a seguir, é possível verificar o comportamento da população no período de 1970 a 2000. De acordo com os dados apresentados na tabela, nas últimas três décadas, no Alto Taquari há uma redução de 37% da população rural, sendo que os dois períodos onde ocorre o maior êxodo são as décadas de 1970 e 1990. De um lado, as principais causas que levaram a esse esvaziamento da população rural estão relacionadas às mudanças técnico-produtivas ocorridas na agricultura que crescentemente liberação mão-de-obra do setor para outras atividades. Por outro lado, um processo de industrialização ocorrido em parte do território do Alto Taquari, especialmente a partir da década de 1990, absorve a população nas cidades da região sem haver êxodo inter-regional.

Tabela 6. Evolução da população rural nos municípios da microrregião do Alto Taquari – 1970-2000.

Municípios	1970	1980	80/70 (%)	1990	90/80 (%)	2000	00/90 (%)
Anta Gorda	7.849	6.211	-21	5.699	-8	4.506	-21
Arvorezinha	11.772	11.596	-1	8.195	-29	4.885	-40
Nova Alvorada	-	-	-	2.169	-	1.966	-9
Itapuca	-	-	-	-	-	2.246	-
Casca	13.589	10.925	-20	7.011	-36	4.322	-38
Vanini	-	-	-	1.155	-	1.043	-10
São Domingos do Sul	-	-	-	1.546	-	1.350	-13
Santo Antônio do Palma	-	-	-	-	-	1.723	-
DAVID CANABARRO	6.106	4.814	-21	4.072	-15	3.315	-19
Fontoura Xavier	14.642	12.550	-14	10.152	-19	8.091	-20
São José do Herval	-	-	-	1.987	-	1.800	-9
Guaporé	16.886	13.206	-22	5.357	-59	2.386	-55
União da Serra	-	-	-	-	-	1.622	-
Dois Lajeados	-	-	-	4.332	-	2.010	-54
São Valentim do Sul	-	-	-	-	-	1.559	-
Ilópolis	2.708	2.674	-1	2.610	-2	2.506	-4
Nova Araçá	1.821	1.236	-32	1.438	16	1.226	-15
Nova Bassano	5.415	4.714	-13	3.999	-15	3.878	-3
Nova Prata	14.148	11.916	-16	4.628	-61	3.925	-15
Guabiju	-	-	-	1.157	-	1.118	-3
São Jorge	-	-	-	2.010	-	1.687	-16
Protásio Alves	-	-	-	2.041	-	1.743	-15
Vista Alegre do Prata	-	-	-	1.503	-	1.256	-16
Paráí	3.569	3.712	4	3.794	2	3.197	-16
Putinga	6.229	5.378	-14	4.136	-23	3.271	-21
Serafina Corrêa	6.144	5.546	-10	3.021	-46	2.478	-18
Montauri	-	-	-	1.402	-	1.192	-15
Alto Taquari	110.878	94.478	-15	83.414	-12	70.301	-16

Fonte: Censo Demográfico.

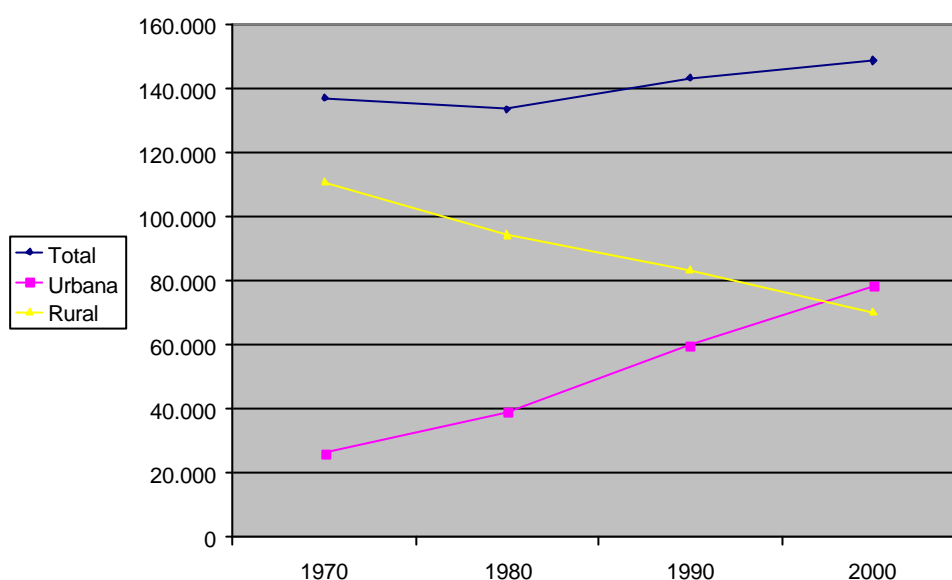
Constatada a progressiva diminuição da população rural, é importante identificar qual o destino das pessoas que deixam o meio rural, se o deslocamento é para os próprios municípios da própria região, ou se os pontos de atração estão localizados em outros locais. De acordo com dados do Censo Demográfico, a evolução da população absoluta do Alto Taquari demonstra uma dinâmica que até a década de 1980 se direciona para fora e, posteriormente, volta-se para o interior do território.

Uma das hipóteses que pode explicar o processo descrito anteriormente é a ocorrência um significativo processo de industrialização na região do Alto Taquari, de modo a possibilitar a absorção de parte da mão-de-obra que deixa o meio rural. No entanto, de acordo com dados verificados anteriormente acerca do número de estabelecimentos no Alto Taquari, verifica-se que o êxodo compreende as migração de famílias rurais. Ou seja, esse processo, de um modo geral, não refere-se tanto a migração de indivíduos de famílias isoladamente, mas de um processo de reestruturação fundiária, onde determinados estabelecimentos, especialmente os menores, tornam-se economicamente inviáveis na realização dos processos produtivos. Essa condição acaba por forçar às famílias a deixarem o estabelecimento e procurarem a colocação de sua mão-de-obra em outro setor.

De acordo com o gráfico 12, pode-se observar a evolução da população total do Alto Taquari, bem como verificar a relação entre a população urbana total e a população rural total desse território. Segundo informações contidas no gráfico, é possível verificar que de 1970 a 1980 ocorre uma redução absoluta na população do Alto Taquari. Nesse período, de acordo com dados do Censo Agropecuário, a área média dos estabelecimentos atinge os valores mais elevados, tanto no município de David Canabarro, quanto na microrregião do Alto Taquari. Isso significa dizer que há um (re)ordenamento e concentração fundiária em decorrência do abandono de muitas famílias do meio rural. Essas áreas são anexadas aos estabelecimentos maiores, ou mesmo adquiridas por novas famílias que surgem constantemente no meio rural. A população rural total da microrregião nesse período diminui de 137.212 para 133.536 pessoas. Nesse sentido, enquanto a população urbana registra um acréscimo de 12.724 de pessoas, a população rural tem um êxodo de 16.400

peças. A dinâmica populacional, portanto, indica que o sentido da migração desse período é inter-regional.

Gráfico 12. Evolução da população total, urbana e rural da microrregião do Alto Taquari – 1970-2000.



Fonte: Censo Demográfico

A população total da microrregião do Alto Taquari, nas décadas de 1980 e 1990, ao contrário da década anterior, apresenta um significativo aumento, passando de 133.536 para 148.733 pessoas. Isso demonstra um crescimento absoluto da população e, diferentemente da década de 1970, a partir da década de 1980 o destino das migrações, seja rural ou urbana, volta-se para a própria região. Desse modo, verifica-se um processo de desenvolvimento endógeno. Os municípios com maior população urbana nesse período são Guaporé e Nova Prata.

Uma explicação possível para essa nova dinâmica populacional é a transformação social econômica gerada pela emergência de um processo de industrialização em alguns municípios. O crescimento da população local é um dos indicadores do desenvolvimento endógeno, porém, esse processo ocorrido no Alto Taquari é derivado do desenvolvimento de processos com marcas territoriais muito fortes, como é o caso da exploração de basalto e da emergência do setor coureiro-calçadista. Além da absorção da mão-de-obra da população local rural e urbana, tem-se gerado postos de trabalho para pessoas oriundas de outras regiões e até de outros

estados. Esta mudança na estrutura produtiva da região, faz com que ela deixe de ser essencialmente agrícola. Esse processo pode ser visualizado através da tabela à seguir, onde tem-se o Valor Adicionado Bruto (VAB) a preços básicos dos municípios nos anos de 1985 e 1999.

Tabela 7. Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) a preços básicos, por setores de atividade econômica, dos municípios da microrregião do Alto Taquari – 1985 a 1999 (em %).

Municípios	Agropecuária		Indústria		Serviços	
	1985	1999	1985	1999	1985	1999
Anta Gorda	64	49	4	13	32	38
Arvorezinha	57	46	6	3	37	51
Casca	55	47	8	13	37	40
DAVID CANABARRO	50	63	1	3	49	34
Dois Lajeados	-	56	-	1	-	43
Fontoura Xavier	46	39	5	4	49	57
Guabiju	-	48	-	2	-	50
Guaporé	32	13	29	36	39	51
Ilópolis	52	39	3	13	45	48
Itapuca	-	54	-	4	-	42
Montauri	-	61	-	0	-	39
Nova Alvorada	-	62	-	0	-	38
Nova Araçá	38	32	33	28	29	40
Nova Bassano	51	14	26	61	23	25
Nova Prata	30	7	30	64	40	29
Paráí	49	30	18	31	33	39
Protásio Alves	-	43	-	6	-	51
Putinga	59	45	1	8	40	47
Sto Antônio do Palma	-	62	-	1	-	37
São Domingos do Sul	-	50	-	5	-	45
São Jorge	-	53	-	3	-	44
São José do Herval	-	38	-	4	-	58
São Valentim do Sul	-	59	-	5	-	36
Serafina Corrêa	24	17	45	54	31	29
União da Serra	-	64	-	1	-	35
Vanini	-	49	-	4	-	47
Vista Alegre do Prata	-	56	-	1	-	43
ALTO TAQUARI	42	29	22	33	36	38

Fonte: FEE – Fundação de Economia e Estatística.

Através da evolução do VAB a preços básicos por setores de atividade econômica apresentada anteriormente, pode-se fazer uma tipologia dos municípios a partir de sua condição em 1999:

- a) municípios que em 1999 tinham menos de 25% de VAB na agropecuária indicam uma forte industrialização. Esse é o caso dos municípios de Guaporé,

Nova Bassano, Nova Prata e Serafina Corrêa. Deve-se notar o caso do município de Guaporé, onde o setor de serviços também apresenta significativo crescimento, passando de 39% de 1985 para 51% em 1999.

- b) municípios com VAB na agropecuária de 25% a 50% indicam um estado intermediário. Nesse caso, tem-se os municípios de Anta Gorda, Arvorezinha, Casca, Fontoura Xavier, Guabiju, Ilópolis, Nova Araçá, Parai, Protásio Alves, Putinga, São José do Herval e Vanini. Destes, os que apresentam o setor de serviços com mais de 50% na constituição do VAB, é Fontoura Xavier, que em 1999 possui 57%, e São José do Herval, com 58%.
- c) municípios com VAB na agropecuária acima de 50%, indicam que são essencialmente agrícolas. Nesse grupo encontram-se David Canabarro, Dois Lajeados, Itapuca, Montauri, Nova Alvorada, Santo Antônio do Palma, São Domingos do Sul, São Jorge, São Valentim do Sul e União da Serra e Vista Alegre do Prata.

De acordo com os dados da tabela anterior, pode-se verificar que na maioria dos municípios a constituição do VAB ainda continua tendo predominância do setor agropecuário. Os municípios de alto VAB agrícola são também os mais rurais, de menor população total e, com exceção de David Canabarro, são também recém emancipados²⁸. Todos os novos municípios forma emancipados entre os anos de 1987 e 1992. Nesse período ouve uma flexibilização maior por parte do Estado para a criação de mais unidades administrativas. Os projetos que as lideranças das comunidades apresentaram para o encaminhamento das emancipações na Assembléia Legislativa do governo do estado, deveria conter os principais aspectos econômicos e sócio-culturais das comunidades, bem como a existência de alguns serviços básicos à população, como hospitais ou postos de saúde e escolas.

Em termos administrativos, as emancipações beneficiaram os novos municípios. Isso é justificado pelo fato do montante de recursos repassados estar mais próximo dos beneficiados, a comunidade local. Estando na condição de distrito municipal, nem sempre as demandas da comunidade são atendidas, visto que há

²⁸ Emancipados em 1987: Vanini, São Domingos do sul, Dois Lajeados, Guabiju e São Jorge.
Emancipados em 1988: Nova Alvorada, São José do Herval, Protásio Alves, Vista Alegre do Prata e Montauri.
Emancipados em 1992: Itapuca, Santo Antônio do Palma, São Valentim do Sul e União da Serra.

disputas²⁹ com os demais distritos e com a sede municipal para a pelos recursos e pela realização de serviços. O município de origem, também é beneficiado com as emancipações. Apesar dos recursos repassados serem menores, diminui o volume de serviços a serem realizados, podendo dedicar maior atenção para a comunidade restante e tendo a possibilidade de melhorar a eficiência dos serviços prestados. Todavia, essa é uma questão que foge do tema aqui proposto e necessita de uma análise de maior envergadura.

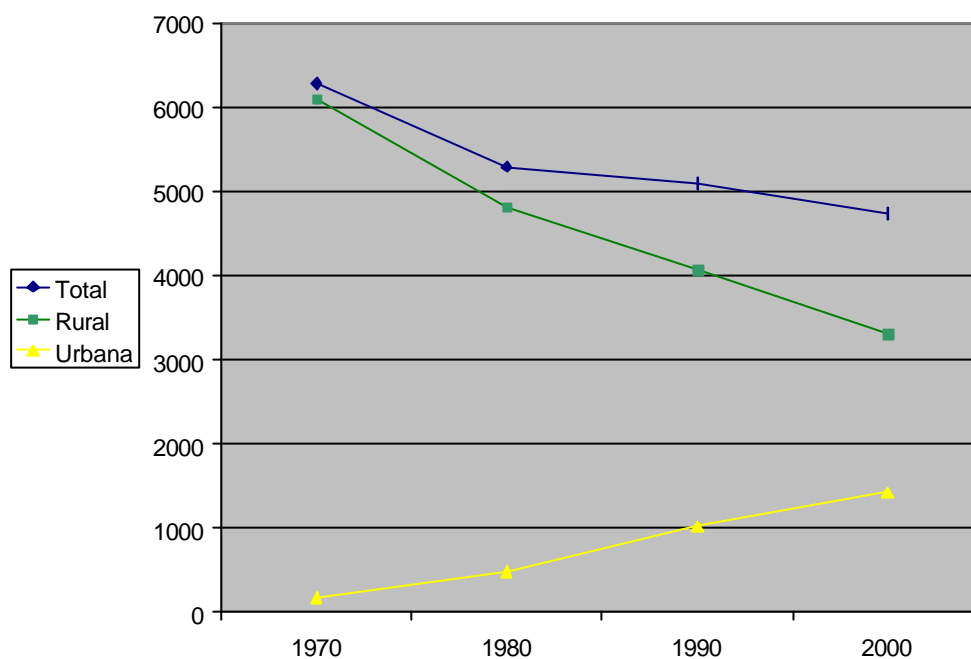
Os municípios que permaneceram essencialmente agrícolas, tipificados na terceira categoria, tiveram menos opções de alocação da mão-de-obra que se encontrava excedente na agricultura. As inovações tecnológica proporcionaram maior agilidade na execução das tarefas, portanto, proporcionaram a liberação de mão-de-obra. Além disso, o tamanho reduzido da maior parte das unidades produtivas, com área média em torno de 20 hectares, conduz muitos dos filhos de agricultores a procurarem por uma ocupação em outros setores, sendo que, muitas vezes, esse processo significa na sua saída do estabelecimento familiar. Porém, há casos em que a mão-de-obra é ocupada em atividades não-agrícolas sem haver o abandono do estabelecimento, como a ocupação na agroindústria artesanal familiar, a trabalho assalariado em fábricas do local ou o trabalho a domicílio.

Através do gráfico 13, pode-se verificar a evolução da população total, população rural e população urbana do município de David Canabarro de 1970 a 2000. Como pode-se perceber no gráfico 9, há uma forte e constante queda na população rural no período analisado, reduzindo em praticamente 50%. De 6.106 pessoas em 1970, a população passa para 3.315 no ano de 2000. Diante do modo como ocorre a evolução demográfica, verifica-se que, em David Canabarro, a dinâmica populacional não ocorre da mesma forma que no Alto Taquari, conforme

²⁹ Um evento ocorrido no município de David Canabarro pode ser tomado como exemplo dessa questão. Em assembléia popular do Orçamento Participativo na qual seria decidido sobre o destino de um determinado volume de recursos, por um lado, uma determinada comunidade do interior (São José do Capingüi) pleiteava pela ampliação do número de salas do colégio estadual de primeiro grau que está em funcionamento no local, visto que havia dificuldade em atender a demanda do número de alunos, fazendo-se necessário a subdivisão das salas com cortinas que, segundo os professores, gerava problemas no processo de aprendizado. Por outro lado, a sede municipal tinha o interesse de construir mais um ginásio de esportes. O resultado dessa disputa pelos recursos foi a vitória da sede municipal, não pela legitimidade do seu emprego ou por qualquer ordem em termos de prioridades, como saúde, educação, desenvolvimento, etc., mas pelo simples fato de contar com um maior número de votos.

demonstrado no gráfico 8, onde registrou-se um aumento populacional nas últimas duas décadas.

Gráfico 13. Evolução da população rural do município de David Canabarro– 1970 a 2000.



Fonte: Censo Agropecuário.

Como mencionado anteriormente, isso se deve ao fato de alguns municípios terem experimentado um processo de industrialização, absorvendo a mão-de-obra oriunda do seu meio rural. Outros municípios porém, como é o caso de David Canabarro, continuam essencialmente agrícolas, de modo que a população rural local não possui consideráveis alternativas de encontrar postos de trabalho no ambiente urbano. Desse modo, o crescimento da população urbana não consegue acompanhar o decréscimo da população rural. Em razão disso, ocorre uma diminuição na população absoluta do município.

3.3.3. As transformações nos processos produtivos

Dentre os aspectos mais relevantes no processo de transformação da agricultura familiar em David Canabarro e no Alto Taquari, estão a organização do

trabalho no interior da família e em nível de comunidade. Em nível de comunidade, as transformações ocorrem na mesma medida em que avança o processo de modernização da agricultura e a introdução da cultura da soja. Durante o período da agricultura colonial e no início da implantação do cultivo da soja, determinadas atividades ainda eram realizadas em sistemas envolvendo relações de reciprocidade, através da *troca de dias*. No entanto, uma das características da agricultura moderna é justamente o oposto, a especialização e a individualização produtiva. Todavia, essa transformação nas relações de trabalho no ambiente externo ao estabelecimento não ocorre de forma abrupta. Isso acontece na medida em que as transformações tecnológicas são implementadas no estabelecimento, e as estratégias de reprodução não são formuladas no sentido de privilegiar o trabalho em nível comunitário.

Um exemplo do fenômeno descrito anteriormente refere-se à utilização de máquina estacionária para realizar a debulha da soja. De acordo com informações acerca da utilização de máquinas e implementos agrícolas apresentadas nos gráficos 5 e 6, a produção de soja, inicialmente, desenvolve-se com baixos índices de motomecanização. O preparo do solo era feito com arado e grade de tração animal, a colheita era manual e a trilha era um processo misto. No processo de trilha é que se manteve por um determinado período características de solidariedade e reciprocidade. De acordo com estudo realizado por Tedesco (1999), a organização do trabalho entre as famílias se dá através da *troca de dias*. A dificuldade de execução da produção em terrenos com níveis elevados de declividade, a perecibilidade do produto, entre outros, fazia com que a etapa da colheita agrupasse vizinhos, parentes ou pessoas mais próximas para realizarem a *trilha* do produto.

De acordo com depoimento de agricultor,

“no início a dificuldade era trilhar. A gente era obrigado a esperar aquele que tinha uma trilhadeira e passava nos colonos da comunidade ou aqui próximos pra trilhar. Então a gente amontoava a soja, cobria e esperava. Depois o banco começou a fazer financiamentos e os colonos mais ‘fortes’ começaram a comprar sua trilhadeira, ou mesmo entre os vizinhos, juntava o dinheiro, comprava e depois dividia o uso. No ponto máximo da soja, que foi até 1980 a 1985, quase todo mundo tinha trilhadeira” (D. C. Agricultor, David Canabarro).

De acordo com verificação feita no gráfico 2, acerca do percentual de agricultores que produziam soja de 1970 a 1995, percebe-se que, a partir de 1970, esse produto teve um expressivo aumento, voltando a diminuir a partir de 1985. Associado a isto, verificou-se nos gráficos 3 e 4, que a utilização de fertilizantes químicos e defensivos agrícolas tiveram um leve recuo em 1985 e, posteriormente, permaneceram com percentual muito alto. No entanto, de acordo com as informações contidas nos gráficos 5 e 6, verificou-se que, em David Canabarro e no Alto Taquari, as inovações tecnológicas ligadas à moto-mecanização se desenvolveram de forma bastante limitada. Essas informações remetem ao questionamento acerca do modo com que os agricultores organizam o processo produtivo do qual passou a depender a sua reprodução social e econômica.

A colheita da soja era realizada de forma manual e a debulha ou trilha era feita através de máquina estacionária. De um modo geral, as tarefas de semeadura e capina eram realizadas pela família, contudo, devido aos riscos proporcionados pela perecibilidade do produto e pelo fato de muitas vezes as famílias dividirem o uso das trilhadeiras, a colheita era realizada com a ajuda de pessoas de fora do estabelecimento, sendo estes, geralmente, vizinhos ou parentes. Desse modo, na medida em que o produto alcançava sua maturação, os esforços eram destinados às demandas mais urgentes e, dessa forma, era realizado todo um circuito de *troca de dias* entre as famílias que mantinham alguma relação de reciprocidade.

No entanto, na medida em que são implementadas as inovações tecnológicas na agricultura, as relações sociais vão se redefinindo, dando origem a uma forma de produzir cada vez mais voltada para o interior do próprio estabelecimento. De acordo com o trecho de entrevista citado anteriormente, no início da década de 1980, a maior parte dos agricultores já possuía a sua trilhadeira e, por isso, a produção podia ser planejada de forma que o seu manejo pudesse ser feito somente com a mão-de-obra da família. Nesse sentido, além da especialização produtiva, a modernização da agricultura conduz os agricultores a um crescente processo de individualização.

No interior da família ocorre uma reorganização das tarefas competentes ao homem e à mulher. A divisão sexual do trabalho continua existindo, contudo, o espaço que mais se desenvolve é o relativo a produção agrícola, ou seja, o *espaço do homem*. Nos aspectos referentes às tarefas ligadas à manutenção da casa, cuidar da

horta doméstica, cuidar dos produtos para o autoconsumo e a produção de artesanato, ou seja, os ofícios que eram próprios da mulher, são crescentemente substituídos por bens de consumo adquiridos no mercado. Em razão disso, a mulher passa cada vez mais a ocupar o seu tempo em tarefas tidas como próprias do homem, acarretando, muitas vezes, uma dupla jornada de trabalho.

De acordo com Tedesco (1999), o espaço relativo às atividades da mulher está mais próximo à casa, ao lar. *“No meio rural, sempre esteve presente a divisão espacial em termo de casa e ‘de fora’, relacionada à alimentação, educação, limpeza, reprodução dos princípios inerentes à família do colono e à cultura camponesa e do meio rural em geral”* (p. 175). Com as especializações produtivas, a mulher crescentemente passa a se dedicar às atividades tidas como “de fora”, ou seja, além do espaço e da dimensão delimitada culturalmente como sua.

De acordo com entrevistas realizadas no município de David Canabarro, o êxodo rural, principalmente das jovens rurais para a cidade, tinha como objetivo o emprego de sua mão-de-obra como doméstica nos domicílios urbanos. De um modo geral, a ocupação do trabalho era associada à prática do estudo, portanto, constituindo-se como algo que lhe favoreceria em longo prazo, na obtenção das condições para a sua reprodução social e econômica. Essa foi uma nova forma de reproduzir-se socialmente encontrada pelas jovens rurais para fazerem frente a um processo que também era novo. Como verificado anteriormente, o estreitamento e esgotamento da zona de expansão levaram a uma crescente minifundização e, em seguida, com a implementação do cultivo da soja, altamente exigente em escala de produção, a ocorrência de êxodo rural.

De acordo com extensionistas da EMATER, o trabalho das jovens rurais como domésticas nas cidades, tido como tradicional, em um determinado momento passa a sofrer concorrência de outras atividades que surgem no município de David Canabarro e em alguns municípios de seu entorno. Essa situação é verificada, principalmente, com a chegada das indústrias do setor coureiro-calçadista. Em seu depoimento, afirma que essas fábricas acabaram por redefinir a dinâmica social existente, ou seja,

“Por funcionar em dois turnos, 16 horas por dia, e tendo em vista a baixa população dos pequenos municípios, as fábricas conseguem empregar bastante mão-de-obra acabando por apropriar-se da mão-de-obra das jovens que, tradicionalmente, ocupavam-se como domésticas no ambiente urbano. Nesse sentido gera-se uma crise de oferta nesses locais” (J. C. R. Engenheiro Agrônomo, EMATER, David Canabarro).

É importante no depoimento anterior para o fato da ocupação em serviços domésticos na cidade ter se tornado uma alternativa consolidada entre as jovens rurais. Todavia, a exemplo dessa estratégia de reprodução, novas alternativas foram sendo formuladas e desenvolvidas pelos agricultores fora do setor agrícola, mesmo que isso significasse um deslocamento temporário do estabelecimento familiar para a venda da força de trabalho de algum de seus integrantes no ambiente urbano.

A partir do início da década de 1980, a produção de soja na agricultura começa a entrar em crise. Esse processo está relacionado à ocorrência de diversos fatores. Dentre eles pode-se destacar o fato do Estado ter se retirado da condição de subsidiar a agricultura. Além disso, o cenário para a produção e comercialização do produto também tornou-se desfavorável. Com os solos esgotados, após diversos anos de sucessivos cultivos sem as precauções adequadas com controle de erosão, levando a um aumento no custo da produção, a diminuição no preço pago pelo produto e crise financeira da Coopasso, apresentaram-se como fatores locais para o surgimento de um cenário significativamente desfavorável à continuidade dos cultivos para a maior parte dos agricultores. Em nível global, a União Européia passa a deter um excedente de produto, o que levou a uma queda no seu preço. De acordo com gráfico 2, pode-se verificar a expressiva diminuição do percentual de agricultores que produzem soja a partir de 1985. Nesse período, os agricultores passam a se dedicar a outras atividades agrícolas que emergem com maior expressão, como é o caso da produção de fumo, leite, suínos e aves, como será verificado no capítulo seguinte. Fora da agricultura, novas desenvolvidas a partir da inserção da mão-de-obra em diferentes atividades. Destacam-se o setor do basalto, das indústrias coureiro-calçadista, entre outros. A partir desse período, as estratégias de reprodução dos agricultores familiares são formuladas através da inserção da mão-de-obra em atividades não-agrícolas,

emergindo um processo que, na literatura, é denominado de pluriatividade. Esse novo processo será abordado com maior clareza e nível de detalhamento detalhes no capítulo 4.

Tendo por base os dados referentes à produção agrícola colonial e, através das informações levantadas anteriormente, é possível pensar que ocorre um processo de transformação da forma de produção familiar ali existente. Nesse sentido, verifica-se que as mudanças não ocorrem somente em aspectos técnico-produtivos. As transformações passam pela instância da organização familiar e comunitária do trabalho. As formas de sociabilidade baseadas em relações de reciprocidade e solidariedade perdem espaço para a produção individualizada. Nesse sentido, o aumento do grau de dependência mercantil dos processos produtivos se dá via integração às agroindústrias e pela venda da força de trabalho, via pluriatividade, em suas diversas formas.

A partir da discussão anterior, verifica-se que a explicação para a implantação de dos novos sistemas agrícolas e para os novos processos sociais que emergiram com a modernização da agricultura, não pode mais ser realizada através do conceito de sistema produtivo colonial, visto que o modo de organização da produção e do trabalho em nível familiar e comunitário possui uma nova racionalidade, a racionalidade do mercado. Verifica-se, com isso, em David Canabarro e no Alto Taquari, a emergência de uma agricultura familiar modernizada e altamente integrada com os mercados.

De acordo com as informações dos gráficos 12 e 13, percebe-se que, apesar das fortes transformações técnico-produtivas ocorridas na agricultura de David Canabarro e do Alto Taquari, a modernização e a sojicultura também não foram capazes de resolver os problemas da agricultura familiar na região. Em ambas as situações percebe-se um êxodo rural expressivo, primeiro para outras regiões e, em seguida, para os ambientes urbanos da própria região.

A partir da década de 1980, a soja é substituída, quase que totalmente, pela produção de frangos, fumo, suínos e leite, entre outras atividades, como milho e feijão. Esse processo constitui-se como as novas estratégia de reprodução da agricultura familiar, que, em alguns casos, necessitam de menor área para serem desenvolvidas, expulsam menos pessoas do campo e permite que integrantes da

família dediquem-se a não-agrícolas sem, contudo, resultar num processo de êxodo rural. Pode-se dizer que essa é uma idéia geral do tema tratado no capítulo a seguir.

Capítulo 4

Agricultura Familiar e Mercantilização do Espaço Agrário: integração agroindustrial e pluriatividade no Alto Taquari

O presente capítulo tem por objetivo abordar o processo transformação e diferenciação social da agricultura familiar em David Canabarro e no Alto Taquari, verificando o modo como eles viabilizam sua reprodução social e econômica a partir de meados da década de 1980. De acordo com verificação feita no capítulo anterior, a partir de meados da década de 1960 a agricultura familiar do Alto Taquari passa por um processo de crescente transformação, especialmente no que se refere à sua base técnico-produtiva. A produção volta-se crescentemente para o mercado intensificando-se e aprofundando a dependência dos agricultores por setores a montante e a jusante do estabelecimento, na compra de insumos e na venda da produção.

A partir da década de 1980, os agricultores começam a orientar suas ações para novos processos produtivos e de trabalho. Nesse período, o processo produtivo, baseado no cultivo da soja, entra em crise e a agricultura familiar, de um lado, redefine seus processos produtivos, mediante a integração das atividades agrícolas às agroindústrias, especialmente na produção de fumo e leite e criação de aves e suínos. Por outro lado, outras ações são orientadas via colocação da mão-de-obra no mercado de trabalho, ou seja, em atividades não-agrícolas. As principais atividades não-agrícolas referem-se ao trabalho no setor coureiro-calçadista e à extração do basalto. Além disso, de forma redefinida pela própria transformação da base técnica, a agroindústria artesanal familiar, ocupa importante papel na reprodução social do

estabelecimento familiar, via processamento e obtenção de produtos para o auto-consumo da família. Essa atividade, em especial, representa um elo de ligação entre a agricultura familiar modernizada e a agricultura colonial. Esses processos mais recentes de reformulação das ações da agricultura familiar, com vistas à sua reprodução social e econômica no município de David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari, será tema do presente capítulo.

4.1. A crise da agricultura convencional a diversificação da economia rural

A crise operada sobre a agricultura, na década de 1980, levou a uma expressiva transformação nos sistemas produtivos desenvolvidos no Alto Taquari. Em virtude da queda dos preços internacionais dos tradicionais produtos de exportação produzidos no Brasil, o país teve que procurar outros nichos de inserção nos mercados internacionais. De um lado, o Estado diminuiu a concessão de crédito agrícola e outros incentivos à agricultura e, de outro, o modelo da “Revolução Verde” e do produtivismo começa a apresentar algumas contradições. Acerca da concessão de incentivos à agricultura, de acordo com Graziano da Silva (1996), no período 1981/85, as políticas de câmbio e de salários foram particularmente importantes, pois permitiram redirecionar a produção agrícola para a obtenção de excedentes exportáveis. Em termos de política agrícola propriamente dita, os preços mínimos foram ganhando destaque com o objetivo claro de compensar o papel declinante do crédito rural (p. 113).

A emergência da Comunidade Européia como produtora de excedentes em função do sucesso da sua política de auto-suficiência alimentar, a internacionalização de alguns complexos agroindustriais e a redução de produtos tradicionalmente exportados pelos países tropicais, foram os principais aspectos que marcaram os limites e a dependência do modelo produtivo da “Revolução Verde” no Brasil. A desvalorização dos produtos agrícolas coincidiu com o aumento dos custos de produção, em razão da retirada dos subsídios ao crédito rural ocorrida em meados da década de 1980. A “década perversa”, tal como Graziano da Silva definiu a década de 1980, evidenciou algumas contradições desse modelo. Dentre elas, pode-se

apontar algumas, como o êxodo rural, a degradação do meio ambiente, a diminuição da produção de alimentos, a dependência e inadequação tecnológica, a concentração da propriedade, entre outros.

O novo modelo produtivo implementado da modernização da agricultura teve conseqüências negativas também no Alto Taquari. Além das que já foram discutidas no capítulo anterior, como o êxodo rural e a dependência na comercialização da produção, a transformação e dependência da base técnica da agricultura, trouxe conseqüências na forma de organização do trabalho familiar. Com a crise e a desagregação do sistema produtivo colonial, após o estreitamento e o fim da zona de expansão, as estratégias de reprodução social e econômica da agricultura familiar passaram crescentemente a ser formuladas tendo em vista a produção para o mercado. Nesse cenário, o principal produto produzido era a soja. A base técnica que fora recomendada para seu manejo baseava-se especialmente na quimificação e na mecanização. No caso do Alto Taquari, devido ao tamanho reduzido dos estabelecimentos e à forte declividade do terreno, a motomecanização não se desenvolveu, pelo menos inicialmente, de forma tão significativa. Todavia, a especialização produtiva derivada das inovações tecnológicas reduziu o espaço de sociabilidade, que acontecia através relações de reciprocidade e solidariedade, transformando o agricultor em um produtor cada vez mais individualizado.

Uma das conseqüências da modernização da agricultura no Alto Taquari foi a expulsão de um grande número de pessoas do campo. Até 1975, de acordo com expressiva diminuição do número de estabelecimentos, famílias inteiras foram para locais fora da microrregião do Alto Taquari. Esse processo foi tão intenso que a população absoluta desse território diminuiu. A necessidade de escala produtiva para a cultura da soja se apresentava como um fator limitante para os agricultores que possuíam lotes menores, pois os sucessivos cultivos nas mesmas áreas elevavam os custos de produção, dificultando a reprodução social das famílias. Esse processo é agravado em razão das estratégias organizadas nesse período já contarem com relação direta com o mercado.

O método manual utilizado para o manejo da cultura dificultava a realização da produção em áreas maiores. A produção era conduzida de forma manual no preparo do solo, através do emprego de arado de tração animal, no plantio, realizado

com máquinas manuais (saraquá) e na colheita, momento em que era realizado o corte manual da soja, o seu recolhimento braçal e acondicionamento em pilhas (essa tarefa era particularmente dificultada devida à forte declividade do terreno da região) e, posteriormente, realizando a trilha do produto, através do emprego de trilhadeiras estacionárias, conduzidas por tração animal. A produção era armazenar por alguns dias num ambiente do próprio estabelecimento, o *paiol*, nem sempre com as condições de ventilação e umidade para a manutenção da qualidade do produto.

Outro fator que dificultou o desenvolvimento desse sistema produtivo pelos agricultores foi o aumento do custo de produção, em razão do esgotamento da fertilidade do solo. Tendo em vista o relevo muito acidentado e, por isso, mais suscetível à erosão, as práticas convencionais de manejo do solo conduziam a formação de intensos processos erosivos³⁰, elevando ainda mais a necessidade de utilização de fertilizantes e o custo de produção.

Em meados da década de 1980, os agricultores se encontravam em dificuldades. O preço do produto caiu, os custos de produção aumentaram e as fontes de recursos e financiamentos foram se exaurindo. Com a sua reprodução social dependente dos cultivos voltados para o mercado, os agricultores familiares do Alto Taquari conduzem os processos produtivos e organizam o trabalho mediante um maior grau de mercantilização, decorrente das próprias transformações do ambiente externo. De acordo com abordagem feita por Van de Ploeg (1992) e discutida no capítulo 1, através da forma de organização do trabalho, reproduzem-se os recursos necessários à re-implantação dos processos produtivos, bem como da própria força de trabalho existente no estabelecimento. Sendo assim, a produção e a reprodução são fenômenos estreitamente inter-relacionados e interdependentes. Desse modo, a inter-relação do agricultor com o ambiente externo apresenta-se nos sob deferentes graus, se fazendo presente e diversas situações, especialmente na dependência do agricultor pelo mercado para reproduzir os insumos, indispensáveis ao manejo do processo produtivo, e na obtenção de produtos necessários à satisfação de suas

³⁰ As sucessivas lavrações, através do emprego de arado e, posteriormente, a utilização da grade, levava à formação de duas camadas de solo distintas: a primeira, com um a espessura de 15 a 20 centímetros, era muito leve, pois ficava completamente desagregada com o preparo do solo; a segunda, localizada logo abaixo da primeira, era muito compactada, praticamente impermeável, também conhecida como “pé de arado”. Desse modo, a água ao ser impedida de se infiltrar no perfil do solo, deslocava-se pela superfície e nas áreas de ladeira transporta consigo a melhor camada de solo, a superficial, onde se encontram as sementes e o fertilizante.

necessidades. De acordo com o que tem se verificado nos gráficos 3, 4 e 7, o percentual de agricultores que passaram a utilizar insumos químicos no município de David Canabarro e no Alto Taquari, aumentou consideravelmente à partir da década de 1970. Do mesmo modo, especialmente a partir de 1980, a utilização de adubação orgânica tem sido muito utilizada. As unidades produtivas, portanto, são ao mesmo tempo unidades de produção e de reprodução.

O processo de trabalho na agricultura envolve uma interação contínua entre a força de trabalho e os objetos de trabalho. Todavia, a especificidade da agricultura surge do fato de que os objetos de trabalho se compõem de organismos vivos como o gado, os cultivos, as árvores e o solo, onde parte da produção está sujeita a interdependência e parte constitui-se como material reprodutivo dos mesmos elementos, localizados no próprio território. Nesse sentido, numa situação hipotética, os animais podem ser utilizados na recomposição da fertilidade do solo, de forma que se possa-se diminuir o grau de dependência por insumos externos, no sentido de possibilitar a reprodução das condições de cultivo de determinado produto, o qual tem como propósito de garantir as condições de reprodução do estabelecimento. No entanto, enquanto o material genético utilizado na produção, na forma de cultivares de determinado produto, provir do mercado e a sua reprodução para o ano seguinte ficar condicionada a este, tem-se uma situação de elevado grau de mercantilização. Disso resulta que a reprodução de um ou vários elementos, parte indispensável para a geração dos recursos necessários para a reprodução do estabelecimentos, está dependente da prévia existência de recursos monetários.

As duas situações citadas anteriormente, o caso dos fertilizantes e das cultivares são verificadas na realidade de muitos estabelecimentos do município de David Canabarro e no Alto Taquari. Durante o período da colonial, as sementes das culturas utilizadas (hoje conhecidas como *crioulas*) eram produzidas no próprio estabelecimento ou obtidas mediante a troca com vizinhos. No entanto, com a modernização da agricultura e o desenvolvimento do setor de melhoramento genético (público e privado), foram desenvolvidas variedades com características desejáveis, como maior rendimento, tamanho adequado, precocidade, etc., e lançadas no mercado. Esse processo levou os agricultores a terem no mercado de insumos,

mediante o tipo de vínculo mercantil, fatores que passam diretamente a agir sobre as ações que visam a sua reprodução social.

A inserção dos agricultores familiares no sistema produtivo da soja leva-os a um grau mais elevado de mercantilização. A dependência do mercado para reproduzir elementos indispensáveis ao processo produtivo impossibilitou que muitos agricultores pudessem obter a reprodução do estabelecimento e de sua mão-de-obra. Na medida em que os resultados operados não contemplavam as demandas existentes, a possibilidade de reprodução dos agricultores tendia a ser interrompida. Isso decorre em razão da racionalidade que passou a ser operada pelos agricultores de David Canabarro e do Alto Taquari, a partir da inserção do sistema produtivo da soja, de crescente monetarização da sua reprodução social e econômica.

O forte impacto ambiental ocasionado pela utilização do arado e grade, é proveniente da exposição da camada superficial do solo à ação de agentes erosivos, horizonte com as melhores características para a nutrição das plantas. Esse processo levou à maior exigência das culturas em adubação e, em consequência, a um aumento do custo de produção. Em razão disso, o agricultor buscou outras alternativas de conduzir os processos produtivos, sendo uma delas a utilização de adubação orgânica, especialmente a partir da década de 1980, como pode ser verificado nos gráficos 5 e 6 do capítulo anterior.

Além dos aspectos referentes ao aumento no custo de produção, a crise do sistema produtivo da soja e a crescente inserção dos produtores em novas atividades produtivas e reprodutivas encontra na dificuldade para comercialização do produto o momento de sua maior expressão. De acordo com Graziano da Silva (1996), a retração do mercado internacional na compra da soja levou a um aumento da oferta e, conseqüentemente, a uma diminuição nos preços praticados. Sendo assim, com a falência da Copasso, na qual grande parte dos agricultores do Alto Taquari estavam associados, o produto passou a ser vendido aos comerciantes intermediários da região, até praticamente deixar de ser praticado, por um período de aproximadamente uma década..

Além do problema relativo à comercialização do produto, havia o problema relativo à estrutura fundiária. De acordo com o que foi discutido no capítulo 2, a estrutura fundiária sob a qual foram assentados os colonos durante a ocupação da

região do Alto Taquari, era constituída por lotes que, em média, possuíam uma área de 25 hectares. Durante um determinado período, a subdivisão desses lotes em outros menores pôde ser retardada devido à presença das zonas de fronteira agrícola. Todavia, a partir da década de 1960 essa zona de expansão se retrai, sendo a subdivisão das terras e o êxodo rural as alternativas que sobraram. De acordo com a tabela 4, apresentada no capítulo 3, no município de David Canabarro, em 1970, já existiam 37% dos estabelecimentos com área de até 10 hectares. Para o Alto Taquari, embora menor, de acordo com a tabela 5, esse percentual chegava aos significativos 26%. Desse modo, no Alto Taquari, verificou-se uma limitação física para a implementação de determinados processos produtivos, como é o caso da soja.

A partir do momento em que os agricultores familiares de David Canabarro e do Alto Taquari têm sua reprodução social e econômica dificultada mediante o cultivo da soja, eles passam a desenvolver novas atividades, ajustando os recursos existentes no estabelecimento, como terra e trabalho, para outras atividades agrícolas o vendendo a seu força de trabalho. De acordo com dados do Censo Agropecuário, em David Canabarro, de 1985 a 1995, o percentual de produtores dedicados ao cultivo da soja diminuiu de 74% para 4%. Na microrregião do Alto Taquari, também ocorre uma forte diminuição, passando de 54% para 6%. Nesse sentido, busca-se verificar quais foram as ações desenvolvidas pelos agricultores a partir da forte diminuição no cultivo da soja.

4.2. As novas estratégias de reprodução da agricultura familiar

O objetivo desta seção é a de demonstrar quais as ações e iniciativas que são formuladas pelos agricultores. Parte-se do pressuposto de que elas são fruto de decisões com base em fatores que se apresentam de forma distinta para cada estabelecimento. Os fatores de diferenciação da agricultura familiar são a base para a formulação das estratégias de reprodução. De um lado, tem-se a forma como a família organiza os recursos terra e trabalho e, de outro, tem-se o ambiente social e econômico do qual ela faz parte. Tanto um aspecto, quanto o outro desempenham alguma função no momento de uma tomada de decisão pelos agricultores familiares.

O agricultor confrontará os recursos existentes no estabelecimento com as limitações e possibilidades oriundas do ambiente externo.

Como já foi discutido anteriormente, aqueles agricultores que possuíam recursos mais apropriados à continuidade do cultivo da soja, como terras de melhor qualidade e melhores recursos técnicos (especialmente relativo à moto-mecanização), tiveram maiores possibilidades de permanecer na atividade. No entanto, as principais atividades para as quais os agricultores de David Canabarro convertem seus recursos a partir de meados da década de 1980, são produção de leite, suínos, fumo e frangos. Outra alternativa visualizada e implementada por algumas famílias foi a dedicação a atividades não-agrícolas, como extração de basalto, costura de bolas em domicílio e trabalho em fábricas de calçados. Todavia, paralelamente a esses processos tem-se o desenvolvimento de atividades não-agrícolas de forma artesanal, cujo objetivo não é o mercado e sim o auto-consumo da família. Pode-se dizer que a presença da agroindústria artesanal familiar é uma atividade que simboliza a capacidade da agricultura familiar de flexibilizar a utilização de sua mão-de-obra. Além disso, significa uma retomada, de forma redefinida pela inovação tecnológica, do espaço da mulher no estabelecimento familiar.

Cada agricultor, dispondo de um certo conjunto de fatores, passa a adotar diferentes estratégias de reprodução, de forma que estes possam ser melhor utilizados, no estabelecimento ou fora dele e em atividades agrícolas ou não-agrícolas. Nesse sentido, concorda-se com Schneider (1999b), acerca do modo em que são formuladas as estratégias de reprodução:

“A reprodução é, acima de tudo, o resultado do processo de intermediação entre essas duas esferas (intra-familiar e externa), onde cabe à família e a seus membros um papel ativo, em que suas decisões, estratégias e ações podem trazer resultados benéficos ou desfavoráveis à sua continuidade e reprodução” (p. 117).

Essa maneira de entender a reprodução da agricultura familiar vai de encontro com às idéias de Chayanov (1974) que, partindo da família como unidade central tomada de decisões e formulação de estratégias de reprodução, considera a sua diferenciação demográfica como um fator fundamental na escolha do conjunto de

ações a serem desenvolvidas. A diferenciação demográfica determina a quantidade de mão-de-obra existente no estabelecimento, podendo se apresentar como possibilidade ou como impedimento para a realização de determinadas atividades, ou seja, implica no tipo de estratégia utilizada. Na sua escassez, a estratégia deverá ser formulada no sentido de privilegiar outros aspectos fora a mão-de-obra, como terra ou tecnologia, na sua abundância a estratégia será desenvolvida no sentido de aproveitar o potencial de mão-de-obra existente.

A formulação das estratégias voltadas para um conjunto de atividades ocorre a partir da interação dos agricultores familiares com o seu ambiente externo. De um lado, existem aspectos que são próprios de cada família, onde a sua composição demográfica, a estrutura fundiária, a qualidade do solo e localização em relação aos mercados são o conjunto de recursos de que a família dispõe para elaborar suas estratégias de reprodução. De outro lado, segundo Schneider (1999), é preciso compreender como se dá a interação com o ambiente social e econômico, particularmente, em relação a aspectos como as políticas agrícolas e formas de acesso ao crédito, a natureza dos vínculos mercantis estabelecidos, o acesso ao progresso técnico e à assistência técnica, a capacidade de organização social, entre outros. Nesse sentido, as novas atividades que os agricultores passaram a desenvolver estão relacionadas à possibilidades desses fatores serem contemplados ou não.

A partir da colonização do local, para o entendimento da reprodução da agricultura familiar deve-se contar com pontos referenciais os fatores terra e trabalho familiar. Durante o período da agricultura colonial, desenvolvido no capítulo 2, foram esses os principais fatores que garantiam a reprodução semi-autônoma dos colonos. A partir da posse de um lote, os colonos organizavam o trabalho de modo a obter, principalmente, a sua subsistência. Posteriormente a isso, eram comercializados os excedentes. Desse modo, quando era necessário comprar um novo lote para algum dos filhos e possibilitar a sua reprodução social, esforços eram mobilizados a partir do interior da família, onde a principal participação do ambiente social e econômico externo dava-se pela relação com a comunidade, através de ações do tipo de solidariedade e reciprocidade (participando dos mutirões), e pela ação do comerciante local.

Com a processo de modernização da agricultura e a implantação do cultivo da soja, há uma forte mudança nos fatores responsáveis pela reprodução da agricultura familiar. Isso não significa dizer que os fatores internos, terra e trabalho, deixaram de ser fundamentais, todavia, elementos que fazem parte do ambiente social e econômico passaram a interagir com os elementos internos na formulação de uma síntese, a tomada de decisão do agricultor. Na medida em que o mercado passa a comandar a implementação dos processos produtivos e a produção em escala ganha importância, fatores como as inovações tecnológicas, acesso ao crédito e a assistência técnica e o vínculo mercantil estabelecido, passam a ser fundamentais no modo em que é utilizada a terra e o trabalho. Em termos agronômicos, o fato da soja ser uma cultura altamente exigente em fertilidade e bastante suscetível ao ataque de pragas e doenças, a intensa utilização de fertilização e defensivos agrícolas passa a ter crescente importância no manejo dessa cultura. Associado a isso, os incentivos do Estado, através de crédito e seguro agrícola, política de preço mínimo, entre outros, são amplamente difundidos entre os agricultores na década de 1970. Desse modo, a intermediação entre aspectos próprios de cada família com o ambiente social e econômico vigente, de origem a um novo panorama na tomada de decisão dos agricultores.

No momento em que esse novo cenário começa a encontrar seus limites, em meados da década de 1980, houve a necessidade de ajustar os elementos internos à transformação que se operava no ambiente externo. O Estado passa a se retirar da função de subsidiar a agricultura. O cenário internacional leva a uma queda na valorização do produto e, com a falência da Coopasso, ocorre uma modificação na estrutura de comercialização da produção dos agricultores de David Canabarro e do Alto Taquari. A estrutura fundiária constituída por pequenos estabelecimentos dá origem a uma pressão demográfica sobre a terra. Na tabela 4, apresentada no capítulo 3, pode-se verificar que, a partir de 1980, no município de David Canabarro, há uma diminuição da área média dos estabelecimentos e um aumento no número total de estabelecimentos com áreas de até 10 hectares e de 10 a 20 hectares. Nesse sentido, tanto aspectos de ordem intra-familiar, referentes à ao tamanho do estabelecimento e a mão-de-obra existente, quanto a aspectos ligados ao ambiente externo das relações, são a base para o desenvolvimento das novas atividades. A interação desses fatores

levou ao desenvolvimento de atividades não somente no setor agrícola, especialmente em atividades integradas, mas no deslocamento de parte da mão-de-obra da família para atividades não-agrícolas.

4.3. Mercantilização econômica e integração agroindustrial no alto Taquari

A integração agroindustrial foi uma das principais alternativas visualizadas pelos agricultores familiares de David Canabarro e da microrregião do Alto Taquari. Essas atividades são derivadas da emergência de agroindústrias de diversos setores, que passam a implementar uma nova forma de organização do processo produtivo, através do estabelecimento do contrato de compra e venda de produtos. Atualmente, no setor fumageiro destacam-se as empresas DIMON do Brasil S. A. e Souza Cruz . Nas atividades de produção de frangos e suínos as principais empresas integradoras são a Perdigão, Doux Frangosul e Minuano. Na atividade leiteira, destacam-se a empresa Parmalat e a Cooperativa Santa Clara.

A integração agroindustrial é uma das novas estratégias formuladas pelos agricultores após um período de massivo cultivo da cultura da soja. Segundo depoimento coletado em entrevista com produtor de fumo, as novas atividades vão sendo testadas no interior do estabelecimento, podendo se adequar ou não com os recursos existentes num determinado panorama social e econômico.

Depois da soja, tentamos com a produção de leite. Foi feito financiamento no Banco Bradesco e compramos umas vacas. Pagamos caro por vacas de raça holandesa, mas entregaram uns animais magros e cheios de doenças. Além disso, não deu certo também, porque não tinha muito lugar pra plantar pasto. Depois disso começamos a plantar o fumo e continuamos até hoje porque dentro daquilo que dá pra fazer é o que mais rende (D.C. Agricultor, David canabarro).

O agricultor integrado é aquele que mantém um contrato de compra e venda de produtos com um setor a jusante do estabelecimento, podendo ser uma

agroindústria, cooperativa ou uma outra forma de organização mercantil. De um modo geral, no ato da integração são estipulados os conjuntos de exigências de cada parte, podendo, em muitos casos, ocorrer mediante o estabelecimento de um contrato formal. Também existem formas em que as partes acordam sem a necessidade de um referencial jurídico na forma de contrato, sendo caracterizado por acordos informais. A formulação do contrato tem por objetivo a delimitação do padrão produtivo a ser seguido pelo agricultor, especialmente para aquelas atividades cujo mercado é altamente competitivo ou que se inserem em âmbito internacional, e a garantia de que o agricultor integrado irá entregar o produto para a agroindústria integradora.

Passando a produzir sob um determinado padrão produtivo, o agricultor passa também a depender das normas técnicas exigidas pelas agroindústrias, que define o padrão produtivo a ser utilizado. Em razão disso, os agricultores ampliam sua interdependência com os setores de fabricação de insumos, do transporte, assistência técnica, meios de comunicação, entre outros. Esses setores, por sua vez, necessitam da etapa produtiva desenvolvida pelo agricultor para fazerem suas operações. Para um determinado produto chegar até o consumidor final, diversos setores estão envolvidos, desde o agricultor, a agroindústria, o transportador e os fabricantes de insumos dos mais diversos tipos, como máquinas, agroquímicos, aparelhos eletrônicos, material genético, etc., formando uma cadeia produtiva. Ao integrar-se em um determinado padrão técnico-produtivo o agricultor aprofunda o seu grau de mercantilização, pois implica numa maior dependência por esses setores, em detrimento da relativa autarquia existente durante a agricultura colonial.

Os agricultores familiares têm, crescentemente, tomado iniciativas no sentido de privilegiar as atividades integradas, haja visto a possibilidade de ter o escoamento da produção garantido. Nesse sentido concorda-se com Schneider (2000), onde afirma que as transformações da agricultura e do espaço rural estão submetidos a um duplo processo:

*“Por um lado, em **sentido vertical**, ela estaria cada vez mais integrada ao sistema agroalimentar, onde as grandes corporações e as cadeias do agrobusiness desempenham um papel determinante, tanto em relação ao que é produzido, como em relação ao tipo de alimento que chega à mesa do consumidor, que cada vez menos é o produto ‘in natura’. De*

outro lado, em sentido horizontal, estaria se consolidando uma nova face sócio-econômica do mundo rural, muito pouco ligada à produção agrícola, mas direcionada para aspectos ambientais, de preservação natural e de conservação ambiental” (p. 137).

De acordo com o exposto nos capítulos anteriores, a partir do surgimento de limites para o desenvolvimento da agricultura colonial, muitos agricultores se dedicam ao cultivo da soja. Todavia, o modelo de modernização técnico-produtiva da agricultura, o desajuste fundiário para o cultivo da soja e a conjuntura desfavorável nos preços pagos, dificultaram a reprodução social e econômica dos agricultores. A partir de então, as atividades integradas vem sendo incorporadas nas iniciativas e ações do agricultores na busca de garantir a sua reprodução social e econômica.

De acordo com o que já vem sendo abordado, a integração ocorre mediante o estabelecimento de um conjunto de acordos, onde cada parte tem direitos de usufrutos e deveres. No caso dos contratos formais, o não cumprimento das cláusulas por uma das partes acarreta em uma taxa de rescisão contratual. Outra característica desse sistema é a padronização da produção, onde máxima eficiência depende da forma como são conduzidas as atividades, ou seja, a conversão alimentar, no caso da produção de frangos e suínos, peso por folha, no caso da produção de fumo e litros por vaca, no caso da produção de leite. Esta última é desenvolvida em caráter informal, porém, da mesma maneira que as anteriores, a condução da atividade envolve assistência técnica, o recolhimento da produção é realizado por uma determinada empresa.

Os sistemas de produção integrada estão baseados em um processo onde o agricultor possui um elevado grau de mercantilização, pois está duplamente dependente, do mercado de insumos à jusante e da comercialização de seus produtos à montante. O modo em que a agricultura familiar organiza a produção e o trabalho tem grandes distinções do modo em que esse processo era realizado na agricultura colonial. Essa transformação acarretou em significativas transformações nos métodos de cultivo, na base técnica e na forma de organizar o escoamento da produção. Esse processo vai de encontro às idéias desenvolvidas por Abramovay (1992), onde

“De fato, a agroindústria e o capital financeiro estavam se encarregando de fazer da agricultura familiar parte absolutamente integrante da divisão social do trabalho em nível internacional e por aí subvertendo seus traços essenciais. Com efeito, a integração com a agroindústria só era possível caso a organização econômica do estabelecimento camponês deixasse de corresponder fundamentalmente às forças internas que Chayanov analisou e passasse a obedecer a padrões, impostos pelas agroindústrias, de quantidades produzidas, qualidade dos produtos, momentos de venda, em suma, essa forma de ‘penetração’ do capitalismo na agricultura tinha o condão de revirar os fundamentos da produção camponesa, sem que, entretanto isso significasse um processo horizontal de diferenciação social, nos moldes apontados por Lênin (p.69).

De acordo com essa discussão apresentada por Abramovay, o agricultor familiar tem o seu caráter de relativa autarquia crescentemente destituído pela integração às agroindústrias. O aprofundamento do caráter mercantil dos agricultores se dá a partir do momento em que é definida a sua condição de integrado a uma agroindústria. As empresas, de acordo com as perspectivas do mercado em que estão inseridas, podem aumentar ou diminuir as cotas anuais de integração de agricultores. Em situações em que o mercado se apresenta de forma muito desfavorável, há a possibilidade de o contrato de produção ser desfeito sem haver qualquer ressarcimento aos agricultores. Nesse sentido, além do aspecto referente à importância das atividades integradas, é importante analisar os critérios relativos à clivagem que é realizada para a integração dos agricultores no município de David Canabarro e no Alto Taquari.

De acordo com dados do Censo Agropecuário de 1995, no município de David Canabarro 16% dos agricultores dedicam-se à produção de frangos para a venda. De acordo com informações de extensionistas da EMATER³¹ do município, a produção de frangos tem significativa expansão nos últimos anos³². De acordo com

³¹ Os entrevistados foram extensionistas da EMATER do escritório municipal de David Canabarro.

³² É pertinente destacar que o Censo Agropecuário foi um importante instrumento para a coleta dos dados quantitativos. No entanto, a sua não realização no ano de 2000, dificultou a análise histórica de variáveis no período mais recente. Sem dúvida, essas informações poderiam ter servido para agrupar

dados coletados na prefeitura municipal de David Canabarro, em 2001, existiam 70 produtores, 80 aviários e o número de frangos vendidos foi de 6.400.000 cabeças. Segundo dados do Censo agropecuário, em 1970, foram vendidas 2.487 cabeças, em 1985 vendeu-se 123.674 cabeças e em 1995 vendeu-se 1.826.758 cabeças. Portanto, de 1985 a 2001, verifica-se um aumento de 5.175% no volume de venda de frangos, o que confirma a significativa expansão da atividade no município. Na microrregião do Alto Taquari, 23% dos agricultores dedicam-se a atividade de produção de frangos para a venda³³.

A forma como se dá a integração do agricultor à atividade tem início com uma visita do técnico junto ao estabelecimento da família, onde são avaliados uma série de critérios objetivos, tais como: condições das vias de acesso, o acesso à rede elétrica e à água potável, condições físicas para a construção das instalações e condições financeiras para cobrir os custos iniciais. As condições das vias de acesso são um fator muito importante na seleção dos agricultores, em razão do grande e contínuo fluxo de caminhões que fazem o transporte dos insumos e da produção. Desse modo, o agricultor que por ventura tenha a sua residência localizada em um espaço menos privilegiado em relação à estradas, ou que tenha algum tipo de impedimento físico como a presença de um rio (e a ausência de ponte) ficará em significativa desvantagem em relação aos demais.

O acesso à rede elétrica e à água potável são outras condições fundamentais para o desenvolvimento da atividade. A inexistência de um desses elementos acarreta, automaticamente, à impossibilidade do agricultor se tornar integrado. O padrão produtivo envolvendo comedouros e bebedouros automáticos, que recentemente passaram a ser exigidos pelas empresas, necessitam de energia elétrica. A sua implementação depende de muitos equipamentos eletrônicos como motores, controladores automáticos, etc., desse modo, a energia elétrica é uma condição indispensável para o funcionamento dos equipamentos e a água potável para a sanidade animal. Além desses fatores, as condições físicas para a construção das instalações são um fator importante para a seleção do agricultor a ser integrado, em

mais dados e ter uma perspectiva mais precisa de sua comportamento sobre a realidade local no período mais recente.

³³ É importante destacar o aspecto da venda, visto que muitas famílias criam aves, as chamadas galinhas caipiras, porém o seu objetivo é o auto-consumo. Nesse sentido, os estabelecimentos que registram venda, geralmente são aqueles integrados às agroindústrias.

razão das condições de forte declividade do relevo da maior parte da região do Alto Taquari. Em muitas situações, a localização do domicílio do agricultor em áreas de acentuada declividade não comporta a terraplanagem necessária para a instalação de um aviário com as dimensões exigidas pelas empresas (muitos chegam a 120x12m). A integração do agricultor requer um investimento elevado, onde parte é adiantada no início da atividade e parte é paga durante a produção, num período de 2 anos.

Tendo verificado os critérios objetivos para a integração do agricultor, é importante apontar para os aspectos de ordem subjetiva que são avaliados pelo técnico da empresa. De acordo com informações coletadas junto a agricultores integrados³⁴, a avaliação do técnico conta com critérios de caráter fortemente subjetivo, onde é observada especialmente a organização do estabelecimento, o que seria um indicador de capacidade de se adequar aos sistemas de manejo altamente padronizados exigidos pelas empresas.

No caso da produção de fumo, os critérios de seleção, de um modo geral, seguem essa mesma dinâmica, visto que o objetivo da empresa é verificar a existência de condições para a construção das instalações físicas e para a condução do processo produtivo. O agricultor, por sua vez, tem o objetivo de conseguir, através do trabalho de sua família na referida atividade, dispor de uma alternativa que lhe possibilite a sua reprodução social e econômica. Para a condução dessa atividade, diferentemente da produção de frangos, é necessário maior área e maior quantidade de mão-de-obra para a implementação dos cultivos. A produção de fumo é composta por tarefas que podem ser realizadas por crianças³⁵ ou idosos (na maioria dos casos isso ocorre), o que permite um maior aproveitamento da mão-de-obra no estabelecimento. De acordo com dados do Censo Agropecuário de 1995, em David Canabarro, 47% dos agricultores dedicam-se à produção de fumo, tornando-se uma

³⁴ N. C. Agricultor familiar, produtor de frangos integrado à empresa Perdigão desde 1998.

³⁵ A descrição do processo não significa que esteja-se fomentando a utilização de trabalho infantil. Concorde-se com a criação do programa “O Futuro Agora”, divulgado em reportagem do jornal o Carreio do Povo do dia 11 de janeiro de 2002, promovido pelo Sindicato das Indústrias do Fumo e a Associação dos Fumicultores do Brasil, que visa a erradicação do trabalho infantil, concedendo certificados aos agricultores que cumprirem as metas. No entanto, de acordo com o lema da campanha, “lugar de criança é na escola e não trabalhando” percebe-se que é feita uma realização lógica entre trabalho infantil e não fomento à instrução pelos pais. É errôneo pensar dessa maneira porque, de acordo com o que tem se observado *in loco*, em David Canabarro, tendo em vista a circulação do transporte escolar pelas comunidades do interior do município, as crianças freqüentam a escola em meio turno e, no outro, contribuem, dentro de suas possibilidades, em trabalhos diversos, inclusive com o fumo se essa fora a prática produtiva realizada pela família.

das principais atividades ligadas ao setor agropecuário no município. Na microrregião do Alto Taquari 27% dos agricultores dedicam-se a essa atividade.

De acordo com informações coletadas em pesquisa de campo, a expansão dessa atividade ocorre de forma mais significativa a partir de meados da década de 1980, coincidindo com período de forte decréscimo da participação dos agricultores no cultivo da soja. De 1985 a 1995 ocorre um expressivo aumento no número de produtores e da área plantada com fumo. De acordo com informações coletadas junto à EMATER de David Canabarro, nos últimos anos têm havido oscilações no número de produtores, principalmente devido aos baixos preços pagos pelas empresas agroindústrias e pelo aumento na incidência de pragas e doenças sobre a cultura. De acordo com as informações da tabela a seguir, pode-se observar que os índices de rendimento obtidos por área registram uma queda. Essa tendência se apresenta de forma contrária ao que tem se observado para os demais produtos. Isso está associado principalmente aos sucessivos cultivos na mesma área, que, aliado à alta suscetibilidade da cultura do fumo ao ataque de pragas e doenças, tem-se um quadro de maior risco no cultivo da cultura. Entretanto, de acordo com extensionistas da EMATER de David Canabarro, as últimas duas safras foram consideradas boas pelos agricultores, por isso, o percentual de famílias que se dedicam à atividade tem se mantido elevado. De acordo com a tabela 8, pode-se verificar que a produção de fumo em David Canabarro apresenta significativo crescimento, especialmente a partir da década de 1980.

Tabela 8. Evolução da produção de fumo no município de David Canabarro, de acordo com estabelecimentos, quantidade produzida, área plantada e rendimento por área.

Anos	Total de esta- belecimentos	Informantes		Totais		Produção por área (ton.)
		Informantes	%	Quantidade (ton)	Área (há)	
1975	1.076	42	4	97	88	1,10
1980	833	105	13	305	220	1,39
1985	992	95	10	303	181	1,67
1995	816	383	47	1002	637	1,57

Fonte: Censo Agropecuário.

De acordo com informações coletadas juntamente com técnico da empresa fumageira DIMON, as empresas buscam padrões produtivos que atendam a exigência de um produto que é colocado no mercado internacional, por isso,

investem em locais onde os agricultores correspondam da forma desejada. Segundo depoimento,

“a própria picaretagem do fumo, em longo prazo, pode ser prejudicial ao produtor, isto é, as empresas investem em determinada região, contratando técnicos, em pesquisa e financiando toda a produção, e o produtor acaba vendendo o produto a um intermediário. Em nível regional, as empresas tendem a deixar de investir nos locais onde se criam essas dinâmicas. Ou seja, a leviandade dos agricultores no cumprimento dos contratos” (L. H., C. Classificador, DIMON).

De um modo geral, as empresas integradoras procuram por um perfil de agricultor que tenha as condições de terra e mão-de-obra para conduzir os processos produtivos dentro do padrão desejado. De acordo informações coletadas, as exigências do mercado internacional, acabam refletindo na forma como será conduzido o processo produtivo. Esse fato pode ser tomado como exemplo para explicar a importância que os elementos externos ao estabelecimento assumem na reprodução social e econômica das famílias. O Atendimento às demandas do mercado seria uma das formas de garantir a continuidade da procura pelo produto. Segundo depoimento,

“atualmente estamos passando, no Brasil, por um processo onde o fumo está sendo muito valorizado, os agricultores estão obtendo uma remuneração muito boa pelo produto e isso se deve a uma série de fatores. Em primeiro lugar, através da ação dos técnicos, pode-se ter um controle dos produtos aplicados na lavoura. Isso se verifica através das análises de resíduos feito regularmente pelas empresas. Outro fator é a presença de materiais estranhos junto ao fumo, como penas, pedaços de caule, inço, papel, etc., que está sendo muito reduzida. Isso tudo tem causado uma imagem lá fora de que o fumo do Brasil é de boa qualidade e cada vez mais as empresas estão conseguindo exportar. O que poderia prejudicar o desenvolvimento da atividade seria um relapso por parte dos produtores, na aplicação de produtos e em momentos não recomendados pela empresa, a presença muito grande de materiais

estranhos junto ao fumo, o excesso de umidade. A empresa valoriza bem o produto quando ela consegue exportar bem, por isso ela estabelece um padrão produtivo” (L. H., C. Classificador, DIMON).

De acordo com o depoimento anterior, pode-se verificar que há dependência do agricultor pela oscilação positiva ou negativa do mercado, nesse caso o mercado internacional. Além disso o estabelecimento do contrato resulta numa dependência pelo padrão técnico-produtivo estabelecido pela empresa integradora, elevando o grau de dependência do ambiente externo e do grau de inserção mercantil da atividade. No caso da produção de frangos e fumo, verifica-se a dependência por processos desenvolvidos em outros setores para a reprodução de um novo ciclo produtivo. Comparando-se a dinâmica desenvolvida na agricultura colonial, abordada no capítulo 2, onde a reprodução dos agricultores era desenvolvida de forma semi-autônoma, percebe-se que os agricultores familiares de David Canabarro e do Alto Taquari estão crescentemente inseridos na lógica do mercado, onde a base para a obtenção das condições de reprodução provém principalmente da renda obtida mediante a venda da produção, ou seja, obtida mediante uma crescente monetarização das atividades produtivas e reprodutivas do estabelecimento. Na tabela 9, pode-se verificar a evolução da produção de fumo no Alto Taquari.

Tabela 9. Evolução da produção de fumo no Alto Taquari, de acordo com estabelecimentos, quantidade produzida, área plantada e rendimento por área.

Período	Total de estabelecimentos	de			Totais		Produção por área
		Informantes	%	Quantidade (t)	Área (há)		
1975	17.080	1.301	8	3.597	2.972	1,21	
1980	17.560	2.259	13	6.884	5.326	1,29	
1985	19.248	2.153	11	7.031	5.540	1,27	
1995	17.706	4.774	27	15.352	10.388	1,48	

Fonte: Censo Agropecuário.

A partir das informações da tabela anterior, pode-se verificar que, a exemplo do que ocorre no município de David Canabarro, a produção de fumo na microrregião do Alto Taquari tem tido um aumento significativo no período mais recente. Verifica-se tanto aumento no percentual de agricultores que se dedicam a atividade, quanto na quantidade produzida, na área plantada e também na produção

por área. Isso denota que essa tem sido uma das principais iniciativas dos agricultores familiares do Alto Taquari para sua reprodução social e econômica.

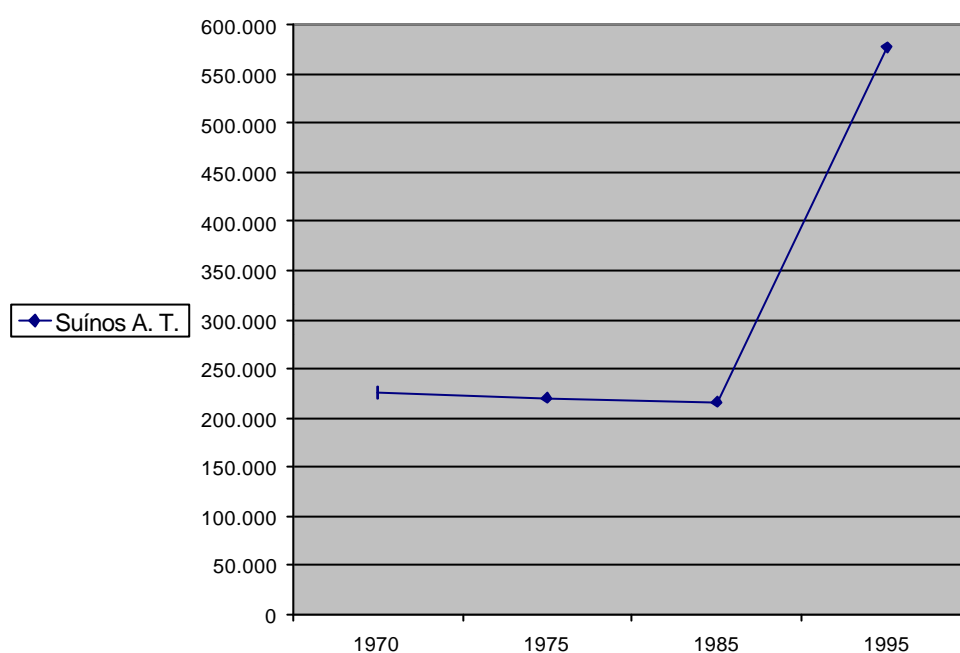
Além da dedicação às atividades de produção de fumo e frangos, em David Canabarro e no Alto Taquari, outras estratégias de reprodução da agricultura familiar estão relacionadas à produção de suínos e leite. Diferentemente das situações anteriores, salvo alguns casos desenvolvidos recentemente na produção de suínos, essas atividades desenvolvem-se mediante sistemas informais de comercialização da produção. Em período recente, a exemplo da produção de frangos, a produção de suínos está sendo produzida através do estabelecimento de contratos formais, onde os agricultores especializam-se em determinadas etapas do processo produtivo. Desse modo, alguns se dedicam à tarefa de criação até as primeiras semanas de vida e outros, ao processo chamado de “terminamento”, ou seja, significa que o agricultor se dedicará somente à engorda do animal.

O processo de crescente apropriação da indústria por processos produtivos desenvolvidos na agricultura é abordado por Goodman (1990). No caso da produção de frangos e suínos, isso se verifica, no processo de produção de alimento para os animais, na diminuição do tempo necessário até o abate e do abate propriamente dito. Essa transformação é relativamente recente, visto que durante o produtivo da agricultura colonial, esses animais eram criados soltos e a sua alimentação era oriunda toda do próprio estabelecimento. Sendo assim, nessas atividades integradas ocorre um crescente grau de mercantilização, visto que processos produtivos (as criações) e reprodutivos (a obtenção de alimento para as criações) passam a depender crescentemente do mercado.

No caso da produção de suínos, de acordo com discussão feita nos capítulos anteriores, essa era uma atividade já desenvolvida durante o período da agricultura colonial. Até a década de 1980 essa atividade não tem permanecido estagnada devido à grande expansão da produção de soja. Na medida em que os agricultores se dedicavam ao cultivo da soja, o espaço dedicado à cultura do milho, produto básico da alimentação, ficava significativamente reduzida e dificultava a expansão da atividade. No entanto, a partir da década de 1980, concomitantemente à crise no cultivo da soja, essa atividade reassume papel importante para os agricultores

familiares de David Canabarro e do Alto Taquari. Através do gráfico 14, pode-se observar a evolução da produção de suínos no Alto Taquari.

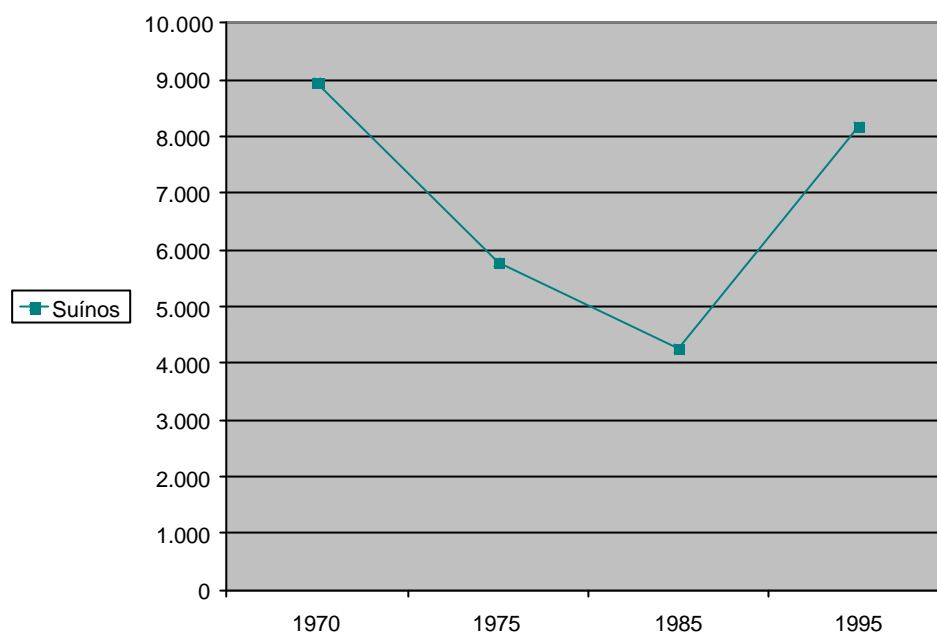
Gráfico 14. Evolução da produção de suínos para a venda no Alto Taquari (número de cabeças).



Fonte: Censo Agropecuário.

De acordo com informações do Censo agropecuário, no ano de 1995, 33% dos estabelecimentos de David Canabarro registraram venda de suínos. No Alto Taquari, esse percentual foi de 29%. De acordo com o gráfico 15, pode-se verificar o comportamento da produção no município de David Canabarro. Nesse caso, observa-se, num primeiro momento, uma diminuição no número de cabeças vendidas, ocorrida no período em que a cultura da soja tem maior presença no município e, num segundo momento, um substantivo crescimento, a exemplo do que ocorre no restante da microrregião, conforme verificado no gráfico 14.

Gráfico 15. Evolução da produção de suínos para a venda em David Canabarro (número de cabeças).



Fonte: Censo Agropecuário.

A partir das informações contidas na tabela 10, verifica-se a evolução da produção de leite em David Canabarro de 1970 a 1995, segundo dados do Censo Agropecuário. Como pode-se observar na tabela, a produção de leite é uma prática existente na grande maioria dos estabelecimentos de David Canabarro. Isso ocorre em razão da atividade ser desenvolvida por muitos agricultores tendo como objetivo o auto-consumo, bem como do fato do alimento básico para a sua manutenção existir próprio estabelecimento, como o milho e pastagens em geral³⁶. Além disso, é uma prática tida como tradicional na composição da base alimentar dos agricultores de David Canabarro e do Alto Taquari. Verifica-se também que é a partir da década de 1980 que a produção tem maior incremento tanto no número de vacas ordenhadas, quanto no volume de leite produzido. É importante destacar que o período em que a produção de leite tem aumentos mais significativos, a partir da década de 1980, é também o momento em que a soja apresenta um maior declínio no local.

³⁶ A maioria dos estabelecimentos possuem *potreiros*, locais onde ficam os animais com pastagem de qualidade variada. Nos estabelecimentos em que a produção não tem como objetivo a venda, a preocupação com a qualidade da alimentação e genética animal não é tão destacada. Todavia, os agricultores que se especializam nessa atividade desenvolvem sistemas de alimentação mais sofisticados, com pastos com melhor qualidade, suplementos alimentares e utilizam raças de animais que proporcionem um maior rendimento, especialmente as raças Holandesa e Jersey.

Tabela 10. Evolução da produção de leite em David Canabarro em número de estabelecimentos, vacas ordenhadas, quantidade produzida e produtividade.

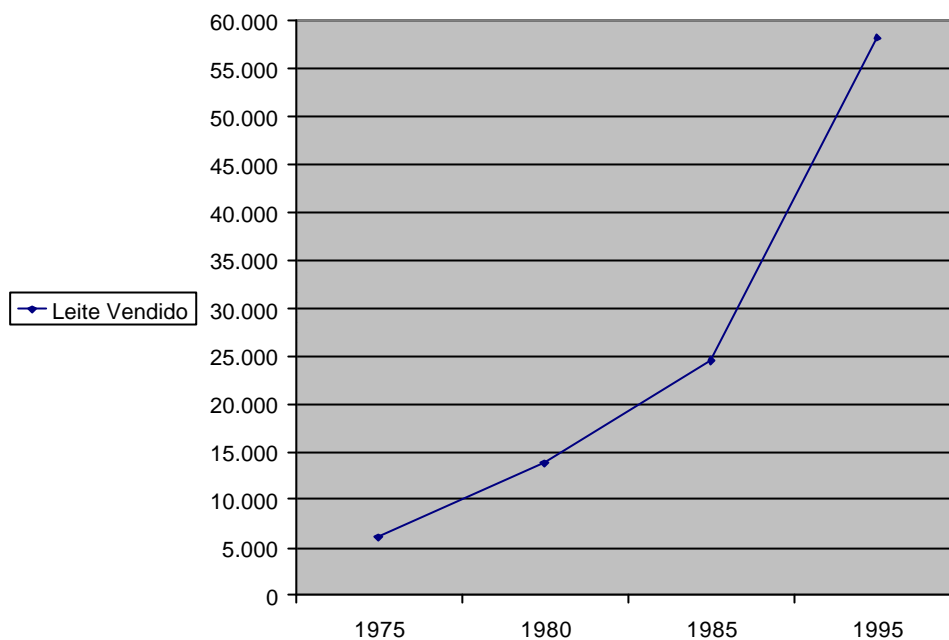
Anos	Total de estabelecimentos	Produção				
		Informantes	%	Vacas ordenhadas	Quantidade (mil litros)	Litros/vaca/ano
1970	1.076	689	64	1.246	1.057	848,30
1975	833	660	79	1.280	1.323	1.033,60
1980	813	708	87	1.530	2.325	1.519,60
1985	992	-	-	1.723	2.778	1.612,60
1995	816	676	83	1.607	3.105	1.932,17

Fonte: Censo Agropecuário.

De acordo com os dados da tabela, no ano de 1995 pode-se observar uma ligeira queda no número de vacas ordenhadas, porém, a produtividade em litros/vacas/ano tem tido significativo aumento. Esse processo é o resultado das especializações produtivas, onde os agricultores que tem como objetivo a produção para a venda desenvolvem melhorias no campo da genética animal, na qualidade do alimento, além de técnicas destinadas à melhoria das técnicas de manejo com vistas à qualidade do leite. Nesse período, em David Canabarro, 23% dos estabelecimentos produzem para a venda. No Alto Taquari, esse número é maior, chegando a 28%. Verifica-se que a produção de leite, a exemplo das demais apresentadas (fumo, frangos e suínos), representa uma alternativa para os agricultores obterem sua reprodução social e econômica.

Através do gráfico 16, pode-se observar a ilustração da evolução do volume de leite vendido no Alto Taquari em mil litros. Através do gráfico é possível verificar que a partir de 1985, o volume de leite vendido aumenta em 137%. Apesar de ter sido verificado um substantivo aumento no volume de leite comercializado, o número de produtores que se dedica a essa atividade para a venda diminuiu. No Alto Taquari, em 1980, 80% dos estabelecimentos registraram venda do produto e, conforme visto anteriormente, em 1995 esse percentual diminuiu para 28%. A explicação para esse processo se deve à mudança no ambiente relativo à comercialização.

Gráfico 16. Evolução da quantidade de leite vendido no Alto Taquari (em mil litros).



Fonte: Censo Agropecuário.

É importante destacar, que até 1991 havia um controle de preços por parte do Estado, tanto em nível de produção, quanto em nível de consumo. A partir de então, com a abertura comercial operada no início da década de 1990, a atividade leiteira passa por uma reestruturação ao nível de produção.

Até a década de 1990 o setor leiteiro encontrava-se em uma situação de significativa estagnação. Com a liberação dos preços houve um processo de concentração da atividade e, como conseqüência, a exclusão dos produtores que não puderam acompanhar o nível de avanços tecnológicos. Nesse caso, tem-se a exclusão principalmente dos pequenos produtores. A concentração da atividade é verificada também em nível de empresas. A título de exemplo, a empresa ELEGE Alimentos S. A. detém 50% do mercado e a empresa e Parmalat S. A. detém 20%. O restante do mercado fica com as demais empresas e cooperativas do setor, como a Cooperativa Santa Clara, Cooperativa Piá, entre outras. É importante apontar que na atividade leiteira o produtor é considerado integrado. Porém o tipo de relação entre a agroindústria e o produtor é de caráter informal. Isso significa dizer que o rompimento da relação não acarretará em indenização para ambas as partes.

Os agricultores familiares que continuaram com as atividade de produção de grãos, especialmente milho e soja, comercializam o produto geralmente junto aos

comerciantes dos municípios. Atualmente essa atividade é estruturada através da formação de “associações”, cujo objetivo é otimizar fatores de produção. Um exemplo típico de associações que se desenvolveram em David Canabarro são as associações de máquinas, onde um grupo de agricultores divide o cultivo e a utilização de máquinas e implementos agrícolas. Essa alternativa, porém, envolve uma ação coletiva, indo além da decisão individual de cada família. Pode-se dizer que essa capacidade de articulação constitui-se como um capital social importante no desenvolvimento de atividades que possibilitem a reprodução social e econômica das famílias de agricultores.

De acordo com dados do Censo Agropecuário de 1995, somente 4% dos estabelecimentos de David Canabarro registraram produção de soja. Porém de acordo com informações coletadas junto à EMATER, devido ao ambiente favorável que se criou em torno desse produto, especialmente no que se refere ao preço da saca, bem como devido à introdução de novas técnicas de manejo, como o plantio direto, além de novas formas de organização da produção, como é o caso das associações de máquinas, esse percentual tem aumentado de forma muito significativa nos últimos anos. No caso da produção de milho, de acordo com dados do Censo Agropecuário de 1995, 93% dos agricultores se dedicava a atividade. Todavia, esse alto percentual de agricultores dedicados à produção de milho não é necessariamente o mesmo do que é comercializado, visto que a sua produção pode estar relacionada à reprodução de outros processos produtivos no estabelecimento, como é o caso da produção de leite e suínos.

A exemplo da produção de milho, que é uma atividade que em muitos casos cumpre uma função de reprodução de algum fator, no município de David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari existem uma série de atividades, que são desenvolvidas em caráter artesanal, com diferenciados padrões técnicos, que fazem parte das atividades que não tem como objetivo principal a comercialização, mas o auto-consumo. Uma das principais formas em que isso ocorre é através das agroindústrias artesanais familiares, tema que pretende-se desenvolver na próxima seção.

Nessa sub-seção procurou-se demonstrar como os agricultores familiares de David Canabarro e do Alto Taquari têm formulado novas estratégias de reprodução

especialmente a partir de meados da década de 1980. Verificou-se que as principais estratégias estão ligadas à integração às grandes agroindústrias, especialmente na produção de frangos, suínos, fimo e leite, onde o objetivo da produção é o mercado. No entanto, paralelamente a esse processo de crescente inserção no circuito mercantil, os agricultores dedicam-se a atividades voltadas ao auto-consumo, cuja origem é, em grande medida, o próprio modo de vida e o sistema produtivo colonial, onde a reprodução da agricultura familiar ocorre de um modo mais autárquico.

4.4. A Agroindústria Artesanal Familiar e o Desenvolvimento Local

Como agroindústria artesanal familiar entende-se como sendo aquelas atividades desenvolvidas no interior de estabelecimento, em que há o processamento de algum produto de origem agropecuária. Tendo em vista os métodos utilizados nesse processo, muitas vezes relacionados ao caráter cultural, com baixo grau tecnológica e realizadas pela própria família, considera-se como sendo artesanal. O que pretende-se apresentar nesta sub-seção é uma breve discussão sobre o atual estágio da agroindústria artesanal familiar e suas perspectivas como uma nova alternativa às velhas estratégias de reprodução dos agricultores familiares de David Canabarro e de outros municípios do Alto Taquari.

A agroindústria artesanal familiar refere-se a atividades não-agrícolas que tem o objetivo de auto-consumo da família. De um modo geral os produtos derivados dessas atividades possuem uma *marca*, sendo conhecidos como *produtos coloniais*. Nesse sentido, o elemento fundamental que irá delimitar a presença dessa atividade não é a estrutura sob a qual ela é desenvolvida, mas o processo utilizado. Isso se deve ao fato de grande parte dessas atividades geralmente serem desenvolvidas com recursos técnico-estruturais limitados. Todavia, não pretende-se adentrar a discussão acerca dos processos técnicos empregados, mas no sentido de buscar entender a sua importância alternativa para a reprodução social e econômica dos agricultores.

O desenvolvimento dessas atividades reflete para uma realidade que demonstra uma ligação entre uma agricultura familiar modernizada com sistemas produtivos voltados principalmente para o auto-consumo. Desse modo, percebe-se que não

houve uma completa separação entre a realidade vivenciadas pela agricultura colonial e a realidade da agricultura familiar, o que existe é um elo de ligação entre formas distintas de organização da produção e do trabalho na família. São iniciativas que privilegiam os elementos internos de cada grupo familiar, como terra e trabalho. A matéria-prima utilizada na fabricação dos produtos é oriunda do próprio estabelecimento. A origem dessas atividades está no próprio sistema semi-autônomo de reprodução dos colonos estabelecido durante o sistema produtivo colonial, quando a base produtiva e reprodutiva dos grupos familiares era constituída por recursos oriundos do próprio estabelecimento. Desse modo, são distintas das atividades com maior grau de mercantilização, em que o processo produtivo depende da aquisição de insumos no mercado. São ofícios relacionados ao patrimônio cultural desses grupos sociais, que já fazem parte do modo de vida dos agricultores e que são constantemente redefinidos em cada geração.

Essas atividades podem ser entendidas a partir na noção de pluriatividade (Schneider, 1994; 1999b), onde os agricultores dedicam-se a outras atividades concomitantemente ao trabalho na agricultura. Geralmente são processos que possuem ligação muito próxima com a atividade agrícola, como é o caso os agricultores se dedicam ao processamento dos produtos de origem agropecuária. De um modo pode-se subdividir a matéria-prima para o desenvolvimento dessas atividades como sendo de origem animal e vegetal. Exemplos típico de produtos oriundos das agroindústrias artesanais familiares em David Canabarro e no Alto Taquari são a produção de vinho, de produtos derivados do leite – como queijo, manteiga, requeijão – de produtos embutidos, como salame e copa, produção de pães e massas, processamento de frutas para a fabricação de doces, produção artesanal de vassouras e cestos, entre outros.

De acordo com informações coletadas em pesquisa de campo, a agroindústria artesanal familiar vem sendo percebida como importante elemento para a promoção do desenvolvimento local. De acordo com depoimento de extensionista da EMATER,

“Existe hoje uma demanda muito grande pelo produto chamado colonial, tanto é que esse produto já existe: o queijo, o

mel, o salame são vendidos no mercado local, mas tudo sem fiscalização. Então, dentro dessa proposta, não se quer provocar a inserção de novos agricultores ou gerar uma excessiva quantidade de pessoas nessa atividade produtiva, o que se quer é regularizar as pessoas que já estão nessa atividade” (J. C. R., EMATER, David Canabarro).

A proposta enunciada pelo extensionista da EMATER refere-se a um conjunto de ações que estão sendo implementadas em nível local no sentido de ampliar a participação da agroindústria artesanal familiar na reprodução social e econômica dos agricultores de David Canabarro e de alguns municípios do Alto Taquari. Essa iniciativa, chamada de *Fórum Micro-regional de Desenvolvimento*, teve como elemento propulsor a EMATER, que passou a fomentar a participação de diversas entidades representativas. O objetivo é encontrar formas para fomentar o desenvolvimento local. A metodologia utilizada foi a realização de encontros nos municípios envolvidos no programa, a fim de serem tiradas propostas de ações. Segundo depoimento,

“Nesse fórum microrregional o convite foi aberto a todas as entidades: para a câmara de diretores lojistas, as prefeituras, tendo à frente o executivo e suas secretarias, as câmaras municipais de vereadores, os sindicatos de trabalhadores rurais, os conselhos municipais de desenvolvimento, os clubes de mães, a diocese e a comunidade em geral” (J. C. R., EMATER, David Canabarro).

De acordo com documentação³⁷ de registro e divulgação desse projeto e de acordo com extensionistas da EMATER de David Canabarro, uma das principais alternativas visualizadas é o fomento às agroindústrias artesanais familiares. A extensão rural teve importante papel na articulação de outros setores da comunidade

³⁷ Proposta de Ações para Qualificação dos Produtos das Pequenas Agroindústrias Artesanais Familiares. David Canabarro: EMATER, 2002. (mimeo)

dos municípios envolvidos no fórum de discussão. Segundo depoimento de um extensionista rural,

“A EMATER teve a iniciativa de convocar uma reunião de entidades, não só municipais, mas, também, agregando os municípios de David Canabarro, Vanini, São Domingos do Sul, Muliterno e Ciríaco. O nosso objetivo foi levantar uma discussão sobre a agricultura familiar da nossa região. A partir do momento que essa discussão se estabeleceu, o que se observou foi o seguinte: se formou um espaço de discussão microrregional onde foram abordados vários temas. Ele tomou uma dinâmica de funcionamento própria, onde um tema era discutido numa reunião, eram traçadas atividades, se dava espaço para relatos do que já havia sido feito e para a discussão de novos problemas. Nas últimas reuniões nós começamos uma discussão da pequena agroindústria, onde se observou que o mais importante para a nossa realidade não estava em querer regularizar essas agroindústrias pela legislação atual. É necessário criar condições de uma legislação municipal, onde fossem atendidas todas aquelas necessidades legais de fiscalização, mas também que levasse em consideração a realidade e as reais condições dos produtores.” (J. C. R., EMATER, David Canabarro).

Dentre as medidas resultantes da discussão realizada, verificou-se a necessidade de identificar e organizar os agricultores interessados, de acordo com atividade desenvolvida, localização, ou afinidade. Do mesmo modo, visando a implementação de um programa de qualificação, verificou-se a necessidade de ter equipes de formação para as diversas áreas. Isso fez-se necessário, devido à grande diversidade de atividades desenvolvida pelos agricultores familiares nas pequenas agroindústrias artesanais familiares. As produtos de origem animal, por exemplo, respeitando aspectos de ordem sanitária, seriam submetidos a um processo de maior controle produtivo, no sentido de melhorar as instalações e as técnicas utilizadas.

Nessa mesma linha, encontra-se a questão da comercialização dos produtos. Atualmente, a comercialização desse tipo de produtos em municípios vizinho encontra barreiras na legislação existente. Nesse sentido, verificou-se a necessidade da reformulação do atual Sistema de Inspeção e a criação de um “Sistema de Inspeção Alternativo” que, associado a um programa de qualificação, irá impulsionar um novo setor produtivo, o qual poderá ter um maior grau de contribuição para os agricultores familiares contemplarem a sua reprodução social e econômica.

O papel da articulação das famílias, no desenvolvimento de um novo setor produtivo, caracteriza-se como uma estratégia de reprodução diferenciada, devido ao fato de haver a necessidade da família articular-se além do espaço de seu grupo, passando a interagir de forma direta com outros grupos familiares e com outros atores sociais. Esse processo, portanto, não depende de uma tomada de decisão isolada de um agricultor e sua família, é um processo que há a interdependência com outros indivíduos, com o sistema político e com a própria sociedade local. Esse fenômeno é descrito por Abramovay (1999b), como *capital social*. Através da articulação de uma rede de atores sociais, chegou-se a uma definição de como devem ser efetuados os esforços no sentido de promover o desenvolvimento local e a reprodução social e econômica dos agricultores, qual seja, fazer adaptações e redefinições para o desenvolvimento de processos que já existem e são praticados pelos agricultores.

A articulação de uma nova proposta de desenvolvimento local justifica-se enquanto alternativa contra o forte processo de diminuição da população rural, a exemplo da que tem ocorrido no município de David Canabarro. De acordo com dados apresentados no gráfico 13, a população rural do município de David Canabarro, que em 1970 era de 6.606 pessoas, em 1995 tem seu número diminuído para 3.315, ou seja, em duas décadas a população rural diminuiu em praticamente 50%. Nesse sentido, a formação do *Fórum Microrregional de Desenvolvimento* é uma ação voltada à geração de novos postos de trabalho, que diferencia-se por ser um fenômeno fomentado em nível local. Portanto, um conjunto de ações onde o território é colocado no plano do desenvolvimento local, não somente como um conjunto de recursos naturais, mas também como um processo oriundo da organização social.

A construção dessa nova proposta de desenvolvimento acaba demonstrando a complexidade dos processos sociais e produtivos que envolvem a agricultura familiar, bem como da diversidade de alternativas que norteiam a sua reprodução social e econômica. O fomento à geração de um processo de desenvolvimento rural participativo é um fenômeno de significativa complexidade, especialmente porque as decisões fogem do plano individual e adquirem status de ação coletiva. Desse modo, o *capital social* de um determinado território, segundo Abramovay (1999b), é um aspecto que está relacionado às estratégias de reprodução dos agricultores, porém, seu foco de ações e medidas depende do conjunto de atores e, em grande medida, do desenvolvimento sócio-cultural de uma determinada comunidade. Essa realidade indica que, apesar da agricultura familiar apresentar particularidades na formulação de suas estratégias de reprodução, como a detenção da terra e da mão-de-obra para conduzir os processos produtivos, o ambiente externo atua fortemente enquanto fator de diferenciação nas estratégias de reprodução das famílias. Essa noção é muito importante para entender a proposta de ações para qualificação da produção das pequenas agroindústrias artesanais familiares que vem sendo discutida por atores sociais, especialmente a EMATER, do município de David Canabarro e de municípios de seu entorno. Na medida em que a reprodução da agricultura familiar passa a privilegiar estratégias que congreguem outros atores, devem ser consideradas questões muitas vezes existentes no universo simbólico, como afinidade sócio-cultural, confiança, bem como questões relacionadas ao ambiente técnico-produtivo, como o tipo de atividade praticada, característica do solo, tamanho do estabelecimento, entre outros. O resultado passa a depender não somente de fatores internos à família, como também do ambiente externo, representado pelas ações dos demais atores.

A dedicação em outras atividades juntamente com a produção na agricultura não se restringe à agroindústria artesanal familiar. Em David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari, a pluriatividade faz-se notar de forma muito diversificada. Além dos inúmeros produtos e processos envolvendo a agroindústria artesanal familiar, outras atividades não-agrícolas que são desenvolvidas no local são a extração de pedras de basalto, a costura de bolas de futebol, o trabalho em fábricas ligadas ao setor coureiro-calçadista, entre outros. Devido a limitações de diversas

ordens, torna-se difícil, no presente trabalho abordar todas as situações em que aparecem as atividades não agrícolas. Porém pode-se destacar ainda o caso das olarias, ou fábrica de produtos cerâmicos – especialmente de telhas e tijolos – atividades ligadas ao transporte escolar e da produção, ao comércio e prestação de serviços em geral, etc.

Essa grande diversidade de estratégias de reprodução da agricultura familiar de David Canabarro e da microrregião do Alto Taquari, revelam a emergência de um processo de diferenciação da agricultura familiar. Os agricultores pluriativos, um exemplo dessa heterogeneidade de formas de trabalho, são indivíduos que conciliam atividades agrícolas e não agrícolas, que encontram em atividades fora do setor agropecuário alternativas para a sua reprodução social e econômica. A emergência das atividades não-agrícolas, segundo a perspectiva abordada por Schneider (1994; 1999b), revela uma transformação do emprego agrícola no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, onde o desenvolvimento de atividades ligadas ao setor industrial transforma o próprio significado do rural, que passa a ter uma noção mais ampla do que única e exclusivamente agrícola.

De acordo com verificação realizada em pesquisa de campo, em David Canabarro e no Alto Taquari, a agricultura familiar, mostrou flexibilidade para deslocar parte da mão-de-obra no desenvolvimento de atividades não-agrícolas. Diferentemente do objetivo principal das agroindústrias artesanais familiares, essas atividades visam a obtenção de dinheiro, o que em alguns casos, ocorre mediante a venda da própria mão-de-obra no mercado de trabalho. A emergência das atividades não-agrícolas abordadas no presente trabalho, portanto, estão relacionadas ao patrimônio cultural dos agricultores, ao capital social, recursos naturais do território, especialmente referente à extração de pedras de basalto, e a um recente processo de industrialização experimentado em alguns setores.

Diante de um processo de industrialização experimentado por alguns municípios do Alto Taquari e da microrregião vitivinicultora de Caxias do Sul, a agricultura familiar da região mostrou-se capaz de desempenhar um papel diferenciado no desenvolvimento³⁸ da região. O setor industrial, baseado

³⁸ É importante notar que o desenvolvimento deve ser como um processo social, econômico e cultural, onde o homem estabelece uma relação de interação com o ecossistema local. Desse modo, além de

especialmente em empresas de pequeno e médio porte e sob uma grande diversificação produtiva, tem se apresentado como alternativa de geração de emprego e renda para a população da região. O setor coureiro-calçadista tem desempenhado um papel diferenciado no desenvolvimento da pluriatividade no Alto Taquari. Esse setor foi capaz de desenvolver-se de forma a não somente atender a demanda por trabalho da mão-de-obra existente nas áreas urbanas dos municípios, como também gerar postos de trabalho para a população rural. Na microrregião, existem fábricas em Nova Prata, São Jorge, Guabiju, Vanini, Paraí, David Canabarro, São Domingos do Sul, entre outros. O desenvolvimento de atividades não-agrícolas ligadas ao setor de extração do basalto e ao setor coureiro-calçadista é o tema que se pretende desenvolver nas próximas seções.

4.5. A extração de basalto: uma particularidade geológica que estimula a pluriatividade da agricultura familiar

A origem da extração de pedras de basalto tem está diretamente relacionada à colonização da região. As pedras eram utilizadas como alicerce das construções da época. As casas típicas do período eram constituídas por um porão onde era armazenado o vinho e outros alimentos. Esse local deveria ter uma temperatura amena, mesmo durante o verão. Um muro feito com pedras possibilitava que não houvesse grandes variações de temperatura nesse local. No entanto, antes de abordar o processo social relacionado à extração do basalto, é importante apresentar brevemente os fatores físicos que permitiram o desenvolvimento dessa atividade.

A extração de basalto consiste na retirada de blocos de pedra de formas e tamanhos variados. O principal destino desse produto é a construção civil. Um dos principais fatores que levou à emergência dessa atividade no Alto Taquari refere-se a particularidades geológicas relacionadas à mineralogia da região. A exemplo de praticamente toda a metade norte do estado do Rio Grande do Sul, a rocha matriz do

solo é originária de um derramamento basáltico ocorrido há milhões de anos³⁹. A profundidade e a forma em que os blocos dessa pedra se apresentam no subsolo, todavia, é muito variada.

A espessura das unidades de derrame, de acordo com Holz e De Ros (2000), varia de acordo com o paleorelevo, onde nos altos topográficos encontra-se a poucos metros e a cinquenta metros nos paleovales. De um modo geral a espessura média dos derrames não é superior a vinte metros. *“No conjunto, a espessura da pilha vulcânica básica cresce de oeste para leste, com valores máximos da ordem de 600 metros na escarpa da região Nordeste do estado, onde são identificados derrames básicos, intercalados e sobrepostos por até cinco unidades piroclásticas ácidas (p. 360).*

O solo é constituído por diversos horizontes ou camadas, sendo que a superfície é o local mais intemperizado, onde a rocha matriz já é transformada em um substrato mais ou menos homogêneo, devido à maior ação de agentes físicos, químicos e biológicos. Nas camadas inferiores, ou subsolo, existem pontos de transição no que se refere à intemperização da rocha e, mais abaixo, encontra-se a rocha matriz. A rocha matriz pode encontrar-se em profundidade variada, obedecendo a fatores como a intensidade de ação dos agentes intemperizadores e ao quociente de suscetibilidade à intemperização, que varia de acordo com a constituição da rocha, à deposição de material, entre outros. Entretanto, no Alto Taquari, a profundidade da rocha matriz e na forma como ela está estruturada, constituem-se como particularidades geológicas que possibilitaram o surgimento da atividade de extração de pedras de basalto.

Existem muitos locais aonde a faixa que vai da superfície do solo até a rocha matriz, ou seja, a camada de solo intemperizado, é muito pequena, podendo estar a menos de 1 metro de profundidade, ou mesmo exposta na superfície do solo. Além disso, outro fator que favorece à extração do basalto é elevado grau de declividade do terreno, pois a camada de solo encontrada na superfície é removida das partes mais altas para as partes mais baixas, expondo a rocha para iniciar a sua extração.

³⁹ De acordo com Holz e De Ros (2000), o vulcanismo mesozóico da Bacia do Paraná, segundo seu conteúdo químico, é dividido em três grandes setores: a) Bacia do Paraná Meridional, localizada ao sul do Lineamento do Ri Uruguai; b) Bacia do Paraná Setentrional, situada ao norte do Lineamento do Rio Piriqui e c) Bacia do Paraná Central, entre os Lineamentos do Rio Piriqui e do Rio Uruguai.

Contudo, um fator importante que possibilitou a extração do basalto pelos agricultores e com poucos recursos técnicos, foi a forma como a rocha encontra-se estruturada, ou seja, em camadas ou fraturas (geralmente num sentido relativamente horizontal). Isso facilitou a remoção de pequenos blocos, podendo ser realizada de forma manual, somente com o uso de alavancas. Nesse sentido, após ser removida a camada de solo já intemperizada, retira-se uma camada (chamada de *banco*) de rocha por alguns metros e retorna-se para retomar o processo em um novo banco. Assim formam-se verdadeiras crateras e paredões onde o processo é implementado.

De acordo com a espessura da fratura a pedra é moldada na forma e tamanho desejados. Há muita variação a espessura, mas geralmente fica na faixa de 5 a 20 cm, havendo locais onde as camadas podem ser maiores ou menores. Atualmente, nos locais onde a rocha encontra-se de forma maciça, são retirados blocos maiores e há o emprego de métodos e processos técnicos mais complexos, como utilização de dinamite, guindastes, etc. Esses blocos são transportados para os teares, ou beneficiadoras de basalto, onde são cortados em lâminas com a espessura desejada. Em observação feita em visita a um tear, localizado no município de Paraí, um bloco de basalto (cujo volume era de aproximadamente $1,5 \text{ m}^3$) estava sendo cortado, sendo que a espessura das lâminas era em torno de 4 a 5 cm. Os locais onde ocorre a maior concentração de extração da pedra são os municípios de Parai, Nova Prata, São Domingos do Sul, David Canabarro, Casca e Serafina Corrêa. Nesses locais, esse processo teve início, geralmente, devido à presença das fraturas na rocha, tornando o local em território de forte desenvolvimento dessa atividade.

O local onde é extraída a pedra é chamado de pedreira ou mina. As pedras extraídas são utilizadas para uma diversidade muito grande de funções, tais como a construção de calçamentos nas vias urbanas, os blocos maiores (em torno de 15 cm de altura) são utilizados na construção de muros, casas⁴⁰, escadas, corrimões, postes, etc. Nesse sentido, de um modo geral, o objetivo da extração de basalto é a construção civil. Os primeiros locais onde essa atividade é desenvolvida tendo como objetivo a venda da pedra é o município de Nova Prata e, posteriormente, Paraí e São Domingos do Sul. Inicialmente, os produtos eram destinados ao abastecimento do mercado próximo, constituído pelos novos municípios que estavam sendo

⁴⁰ É comum encontrar na região construções onde ao invés do tijolo é utilizada a pedra basáltica, o que resulta numa paisagem cultural, relacionada à atividade desenvolvida no local.

emancipados dos primeiros municípios formados com a colonização. Desse modo, as pedras extraídas destinavam-se à construção das ruas e calçadas.

De acordo com entrevista feita junto com empresário do setor, hoje o mercado regional adquire uma parcela muito pequena da produção. Segundo depoimento,

“os principais mercados são a Grande Porto Alegre, que toma 70% da produção, a região de Caxias e a região de Erechim e Passo Fundo. O mercado da Grande Porto Alegre é maior porque lá a construção civil é mais pesada. Aqui na região, trabalha-se muito pouco, somente com algumas prefeituras e poucas obras particulares. As empresas menores que não tem condições de atingir esses mercados mais distantes, distribuem o material aqui no mercado local. Pra não ter despesas com transporte, cobrança, medição de obras, contato com cliente e engenheiro, etc., esse pessoal fica mais na região, por isso nós ficamos com essa fatia que eles não alcançam. Como o custo fica maior temos que procurar um mercado que paga um pouco mais” (R. K., Empresário de indústria beneficiadora de basalto, São Domingos do Sul).

O aumento na procura por esse produto leva à uma maior complexificação no desenvolvimento dessa atividade. Crescentemente são utilizadas novas tecnologias, modificando o caráter de emprego da mão-de-obra e levando a uma segmentação dos produtos com origem no basalto. Nos três municípios referidos anteriormente, de modo especial, a indústria ligada ao setor tem forte expansão, especialmente a partir da década de 1990. Desse modo, os diversos produtos derivados da pedra passam por uma etapa de beneficiamento em que é necessário o emprego de máquinas de grande porte, muitas vezes, importadas e de custo muito elevado. Embora tenha-se gerado postos de trabalho nos teares de basalto, onde são realizadas atividades relativas ao beneficiamento dos produtos, o caráter familiar da atividade vai perdendo espaço para empresas especializadas no setor.

As formas de trabalho relacionadas à atividade de extração do basalto na região são muito diversas, podendo-se citar: a) o agricultor possui um a pedreira e

nela trabalha, podendo vir a contratar mais trabalhadores; b) agricultores trabalham para outrem, a fim de obterem uma renda extra para a família; c) agricultores que trabalham nas beneficiadoras de basalto; d) operários das pedreiras e) operários das beneficiadoras. Especialmente a partir do final da década de 1980 e início da década de 1990, especialmente nos municípios de São Domingos e Paraí, a atividade sofre uma transformação. Cada vez mais some a figura do agricultor proprietário de pedreiras. Em seu lugar surgem empresários do setor, donos de beneficiadoras, que adquirem as pedreiras dos agricultores e passam a gerenciar o processo de extração. O agricultor, geralmente, acaba trabalhando na pedreira que antes lhe pertencia, passando a fazer parte da segunda categoria. Dentre os principais fatores responsáveis pela venda das pedreiras estão o alto custo necessário para a remoção da parte superficial do solo para dar início à atividade e os encargos ambientais tais como reflorestamento, destino adequado às sobras, entre outros.

A forma de trabalho assalariado aparece praticamente só nas indústrias, haja visto a dificuldade de execução da atividade e do manejo da pedra. A forma de trabalho existente nas pedreiras em maior nível é *por peça produzida*. A primeira forma de trabalho não-agrícola ligado ao setor do basalto que surgiu, foi a do trabalhador proprietário. Em seguida, surge o trabalhador por peça, que começa trabalhando na pedreira do primeiro. Por último, após o surgimento das indústrias beneficiadoras, os teares, surge a figura do colono-operário, que tem domicílio no meio rural e trabalha numa indústria.

Além da dificuldade do trabalho nas pedreiras, a forma de trabalho onde o trabalhador recebe por peça produzida é a mais comum nas pedreiras a fim de que, aqueles que possuem maior destreza e conhecimento da atividades, possam receber mais pela sua produção. Ao adquirir o conhecimento técnico para a remoção e o manejo da pedra, a renda obtida será proporcional à quantidade produzida. Segundo depoimento de proprietário de pedreira,

“os empregados da pedreira trabalham por série, quanto mais eles produzem, mais eles ganham. A percentagem é meio a meio, mas fico com as despesas, como o frete, o registro da pedreira, telefone, pra eles trabalharem na pedreira eu pago casa, luz e água” (A. B. Agricultor, proprietário de uma pedreira, David Canabarro).

Para as pessoas que querem ingressar na atividade, o conhecimento sobre o ofício é adquirido ainda através da prática, junto aos trabalhadores mais antigos e transmitido na própria pedreira. Ainda não há uma organização onde as empresas interessadas na contratação de mão-de-obra ofereça algo como um *curso preparatório*. A transmissão do conhecimento ainda encontra-se sob o modelo onde, através da prática, os mais experientes ensinavam os iniciantes, os pais ensinavam seus filhos, na própria execução do trabalho. Todavia, a recente transformação no cenário relacionado à atividade tem possibilitado a ocorrência de situações novas, ao passo que mantiveram-se velhos modelos de condução da atividade. No depoimento a seguir pode-se verificar um exemplo de pessoas de outros locais que iniciam na atividade de extração do basalto. Em muitos casos são oferecidas as condições de moradia para trabalhadores que vêm de outros locais. Têm-se exemplos de pessoas que vêm do oeste do estado de Santa Catarina, especificamente do município de São Lourenço do Oeste. Em entrevista realizada com empresário do setor confirmou-se a origem desses trabalhadores, onde se constrói uma relação de intercâmbio regional, ou seja, as primeiras pessoas que chegam ao local, servem de ponte para a criação de um movimento migratório maior. Segundo o entrevistado,

“Hoje existe um problema de mão-de-obra para as pedreiras. Os jovens não querem mais ir de sol-a-sol na pedreira bater martelo e estão saindo pra estudar ou ir trabalhar na cidade. Então nós ficamos só com a mão-de-obra do pessoal mais de idade que, com o passar do tempo, têm problemas de coluna e outros se aposentam. Para suprir esse problema nós estamos contratando gente de fora. Aqui na nossa região, por exemplo, nós temos um grande número de pessoas da região de São Lourenço do Oeste/SC, em torno de 50 famílias. O motivo é que o que lá eles ganham em um ano na agricultura, aqui eles ganham em um mês nas pedreiras. O problema é que eles chegam aqui com baixa capacitação técnica e geram um produto de qualidade inferior, mas com o tempo eles vão conseguindo melhorar a técnica” (R. K., Empresário de indústria beneficiadora de basalto, São Domingos do Sul).

Mesmo havendo a possibilidade dos trabalhadores se empregarem nas pedreiras, a preferência dos migrantes são as indústrias. Dentre os principais motivos estão a penosidade do trabalho na pedreira e a demora para a obtenção de técnica suficientemente apurada de modo que os rendimentos obtidos possam ser satisfatórios. De acordo com depoimento de ex-trabalhador de pedreira,

“Não é fácil trabalhar em pedreira, principalmente porque tem que trabalhar sempre abaixado e fazendo força. Aqueles que não têm um pouco de prática sofrem mais e o trabalho não rende. Por isso que as pessoas que vem de fora pra trabalhar nas pedreiras ficam um mês e depois vão embora” (D. B., Trabalhador em indústria beneficiadora, ex-trabalhador de pedreira, Paraí).

De acordo com Tedesco (1999), na região existem cadastradas em torno de 80 pedreiras, a maior parte localizadas no município de Paraí, sendo que cada uma delas emprega em média 15 pessoas. No entanto, a contribuição dessa atividade em termos de arrecadação fiscal encontra-se em uma situação controvertida. Apesar da atividade envolver o giro de considerável volume de recursos financeiros, *“grande parte da comercialização desse produto não obedece a regras de tributação”* (Tedesco, 1999. p. 162). Não obstante o visível e expressivo volume de produção gerado no do município de Parai, a extração do basalto contribui com apenas 5%⁴¹ do Valor Adicional Fiscal. Segundo depoimentos coletados junto à prefeitura municipal do município, muitas vezes a mesma nota fiscal serve para transportar o produto da pedreira até a indústria durante semanas.

Além de problemas referentes à tributação, essa atividade desenvolve-se de um modo bastante paradoxal. Por uma lado, possibilita o emprego de mão-de-obra, gerando emprego e renda para a população local. Todavia, por outro, provoca fortes alterações no ecossistema onde é desenvolvida, provocando significativos impactos ambientais. De acordo com Rohde (2002), a Resolução CONAMA 001/86 aponta para o significado de impacto ambiental como sendo

⁴¹ Dado obtido junto à prefeitura municipal.

“qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas, que direta ou indiretamente, afetam:

- a saúde, a segurança e o bem estar da população;*
- as atividades sociais e econômicas;*
- a biota;*
- as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente;*
- a qualidade ambiental” (p. 41).*

As crateras geradas pela extração do basalto adquirem tamanha proporção, que a reversão para a paisagem original do ecossistema dificilmente será obtida. Os órgãos fiscalizadores do meio ambiente exigem que nos locais onde foi extraída a pedra seja reposta uma camada de solo de pelo menos 1 m e realizado o reflorestamento com plantas nativas, a fim de que possa se restabelecer um ecossistema o mais próximo possível do original. Todavia, os paredões formados com a atividade das pedreiras são modificações do meio praticamente irreversíveis, sendo que na medida em que não permitem significativas remodelações na reconstituição do ecossistema, o impacto da atividade continuará tanto presente quanto visível.

Outro aspecto referente aos impactos ambientais que está relacionado à extração de basalto é o destino dos entulhos, ou seja, os pedaços pequenos de pedra que sobram da extração da pedra e a camada superficial de solo que foi removida para ser encontrada a rocha matriz. Em não raros casos os resíduos formam verdadeiras montanhas, onde parte desse material é facilmente transportado pelas águas das chuvas, seja em suspensão ou em solução. A consequência imediata desse processo é a deposição desse material no fundo dos rios⁴² do local, levando a ocorrência de um processo de assoreamento.

⁴² Os rios São Domingos e Carreiros, que passam pela região onde ocorre a maior extração de basalto, fazem parte da própria história da imigração, como fonte de subsistência para os colonos e como caminho seguido pelos colonos nas migrações ocorridas no sentido norte-noroeste.

O assoreamento dos rios, especialmente até meados da década de 1980, ainda tem outro forte agravante, a exposição do solo através da aração e gradagem. Todavia, novas técnicas de manejo, como a implementação do plantio direto⁴³ sobre a palha, especialmente para as culturas de milho e soja, tem possibilitado significativa contenção da camada superficial do solo mediante a ação das chuvas. É comum ouvir das pessoas que vivem no local que os rios já **não** têm mais “poços”, locais onde há maior profundidade, porque o rio está encheu de pedra. Todavia, de acordo com extensionista da EMATER de David Canabarro, em recente depoimento de um agricultor, a “caixa do Rio Carreiro está afundando”⁴⁴, o que significa dizer que já pode ser percebida uma diminuição na quantidade de entulhos que chegam até o leito do rio.

A problemática a cerca da questão ambiental ainda é fonte de discordância entre os atores envolvidos. Os órgãos fiscalizadores tentam fazer cumprir-se a legislação, porém os proprietários de pedreiras estranham uma atual postura mais rígida deste, visto que a atividade, historicamente, tem se desenvolvido sem maiores exigências, sendo conduzida de acordo com a vontade dos proprietários. Segundo depoimento,

Pelas exigências da FEPAN, o impacto ambiental teria de ser o mínimo possível. Eles propõem que onde não se esteja mais tirando pedras, o local seja coberto com terra e seja feito reflorestamento. Por exemplo, numa encosta de um morro, eles não querem que fique uma cratera. O problema a extração do basalto vem sendo feita errada desde o início. Ninguém nunca tinha falado que era para fazer de um jeito ou de outro e hoje estão querendo multar, fechar pedreiras, sem ter dado um tempo para o pessoal se organizar e sem

⁴³ Essa inovação no manejo dos solo, especialmente no município de David Canabarro, deve-se em grande parte ao intenso trabalho da EMATER junto aos agricultores, no sentido de apresentar os benefícios técnico-econômicos e ambientais. Em estágio realizado na instituição no ano de 1998, pôde-se estar presente em algumas palestras e reuniões feitas com os agricultores.

⁴⁴ É importante notar que o local referido pelo agricultor pertence ao município de David Canabarro, localizado mais próximo das cabeceiras dos rios São Domingos e Carreiro. O local mais crítico da extração de basalto, no que se refere ao carregamento de entulhos pelas águas, está localizado na divisa entre os municípios de São Domingos do Sul e Parai, onde, além de diversas pedreiras localizadas na encosta do rio Carreiro, tem-se uma estação de beneficiamento e pedreiras localizadas, literalmente, na barranca do rio.

ter instruído o pessoal. (E. T., Gerente de Produção de indústria de basalto, Paraí).

Não é de se estranhar a resistência do setor empresarial ligado à extração de basalto, tendo em vista que uma recente fiscalização mais rígida por parte dos órgãos responsáveis, implicou na necessidade de um reajuste no exercício dessa atividade, o que significa maiores custos.

A atividade de extração do basalto desenvolve-se na microrregião do Alto Taquari segundo determinadas características geológicas. De um modo geral, a rocha pode ser extraída nos locais onde ocorre o afloramento basáltico, o que possibilita que em determinados locais a sua extração seja facilitada. No entanto, além desses fatores, que Santos (1985; 1986; 1988) chama de fatores fixos ligados a aspectos naturais, existem outros chamados de fluxos, ligados ao aspecto estrutural da região. Ambos elementos, fixos e fluxos, participam no desenvolvimento de determinados processos sociais e econômicos. Desse modo, a unidade do espaço ou território, compreendido pela característica da rocha matriz basáltica, é distinguida em frações distintas sobre as quais se entremeiam os fluxos, como as vias de acesso, rodovias, canais de comunicação e a proximidade aos mercados. A presença diferenciada dos fixos e dos fluxos leva a um desenvolvimento desigual na região.

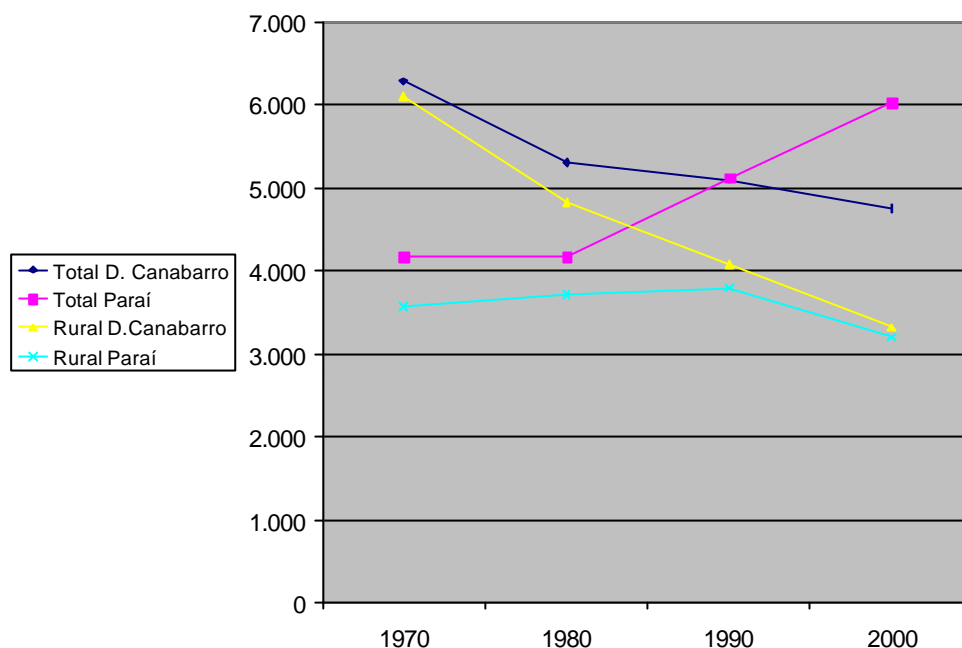
Para tornar mais clara essa idéia, pode-se comparar as condições em que é desenvolvida a atividade de extração de basalto nos municípios de David Canabarro e Paraí, onde a forma de afloramento e estruturação da rocha é muito semelhante, e tentar entender por que ela se desenvolve de forma diferenciada nesses locais. Nesse sentido, existem muitos fatores que estão relacionados ao desenvolvimento da atividade, cada qual com seu grau de importância. Segundo depoimento de empresário do setor, o maior problema para a ampliação do desenvolvimento da atividade são as vias de acesso.

“Além da agilidade dos órgãos fiscalizadores (FEPAM), outro fator muito importante para a expansão da atividade, onde o poder público pode dar sua contribuição, é na construção do asfalto para fazer ligação de Paraí com Passo Fundo, Lagoa Vermelha e a região de Vacaria. Esse asfalto passaria por municípios que também são

produtores, como São Domingos, Vanini e David Canabarro. A estrada de chão até pode estar boa, mas em muitos trechos tem presença de buracos, nos dias em que chove o caminhão patina, por causa do peso da carga acaba cortando os pneus. Além disso, se existisse o asfalto, facilitaria a retirada de pedras desses lugares que ficam praticamente no meio do mato. O asfalto gera mais circulação, as pessoas vêm de outras cidades e passam a conhecer esse produto. Se cinquenta pessoas quisessem trabalhar no basalto, eu tenho lugar pra todas elas. Nós estamos em falta de mão-de-obra qualificada e de moradia, porque pessoas de outras regiões vêm trabalhar no basalto, além de qualificar essas pessoas para a atividade, temos que fornecer moradia porque não existem casas para alugar” (R. K., Empresário de indústria beneficiadora de basalto, São Domingos do Sul).

A partir do depoimento anterior, percebe-se que o desenvolvimento da atividade está relacionado à possibilidade de escoamento da produção. Esse foi um dos principais fatores que possibilitou que os agricultores do município de Paraí e Nova Prata se dedicassem de forma mais intensa a essa atividade do que no município de David Canabarro. A localização dos primeiros em relação aos principais mercados, a microrregião vitivinicultora de Caxias e a Grande Porto Alegre, é mais favorável que no caso de David Canabarro. Em primeiro lugar isso se deve à proximidade e, em segundo, refere-se à pavimentação das rodovias. No caso de Paraí, o forte desenvolvimento dessa atividade não-agrícola tem sido muito importante para a reprodução social e econômica da agricultura familiar do local. O forte processo de êxodo rural ocorrido na microrregião do Alto Taquari e discutido anteriormente, não tem sido observado de forma tão intensa no município de Paraí, pelo menos até a década de 1990, período em que inicia-se um forte processo de concentração da atividade ligada à extração de basalto. Nos demais municípios, as décadas de 1970 e 1980 foram, dentre outros, sinônimos de êxodo rural. No gráfico a seguir é feito um comparativo entre a evolução da população rural e a população total dos municípios de David Canabarro e Paraí nas últimas três décadas.

Gráfico 17. Evolução da população total e rural dos municípios de David Canabarro e Parai, de 1970 a 2000.



Fonte: Censo Agropecuário.

De acordo com o gráfico anterior, percebe-se que nas décadas de 1970 e 1980 a população de Parai tem índices de crescimento. De acordo com informações coletadas junto à prefeitura municipal, a explicação mais plausível para esse fato atípico, deve-se ao trabalho de extração de basalto, visto que era uma alternativa de renda para os agricultores, especialmente nos períodos de entressafra. Todavia, na década de 1990, tem-se o início de um processo de industrialização no município, e muitas pessoas trocam o trabalho das pedreiras pelo trabalho nas fábricas que se instalaram no local. Os principais setores ligados ao processo de industrialização foram o do basalto, o coureiro-calçadista e o moveleiro. Segundo depoimento coletado junto à prefeitura municipal de Parai, a extração de pedras de basalto era uma alternativa para as famílias cuja qualidade dos recursos existentes no estabelecimento era menor.

“A extração de basalto começou com as famílias que ocuparam a região. Aqueles que tiveram a sorte de se localizar em áreas melhores para a produção de milho, trigo e soja, puderam permanecer só com a agricultura. Mas, muitas famílias ficaram com área pior, menor

quantidade de terras ou com muitos filhos e tiveram que procurar outras atividades, onde a extração do basalto foi uma das alternativas encontradas. Há pouco tempo, muita gente acabou deixando a atividade para trabalhar nas fábricas e hoje existe um problema de falta de mão-de-obra para a extração do basalto. É um serviço muito pesado e tem muita fiscalização sobre o trabalho de menores. Em Paraí tem muitos casos de pessoas de outras regiões e estados que migraram para o município, como da região de Santa Rosa, de Santa Catarina e até do Paraná, mas, vieram com a intenção de trabalhar na indústria moveleira e na fábrica de calçados. Como esses setores já estão saturados, a mão-de-obra agora está se deslocando para as pedreiras, porém para trabalhar na pedreira precisa de força, técnica e muita vontade, senão não fica lá um dia somente” (A. C., Liderança municipal, Paraí).

De acordo com depoimento anterior, verifica-se que a atividade de extração de basalto constitui-se como uma estratégia de reprodução social de agricultores familiares e membros das famílias. Embora elementos internos ao estabelecimento, como a qualidade da terra para a prática da agricultura, se apresentavam de forma menos favorável, de uma situação adversa, os agricultores familiares do local formularam ações diferenciadas de outros territórios, no sentido de garantir a sua reprodução social e econômica. Em razão disso, parte das famílias dos agricultores torna-se pluriativa. Esse processo, mesmo ocorrendo em menor grau, também é verificado no município de David Canabarro, aliado à costura de bolas de futebol e ao trabalho em fábricas de calçados, constituem-se como as principais fontes de renda desenvolvidas pelos agricultores em atividades fora da agricultura.

A partir do que foi discutido anteriormente a cerca do desenvolvimento da extração do basalto em David Canabarro e em alguns municípios do alto Taquari, verificou-se que essa atividade tem se apresentado como uma nova estratégia de reprodução social e econômica para os agricultores familiares do local, proporcionando emprego e renda para a população local. No entanto, o setor tem ainda muito que se redefinir em termos de organização produtiva. Em primeiro lugar, por um lado, deve-se efetuar um controle mais rigoroso na comercialização do

produto, a fim de que haja uma tributação sobre esse produto como é feito para os demais. Em segundo lugar, deve haver um maior interesse do setor público no investimento de esforços para o desenvolvimento dessa atividade, visto que ela representa uma importante alternativa de geração de emprego e renda, especialmente, para os agricultores familiares desse território. Em terceiro lugar, a organização produtiva deve evoluir no que se refere à questão ambiental. A atividade deve ser desenvolvida de modo que cause o menor impacto ambiental possível. Nesse sentido, cabe ao setor produtivo cumprir com a legislação ambiental, especialmente, porque o impacto ambiental dessa atividade é, de qualquer forma, inevitável, ou seja, deve-se ter consciência que, especialmente no que se refere à paisagem do local, o impacto causado pela atividade é irreversível. Mesmo que a realidade hoje aponte como principal demanda a geração de emprego e renda para a população, a questão ambiental não pode ser colocada em plano secundário. A questão ambiental ligada a exploração do basalto é um tema de suma importância, todavia requer estudos mais aprofundados, com uma metodologia apropriada para o tema, capaz de demonstrar mais precisamente os pontos em que ocorre maior grau de impacto ambiental causado pela atividade de exploração do basalto. No presente estudo, fez-se apenas uma primeira aproximação com o tema, discutindo sobre alguns pontos, que poderão ser retomados em estudos de maior envergadura.

4.6. O Crescimento da Pluriatividade Decorrente da Inserção dos Agricultores Familiares no setor Coureiro-calçadista

A emergência do setor coureiro-calçadista no município de David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari ocorre, especialmente, a partir da década de 1990, quando são instaladas fábricas em diversos municípios da região, como Nova Prata, Guabiju, São Jorge, Vanini, David Canabarro, São Domingos do sul e outros. No caso de David Canabarro, a introdução de uma fábrica de calçados, permitiu um aumento considerável no número de postos de trabalho, tanto para a população urbana quanto a rural. Tendo em vista o fato da fábrica funcionar em dois turnos, a mão-de-obra urbana disponível não foi suficiente, necessitando-se da mão-de-obra

proveniente do meio rural e de outros municípios. A empresa instalada no município de David Canabarro pertence a São Paulo Alpargatas LTDA. As lideranças do município reconhecem a necessidade de haver novas formas de geração de emprego e renda para a população rural e urbana, onde, dentre as alternativas visualizadas e possíveis de serem implementadas, de acordo com os sistemas produtivos, os recursos naturais e o patrimônio cultural existentes no local, está o incentivo para a instalação de indústrias ligadas ao setor coureiro-calçadista, moveleiro, de extração de basalto, de processamento de alimentos, em especial para a indústria vitivinícola, entre outros.

Segundo depoimento de liderança do município de David Canabarro, o processo que culminou com a instalação de uma fábrica do setor coureiro-calçadista no local é fruto de uma intensa negociação com as empresas. Tendo em vista a presença de mão-de-obra e local para instalação das fábricas, a principal dificuldade para que o município se tornasse local de instalação de fábricas está relacionado às condições de comunicação com a região de Caxias do Sul e Porto Alegre, especificamente, referente ao problema de estradas não-pavimentadas.

“Em 1997 iniciamos um processo de busca de empresas que estivessem interessadas em se instalar aqui em David Canabarro. A nossa situação geográfica, tendo em vista a falta de ligação asfáltica com a região mais industrializada do eixo Caxias do Sul/Porto Alegre se apresentou de forma desfavorável. Após várias tentativas, a empresa que nos abriu a possibilidade foi a empresa São Paulo Alpargatas de Veranópolis, que nos emprestou as máquinas para realizarmos o treinamento do pessoal, porém, sem a garantia que iria se instalar aqui. A partir desse momento foi possível a abertura de uma escola de costura de calçados. No momento em que houve um determinado número de pessoas com técnica suficientemente apurada para o ofício, nós procuramos novamente a empresa e ela nos colocou outras situações que seriam: oferecer o espaço físico, água, luz, isenção dos impostos municipais e mão-de-obra. Mesmo diante de todas essas exigências, nós percebemos a possibilidade de implantação dessa fábrica como muito positiva, pois seria uma alternativa para o setor público, como tradicional fornecedor de postos de trabalho, bem como para a complementação da renda para

as famílias, especialmente as do meio rural, que tinham mão-de-obra excedente possíveis de serem ocupadas como operários da fábrica” (G. M., liderança municipal, David Canabarro).

As substantivas migrações do meio rural do município para outras cidades, verificado através do gráfico 13 do capítulo 3, passaram a despertar a preocupação do setor público do local. Desse modo, tendo em vista a falta de opções para a geração de empregos na própria agricultura, optou-se por incentivar o desenvolvimento de atividades fora do setor agrícola, porém, seria necessário a absorção da mão-de-obra rural que vem, constantemente, migrando para outros locais. A partir da instalação da fábrica de calçados no município, pôde-se verificar que a participação de agricultores no processo produtivo é muito significativa.

Segundo entrevista realizada junto a gerência da fábrica, verificou-se que aproximadamente 50% dos operários têm origem no meio rural, e, cerca de 80%, são mulheres. No primeiro caso, onde praticamente metade da mão-de-obra é proveniente do meio rural, percebe-se uma situação em que ocorre a liberação de parte da mão-de-obra existente no estabelecimento para atividades não-agrícolas, ou seja, percebe-se a emergência de agricultores pluriativos no município. No segundo caso, onde a maior parte dos trabalhadores são mulheres, verifica-se que nesses casos o espaço de reprodução de atividades existentes no estabelecimento familiar e tidas como da mulher, pode estar sendo reduzido, privilegiando-se as atividades ligadas à produção na agricultura, à venda no mercado e à monetarização. Ou seja, pode estar havendo uma redução na divisão sexual do trabalho no interior da família.

A emergência da pluriatividade ligada ao setor coureiro-calçadista ocorre mediante a existência de diversas formas de trabalho. Dentre as principais, destacam-se, primeiro, a situação onde os agricultores vendem diretamente a sua mão-de-obra nas fábricas, assumindo a figura de operário do campo ou colono-operário. Em segundo lugar, tem-se a forma do trabalho onde o agricultor trabalha por peça produzida no próprio estabelecimento, podendo realizá-lo de acordo com a sua disponibilidade de tempo e mão-de-obra, permitido a continuidade na dedicação às atividades agrícolas, de acordo com a sua demanda. Processos semelhante são abordados por Schneider (1994; 1999 e 1999b), em estudo na região da colônia velha alemã no Rio Grande do Sul. Do mesmo modo, Anjos (1996), realiza estudo acerca

do trabalho desenvolvido por colonos-operários no interior de Santa Catarina. Os colonos-operários de David Canabarro, geralmente, são os filhos de agricultores que deixam o estabelecimento durante a semana, hospedam-se na cidade, onde geralmente estudam em um turno, trabalham nas fábricas e retornam nos finais de semana, podendo conciliar o trabalho com o acesso à formação. Essa situação permite que as famílias de agricultores possam vender parte de sua força de trabalho na fábrica e, ao mesmo tempo, dedicar-se a alguma atividade ligada à agricultura. Esse processo constitui-se como uma das novas estratégias de reprodução social e econômica para famílias de agricultores do município de David Canabarro.

Após a instalação da primeira fábrica de calçados no município, onde foi possível ser realizado um intensivo processo de treinamento da mão-de-obra, surgiram paralelamente diversos ateliês, pequenas instalações montadas em porões ou galpões, onde são realizadas determinadas etapas do processo de fabricação de calçados. Esse processo ocorre porque as empresas maiores terceirizam determinadas etapas da costura do calçado para empresas menores. Dessa forma, acabou-se por ampliar o número de postos de trabalho no município. Com efeito, gerou-se uma relativa competitividade pela mão-de-obra entre a fábrica e os ateliês, onde muitos operários deixaram de trabalhar na fábrica e passaram a trabalhar nos ateliês porque estes oferecem uma remuneração maior. De acordo com depoimento de lideranças municipais,

“após a instalação da primeira fábrica, surgiram três novos ateliês, montados por pessoas daqui, que passaram a prestar serviços não para a empresa da São Paulo Alpargatas, mas para outras fábricas dos municípios de Pará e de Veranópolis. Esse seria o efeito paralelo da vinda da primeira fábrica. Nesse momento, como principais fontes de emprego, nós tínhamos a prefeitura municipal no setor urbano e a agricultura no meio rural. A vinda dessa empresa e, posteriormente, a instalação das outras, proporcionou uma nova realidade, como um maior retorno no índice do ICM e, além disso, o comércio local passou a sentir positivamente um aumento no ingresso de dinheiro” (G. M., liderança municipal, David Canabarro).

Sob o ponto de vista da gerência da fábrica, ocorreu uma situação controvertida em relação ao processo de treinamento de mão-de-obra, onde a emergência dos ateliês acabou levando geração de uma disputa pela mão-de-obra treinada e qualificada da fábrica. Todavia, o ônus desse processo de qualificação da mão-de-obra, coube inteiramente à prefeitura municipal. Pois um dos requisitos determinados pela empresa para sua instalação no município era de que houvesse mão-de-obra qualificada, tarefa incumbida e realizada na maior parte pela prefeitura. A problemática referente à disputa pela mão-de-obra qualificada pôde ser constatada em depoimento de supervisor de produção da fábrica Alpargatas,

“O nosso principal problema é quando um funcionário, após ter passado por um processo de treinamento, deixa a indústria para se dedicar a outra atividade. Isso tem acontecido muito com a entrada de três ateliês no município. Eles oferecem um salário maior, mas não investem com treinamento e preparação do pessoal. Nós sofremos perdas com isso porque nem sempre tem alguém preparado para ocupar aquela função, levando a diminuição de nossos índices de produtividade” (C. C., Supervisor de Produção da São Paulo Alpargatas LTDA, David Canabarro).

Em entrevista realizada com liderança municipal, verificou-se que, há reconhecimento da importância da prefeitura incentivar a instalação de indústrias para a geração de novos postos de trabalho para a população local, especialmente à população rural, visto que a população urbana ainda é muito reduzida. Desse modo, nas atividades não-agrícolas são consideradas hoje uma alternativa de geração de emprego e renda para as pessoas residentes no meio rural de David Canabarro. Com efeito, há um reconhecimento da administração pública de que é importante e possível a sua contrapartida, na forma de medidas administrativas concretas, para a geração de novos postos de trabalho. Nesse sentido, o incentivo ao desenvolvimento do setor industrial é visualizado como uma alternativa pertinente à geração de postos de emprego em David Canabarro. Segundo depoimento de liderança municipal,

“Estamos adquirindo uma área onde será implantado o distrito industrial. O objetivo é a geração de emprego tanto para as pessoas do meio rural quanto as pessoas que residem na sede municipal. Como uma das características das propriedades rurais de nosso município é de possuírem uma pequena área, torna-se difícil para todos os filhos permanecerem trabalhando na agricultura, nesse sentido, a atividade na indústria é vista por nós como uma alternativa para alguns dos filhos de agricultores obterem uma fonte de renda e permanecerem no município” (E. D., liderança municipal, David Canabarro).

Outra forma de trabalho não-agrícola que constitui-se como uma estratégia de reprodução para os agricultores familiares de David Canabarro e ligada ao setor coureiro-calçadista é a prática de costura de bolas de futebol. Essa atividade é realizada no próprio domicílio rural, sendo exercida de acordo com a disponibilidade de tempo e mão-de-obra dos agricultores. Ou seja, são agricultores pluriativos pois exercem uma atividade não-agrícola paralelamente à agricultura. A matéria-prima utilizada pelos agricultores na costura de bolas de futebol são, o couro, a câmara de borracha, as agulhas, o linha e os modelos das bolas. Esse material é proveniente de indústrias localizadas nos municípios de Guabiju e Nova Prata, onde se encontram filiais de fábricas localizadas no município de Veranópolis, local onde o setor coureiro-calçadista é fortemente desenvolvido.

Para o desenvolvimento da atividade de costura de bolas é estabelecido um conjunto de relações sociais e econômicas, envolvendo, principalmente, três agentes sociais distintos: o empresário, o intermediário e o trabalhador. O primeiro fornece as peças separadas ao intermediário, geralmente uma pessoa que tem amplo conhecimento da região e das famílias, o seu local de moradia e em que famílias há maior disponibilidade de mão-de-obra. Desse modo, de um modo geral, a intermediação entre o empresário e o trabalhador é feita por um indivíduo da própria região. Periodicamente, o intermediário passa nas famílias recolhendo o material que já está pronto e deixando mais matéria-prima, de acordo com a disponibilidade de tempo e capacidade de trabalho de cada família. Não são estabelecidas cotas mínimas, o agricultor pluriativo trabalha na atividade de acordo com a sua possibilidade.

As famílias organizam-se de acordo com a sua disponibilidade de tempo, mas, de um modo geral, essa atividade é realizada por mulheres. Todavia, é uma atividade não-agrícola que, a exemplo do trabalho nas fábricas, constitui-se como uma estratégia de reprodução utilizada por agricultores familiares de David Canabarro e do Alto Taquari. Segundo informações coletadas a campo, trabalhando em média 6 horas por dia, é possível obter uma renda de aproximadamente um salário mínimo. De acordo com depoimento, o que torna a atividade mais atrativa não é somente a renda obtida, mas o modo como é possível desenvolvê-la, ou seja,

“o trabalho pode ser feito por mulheres, jovens e idosos, nos horários disponíveis, em período de entressafra, quando não há necessidade de trabalho na agricultura e/ou nos horários alternativos após o almoço e a janta” (B. C. Agricultora pluriativa, David Canabarro).

Esse aspecto relacionado à reprodução dos agricultores familiares se aproxima de abordagem realizada por Chayanov (1974), que afirma que uma das características essenciais da forma familiar de produção na agricultura, é a sua capacidade e autonomia de organização da mão-de-obra existente na unidade produtiva. Em seu estudo, isso era verificado especialmente no desenvolvimento do artesanato. Com efeito, esse fenômeno continua sendo evidenciado na agricultura familiar moderna, altamente integrada aos mercados, que vive situações onde parte da mão-de-obra, em determinados períodos, é destinada ao exercício de outras atividades não-agrícolas. Do mesmo modo, a diferenciação demográfica das famílias, enquanto fator de diferenciação no desenvolvimento do trabalho na “unidade econômica camponesa”, é apontado por Chayanov como aspecto muito relevante na sua reprodução social. Essa situação pode ser relacionada com a prática dos agricultores que se dedicam à atividade de costura de bolas de futebol, haja visto que é desenvolvida principalmente por mulheres, jovens rurais, pessoas idosas e, em alguns casos por crianças. Isso ocorre, por ser uma atividade que demanda muito mais técnica do que propriamente força física na maior parte do processo de costura. De certo modo essa atividade começa a redefinir o espaço da mulher na reprodução

do estabelecimento, não somente relacionado com ofícios domésticos, mas através da utilização do trabalho para a obtenção de renda. Sob certo aspecto, essa realidade aponta para uma redefinição de processos históricos, onde coube ao homem o gerenciamento da renda da família, levando a uma diferenciação social de determinados grupos familiares no que se refere ao modo de organizar a produção e o trabalho.

De acordo com Van der Ploeg (1990; 1992), a agricultura se desenvolve sob diferentes graus de mercantilização. Sendo assim, os agricultores integrados às agroindústrias, como verificou-se anteriormente, inseridos em sistemas altamente especializados e dependentes de insumos externos, estariam num grau muito elevado de mercantilização. Isso ocorre em razão das condições necessárias à sua reprodução social terem de ser crescentemente obtidas no mercado, mediante um processo de monetarização. No entanto, nas atividades não-agrícolas também tem-se um elevado grau de mercantilização. Ele é ainda maior devido ao fato da reprodução social e econômica dos agricultores já não ocorrer mais somente através do trabalho na agricultura, passando a ser necessário a mercantilização da própria força de trabalho, através da sua venda direta nas fábricas, através do seu emprego nas pedreiras de basalto, nas costura de bolas de futebol, entre outras, sobre as quais não pôde-se abordar no presente trabalho.

Em termos numéricos, é difícil precisar quantos trabalhadores pluriativos dedicam-se em cada atividade, bem como a magnitude da forma de trabalho desenvolvida em cada uma delas. No entanto, verificou-se que o desenvolvimento da pluriatividade em David Canabarro constitui-se como uma estratégia de reprodução da agricultura familiar frente ao estreitamento das alternativas possíveis na agricultura.

Portanto, de acordo com processos sociais verificados entre os agricultores familiares de David Canabarro e do Alto Taquari, ocorre um crescente processo de diferenciação social e econômica. São formuladas diferentes estratégias de reprodução de acordo com os elementos internos à família e com aspectos relativos ao desenvolvimento social e econômico do ambiente externo, fatores que se apresentam de forma diferenciada para cada grupo familiar. Por um lado, têm-se os agricultores familiares que conseguiram integrar-se às agroindústrias e outras

atividades agrícolas. Por outro lado, estão os agricultores pluriativos que, através da conciliação de atividades agrícolas e não-agrícolas, conseguem obter um ingresso de renda para a reprodução do estabelecimento familiar. Além disso, são realizadas uma série de atividades ligadas à agroindústria artesanal familiar, cujo objetivo nem sempre é a venda no mercado, porém, não significa dizer que possuem menor importância na satisfação das necessidades do estabelecimento familiar.

Em relação à instalação de novas fábricas no município de David Canabarro e propriamente do desenvolvimento do setor industrial, a administração municipal demonstrou ter tido um papel muito importante para possibilitar um novo cenário na empregabilidade do município. Todavia, é pertinente que hajam novas medidas concretas para a expansão desse processo. Com efeito, fatores como pavimentação das estradas, desenvolvimento de vias de comunicação (telefonia, Internet, telefonia celular, etc.) apresenta-se como limitantes para a ampliação das possibilidades de geração de novas alternativas econômicas e novos processos sociais. Especialmente no que se refere ao setor de transportes, na medida em que existem fatores que se apresentam como limitação para o transporte de produtos e escoamento da produção, os setores primário e secundário também terão o seu desempenho pouco estimulado. O principal exemplo refere-se à rodovia RS 129, que há muito tempo a comunidade regional vê na sua pavimentação como a principal medida necessária ao desenvolvimento da região. Essa reivindicação tem sido demonstrada em consulta popular realizada pelo instrumento do Estado para a aplicação de recursos, o Orçamento participativo. Porém, verifica-se que, muito embora o trecho não seja muito extenso, aproximadamente 40 Km, as forças contrárias a sua consecução dispensarão de mais esforços da comunidade e das lideranças locais e dos esforços de governo estadual.

Os municípios que serão diretamente atingidos pela pavimentação da RS 129 são David Canabarro, São Domingos, Vanini e Casca. De acordo com parecer de lideranças municipais e de empresários apresentado anteriormente, o desenvolvimento de novos setores e atividades desses municípios encontra na questão do transporte de produtos uma desvantagem comparativa. Desse modo, o objetivo é eliminar as dificuldades de integração econômica e produtiva com municípios da microrregião vitivinicultora de Caxias do Sul, bem como os

municípios mais industrializados do Alto Taquari, como Nova Prata, Nova Bassano, Guaporé e Serafina Corrêa. Nesse sentido, cabe destacar que a agricultura familiar encontra-se em um ambiente social e econômico de grande complexidade, onde os fatores responsáveis pela sua reprodução estão muito mais além dos elementos internos, terra e trabalho. Muito embora eles façam parte no momento em que são formuladas as ações e iniciativas, na medida em que a agricultura familiar passa a ser integrada no circuito mercantil e a ser cada vez mais inserida na divisão social do trabalho, o ambiente externo incide crescentemente sobre as estratégias de reprodução formuladas pela agricultura familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto anteriormente, finaliza-se esta dissertação com alguns apontamentos acerca do tema desenvolvido neste trabalho. Procurou-se investigar as estratégias recentes de reprodução da agricultura familiar no município de David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari. A análise esteve baseada numa perspectiva que procurou analisar a agricultura familiar de uma região não somente mediante a observação de dados estanques, mas através do estudo sobre os processos históricos, experimentados pela população do local de estudo. O referencial analítico construído procurou contemplar os diferentes períodos históricos vivenciados por este grupo social, desde a sua origem na região, o desenvolvimento do sistema produtivo colonial, a sua inserção no processo de modernização da agricultura e as estratégias relacionadas às agroindústrias e ao desenvolvimento da pluriatividade.

Neste trabalho, pôde-se verificar que a forma familiar de produção na agricultura, conseguiu reproduzir-se social e economicamente diante de uma sociedade capitalista. As estratégias de reprodução formuladas pelos agricultores familiares desenvolveram-se de forma diferenciada nos diferentes períodos históricos. Considerando que a forma familiar de produção na agricultura possui dinâmicas próprias de organização da produção e do trabalho, o ambiente externo à unidade produtiva, caracterizado por um crescente processo de mercantilização, esteve modificando constantemente a realidade sob a qual os agricultores deveriam obter a sua reprodução social e econômica. Desse modo, verificou-se que as estratégias de reprodução são o resultado de um conjunto de ações, cuja base de concretização é tanto o montante de recursos existentes no interior do estabelecimento familiar, quanto a sua interação com o ambiente social e econômico

crescentemente mercantilizado. É a expressão de uma determinada racionalidade sob uma realidade social e econômica.

A realidade que se fez presente durante o período que caracterizou a colonização da região e a formação do sistema produtivo colonial, possibilitou a reprodução dos colonos com baixos graus de mercantilização. Tendo em vista, principalmente, as precárias condições técnicas e o relativo isolamento porque passaram os colonos, proporcionou-se o desenvolvimento de uma produção essencialmente voltada para o auto-consumo, desenvolvida com base em técnicas primitivas de cultivo, a rotação de terras ou “cultura de queimadas”. Nesse período, as estratégias de reprodução eram formuladas, especialmente, com base nos elementos internos de cada família, ou seja, a terra e na mão-de-obra.

O sistema produtivo colonial pôde ser reproduzido por quase meio século nas regiões de colonização devido à presença das zonas de fronteira agrícola. O tamanho reduzido dos lotes, juntamente com os processos de partilha e herança, impulsionaram a emergência de um processo de migrações internas. A este processo de expansão da fronteira agrícola, mediante a aquisição de lotes de terra, Waibel denominou de “expansão da zona pioneira”. Todavia, a partir da década de 1950, essa fronteira de expansão vai se retraindo e o sistema produtivo colonial entra em crise. Com efeito, fatores como partilha e herança, tornavam os lotes cada vez menores e, por isso, a reprodução dos agricultores com base nos elementos internos torna-se dificultada. As migrações tomam outro sentido, passando das zonas de expansão para as cidades.

Por volta do final da década de 1950 já é verificado uma produção cujo objetivo é a venda no mercado, especialmente, na cultura do trigo e na criação de suínos. Todavia, é a partir de meados da década de 1960 e início da década de 1970, que a agricultura no Alto Taquari passa por um processo inserção no circuito mercantil. Com o advento da modernização da agricultura e as inovações técnico-produtivas, as estratégias de reprodução da agricultura familiar passam a ser formuladas com base em fatores que estão aquém dos elementos internos, não mais possíveis de serem flexibilizados mediante uma tomada de decisão. Através das informações coletadas das diversas fontes de dados, verificou-se que os padrões técnicos implementados, as políticas agrícolas, o acesso ao crédito, o cenário

econômico internacional, ou seja, de aspectos relativos ao ambiente social e econômico do período, começaram a se fazer presente e interferir diretamente na reprodução social e econômica da agricultura familiar da região.

A passagem de uma economia semi-autônoma do sistema produtivo colonial para uma economia de maior grau de mercantilização, fez com que a reprodução dos agricultores familiares de David Canabarro e do Alto Taquari dependesse cada vez mais de sistemas produtivos baseados na sua inserção no circuito mercantil. De acordo com o que verificou-se no decorrer do trabalho, o agricultor passou a necessitar de insumos externos para desenvolver as etapas dos processos produtivos implementados após a modernização da agricultura. Como exemplo, verificou-se o grande crescimento da produção de soja, a crescente utilização de insumos químicos e, em menor grau, a utilização da motomecanização. Essa lógica produtiva leva os agricultores a uma maior dependência por um “pacote tecnológico” adquirido no mercado, elevando o seu grau de mercantilização. A partir da análise das estratégias de reprodução, verifica-se que há uma distinção entre o colono, cuja realidade era transcorrida durante o período do sistema produtivo colonial, com a agricultura familiar da atualidade, altamente integrada aos mercados. São fenômenos com características distintas. Muito embora a agricultura familiar mantenha muitas características que já pertenciam aos colonos, como a natureza familiar na organização da produção e do trabalho, a presença da agroindústria artesanal familiar, entre outros, ela está substantivamente mais inserida e dependente dos mercados e, portanto, apoiada em um contexto de maior grau de mercantilização.

Embora tenha-se percebido a existência de um crescente processo de mercantilização no âmbito social e econômico capitalista, essa realidade não implicou em proletarização, mas no aparecimento de novas estratégias de reprodução, formuladas com base nos elementos internos de cada família e nos recursos naturais e o patrimônio cultural existentes em cada território. Nesse sentido, verificou-se que não houve um rompimento completo entre a agricultura familiar e os colonos. Isso se deve, por exemplo, devido à grande diversidade de agroindústrias artesanais familiares existentes em David Canabarro e no Alto Taquari e cuja origem é o sistema semi-autônomo desenvolvido durante o sistema produtivo colonial.

O elevado grau de mercantilização da agricultura familiar é verificado através da significativa presença de grandes agroindústrias na região, responsáveis pela forma como é desenvolvida a produção de fumo, frangos, suínos e leite. A padronização dos processos produtivos pelas empresas integradoras, como requisito fundamental para sua sobrevivência no mercado internacional altamente competitivo, conduz o agricultor familiar a uma crescente especialização produtiva, onde o desenvolvimento da atividade está atrelado não somente aos insumos necessários para conduzir a produção, mas às normas e padrões estabelecidos pelas empresas integradoras, muitas vezes mediante o estabelecimento de um contrato formal de compra e venda de produtos.

De acordo com o que verificou-se nos dados apresentados no trabalho, os sistemas produtivos implementados com a modernização da agricultura não foram capazes de atender à realidade da agricultura familiar de David Canabarro e do Alto Taquari, haja visto o forte processo de diminuição absoluta da população rural. Concomitantemente ao trabalho na agricultura muitos agricultores tornaram-se pluriativos, dedicando-se a atividades não-agrícolas. Em razão disso verificou-se um processo de mercantilização da força de trabalho, onde o agricultor é inserido no circuito mercantil não através da produção, mas pela própria exploração de sua mão-de-obra. No entanto, há muitos casos em que a pluriatividade é desenvolvida não tendo como principal objetivo o mercado. Como exemplo disso tem-se a agroindústria artesanal familiar, que envolve um grande número de atividades destinadas ao auto-consumo da família.

Na busca pela diminuição do processo de êxodo rural e geração de mais postos de trabalho na região, é importante reconhecer o papel que a EMATER de David Canabarro e de outros municípios do seu entorno e de diversos atores sociais e entidade. O principal exemplo disso é a criação do fórum regional de desenvolvimento, que dentre outras questões, aborda a necessidade e a possibilidade de ampliar o desenvolvimento das atividades ligadas à agroindústria artesanal familiar. A sua relevância para o desenvolvimento regional refere-se, primeiro, por possibilitar a construção de um espaço de discussão, onde diferentes atores, inclusive os agricultores, podem posicionar-se acerca do modo como podem e devem ser direcionadas os esforços para a geração de emprego e renda à população local, bem

como para a melhoria de sua qualidade de vida. Em segundo, o reconhecimento da agroindústria artesanal familiar como um possível caminho para o desenvolvimento local, revela uma compatibilidade entre a necessidade de geração de empregos e renda com aspectos relacionados ao patrimônio cultural dos agricultores ou então à vocação produtiva da região. Em razão disso, está sendo gestado na região um processo de desenvolvimento que busca privilegiar e qualificar aspectos próprios do território, ou seja, a *marca* colonial para os produtos oriundos da agroindústria artesanal familiar. Essas atividades, além de serem muito diversificadas, fazem parte do saber adquirido desse grupo social. Ou seja, um aspecto cultural relacionado ao desenvolvimento de certas atividades que já é inerente à grande parte dos agricultores desses municípios.

Outra forma de ocupação da população rural, que traduz-se como uma importante estratégia de reprodução da agricultura familiar é o exercício da pluriatividade. Na medida em que surgem novos postos de trabalho fora do setor da agrícola, a agricultura familiar tem mostrado flexibilidade suficiente na organização do trabalho, de modo que integrantes de muitas famílias de agricultores passaram a exercer atividades não-agrícolas, a fim de aumentar o nível da renda entrante no estabelecimento. Os agricultores pluriativos, cujo objetivo é a ampliação da renda da família, atuam principalmente nos setores do basalto e no setor coureiro-calçadista. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta aspectos pouco explorados ou desconhecidos no estudo da agricultura familiar e da pluriatividade, ao trazer para o debate a realidade referente ao processo de extração do basalto e ao trabalho a domicílio na costura de bolas de futebol, em uma região ainda pouco estudada.

A hipótese central do presente estudo indicava que a agricultura familiar vinha desenvolvendo diferentes estratégias para obter as condições de reprodução social e econômica. Quanto mais mercantilizado o ambiente social e econômico onde está inserida a agricultura familiar (ou a forma familiar), mais diversificadas e complexas tendem a ser as estratégias de reprodução das famílias. Nesse sentido, a segunda hipótese era que a reprodução social e econômica depende do sucesso da tomada de decisão pelas famílias e os seus indivíduos-membros e de sua articulação bem-sucedida com o ambiente social e econômico do território. Sendo assim, a microrregião do Alto Taquari articula-se com a região mais industrializada de Caxias

do Sul através do fornecimento de mão-de-obra e na realização de determinadas etapas dos processos produtivos industriais. Dentre os fatores limitantes para uma maior integração social e econômica em nível inter-regional está a melhoria na qualidade das vias de transporte de produtos, bem como nos serviços de comunicação.

Através de informações coletadas nessa pesquisa, verificou-se que as particularidades geológicas de alguns municípios da microrregião do Alto Taquari proporcionam o desenvolvimento da atividade de extração do basalto. Muito embora essa forma de estruturação da rocha seja comum para diversos municípios, desenvolvimento do processo de extração do basalto ocorre de forma desigual na região. Isso se deve, especialmente, à forma como se apresentam os fluxos viários e de comunicação. Essa situação foi possível de ser verificada no município de David Canabarro, tanto no que se refere à extração de basalto quanto a instalação de fábricas oriundas da microrregião de Caxias do Sul, onde a principal dificuldade de geração de emprego e renda no município tem sido a precariedade das vias de acesso que ligam o município à região vitivinícola de Caxias do Sul.

As atividades não-agrícolas emergentes no Alto Taquari, especialmente a extração de basalto, se desenvolvem com um forte traço territorial. A extração do basalto surge devido à existência de particularidades geológicas, onde os aspectos naturais da estruturação da rocha basáltica são mais favoráveis à extração da pedra em pequenos blocos, onde a rocha se apresenta em camadas próximas da superfície, possíveis de serem destacadas uma das outras com ferramentas simples. Todavia, além do desenvolvimento desigual, o setor do basalto apresenta algumas situações controversas. De um lado, especialmente a partir da década de 1990, essa atividade passa por um processo de concentração. Ao adquirem as pedreiras dos agricultores e passando a gerenciar a extração da pedra, alguns empresários acabam controlando grande parte dessa atividade. Por outro lado, a extração da pedra é uma atividade que gera um forte impacto ambiental, descaracterizando a paisagem da região devido às grandes crateras abertas no solo. Nesse sentido, ainda existem muitas questões envolvendo o processo de extração do basalto no Alto Taquari que precisam ser melhor estudadas e analisadas, com enfoques mais amplos, de modo a contemplar a complexidade desse tema.

O desenvolvimento da pluriatividade ligada ao setor coureiro-calçadista, ocorre a partir da implantação de fábricas em diversos municípios do alto Taquari. A partir desse processo a atividade se desenvolve sob a forma de trabalho assalariado, quando é realizado nas fábricas de calçado, ou através do trabalho a domicílio, na costura de bolas de futebol. Nessas atividades, percebe-se uma redefinição da separação sexual do trabalho, que tem sido modificado fortemente, especialmente após a modernização da agricultura. Nesse sentido, tanto o trabalho em fábricas e a costura de bolas de futebol tem sido ofícios próprios das mulheres, mas que, diferentemente dos ofícios domésticos tradicionais do período da agricultura colonial, agora o objetivo de sua ocupação é a obtenção de renda.

O presente estudo não deve ser considerado como conclusivo, mas apenas uma primeira aproximação com a realidade da região. No caso da pluriatividade, pode-se aprofundar o estudo acerca de sua importância na composição da renda dos agricultores da região. Outro aspecto, no caso da extração de basalto, é importante um estudo mais aprofundado sobre os impactos ambientais causados pela atividade e sobre o processo de concentração da atividade na região.

Com base no que tem sido apresentado nesse estudo, verificou-se que a mercantilização relaciona-se à perspectivas mais amplas que o local, o regional, ou mesmo o nacional, onde o ambiente social e econômico no qual o agricultor está inserido conduz os agricultores a desenvolverem diferentes estratégias de reprodução social. No caso do município de David Canabarro e da microrregião do Alto Taquari, o declínio do modelo agro-exportador da soja e a abertura de espaço para a emergência e o desenvolvimento de outras atividades, muitas destas com forte cunho territorial, outras fortemente vinculadas aos ditames do cenário internacional, especialmente as atividades integradas às agroindústrias, são indicadores da heterogeneidade da agricultura familiar do local. Essa característica é verificada na diversificação de atividades que são realizadas nos estabelecimentos rurais, tanto nas atividades voltadas especificamente para o mercado, como aquelas que possuem dupla finalidade, o auto-consumo e a obtenção de renda.

O aprendizado com o presente trabalho, portanto, tem um duplo significado. De um lado, a análise de processos e não somente de situações momentâneas, permite uma maior clareza na análise da realidade. Por outro lado, verificou-se que a

agricultura familiar é uma forma social que vem se reproduzindo historicamente sob diferentes realidades sociais, políticas e/ou econômicas, tendo demonstrado uma substantiva capacidade de formular novas e diferentes estratégias de reprodução social e econômica.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Anpocs/Unicamp/Hucitec, 1992.
- **Do setor ao território:** funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. *Relatório de Pesquisa IPEA*, (BRA/97/013), 1999a).
- **O capital social dos territórios:** repensando o desenvolvimento rural. *IV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia Política*. Porto Alegre, junho, 1999b.
- **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial**. (mimeo), 1999c.
- ANJOS, F. S. **Agricultura familiar em transformação:** o caso dos colonos operários de Massaranduba (SC). Pelotas: UFPel/Editora Universitária, 1995.
- BRUN, A. J. **Modernização da agricultura:** trigo e soja. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974.
- DE BONI, L. A. (org.) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Angelli, 1987, v. I.
- (org.) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Angelli, 1990, v. II.
- FAO/PNUD **Principais Indicadores Sócio-Econômicos dos Assentamentos de Reforma Agrária**. Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, Projeto BRA 87/022, Janeiro 1992. (mimeo)
- FEE. Estatísticas: Valor Adicionado Bruto (VAB) a preço básico, por setores de atividade econômica, dos municípios do Rio Grande do Sul-1985 www.fee.tche.br, 02/02.

- . Estatísticas: Valor Adicionado Bruto (VAB) a preço básico, por setores de atividade econômica, dos municípios do Rio Grande do Sul-1999 www.fee.tche.br, 02/02.
- FROZI, V. M. e MIORANZA, C. A imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. Caxias do Sul/Porto Alegre: EDUCS/Movimento, 1975.
- GARCIA FILHO, D. P. **Guia metodológico:** diagnóstico de sistemas agrários. Brasília: FAO/INCRA, 1999.
- GARCIA JÚNIOR, A. R. **Sul, o caminho do roçado:** estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, MCT, CNPq, 1989.
- GIRON, L. S. & BERGAMASCHI, H. E. **Colônia:** um conceito controverso. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.
- GIRON, L. S. **O cooperativismo vinícola gaúcho:** a organização inicial. In DE BONI, L. A. (org.) **A presença italiana no Brasil.** Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Angelli, 1987, v. I.
- GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia:** processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- GONÇALVES NETO, W. **Estado e agricultura no Brasil:** política agrícola e modernização econômica brasileira, 1960-1980. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- GOODMAN, D. et al. **Da lavoura às biotecnologias:** agricultura e indústria no sistema internacional. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** Campinas: UNICAMP. IE, 1996.
- GRAZIANO DA SILVA, J. et alli, **O emprego rural e a mercantilização do espaço agrário.** São Paulo em perspectiva. V.11 N.2. São Paulo, 1997.
- GRAZIANO DA SILVA, J. & HOFFMANN, R. **O Censo Agropecuário de 1995-1996 e a distribuição da posse da terra no Brasil.** Foz do Iguaçu: SOBER, 1999. (cd-rom)
- GUIMARÃES, A. P. **Quatro séculos de latifúndio.** 6^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

- HUTTER, L. M. **A imigração italiana no Brasil** (séculos XIX e XX): dados para a compreensão desse processo. In DE BONI, L. A. (org.) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Angelli, 1987, v. I.
- IBGE. **Censo Agropecuário**. 1970, 1975, 1980. 1985, 1995. Rio de Janeiro: FIBGE.
- **Censo Demográfico**. 1970, 1980, 1990. Rio de Janeiro: FIBGE.
- **Censo Demográfico**. 2000: resultados preliminares. www.ibge.gov.br, 02/02.
- **Contagem Populacional** 1996. www.ibge.gov.br, 02/02.
- INCRA/FAO **Reforma Agrária e perfil da agricultura familiar no Brasil**. Brasília, 1997. (mimeo)
- **Agricultura familiar no Brasil**: uma análise a partir do Censo Agropecuário de 95/96. Brasília, 1999. (mimeo).
- KAUTSKY, K. **A questão Agrária**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- LAGEMANN, Eugenio. **Imigração e industrialização**. In: DACANAL, J. H. (Org.). **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- LAMARCHE, H. **Agricultura familiar: comparação internacional**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- LÊNIN, V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- LANDO, A. M. & BARROS, E. C. **Capitalismo e colonização**: os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, J. H. (Org.). **RS: imigração e colonização**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- LAZZAROTTO, D. **História do Rio Grande do Sul** 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- MANFROI, O. **Italianos no Rio Grande do Sul**. In DE BONI, L. A. (org.) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Angelli, 1987, v. I.
- MANN, S., DICKINSON, J. **Obstáculos ao desenvolvimento da agricultura capitalista**. *Literatura Econômica*, São Paulo, v.9, n.1, p.7-26, 1987.
- MARTINS, J. S. **A imigração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973.

- MEDEIROS, L. S. **Trabalhadores Rurais, Agricultura Familiar e organização sindical**. São Paulo em perspectiva. V.11 N.2. São Paulo, 1997.
- MENEGUETTI, G. GIRARIDI, J. REGINATO, J. C. **Milho crioulo: tecnologia viável e sustentável**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar. 2002.
- MOLON, F. **O significado dos carreteiros na economia da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. In: DE BONI, Luis A. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: EST; Fondazione Giovanni Angelli, 1990, v. II.
- MOURE, T. **A inserção da economia imigrante na economia gaúcha**. In: DACANAL, J. H. (Org.). **RS: imigração e colonização**. 2^a ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- MÜLLER, C. A. **A história econômica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Grande Sul, 1998.
- PESAVENTO, S. J. **RS: agropecuária colonial e industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- PETRONE, M. T. S. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- **O imigrante italiano na fazenda de café de São Paulo**. In DE BONI, L. A. (org.) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Angelli, 1987, v. I.
- ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Globo, 1969. 2v.
- ROHDE, G. M. **Estudos de impacto ambiental: a situação brasileira em 2000**. In: VERDUM, R. & MEDEIROS, R. M. V. **RIMA, Relatório de Impacto Ambiental: Legislação, elaboração e resultados**. 4^a .ed. ver. ampl. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- ROISEMBERG, A. & VIEIRO, A. P. **O vulcanismo mesozóico da Bacia do Paraná no rio Grande do Sul**. In: HOLZ, M. DE ROS, L. F. **Geologia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Ed. CIGO/UFRGS, 2000.
- PORTO, M. S. G. & SIQUEIRA, D. E. **A pequena produção no Brasil: entre os conceitos teóricos e as categorias empíricas**. Cadernos de Sociologia /

Programa de Pós Graduação em Sociologia. V.6. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1994.

SANTIN, S. S. **Dimensão social do trabalho e da propriedade do imigrante italiano na ex-colônia de Silveira Martins**. In DE BONI, L. A. (org.) A presença italiana no Brasil. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Angelli, 1990, v. II.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

----- . **Por uma geografia nova: da crítica à geografia a uma geografia crítica**. 3^a. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

----- . **M. Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SCHNEIDER, S. **Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no RS**. Campinas, Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1994.

----- . **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

----- . **Agricultura familiar e pluriatividade**. Tese de Doutorado, Porto Alegre, PPG Sociologia, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 1999b.

----- . **A agricultura familiar em uma época de transformações: a pluriatividade como estratégia familiar de reprodução social**. Rio de Janeiro: XXXVII Congresso da SOBER, 2000.

----- . **Formas de ocupação e emprego no meio rural: a emergência das atividades rurais não agrícolas e da pluriatividade**. In: VI Encontro Nacional de Estudos do Trabalho. Vol. II. Belo Horizonte: ABET, 1999a.

----- . **A atualidade da contribuição de Léo Waibel ao estudo da agricultura familiar: em homenagem aos 50 anos de morte de Léo Waibel (1888-1951)**. Porto Alegre: PGDR/UFRGS, 2002. (mimeo).

- SCHNEIDER, S. & NAVARRO, Z. **A nova face do emprego na agricultura do Rio Grande do Sul**: uma análise a partir dos dados das pnads de 1981 a 1997. Foz do Iguaçu: SOBER, 1999.
- SINGER, P. **Economia política da urbanização**. 12^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- TAVARES DOS SANTOS, J. V. **Colonos do vinho**: estudo sobre a subordinação do trabalho do camponês ao capital. 2^a ed. São Paulo, HUCITEC, 1984.
- . **Cantoneiros e colonos**: a indústria do vinho no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, J. H. (Org.). **RS: imigração e colonização**. 2^a ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- TEDESCO, J. C. **Terra, trabalho e família**: racionalidade produtiva e ethos camponês. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.
- . **Colonos, carreteiros e comerciantes**: a região do Alto Taquari no início do Século XX. Porto Alegre: EST, 2000.
- VAN DER PLOEG, J. D. **El Proceso de trabajo agrícola y la mercantilización**. In: GUZMÁN, E. S. **Ecología, campesinato y historia**. Las Ediciones de la Piqueta, 1992.
- . **Labor, markets, and agricultural production**. San Francisco: Westview Press, 1990.
- VEIGA, J. E. da **A face rural do desenvolvimento**: natureza, território e agricultura. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. **Agricultura Familiar: realidades e perspectivas**. 2^a ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.
- WAIBEL, L. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil**. 2^a ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.
- . **As zonas pioneiras do Brasil**. Revista Brasileira de Geografia, ano XVII, nº 4, p. 389/417, 1955.

ANEXOS

Anexo 1. Lista de entrevistados.

AGRICULTORES

DARCIDE COLE
NATAL LUIZ COLLE

JOVENS RURAIS

CEZAR BENEDETTI
RUDINEI BENEDETTI

IDOSOS RURAIS

MADALENA VIZZIOLLI
TEREZA ZABOT CONTINI

AGRICULTORES PLURIATIVOS LIGADOS AO BASALTO

ADIR BOGONI
SIDNEI BONA FÉ

EXTENSIONISTAS DA EMATER

JOÃO CARLOS REGINATO
DARCI PRETO

TÉCNICO DE EMPRESA FUMAGEIRA

LUIZ HENRIQUE COLE

AGRICULTORES PLURIATIVOS DEDICADOS À COSTURA DE BOLAS

BÁRBARA COLLE MARQUIOL

ROSENILDA PIASSOL

LIDERANÇAS DO MUNICÍPIO DE DAVID CANABARRO

GENUIR LUIZ MARCHEZZI

ERIBERTO DIDÓ

ATORES LIGADOS AO SETOR EMPRESARIAL DO BASALTO

RUDI KLAUS

EVANDRO TREVISAN

DANILO BORDIGNON

LIDERANÇA DO MUNICÍPIO DE PARAÍ

AGENOR COSTENARO

ATOR LIGADO AO SETOR CALÇADISTA

CLÁUDIO CANAL

Anexo 2: Roteiros de Entrevistas

a) Agricultores

1. Comente, brevemente, a origem de seus pais e avós.
2. Quais as atividades realizadas anteriormente ao cultivo da soja?
3. Como eram produzidas?
4. O que era consumido no estabelecimento e o que era comercializado?
5. Em que período começou a produzir soja?
6. Quem foram os primeiros a trazerem o produto para cá?
7. Como a atividade era desenvolvida no início?
8. Qual foi o período em que mais se produziu soja?
9. Quando e por que se deixou de plantar soja?
10. Qual é ou quais são as principais atividades desenvolvidas no momento?
11. Há quanto tempo pratica e por que escolheu essa atividade?
12. Essa atividade proporciona renda suficiente para a família?

b) Jovens Rurais

1. Você gosta de trabalhar na roça?
2. Pretende permanecer no meio rural?
3. Como você considera o trabalho no meio rural?
4. Quais os principais problemas de trabalhar na roça e morar no meio rural?
5. Como é a sua relação com a comunidade?
6. Qual o tipo de incentivo que a comunidade dá para o jovem permanecer no meio rural?
7. Como você percebe a sua condição de jovem rural?

c) Idosos Rurais

1. Há quanto tempo mora no local?
2. De qual lugar tem origem? De que lugar tem origem a família?
3. Como eram realizadas as plantações e as criações no sistema colonial?
4. Quais os principais produtos produzidos?
5. Para o que cada produto servia? Qual produto era vendido?
6. Como faziam para comprar mais terras?
7. Em que local foram compradas terras?
8. Como fizeram a divisão das terras entre os filhos?
9. Onde os vizinhos compraram as terras?
10. Existia ajuda mútua entre parentes e vizinhos? Como era a relação de ajuda mútua com os vizinhos?
11. Faça uma comparação entre o sistema colonial e o sistema atual?

d) Agricultores Pluriativos Ligados ao Basalto

1. Quanto tempo faz que está envolvido com a atividade?
2. Por que começou a trabalhar no setor do basalto?
3. Como você percebe a situação do basalto hoje? Você considera uma atividade rentável para quem trabalha? O preço pago é justo?
4. Quais as principais tarefas que você desenvolve e quais os principais produtos que você produz?
5. Quais as maiores dificuldades para trabalhar no basalto?
6. É muito difícil para começar a trabalhar na extração de basalto?
7. Para quem é vendida a pedra?
8. Qual é o rendimento médio mensal na extração de basalto?

e) Extensionistas da EMATER

1. Há quanto tempo trabalha na EMATER de David Canabarro?
2. Como você percebe o desenvolvimento da modernização da agricultura no município?
3. Como você percebe a crescente inserção dos agricultores na produção voltada para o mercado?
4. Como é desenvolvida atualmente a produção para o autoconsumo no município?
5. Quais as principais atividades não agrícolas desenvolvidas no município?
6. Quais as causas que levaram os agricultores se dedicarem às atividades não agrícolas no município e na região?
7. Qual a importância de elementos típicos do município e da região para o desenvolvimento local?
8. Como e por que ocorre o desenvolvimento desigual entre o município de David Canabarro e os municípios mais próximos das colônias velhas italianas?
9. Como os agricultores estão modificando o seu modo de vida?
10. Quais os principais problemas e perspectivas para o meio rural do município?
11. Qual é o papel da extensão rural e como esta vem atuando na geração de novas formas de obtenção de renda para os agricultores familiares?

f) Técnico de Empresa Fumageira

1. Há quanto tempo trabalha na fumageira?
2. Como se desenvolve o setor fumageiro no estado do Rio Grande do Sul?
3. O que levou a empresa a integrar produtores do Alto Taquari?
4. Como se estabelece um contrato de integração?
5. Como a empresa estipula o processo produtivo?
6. Por que a empresa determina um padrão produtivo?
7. O que você acha do método de compra utilizado pelas empresas?
Como você considera uma insatisfação de um agricultor mediante o pagamento abaixo do esperado por ele?

8. Como você percebe a evolução histórica da produção em relação à aplicação de insumos químicos?
9. É possível desenvolver a atividade sem o uso de tantos agrotóxicos?
10. Quais as vantagens que os agricultores encontram integrando-se com a indústria fumageira?
11. Para o agricultor, quais os fatores que afetam o desenvolvimento da atividade?
12. Quais os fatores que afetam o desenvolvimento da atividade para a empresa?
13. Quais as perspectivas para o setor?

g) Agricultores Pluriativos Dedicados à Costura de Bolas de Futebol

1. Há quanto tempo está na atividade?
2. Por que começou a dedicar-se à costura de bolas?
3. Quantas pessoas na família trabalham na costura de bolas?
4. Quem mais trabalha com a costura de bolas? Por quê?
5. Quais os horários e os períodos que se dedicam à costura de bolas?
6. Quantas horas por dia, em média, se dedica à atividade?
7. Qual é o rendimento médio mensal obtido?
8. Como acontece a entrega e o recolhimento do material? Para qual empresa trabalha?

h) Lideranças Municipais de David Canabarro

1. Qual o período de mandato?
2. Como percebe a situação atual da agricultura familiar no município?
3. Quais as principais políticas e instrumentos destinados à melhoria das condições dos agricultores familiares do município?
4. Quais as medidas tomadas pela prefeitura municipal na geração direta e/ou indireta de emprego e renda para os agricultores familiares do município?

5. Quais os principais problemas enfrentados pela prefeitura para a geração de mais emprego na agricultura ou fora dela?
6. Quais as principais dificuldades para a instalação de novas fábricas no município?
7. Como o fator mão-de-obra, no município, se apresenta nesse processo?
8. Que vantagens e possibilidades o município oferece para a instalação de novas fábricas?
9. Como o setor do basalto se encontra dentro das prioridades da prefeitura municipal?
10. Quais as perspectivas para a agricultura familiar do município e da região?

i) Atores Ligados ao Setor Empresarial do Basalto

1. Há quanto tempo a empresa está na atividade e qual é a sua origem?
2. Quais os principais produtos oriundos do basalto?
3. Como a atividade se desenvolvia no início e como esta se desenvolve agora?
4. Como é organizado o setor do basalto em termos de mão-de-obra para as pedreiras e para as indústrias beneficiadoras?
5. Quais as principais dificuldades enfrentadas?
6. Quais os principais mercados para o produto?
7. Qual é o papel das políticas públicas?
8. Qual é a importância das vias de escoamento para o desenvolvimento da atividade/
9. Quais os principais fatores que proporcionaram o desenvolvimento da empresa?
10. Qual é a origem dos trabalhadores da indústria?
11. Quais as principais exigências dos órgãos de fiscalização ambiental?

j) Ator Ligado ao Setor Empresarial Calçadista

1. Qual foi o ano de instalação da empresa no município, e quais os principais fatores que levaram a empresa se instalar-se nesse município e não em outro?
2. Qual é o percentual de funcionários em relação à procedência e sexo?

3. Qual é o atual número de funcionários?
4. Qual é o procedimento para a contratação de novos funcionários?
5. Como se diferenciam as diversas atividades no interior da fábrica em relação à contratação de mão-de-obra?
6. Quais os principais problemas em relação aos funcionários?

Anexo 3. Aspectos Referentes às Principais Estratégias Agrícolas de Reprodução dos Agricultores Familiares de David Canabarro do Alto Taquari



Estrutura de um Estabelecimento Rural Familiar



Construção de Aviário



Produção Integrada de Frangos



Produção Integrada de Fumo (lavoura no centro)



Sala de Ordenha

Anexo 4. Aspectos Referentes às Principais Estratégias Não-Agrícolas de Reprodução dos Agricultores Familiares de David Canabarro e do Alto Taquari



Trabalho em Fábrica de Calçados



Atividade de Costura de Bolas de Futebol em Domicílio



Pedreira de Basalto



Produtos Obtidos com a Extração da Pedra



Agricultor Pluriativo



Resíduos da Extração de Basalto

Anexo 5. Vista Aérea da Área Urbana do Município de David Canabarro



David Canabarro

SÉRIE DE DISSERTAÇÕES PUBLICADAS

- 001 - MARIN, Solange Regina.** Política Cambial nas Décadas de 1980 e 1990: impactos sobre o setor de grãos no Rio Grande do Sul. 2001. 193f.
- 002 - PEDROSO, Glaucilene Dias.** Setor Leiteiro: as percepções de produtores do RS sobre as transformações delineadas na década de 90. 2001. 122f.
- 003 - SIQUEIRA, Oscar Graeff.** A Crise das Grandes Cooperativas: um estudo comparado entre a cooperativa de Carazinho (RS) e a de Não-Me-Toque (RS). 2001. 217f.
- 004 - PASE, Hemerson Luiz** Democracia Participativa e Desenvolvimento: a influência do orçamento participativo no desenvolvimento rural de Florianópolis. 2001. 171f.
- 005 - LOPES, Saulo Barbosa.** Arranjos Institucionais e a Sustentabilidade de Sistemas Agroflorestais: uma proposição metodológica. 2001. 187f.
- 006 - MACHADO, Roberto Tormes.** Análise sócio-econômica e perspectivas de desenvolvimento para os produtores de leite do município de Crissiumal - RS. 2001. 155f.
- 007 - SARTOR, Juliane.** Cadeia de flores e plantas ornamentais de jardim em Pareci Novo - Rio Grande do Sul. 2001. 117f.
- 008 - COELHO, Vanessa Pfeifer.** Mediadores técnicos, tecnociência na agricultura e a definição legítima da problemática ambiental no campo tecnocientífico. 2002. 129f.
- 009 - TRENTIN, Iran Carlos Lovis.** O Pró-Rural 2000 como política pública de combate à pobreza rural no Rio Grande do Sul. 2002. 145f.
- 010 - VILLABERDE, Maria Sérgio.** Agricultura Familiar e Meio Ambiente: posições sociais e estratégias de agricultores assentados em área de proteção ambiental. 2002. 119.
- 011 - SILVA, Paulo Roberto Nunes da -** Uma releitura do processo de transformações na agricultura gaúcha no período 1970-80. 2002. 200f.
- 012 - JANSEN, Suzel Lisiane.** Identificação e Caracterização das Atividades Agropecuárias nos Municípios Gaúchos: uma comparação com indicadores sócio-econômicos. 2002. 138f.
- 013 - CASTILHOS, Dino Sandro Borges de.** Capital Social e Políticas Públicas: um estudo da linha infra-estrutura e serviços aos municípios do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. 2002. 174f.
- 014 - BIOLCHI, Marilza Aparecida.** Agricultura Familiar e Previdência Social Rural: efeitos da implementação do sistema de aposentadorias e pensões para os trabalhadores rurais. 2002. 168f.

- 015 – RICOTTO, Alcides Juvenal.** Uma rede de produção e comercialização alternativa para a agricultura familiar: o caso das Feiras Livres de Misiones, Argentina. 2002. 152f.
- 016 - SABABÉS, Leandro.** Manejo Sócio Ambiental de Recursos Naturais e Políticas Públicas: um estudo comparativo dos projetos "Paraná Rural" e "Microbacias". 2002. 186f.
- 017 – PETTER, Rudimar Luis.** As Múltiplas Expressões da Sustentabilidade: a realidade regional do COREDE da produção no estado do Rio Grande do Sul. 2002. 161f.
- 018 – MOURA, Lino Geraldo Vargas.** Indicadores para a avaliação da sustentabilidade em sistemas de produção da agricultura familiar: o caso dos fumicultores de Agudo/RS. 2002. 251f.
- 019 – FERRAZ, Osni Giani.** A Sustentabilidade dos Agricultores Familiares de Leite Associados à CLAF nas Dimensões Ambiental, Sociocultural e Institucional. 2002. 155f.
- 020 – GERHARDT, Cleyton Henrique.** Agricultores Familiares, Mediadores Sociais e Meio Ambiente: a construção da ‘problemática ambiental’ em agro-ecossistemas. 2002. 539f.